

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**ANDRÉ LUIZ DE CASTRO MARIANO**

**Pentecostalismo Clássico:  
Histórias, Memórias e Trajetórias Sociais**

**CURITIBA**

**2012**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**ANDRÉ LUIZ DE CASTRO MARIANO**

**PENTECOSTALISMO CLÁSSICO:  
HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS SOCIAIS**

Dissertação apresentada ao Departamento de Antropologia Social da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Silva da Silveira

**Curitiba  
2012**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, muitas vezes incompreendido, mas que é para mim fonte de inspiração e confiança.

Agradeço aos meus filhos André e Lucas por terem compreendido minhas necessidades de distanciamento e o pouco tempo reservados a eles nestes últimos anos. Agradeço, sobretudo à minha esposa Neide, uma das mais penalizadas pela minha procura incansável de conhecimento. Hoje entendo porque na grande maioria das dissertações de mestrado e teses de doutorado a família fica entre as que mais sofrem e muitas delas saem estigmatizadas.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Marcos Silva da Silveira, por ter dedicado parte de sua vida nesses últimos anos não só me orientando, mas me ensinando fundamentos, dos triviais aos mais complexos.

Agradeço aos professores, Dr<sup>a</sup> Liliana de Mendonça Porto (PPGAS/UFPR), Dr<sup>a</sup> Karina Kosicki Bellotti (PPGHIS/UFPR) e Dr. Paulo Renato Guérios (PPGAS/UFPR) que formaram a Banca de Qualificação e Defesa, cujos momentos podem ser traduzidos como contribuições das mais relevantes, por me apontarem caminhos, deficiências e possibilidades. Agradeço aos docentes do Departamento de Antropologia que contribuíram para minha formação nesta etapa da vida.

Agradeço a cada companheiro de sala de aula, assim como ao corpo de funcionários do PPGAS, por me proporcionarem as mais ricas e belas interlocuções. Afirmo que jamais os esquecerei, sobretudo pelas marcas positivas e profundas.

Agradeço ao Padre Prof. Dr. João Justino de Medeiros Silva e à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Inês de Castro Millen, por me fornecerem duas cartas de recomendação, viabilizando, assim, minha inclusão no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS/UFPR.

Agradeço aos pastores, anciãos, líderes e membros das Igrejas Assembleia de Deus de Belém e da Congregação Cristã no Brasil, de Curitiba e região metropolitana, por todas as informações repassadas e apreendidas ao longo desses anos, sem os quais esta pesquisa jamais sairia do projeto inicial.

Agradeço a todos aqueles que estiveram direta ou indiretamente envolvidos nesta empreitada. Esta dissertação faz parte da vida de cada um e espero estar honrando-os, na mesma medida em que me sinto honrado.

Agradeço a CAPES pelo apoio financeiro, durante 24 meses, sem o qual esta pesquisa ficaria deficiente e de difícil conclusão.

### **In memoriam**

Com gratidão ao engenheiro e amigo Ronaldo Van Wilpe Bahls, pelo apoio incondicional em todos os anos que tive a felicidade de compartilhar com ele as minhas alegrias. Estar concluindo esta etapa de minha vida, sem a presença dele, é algo que me é caro. Infelizmente, a vida às vezes parece ser injusta, mas é a vida.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo acrescentar à comunidade acadêmica, elementos que possam fornecer a antropólogos e estudiosos da religião, subsídios para uma compreensão diferenciada do pentecostalismo clássico brasileiro, iniciado na primeira década do século XX, porém, ainda pouco explorado como objeto de pesquisa, situando-se muitas vezes nas esferas de senso comum ou no desconhecimento total ou parcial. Sendo assim, nossa contribuição vem a partir de duas fontes que alimentaram nossa reflexão e análise de dados ao longo de aproximadamente trinta meses de pesquisa, envolvendo interlocuções, entrevistas e observações do cotidiano de adeptos da Igreja Congregação Cristã no Brasil, de Curitiba-PR e região metropolitana e, ainda, da Igreja Assembleia de Deus de Belém no Pará, através de uma etnografia detalhada do mega evento *Centenário da Assembleia de Deus no Brasil*, em junho de 2011. Não obstante, cabe ainda ressaltar um ponto que considero dos mais relevantes em relação à pesquisa em questão, contribuindo não só para reduzir a distancia entre pesquisador e pesquisado, mas abreviar o período que se leva para estabelecer um *verdadeiro encontro etnográfico*, mesmo que este recurso seja visto por alguns antropólogos com desconfiança, ou seja, um pastor evangélico, treinado por teorias antropológicas, pesquisando Igrejas pentecostais, encaixando assim, no que a antropologia chama de *nativismo*.

**Palavras-chave:** Pentecostalismo clássico, Congregação Cristã no Brasil, Assembleia de Deus, Centenário, Etnografia.

## ABSTRACT

This assignment aims to add to the academic community elements that can provide to the anthropologists and experts of religion, subsidies to a different comprehension about the classical Brazilian Pentecostalism initiated on the first decade of the twentieth century, however yet poorly explored as a research object, reaching often in the spheres of common sense or total lack of knowledge or partial. Therefore, our contribution comes from two sources that fed our reflection and data analysis over approximately thirty months of research, involving interlocutions, interviews and observations from the daily basis of adepts of the churches Christ Congregation in Brazil, from Curitiba-Paraná and metropolitan area also the Assembly of God in Belém-Pará, through a detailed ethnography of the mega event *Centenary of the Assembly of God in Brazil*, in June, 2011 and of many interviews. Notwithstanding, must also highlight a point that I consider one of the most relevant in relation to the research mentioned, contributing not only to diminish the distance between the researcher and the research, but abbreviate the period that it takes to establish a *true ethnographic meeting*, even though this resource is viewed with suspicion by some anthropologists, in other words, a evangelic pastor, trained by anthropologic theories, researching Pentecostal churches, fitting well in what anthropology calls *nativism*.

**Key Words:** Classical Pentecostalism, Christian Congregation in Brazil, Assembly of God, Centenary, Ethnography.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Maycon, no setor de soldagem da Brafer Construções Metálicas S/A .....	56
Figura 2 – <i>Irmã Ondina</i> .....	91
Figura 3 Centro de Convenções da AD e Estádio Mangueirão .....	104
Figura 4 – Igrejas Assembleia de Deus e Basílica de Nossa Senhora de Nazaré .....	105
Figura 5 – Visão externa e interna da igreja Mãe das Assembleias de Deus de Belém.....	105
Figura 6 – Visão externa e interna da igreja Nossa Senhor de Nazaré de Belém .....	106
Figura 7– Estádio Mangueirão .....	107
Figura 8 – Estádio Mangueirão (18/06/2011): antes da entrada do povo .....	108
Figura 9 – Estádio Mangueirão (18/06/2011): após a entrada do povo .....	108
Figura 10 – Mega batismo do centenário da AD (19/06/2011): deficiente físico .....	116
Figura 11 – Batismo na praia de Outeiro-PA. Apoio barco da Marinha do Brasil .....	117
Figura 12 – Casal Gustavo e Vanessa.....	118
Figura 13 – Pacotes de preservativos .....	125
Figura 14 – Cama com manchas .....	125
Figura 15 – Rede de dormir como solução imediata em campo .....	126
Figura 16 – Credencial da Igreja do Evangelho Quadrangular .....	127
Figura 17 – Mangueirão em Belém do Pará: destaque para a credencial de pastor .....	128
Figura 18 – Carreata: no carro as figuras representativas da AD em Belém. Com a bandeira, pastor Samuel Câmara, à sua frente pastor Firmino Gouveia .....	131
Figura 19 - Quadro de doações: foto de dezembro de 2010.....	132
Figura 20 – Centro de convenções: dez/2010 .....	132
Figura 21 – Centro de Convenções: jun/2011 .....	132

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

AD – Assembleia de Deus

CCB – Congregação Cristã no Brasil

CELPA – Centrais Elétricas do Pará S/A

CPAD – Casa Publicadora das Assembleias de Deus

DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda

FEMUCRI – Festival de Música Cristã

IEQ – Igreja do Evangelho Quadrangular

ITQ – Instituto Teológico Quadrangular

RFFS/A – Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1: MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE VIDA.....</b>	<b>17</b>
1.1. AS SEITAS PROTESTANTES: O TIPO IDEAL WEBERIANO.....	17
1.2. SURGIMENTO DO PENTECOSTALISMO: O MOVIMENTO PENTECOSTAL EM SUA ORIGEM.....	21
1.3. UMA SÍNTESE DOS PIONEIROS FRANCESCON, BERG E VINGREN.....	23
<b>1.3.1. Louis Francescon.....</b>	<b>23</b>
<b>1.3.2. Gunnar Vingren e Daniel Berg.....</b>	<b>26</b>
1.4. A CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL A PARTIR DE UMA RELEITURA DO PROTESTANTISMO SECTÁRIO DE WEBER .....	31
1.5. CONTEXTUALIZAÇÃO BÁSICA DO PENTECOSTALISMO CLÁSSICO EM CURITIBA .....	35
1.6. DIFICULDADES DE PESQUISA COM A CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL .....	37
1.7. MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE VIDA A PARTIR DA CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL .....	39
<b>1.7.1. Joel: a caminho de uma liderança carismática na Congregação Cristã.....</b>	<b>39</b>
<b>1.7.2. Joel: Demonstrações de Carisma ou de profecia missionária?.....</b>	<b>42</b>
<b>1.7.3. Joel: um instrumento do sagrado?.....</b>	<b>50</b>
<b>1.7.4. Suzana: uma interlocutora com uma trajetória única na Congregação Cristã .....</b>	<b>52</b>
<b>1.7.5. Maycon: <i>eu não sou crente, mas sei como funciona!</i>.....</b>	<b>55</b>
1.8. O NAMORO E O CASAMENTO.....	61
<b>CAPÍTULO 2: PROBLEMATIZAÇÃO DAS MEMÓRIAS DO PENTECOSTALISMO .....</b>	<b>67</b>
2.1. A CARREIRA DO PASTOR ANANIAS: UM EX-SEMINARISTA CATÓLICO .....	82
2.2. PERFIL DO PASTOR JOSÉ EURÍPEDES BEZERRA DE MORAES.....	86
2.3. O <i>CHAMADO</i> DE IRMÃ ONDINA.....	90
<b>CAPÍTULO 3: CEM ANOS DA ASSEMBLEIA DE DEUS: CELEBRAÇÕES E SIGNIFICADOS.....</b>	<b>104</b>

<b>CAPÍTULO 4: UM PESQUISADOR PENTECOSTAL.....</b>	<b>124</b>
<b>CAPÍTULO 5: ESFERAS DE SABERES: CIENTÍFICOS E RELIGIOSOS .....</b>	<b>146</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>162</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>164</b>

## INTRODUÇÃO

O campo religioso brasileiro tem apresentado ao longo de sua história significativas modificações em seu cenário sociorreligioso. Estas, por sua vez, estimulam de uma forma geral a procura de respostas que procurem atender a expectativas distintas. É em meio a este contexto que o discurso promovido por adeptos, sejam especialistas ou comuns, aparece em forma de memórias, histórias e trajetórias sociais, não só construindo, mas, em sua maioria, catalisando determinados fundamentos de crença e opção religiosa, procurando justificar, assim, a adesão a esta e não àquela denominação, ao pensar: “*a minha igreja é melhor que a sua*”, ou “*nós somos separados para salvação e vocês outros, não!*” – mesmo que de forma geral, afirmativas como estas não apareçam publicamente.

Em meio a estes fundamentos de crença religiosa, alguns episódios transcendentais acabam ocupando posições estratégicas, sendo assim, quais os relatos de experiências com o *sagrado* são devidamente selecionadas, promovidas e ao mesmo tempo, reconhecidas como legítimas ou legitimadoras? Ou seja, como o discurso aparece e ao mesmo tempo apresenta elementos que destacam uma intimidade com Deus, por parte de umas poucas pessoas dentro do grupo, sistematicamente selecionadas pelo coletivo religioso? A partir da pesquisa, pudemos constatar que, em sua maioria, este pequeno grupo geralmente faz parte de um corpo de especialistas, denominados *anciãos*, na Congregação Cristã no Brasil, e *pastores*, na Assembleia de Deus. A legitimação desta posição somente será válida se os selecionados apresentam, seja em maior ou menor medida, essa relação transcendental Quanto maior, mais legítimo se torna.

Além destes, também foi possível perceber um número ainda menor de pessoas que mesmo não sendo especialistas, apresentaram os mesmos elementos, situando-se entre as pessoas legitimamente selecionadas, a exemplo, Joelzinho, na Congregação Cristã e *irmã Ondina*, na Assembleia de Deus. É importante esclarecer neste momento que aparece os primeiros nomes de interlocutores, que a pesquisa utiliza o uso de nomes reais, isto porque, durante todo o período de coleta de dados, em momento algum foi questionado ou sugerido seja pelos sujeitos de pesquisa, ou pela academia, a utilização de nomes fictícios.

Diante dessas correntes de águas, aparentemente nada tranquilas, procuro, como pesquisador, me apresentar como uma vertente de reflexão deste campo religioso, a saber, através de interlocuções com sujeitos de pesquisa das denominações pentecostais clássicas Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus, cujo objetivo é entender qual dinâmica

gerencia as ações desses sujeitos, através de seus relatos de vida, como também a seleção de determinados acontecimentos dentro de suas memórias, subsidiando histórias individuais (Congregação Cristã), ou uma história coletiva (Assembleia de Deus). Ou seja, qual é a dinâmica da regulação social das lembranças desses sujeitos que estão nestas denominações religiosas? Este é o nosso principal objetivo nesta dissertação.

Na década de 90 iniciou-se uma série de pesquisas sobre o pentecostalismo e entre os pesquisadores encontramos Freston (1993) e Mariano (1999), que acabaram se transformando em referências obrigatórias para aqueles que pretendem estudar o assunto. Entretanto é possível perceber uma certa prioridade pelas igrejas neopentecostais, sobretudo a Igreja Universal do Reino de Deus, enquanto as pentecostais, seja de “primeira onda”, ou de “segunda onda” aparecem marginalmente, com tímidas referências, como podemos encontrar em Mariano (1999), ou em Campos Jr. (1995; 2009). Certamente, este é um paradigma a se romper.

Para obtenção de dados, partimos de várias fontes de coletas, dentre as quais destaco as interlocuções com sujeitos da Igreja Congregação Cristã no Brasil, do bairro Portão em Curitiba - PR, e ainda visitas a outras igrejas da mesma denominação, situadas na região metropolitana dessa capital paranaense. Entretanto, no desenvolvimento da pesquisa, foi possível perceber resistência por parte dos membros dessa denominação, somada a inúmeras situações com sinais de desconfiança por parte dos adeptos. Em determinados momentos, tais marcas eram simplesmente de total descrédito com assuntos secularizados dentre os quais a pesquisa e a academia fazem parte. A solução para este impasse, refletida automaticamente no reduzido volume de material coletado para pesquisa, foi a adoção de uma estratégia que chamo de bem sucedida, a qual promoveu inúmeras interlocuções e, ao mesmo tempo, observações do cotidiano de adeptos deste segmento religioso, dentro de um contexto industrial em uma empresa de estruturas metálicas, a Brafer Construções Metálicas S/A, situada na cidade de Araucária na divisa intermunicipal com Curitiba. Assim, cabe ressaltar que, sendo a Congregação Cristã uma das denominações mais fechadas em se tratando de coleta de pesquisa, entrar e permanecer por aproximadamente vinte meses interagindo com pessoas deste grupo acabou por fornecer dados diferenciados para a pesquisa dentro da própria empresa. Somados a estes, surgiram também oportunidades de idas a campo em igrejas que jamais seria possível conquistar sem esta ferramenta. Isto aconteceu de maio de 2011 a novembro de 2012. Entretanto, nos últimos seis meses e também na fase final de escrita foi necessário um afastamento do campo e das interlocuções.

Em relação à pesquisa na Congregação Cristã no Brasil, dois sujeitos se destacam com igual relevância como fornecedores de dados, cada um a seu modo. São eles Joel e Maycon (Como já dito anteriormente, utilizamos nomes reais). Através de Joel foi possível problematizar dados de suas falas e trajetória de vida e, à luz de Weber (1982), foi possível perceber os conceitos de *carisma*, e também de *profecia missionária*. Além disso, juntamente com outros interlocutores, baseados nos referenciais teóricos do mesmo autor e ainda aos de Dumont (1985), foi possível perceber que a Congregação Cristã no Brasil é uma das denominações brasileiras de linha evangélico/pentecostal que mais se aproxima ao que Weber (1982) conceitua como *seitas*. Mas se com Joel a pesquisa e as contribuições são dessas naturezas, com Maycon as contribuições vieram de detalhes dos chamados *usos e costumes*, além de alguns hábitos do cotidiano dos adeptos, dados que jamais poderiam vir através de alguém que desconheça os vínculos nos termos da crença e regras internas. Sua maior contribuição vem através do que ele mesmo chamou de: *eu não sou crente, mas sei como funciona*. Com poucas reservas, ele nos forneceu espontaneamente inúmeros dados que posteriormente me foi possível compará-los em campo, assim como em diálogos com outros sujeitos de pesquisa que dificilmente abordariam o assunto. Como algumas informações acabavam partindo de mim, como pesquisador, estas se transformavam numa espécie de *abre alas*, portanto liberando o caminho para o diálogo.

Uma segunda fonte maior de pesquisa é distinta da anterior e parte do outro extremo do território nacional. Essa fonte de dados vem do Norte, da Igreja Mãe das Assembleias de Deus em Belém no Pará. As interlocuções ali ocorridas se deram em um espaço de tempo bem mais singelo, mas geraram um maior volume de material do que a pesquisa realizada no sul do Brasil. Na Assembleia de Deus estive em dois momentos: o primeiro em dezembro de 2010 e o segundo em junho de 2011. A soma de ambos alcança a marca de dezessete dias, mesmo assim foi possível entrevistar, por exemplo, os pastores Samuel Câmara e Firmino Gouveia. O primeiro é o atual titular e o segundo, considerado pastor emérito. Mesmo sendo eles duas das figuras mais destacáveis dessa denominação, acredito que as maiores contribuições vieram através do jovem senhor Gustavo de Castro. Ele é uma espécie de assessor do pastor Samuel Câmara e nos períodos em que estive em campo, em Belém, Gustavo intercalava o trabalho eclesial voluntário com seu remunerado trabalho na CELPA (Centrais Elétricas do Pará S/A). Atualmente, ele deixou a CELPA e, a convite do pastor Samuel, se dedica laboral e exclusivamente à Igreja Mãe das Assembleias de Deus, com a devida remuneração.

Com Gustavo, foi possível fazer vários questionamentos e obter uma série de respostas não só a partir de suas próprias memórias e trajetória, mas da própria história da Assembleia de Deus, isto porque ele faz parte de um contexto familiar, cujas gerações não só estão envolvidas na construção da própria igreja, mas alguns de seus familiares estão entre os pioneiros da denominação, com destaque para o seu avô materno, o pastor José Paulino Estumano de Moraes. Sua mãe, que é filha do pastor José, a *irmã* Carmem Morais de Castro, manteve contato com alguns dos símbolos vivos, a exemplo, o próprio Daniel Berg, um dos fundadores da Assembleia de Deus.

Quanto à estrutura, esta dissertação está organizada em cinco capítulos. Chamo a atenção no Capítulo 1 para uma relação comum, porém conflitante, entre a chamada vida celestial e vida mundana. Perspectivas cujas diretrizes vem *dos céus*, aparecem em sua maioria como antagônicas às diretrizes vindas *do mundo*. Mesmo assim, o meio evangélico pentecostal parece ser construído em meio ao *mix* de vida *intramundana* e *extramundana*. Seja dentro do mundo ou fora dele, o elemento *santificação* aparece como essencial na construção da crença religiosa pentecostal, sem a qual o Espírito Santo (*pneuma*), não pode descer sobre os homens e nem mesmo sobre a igreja. Nesse mesmo capítulo, fazemos uma apresentação sintética do movimento Wesleyano de santificação. O surgimento do movimento pentecostal na América do Norte deu origem ao pentecostalismo brasileiro através do italiano Louis Francencon e dos suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg, todos contemporâneos do movimento da Azusa Street nos EUA, como também a origem do pentecostalismo clássico no Brasil. Apresentamos de forma geral e peculiar esses três personagens históricos, através de uma síntese das trajetórias de cada um deles. Feitas estas pontuações históricas, concluímos esse capítulo com base em Weber (1982) e através desse teórico, fazemos uma análise da Congregação Cristã no Brasil nos termos do protestantismo sectário, além de uma breve contextualização do pentecostalismo em Curitiba, uma vez que, no que se refere à Congregação Cristã no Brasil, a região foi de suma importância para a pesquisa. Apresento as dificuldades em pesquisar a Congregação Cristã, os dados de campo, as análises de entrevistas e as percepções. O conjunto, nesta altura, trata-se exclusivamente da Congregação Cristã e sujeitos de pesquisa relacionados a esta denominação. Destaco ainda uma memória individual priorizada por este grupo em específico.

No Capítulo 2 o que está em voga é a discussão que parte do conceito de memória coletiva e, para tal, nada melhor do que o referencial clássico de Halbwachs (2006). No decorrer da pesquisa, foi ficando nítido através das interlocuções e posteriormente com as análises e reflexão dos dados coletados, que a Assembleia de Deus faz parte de uma

denominação em que a memória coletiva constrói uma história própria. Sendo assim, foi possível perceber que nessa denominação, a memória pessoal só faz sentido, quando ela faz parte de uma história maior, ou seja, a história da própria igreja. Nesse capítulo trago dados de campo da Igreja Mãe das Assembleias de Deus, situada em Belém, capital do Estado do Pará, a partir de dois momentos de coleta: o primeiro em dezembro de 2010 e o segundo em junho de 2011. Entrevistas com pastores, adeptos e participação em eventos, perpassam todo o capítulo, mas chamo a atenção para três sujeitos de pesquisa: os dois primeiros são pastores, sendo eles pastor Ananias, um ex-seminarista católico, que se converte ao pentecostalismo e o pastor José Eurípedes Bezerra de Moraes. A trajetória de ambos apresentam carreiras devidamente construídas e sinalizam um movimento que parece não ser novo, mas que tem ganhado fôlego a cada ano, ou seja, um aumento gradual do número de adeptos com formação acadêmica, incentivados por um discurso que aparece ao lado de outros como, por exemplo, *espiritualidade*. Parece estar havendo investimento pela busca de intelectualidade e de posições de liderança dentro e fora do ambiente eclesiástico. O terceiro sujeito é a *irmã* Ondina. Através dela, foi possível perceber, a partir do resgate de suas memórias, certa tensão entre o obedecer e o desobedecer, com consequências diretamente relacionadas ao bem estar, ou o mal estar. Desobedecer, na ótica de suas memórias, abre precedentes para possíveis infortúnios e ao transmitir oralmente seus “testemunhos”, determinados acontecimentos parecem legitimar uma submissão incondicional aos líderes carismáticos.

Por sua vez, no Capítulo 3 apresento uma série de informações, pois entendo que podem ser importantes a pesquisadores que posteriormente trabalhem o pentecostalismo clássico. Como é do conhecimento de todos aqueles que estudam o pentecostalismo, em 2010 e 2011, a Congregação Cristã e a Assembleia de Deus completaram seu centésimo ano de fundação. Assim, esse capítulo traz alguns dados etnográficos da festa dos 100 anos da Assembleia de Deus de Belém, relatos de participantes, recortes de entrevistas, análises de dados de campo e uma série de fotografias que contribuem para situar o leitor sobre o contexto do evento. Estar etnografando e entrevistando pessoas nas celebrações do *Centenário* pode ser considerado como um dos fundamentos para esta dissertação, assim como para a pesquisa, na medida em que o conjunto dos acontecimentos despertou e ao mesmo tempo corroborou este forte apelo das memórias e relatos de história de vida, em que as histórias individuais assembleianas só fazem sentido se encaixadas em uma história maior da própria igreja. Neste sentido, a memória preponderante na Assembleia de Deus é uma memória coletiva.

O Capítulo 4 visa apresentar minha posição como pesquisador e ao mesmo tempo pastor evangélico. Nele apresento como utilizei a posição de pastor para obter recursos com retornos que, possivelmente, um pesquisador sem esse referencial não conseguiria ou, no mínimo, enfrentaria dificuldades na inserção e/ou no domínio de pequenos códigos de conduta. Esse capítulo se divide de um lado em uma continuação dos dados etnográficos das festividades do *Centenário* e de outro em minha própria trajetória de vida, incluindo algumas inquietações pessoais.

Finalmente, o Capítulo 5 é desenvolvido com o intuito de lançar fundamentos teóricos e ao mesmo tempo repensar a questão pesquisador/nativo. Aponto o meio científico reconhecendo e, ao mesmo tempo, incentivando o tema religião como objeto de pesquisa para as mais distintas áreas de conhecimento acadêmico, dentre elas a própria Antropologia, assim como a recente Ciência das Religiões. Enfim, considero que esse é um capítulo teórico, assim como outro dos fundamentos para esta dissertação, porque nele estão subsídios que perpassam por todo texto.

## CAPÍTULO 1: MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE VIDA

### 1.1. AS SEITAS PROTESTANTES: O TIPO IDEAL WEBERIANO

A história da religião moderna tem aproximadamente meio milênio com destaque para o ocidente europeu. Foi ele que deu origem e alimentou a competição religiosa mais interessante, rica e inovadora entre o cristianismo tradicional, com ênfase na espiritualidade versus outras crenças de consciência humanista e naturalista, criando, assim, um universo marcado por tensões, envolvendo duas forças antagônicas: a religião cristã e a religião secular (ADRIANI, 1988, p. 139-142).

Segundo Dumont (1985, p. 37), indivíduo é ao mesmo tempo um *objeto* e um *valor*. O primeiro é o indivíduo que pensa, fala, quer. O segundo é um ser moral independente, distinto da sociedade. Em sua vertente indiana, ele foi responsável por várias inovações religiosas através do homem renunciante. Este homem é aquele “que busca a verdade última abandona a vida social e suas restrições para consagrar-se ao seu progresso e destino próprios”. O renunciante se preocupa consigo mesmo e vive fora do mundo, ou seja, ele é extramundano e o valor que impõe ao mundo é negativo, procurando assim se afastar dele. Segundo esse autor, “o renunciante pode viver como um eremita solitário ou juntar-se a um grupo de colegas de renuncia, sob autoridade de um mestre-renunciante, representando uma determinada ‘disciplina de libertação’” (DUMONT 1985, p. 38). Esta libertação só é conquistada por aqueles que abandonam o mundo.

No cristianismo, o indivíduo extramundano, está em uma esfera distinta de afastamento. Percebe o mundo como secundário, enquanto a prioridade está na relação com Deus. Ele reconhece e se submete “às potências deste mundo”, mas ao mesmo tempo tem a percepção de que, um indivíduo fora do mundo é um indivíduo em relação com Deus. Ele está no mundo, mas não é deste mundo. Para Dumont (1985), “em termos sociológicos, a emancipação do indivíduo por uma transcendência pessoal, e a união de indivíduos fora do mundo numa comunidade que caminha na terra, mas tem seu coração no céu” (DUMONT, 1985, p.44). Em Weber (1982, p. 328-329), as duas formas de individualismo extramundano podem ser percebidas através das vertentes proféticas, *exemplar* e *emissária*. A primeira apresenta uma concepção de caminho para salvação através de uma *vida exemplar, habitualmente por uma vida contemplativa e apático-extática*, à semelhança de seu ser

supremo. A segunda apresenta uma concepção em que os devotos são verdadeiros instrumentos de Deus, e tão ativos quanto este ser supramundano.

O protestantismo sectário que é o referencial desse autor possui caracteres ativos sobre o mundo, ou seja, aqueles que estão envolvidos, ou aderem a esta visão se fazem percebidos e exercem influências sobre o mundo. Ele acredita ser o sujeito transformador usado pelo divino. Weber (1982) conceitua a ação deste indivíduo de *ascetismo ativo*:

O ascetismo ativo opera dentro do mundo; o ascetismo racionalmente ativo, ao dominar o mundo, busca domesticar o que é da criatura e maligno através do trabalho numa vocação ‘mundana’ (ascetismo no mundo). Tal ascetismo contrasta radicalmente com o misticismo, se este se inclina para a fuga do mundo (fuga contemplativa do mundo). (WEBER, 1982, p. 374)

Se estes valores apresentam-se como distintos, e ainda que se esforcem em manter esta separação, nem sempre são bem sucedidos, e nos casos em que a manutenção deste distanciamento fracassa, há uma união de valores em algum momento. Assim, quando “a natureza dos desejados valores sagrados, foi fortemente influenciada pela natureza da situação de interesse externa e o correspondente modo de vida das camadas dominantes” (WEBER, 1982, p.330, 334), o contexto se modifica através de virtuosos religiosos qualificados e reconhecidos pelos leigos como autoridades sobre eles, combinam-se em alcançar mudanças: “quando os virtuosos, religiosamente qualificados, combinaram-se numa seita ascética, lutando para modelar a vida neste mundo segundo a vontade de um deus”. Sendo assim:

Quando os virtuosos religiosos combinaram-se numa seita ascética ativa, dois objetivos foram totalmente alcançados: o desencantamento do mundo e o bloqueio do caminho da salvação através da fuga do mundo. O caminho da salvação é desviado da ‘fuga contemplativa do mundo’, dirigindo-se ao invés disso para um ‘trabalho neste mundo’, ativo e ascético. Se ignorarmos as pequenas seitas racionalistas que se encontram em todo mundo, veremos que isso só foi alcançado pela grande Igreja e organizações sectárias do protestantismo ocidental e ascético. (WEBER, 1982, p. 334).

As seitas, nos termos de Weber, são a associação voluntária de membros. Ele tem como referência as seitas protestantes quacres e batistas, em primeiro lugar. Esses grupos têm como fundamento básico a seleção dos aspirantes, através de exame minucioso em sua conduta de vida e não havendo desabono, estes são admitidos, passando assim a usufruir direitos em meio aos deveres. Conforme observa o autor, “O batismo garante à pessoa os depósitos de toda a região e o crédito ilimitado sem qualquer concorrência” (WEBER, 1982, p. 350). Isto não só garante sua prosperidade no mundo dos negócios, mas segue-o por onde quer que vá, através de documentações devidamente reconhecidas no meio religioso. Weber (1982) prossegue: “Quando um membro da seita se transferia para lugar diferente, ou se era

caixeiro viajante, levava consigo o certificado de sua congregação; assim, tinha não só contato fácil com os membros da seita, mas, acima de tudo, encontrava crédito em toda parte” (WEBER, 1982, p.350). Quanto à distinção entre Igreja e seita, está no pertencimento por parte dos primeiros e a já mencionada, adesão por parte dos últimos:

É importante que a participação de numa seita significasse um certificado de qualificação moral e especialmente de moral comercial para a pessoa. Isso contrasta com a participação numa ‘Igreja’ na qual a pessoa ‘nasce’ e que permite que a graça brilhe igualmente sobre o justo e o injusto. Na verdade, uma Igreja é uma corporação que organiza a graça e administra os dons religiosos da graça, como fundação. A filiação a uma Igreja é, em princípio, obrigatória e, portanto nada prova quanto às qualidades dos membros. A seita é, porém, uma associação voluntária somente daqueles que, segundo o princípio, são religiosa e moralmente qualificados. Quem encontra a recepção voluntária da sua participação, em virtude da *aprovação* religiosa, ingressa na seita voluntariamente. (WEBER, 1982, p.351).

Weber (1982, p. 351, 354,358) observa que se por um lado a admissão na seita significa ascensão social (WEBER, 1982, p. 354), por outro a exclusão significa automaticamente a perda de crédito e de classe (WEBER, 1982, p. 351). Essa rigidez proporcionou também aos membros destas seitas um sentimento de superioridade frente a outros segmentos, porque os “pecadores, ‘filhos do mundo’ desconfiavam uns dos outros nos negócios, mas tinham confiança na probidade determinada religiosamente dos crentes” (WEBER, 1982, p. 358). Em decorrência, estes grupos sectários eram vistos como aqueles que praticavam preços justos. No que se refere à congregação sectária protestante, ela estava nas mãos dos leigos, afastando assim, todas as possibilidades de uma constituição clerical. São os leigos e não os especialistas que são vistos como canal da divindade. Portanto,

...a seita atribuía o poder disciplinador predominantemente nas mãos dos leigos. Nenhuma autoridade espiritual podia assumir a responsabilidade conjunta da comunidade perante Deus. A influência dos anciãos leigos era muito grande até mesmo entre os presbiterianos. Os independentes, porém, e ainda mais os batistas lutavam contra o domínio da congregação pelos teólogos. Em correspondência exata, essa luta levou naturalmente a clerização dos membros leigos, que assumiram então as funções de controle moral, através do governo autônomo, admoção e possível excomunhão. (WEBER, 1982, p. 364).

Segundo Weber, o reconhecimento atribuído ao líder religioso e aceito pelo grupo de protestantes ascéticos era voltado ao carisma, ou seja, “as qualidades *extraordinárias* de uma pessoa” que transcendem atributos humanos, portanto, supranatural (WEBER, 1982, p. 340). Estes eram considerados pelos grupos como fonte legítima para se estabelecer ligação com o sagrado, por conseguinte, revelar a congregação. Já a presença de pregadores profissionais e/ou teólogos era vista como alvo de rejeição:

Os quacres aderiram o princípio de que na assembleia religiosa qualquer pessoa podia falar, mas só deveria falar quem fosse movido pelo espírito. Daí a inexistência de qualquer ministro profissional. Na verdade, hoje, isso não ocorre de forma radical em parte alguma. A ‘lenda’ oficial que os membros que, segundo a experiência da congregação, são particularmente acessíveis ao espírito durante o serviço sentem-se num banco especial, de frente para a congregação. Em silêncio profundo, espera-se que o espírito baixe num deles. (WEBER, 1982, p. 364).

A disciplina das seitas protestantes era construída sobre três pilares sendo eles o poder nas mãos dos leigos, seguidos de uma concepção de ordem, *todos tinham de manter sua posição* e por fim, uma seleção de qualidades no que se refere àqueles que aderiram o grupo. Estas qualidades, passadas em revista sempre que necessário, são de longe a mais importante, inclusive para a *evolução do capitalismo moderno racional* (WEBER, p. 367), e retratavam uma concepção de sucesso tanto neste mundo quanto no outro, mas não sem pressão sobre os membros que precisavam,

*provar* repetidamente que era dotado essas qualidades, que estavam sendo, constante e continuamente, estimuladas nele. Como a sua bem-aventurança no outro mundo, toda a sua existência social neste mundo dependia de sua capacidade de submeter-se a prova. A confissão católica dos pecados era, [...] um meio de *aliviar* a pessoa da tremenda pressão interna que o membro da seita sofria constantemente, em relação a sua conduta. (WEBER, 1982, p. 368, grifo do autor).

Eram considerados dignos de recompensa aqueles que suportavam a provação diante de Deus e dos homens, sem corrupção. Do primeiro, alcançando a salvação e diante do segundo, mantendo assim sua posição social dentro da seita (WEBER, 1982, p. 368). Para estes que venceram honestamente, provavam seu valor e seu estado de graça. Com isto, ele não só aumentava seu prestígio diante dos de dentro e de fora, como propagava a própria seita. (WEBER, 1982, p. 369).

Quanto ao pentecostalismo, esta relação de estar no mundo, mas não ser deste mundo está presente antes mesmo de sua origem, ou seja, um intenso apelo à santificação e às regras de boa conduta dentro e fora do grupo, que precedem e viabilizam o acesso e as manifestações do Espírito Santo sobre pessoas escolhidas e purificadas para ação divina. Mesmo que esta separação mundana não seja exclusiva do pentecostalismo, ela é uma condição básica.

## 1.2. SURGIMENTO DO PENTECOSTALISMO: O MOVIMENTO PENTECOSTAL EM SUA ORIGEM

Os primeiros fundamentos do movimento pentecostal não estão nos Estados Unidos do início do século XX e sim na Inglaterra, do final do século XIX, com o movimento britânico de Keswick em 1870 com destaque para a *doutrina da perfeição cristã* de John Wesley. Bloom (1993, p. 187) descreve, assim, esse movimento: “modificó severamente esta generosidad wesleyana y dio origen a la noción pentecostal fundamental de una tercer bendición o acto de la gracia de Dios, un Bautizo en el Espíritu Santo, que se ponía de manifiesto al hablar en lenguas”. Assim, o pentecostalismo, enfatizando o batismo do Espírito Santo, deu seus primeiros passos a partir de uma concepção de santificação total daqueles que desejavam ir além da experiência da conversão.

Três décadas mais tarde, em 1900, Charles Fox Parham, pregador estadunidense e considerado por muitos o fundador do movimento pentecostal, com o objetivo de aprofundar os debates bíblicos do livro de Atos, capítulo 2, funda um colégio de perspectiva religiosa na cidade de Topeka, Kansas, propondo a seus alunos a busca de evidências para o batismo no Espírito Santo, chegando à conclusão de que a glossolalia<sup>1</sup> era tal evidência. Esse fato ocorreu na passagem de ano de 1901. De acordo com Bloom (1993, p. 187), durante uma vigília, Agnez Ozman (uma das alunas de Parham) sentiu necessidades de receber orações com imposição de mãos. Com a oração, Ozman experimenta a glossolalia. A aluna, que desconhecia completamente o idioma chinês, falou este por três dias e ainda escreveu na língua estrangeira.

O professor Siepierski (2002) aponta a existência de historiadores que aceitam o movimento de Topeka como o elemento fundante do pentecostalismo e, conseqüentemente, Charles Fox Parham como fundador e teólogo. Conforme afirma: “Foi ele quem pela primeira vez elaborou uma definição teológica do pentecostalismo que sublinhava o vínculo entre ‘falar em línguas’ seria a evidência inicial do batismo do Espírito Santo”. Mas para Parham, o fenômeno de Atos 2, *o falar em línguas* era, na verdade xenoglossia, ou seja, *falar em língua estrangeira sem prévio conhecimento da mesma*, enquanto glossolalia seria *falar em língua desconhecida* (SIEPIERSKI, 2002, p. 546), portanto na língua dos anjos.

Em 1905, Parham inicia outra escola bíblica em Houston, no estado do Texas. Dentre seus alunos estava William Joseph Seymour (CAMPOS JUNIOR, 1995, p. 22), um pregador

---

<sup>1</sup> Denominada no meio pentecostal como línguas estranhas, ou línguas dos anjos.

afro americano e considerado o mais famoso discípulo de Parham (SIEPIERSKI, 2002, p 546). Entretanto, Seymour ao contrário de seu mestre, não via a distinção entre xenoglossia e glossolalia, sendo esta *uma das razões do rompimento* entre ambos (SIEPIERSKI, 2002, p 546, 547).

Convencido do *batismo do Espírito Santo*, Seymour aplicou o que aprendeu e acreditava em uma casa em Los Angeles, possivelmente por não encontrar espaço eclesiástico para suas exposições, pois a *nova doutrina* não era vista com bons olhos, principalmente pelos protestantes mais conservadores. Assim, no dia 06 de abril de 1906, sete pessoas, entre elas um menino de oito anos falaram em línguas (glossolalia). Seymour se transfere para um antigo templo metodista na Azusa Street, em Los Angeles, onde havia reuniões dia e noite (CAMPOS JUNIOR, 1995, p. 23). *Es una broma de la religión estadounidense decir que el auténtico fundador del nuestro pentecostalismo haya sido William Seymour, quien se há hecho lo que su maestro Parham no he podido hacer.* (BLOOM, 1993, p. 187-188).

Se há historiadores que defendem o movimento Topeka como fundante para o pentecostalismo, isto indica a possibilidade de outras vertentes. O próprio professor Siepierski (2002, p.550) embora não tenha abordado diretamente o assunto a não ser quando se refere a Topeka, nos dá indicativos em relação ao movimento de Azusa Street e o impacto de Seymour sobre o pentecostalismo da época, ao afirmar que a missão da rua Azusa em Los Angeles estava exercendo profunda força, tanto centrípeta como centrífuga, no mundo protestante, não só arrastando vários protestantes curiosos e intrigados com a nova doutrina, mas, sobretudo, porque o local se transformara em uma espécie de fonte irradiadora da mensagem pentecostal. Com isto grupos chegavam de todas as partes dos Estados Unidos para entender a dinâmica, experimentar, ou alcançar aquilo que era mais desejável entre os peregrinos, ou seja, ser selado pelo *pneuma* e, quem sabe com alguma sorte, saber qual era a missão destinada por Deus a eles aqui na terra. Estes grupos, após contato com os acontecimentos da Azusa Street, retornavam para suas cidades de origem tendo muitos de seus membros aculturados religiosamente, ao mesmo tempo propagando suas experiências. Foi assim que William H. Durham, um dos mais influentes líderes religiosos protestantes, teve contato com o pentecostalismo. Siepierski relata:

Em agosto de 1906, um desses grupos visitou a missão Holiness em Chicago, liderada por John C. Sinclair, que se pentescostalizou em novembro daquele ano e se tornou grande divulgador da nova mensagem. No início de 1907, estimulado por ele, Durham foi a Los Angeles e lá se pentescostalizou através de Seymour, aquele ex-discípulo de Parham. (SIEPIERSKI, 2002, p.551).

William H. Durham acabou sendo influenciado pela doutrina pentecostal, aderindo à nova crença e em sequência se transformando em uma figura de importante influência do pentecostalismo norte-americano, com destaque sobre Daniel Berg, um dos membros de sua igreja (CAMPOS JUNIOR, 1995, p. 25), Gunnar Vingren (COSTA, 2010, p.29), Luigi Francescon (FRANCESCON, 1977, p. 12) e outros, dentre Aimee Semple McPherson fundadora da Igreja do Evangelho Quadrangular (SCOTTI, 2010, p. 31). Exceto McPherson, os três primeiros são literalmente os fundadores do pentecostalismo clássico brasileiro que reinou absolutamente sem nenhuma concorrente de mesma linha por quatro décadas até a chegada de outras agências religiosas pentecostais, a partir de 1951.

Como nosso objeto está voltado para o pentecostalismo clássico, vamos nos deter especificamente na trajetória de vida dos fundadores do movimento pentecostal brasileiro e para isto necessitamos conhecer, ainda que sinteticamente, o percurso desde suas origens até o território brasileiro, assim como, um pouco de elementos sociais e religiosos entre estes pioneiros.

### 1.3. UMA SÍNTESE DOS PIONEIROS FRANCESCON, BERG E VINGREN

Esta subdivisão se faz em duas partes, sendo a primeira com Louis Francescon, fundador da Congregação Cristã e a segunda com Daniel Berg e Gunnar Vingren, fundadores da Assembleia de Deus de Belém.

#### 1.3.1. Louis Francescon

Louis Francescon, o fundador da Congregação Cristã, nasceu em 29 de março de 1866, na comarca de Cavasso Nuovo, Itália. Depois de cumprir o serviço militar foi para a América do Norte, chegando em 03 de março de 1890. No mesmo ano, teve contato com o meio evangélico e em dezembro de 1891 a compreensão do “novo nascimento”<sup>2</sup>. Em 1892, juntamente com alguns imigrantes italianos, fundam a primeira Igreja Presbiteriana Italiana e no princípio do ano de 1894, estando em oração, à noite, e de joelhos lendo o capítulo 2 da carta aos Colossenses, em que o apóstolo Paulo reafirma à igreja de Colossos a necessidade

---

<sup>2</sup> Processo comum em todas as religiões de passagem. O novo nascimento nada mais é do que um rito de passagem. Uma nova vida distinta da velha

de não só receber a Cristo, mas viver por Ele, afastando-se dos pecados, voltou sua atenção especialmente para o versículo 12, onde se lê: “Isso aconteceu quando vocês foram sepultados com ele no batismo, e com ele foram ressuscitados mediante a fé no poder de Deus que o ressuscitou dentre os mortos”<sup>3</sup>, ouviu uma voz por duas vezes: “Tu não obedeceste a este meu mandamento”. Ele então respondeu: “Senhor jamais alguém me falou neste assunto”. Ao divulgar a experiência aos membros da igreja de que fazia parte, todos se manifestaram contrários, inclusive o pastor.

Em setembro de 1903, Francescon convence Giuseppe Beretta de que o batismo por imersão nas águas é um mandamento, mesmo sem ter passado pelo rito. Beretta depois de ser batizado por um americano, de uma igreja chamada “Igreja dos *Irmãos*”<sup>4</sup>, tornou-se credenciado para fazer o mesmo. Francescon não perde a oportunidade, sendo batizado no lago Michigan (CAMPOS JUNIOR, 1995, p. 26), conforme suas palavras:

Como o pastor se encontrava na Itália, competia a mim como ancião, presidir o serviço que se realizava no domingo. Assim tive oportunidade de dizer ao povo o que eu sentia em meu coração e lhes falei: Após 09 anos que o Senhor me falou em obedecer ao Seu mandamento, amanhã com a ajuda de Deus, terei a oportunidade de obedecê-lo e se algum de vós quiser assistir, venham. (FRANCESCON, 1977, p. 09)

Pouco tempo depois, o pastor F. Grilli voltou da Itália e em uma reunião com Louis Francescon, após fazer uma introdução de sua vida como religioso, sugeriu que aqueles que desejassem ser participantes das promessas, teriam que obedecer a Deus. Em seguida apresentou sua demissão de ancião, secretário e membro da igreja. Aos que lhe pediram para ficar, ele disse que a decisão não era por ele “premeditada, mas sim ordenada, por Nosso Senhor”. Em abril de 1907, segundo Louis Francescon:

O Senhor me fez encontrar com um *irmão* americano, um dos primeiros a receber a promessa do Espírito Santo, em Los Angeles, no ano de 1906 e, por meio dele soube que na W. North Ave, 943, havia uma missão que anunciava a promessa do Espírito Santo e que o próprio pastor (W.H. Durham) a havia recebido. Na primeira semana freqüentei sozinho aquele serviço e o Senhor me confirmou que aquela era Sua obra. (FRANCESCON, 1977, p.11-12, grifo nosso).

<sup>3</sup> Bíblia do ministro com concordância. São Paulo. Editora Vida. 2002

<sup>4</sup> Não se tem uma data definida, mas o início do movimento está entre 1825-1830, nas cidades de Plymouth, Bristol e Londres (Inglaterra), e na cidade de Dublin (Irlanda). Nelas aparecem os primeiros *irmãos* a se reunirem em pequenos grupos com o objetivo de estudar e aprofundar em textos bíblicos. Ao que se parece, estes pioneiros reconheceram deficiências na igreja e por isto, *ansiavam por uma caminhada mais íntima com o Senhor, e um relacionamento mais simples e significativo com Ele*. (PEREIRA, Joel. A Origem do Movimento do Irmãos de Plymouth. Disponível em: <http://www.irmaos.net/historia/plymouth.html>. Acesso em novembro de 2012.

Louis Francescon entendia que era sua missão levar a nova doutrina aos seus compatriotas em uma colônia italiana, disseminando assim, ao lado de sua esposa, a *Bendita promessa do Espírito Santo* para todos aqueles que desejassem. Isto aconteceu a partir do início de setembro de 1907 e ao que parece houve uma boa aceitação entre estes imigrantes. Quatro meses depois de sua iniciativa, em torno de 70 pessoas já haviam aderido à crença, conforme o relato de Francescon:

Naqueles dias o Senhor havia operado nos *irmãos* Giacomo Lombardi, Giovanni Rossi e em outras famílias, membros da Igreja Presbiteriana Italiana, como também nos católicos, dentre os quais o *irmão* Luigi Terragnoli [...]. Em princípios de janeiro de 1908, foi realizado um batismo para estes últimos e cerca de 70 obedeceram ao mandamento do Nosso Senhor. (FRANCESCON, 1977, p.16, grifo nosso).

Muitos destes imigrantes italianos, após passarem por algum tipo de experiência pentecostal, saíam em direção a locais distintos: P. Ottolini e G. Perrou vão para Nova York, G. Lombardi para Roma e outros quatro vão para Itália, três dos quais retornam sem bons êxitos (FRANCESCON, 1977, p. 18-19).

O próprio Francescon inicia em 29 de junho uma maratona de evangelização e propagação do *poder do Espírito Santo*. Seu público alvo envolvia protestantes e católicos, mas havia uma semelhança entre eles: o país de origem. Eram imigrantes italianos espalhados pelas mais diversas cidades e países. Em junho de 1908 vai para Saint Louis e em outubro para Los Angeles. Em março de 1909 para Chicago, em abril para Filadélfia, em julho retorna para Chicago, até que em 04 de setembro de 1909, ele e G. Lombardi, que já havia retornado de Roma, e Lucia Menna partem em direção a Buenos Aires, na Argentina. Permanecem até 08 de março de 1910 deixando iniciadas duas igrejas, uma em Buenos Aires, outra em Tigre, quando partem em direção ao Brasil, para São Paulo, capital (FRANCESCON, 1977, p.19-21).

Em solo paulista eles conhecem o italiano Vincenzo Pievanti que, embora estivesse em São Paulo, morava em Santo Antônio da Platina no Paraná. Vincenzo retornou para sua casa dois dias depois do encontro. Já Francescon e Lombardi permaneceram em São Paulo até o dia 18 de abril, quando então por vontade de Deus, G. Lombardi partiu para Buenos Aires e ele para Santo Antônio da Platina (FRANCESCON, 1977, p. 21).

Santo Antônio da Platina fica a aproximadamente 400 quilômetros da capital paulista e na época havia dificuldades de transporte. Da viagem, 70 quilômetros foram feitos a cavalo e o restante pela Estrada de Ferro Sorocaba. Louis Francescon ficou na casa de Vincenzo Pievanti de 20 de abril de 1910 até 20 de junho do mesmo ano quando retornou para São Paulo, mas

não sem iniciar sua primeira agremiação de adeptos, sendo onze no total. A expansão do trabalho começou provocar perseguições, como ele relata:

O resto do povo daquele lugar, sabendo da minha chegada e da minha missão, juram matar-me, tendo como chefe um sacerdote de determinada denominação. Isto teria sucedido se Deus não intervisse com Seus meios. O Senhor me fez saber e permanecer lá até 20 de junho; nessa prova eu estava pronto a me entregar aos inimigos, a fim de poupar a vida dos poucos crentes que o Senhor havia chamado. (FRANCESCON, 1977, p. 23).

Embora apareça este depoimento, envolvendo a cidade de Santo Antônio da Platina, como aquela em que Francescon consegue seus primeiros prosélitos, ao que parece, não ficou naquele momento nada formal que se possa interpretar como início de um movimento. Isto não está para mesma forma quanto à cidade de São Paulo, não somente por ter sido a capital paulista em que a dupla Francescon e Pievanti chegam, mas porque após o retorno de Louis Francescon da cidade paranaense, ele chega a São Paulo e concentra seu trabalho junto a imigrantes italianos, descendentes destes e presbiterianos. Siepierski (2002) nos revela que

A congregação Cristã tem seu início em São Paulo através de um cisma provocado por Francescon na Igreja Presbiteriana do Brás. Seu desenvolvimento se dá primordialmente entre imigrantes italianos e seus descendentes. Sua expansão geográfica segue a trilha do café que havia empregado largamente a mão de obra imigrante e que havia facilitado a penetração do presbiterianismo no interior de São Paulo e Minas Gerais. Assim, a Congregação Cristã se tornou bastante interiorana, estabelecendo-se majoritariamente nas dinâmicas áreas cafeeiras do interior de São Paulo, do Sul de Minas Gerais e do Oeste do Paraná. (SIEPIERSKI, 2002, p. 556).

O pentecostalismo é uma religiosidade, pode se dizer, de cismas, desde sua origem. É vista por lideranças religiosas, sobretudo de linha cristã, como um movimento de desvirtuação da harmonia e da ordem. Basta apenas dar uma singela passada em revista sobre a biografia de qualquer um desses fundadores para perceber o contexto em que aparecem de um dos lados esses pregadores cheios do Espírito Santo, disseminando a nova doutrina, que rapidamente encontra seus prosélitos (atualmente nem tanto), enquanto de outro, líderes religiosos furiosos por verem suas igrejas divididas por aqueles a quem eles tão inocentemente lhes abriram as portas. Essa é uma característica que perpassa a história do pentecostalismo.

### **1.3.2. Gunnar Vingren e Daniel Berg**

Gunnar Vingren e Daniel Berg, fundadores da Assembleia de Deus, nasceram na Suécia na última metade do século XIX. Gunnar Vingren em 08 de agosto de 1879, e Daniel

Högberg<sup>5</sup> em 19 de abril de 1884. Ambos partiram para os Estados Unidos a procura de uma vida melhor. Daniel, em março de 1902., com apenas 17 anos e Gunnar em outubro de 1903, atraídos pelo que Gunnar Vingren chamou de a “febre dos Estados Unidos” (COSTA, 2010, p. 23). Outra semelhança entre os dois é a opção religiosa, ambos protestantes Batistas. Daniel foi batizado aos 15 anos e Gunnar, embora tenha nascido em uma família protestante, só veio a se batizar aos 18 anos. Isto ainda em seu país de origem.

Em 1909, Daniel Berg retorna À Suécia para visitar sua família e amigos. Foi lá e não nos Estados Unidos que ele ouviu, pela primeira vez, sobre o batismo com o Espírito Santo, através de Lewi Pethrus, um jovem pastor de 25 anos da igreja Batista de Lidköping e seu amigo de infância. Em Costa (2010) vemos seu relato:

Quando cheguei à igreja, ele estava pregando. Sentei-me e prestei atenção para melhor entender o assunto, que para mim era novo. Após o culto, conversamos longamente acerca da doutrina do batismo com o Espírito Santo. Expus ao antigo companheiro de infância meus sentimentos favoráveis ao que eu tinha ouvido dele e minha intenção de retornar para a América. (COSTA, 2010, p. 29).

Daniel Berg experimenta o batismo no Espírito Santo na viagem de retorno entre a Suécia e os Estados Unidos. Nessa mesma experiência ele acredita ter recebido por parte de Deus a missão de pregar o evangelho. Já na América do Norte, em novembro de 1909, Berg conhece o recém-formado em teologia e pastor batista Gunnar Vingren. Este último, em setembro de 1904 havia se transferido para Chicago com o objetivo de estudar Teologia, um curso de quatro anos no Seminário Teológico Sueco dos Batistas. Ele recebeu seu diploma em maio de 1909 e na sequência assumiu como pastor a Primeira Igreja Batista de Menominee. Em novembro do mesmo ano, após uma busca incansável pelo Batismo com Espírito Santo, Vingren consegue falar em línguas. Foi nessa mesma época que, Gunnar Vingren e Daniel Berg se conhecem, mas em fevereiro de 1910, por difundir a doutrina de Jesus como batizador com o Espírito Santo e com fogo, precisou se afastar do pastoreado da Igreja de Menominee. Contudo não permaneceu muito tempo fora dos púlpitos, porque veio a assumir a Igreja Batista de South Bend, Indiana que era favorável. Pastoreou esta igreja até outubro de 1910, tendo ao seu lado, Daniel Berg que havia deixado o emprego em Chicago para se unir a ele.

Ao que parece, este era um período de incômodos constantes atrás de uma direção divina concernente à vida missionária. A resposta veio através de uma “revelação”<sup>6</sup> através de Adolfo Ulldin. O destino: Pará. Como desconheciam a localidade, Gunnar, Daniel e Adolfo foram à biblioteca pesquisar, concluindo se tratar do Norte do Brasil. Costa (2010) registra:

---

<sup>5</sup> Nome original

<sup>6</sup> Revelação é o mesmo que trazer ao conhecimento humano algo que está na esfera do divino: “recado de Deus”

Antes de iniciarmos nossa longa viagem, tínhamos sido recomendados e enviados a uma igreja pentecostal em Chicago, onde o *irmão* Durham era pastor. Durante aquela visita o Senhor me tocou no coração para dar à revista pentecostal daquele *irmão* tudo o que eu possuía, que era 90 dólares. Durante toda aquela noite eu lutei com Deus sobre o assunto. Já amanhecia quando finalmente prometi a Deus que daria aquele *irmão* esse dinheiro. (COSTA, 2010, p. 29).

Gunnar Vingren e Daniel Berg, no dia 05 de novembro de 1910, partem da América do Norte para o Brasil a bordo do navio “Clement” e no dia 19 do mesmo mês pisam pela primeira vez em solo paraense.

De acordo com Siepierski (2002), nesta época o Estado do Pará ocupava uma posição de destaque em South Bend, cidade não só onde estava situada a igreja de Gunnar Vingren, mas também onde eles receberam a *revelação* sobre seus destinos. Segundo o autor, a borracha produzida na Amazônia brasileira era reconhecida mundialmente como a melhor e isto chamava a atenção a ponto de ser assunto nos jornais da época não só na cidade, mas ainda na América do Norte.

O professor Siepierski (2002) também informa que o principal jornal especializado em borracha trouxe uma série de artigos a partir de maio de 1910, que colocaram não só a borracha brasileira em destaque, mas também o Pará:

O *The India Rubber World* dedicou em 1910 uma série de artigos sobre o Pará, resultado da visita do editor deste jornal, Henry C. Pearson, ao Brasil quando o Congresso Comercial, Industrial e Agrícola em Manaus [...]. a julgar pelo número de cartas que o editor recebeu, seus artigos despertaram o interesse de muita gente sobre o Pará e a região amazônica. (SIEPIERSKI, 2002, p. 554-555, grifo do autor).

Outra contribuição desse professor é a respeito de Adolfo Ulldin. Segundo Siepierski (2002, p. 555), Ulldin trabalhava como pintor na cidade de South Bend, em 1910, numa exportadora de implementos agrícolas para vários países. Se observarmos o título do Congresso em que esteve o editor Pearson, podemos estabelecer uma relação entre *Congresso Comercial, Industrial e Agrícola em Manaus* e a área de atuação da exportadora em que trabalhava Ulldin, os assuntos que eram divulgados dentro da empresa, e a posição em que se encontra o Estado do Pará não só no contexto interno (exportadora), mas externo (South Bend). Uma breve reflexão, mesmo que não descaracterize o evento *revelação*, pelo menos nos proporciona elementos para não adotarmos literal e *espiritualizado* o que aconteceu naquela tarde de sábado, no verão norte-americano de 1910, na casa de Adolfo Ulldin.

No Brasil, a dupla de suecos esteve diante de várias dificuldades como o não conhecimento da língua nativa, a escassez de dinheiro, o calor excessivo; entretanto uma das

maiores era não ter ninguém para recebê-los e passar diretrizes. Assim, ambos alugaram um quarto em um hotel em Belém.

Neste mesmo hotel, Gunnar Vingren e Daniel Berg começam a procurar informações sobre a existência de protestantes na cidade que falassem também inglês. Foi assim que ficam sabendo sobre Justus Nelson, norte-americano que morava no Brasil há vários anos, pastor metodista e também redator (revista ou jornal<sup>7</sup>). Através dele, ambos passam a ter conhecimento de Raimundo Nobre, que era pastor da igreja Batista de Belém. Nobre, que também falava inglês, recebe Berg e Vingren como auxiliares, membros e inquilinos, alugando um pequeno quarto-corredor, piso de cimento grosso, sem janelas de ventilação, repleto de mosquitos e lagartixas.

Os dois missionários começam a ajudar na igreja e a receber *irmãos* em seu pequeno quarto. Quanto à língua, Daniel Berg começou a trabalhar como fundidor, sustentando os dois e custeando aulas de português para Gunnar Vingren. À noite, era o momento de repassar os ensinamentos para Berger. Quanto à nova doutrina, ambos sempre que oportuno divulgavam os dons do Espírito. Com a presença deles, a igreja foi crescendo rapidamente e o templo que normalmente tinha a metade de seu espaço ocupado, passou a ficar superlotado. Fora da igreja, os cultos de oração eram realizados nas casas depois do culto oficial.

Uma integrante da igreja Batista, chamada Celina Albuquerque, foi uma das pessoas que abriram a casa para estes cultos. Ela, que tinha uma doença incurável nos lábios que a afastava dos cultos, foi curada e também se tornou, historicamente, a primeira pessoa a ser batizada no Espírito Santo, após o término de um culto em sua casa, enquanto orava com outra integrante da igreja.

A influência de Vingren e Berg foi crescendo, assim como a visita dos membros da igreja Batista no quarto deles. Até que em uma noite em que estavam reunidos em mais um culto, Raimundo Nobre, o pastor da igreja, chegou à casa deles e os acusou de colocar dúvidas e inquietações em seus membros. Depois de debater com eles e com os grupos que os apoiavam, proíbe-os de ficarem no quarto e na igreja. Raimundo Nobre também pergunta ao grupo se eles estavam de acordo com o que ele chamou de *falsas doutrinas*. Do grupo, 18 pessoas levantaram as mãos e foram automaticamente considerados excluídos da igreja Batista, juntamente com Berger e Vingren. Era 13 de junho de 1911. Após este episódio os cultos passaram a ser realizados na casa de Celina Albuquerque. Assim inicia-se a Assembleia de Deus no Brasil, a partir de um cisma na igreja Batista.

---

<sup>7</sup> Daniel Berg fala Jornal, já Gunnar Vingren, revista.

Se a Assembleia de Deus, no início do século XX, foi percebida como um movimento pouco expressivo, partindo de um pequeno grupo de 18 dissidentes da Igreja Batista de Belém além da dupla sueca, nada se compara à realidade atual dos mais de 12,3 milhões de adeptos, segundo dados do Censo IBGE 2010. Não obstante, os números apresentados neste último Censo acabam por colocar em xeque pressupostos e pesquisadores que apostavam em uma desaceleração do pentecostalismo brasileiro, em detrimento de opção religiosa mais voltada para o protestantismo, envolvendo, sobretudo uma elevação dos níveis econômicos, sociais e culturais da população brasileira. Assim, o Censo de 2010 apresentou um crescimento deste segmento religioso na ordem de 48% a partir dos 8,4 milhões de adeptos em 2000.

A Assembleia de Deus não só se tornou a maior denominação evangélica do país, como produziu ao longo de seus cem anos uma história própria, voltada para uma conscientização eclesiástica de orgulho em ser maior culto pentecostal, com lideranças carismáticas e uma Igreja que cresce, sobretudo por fazer a *vontade de Deus*. Sua história tem como base as biografias de seus pioneiros Berg e Vingren, transformadas em livros e divulgadas em todas as igrejas. Além destes, em sua grande maioria, personagens ocupam lugar de destaque na história da denominação ganham edição, ainda enquanto vivem, como é o caso dos pastores Firmino da Anunciação Gouveia (pastor da Igreja Mãe por quase três décadas) e José Wellington Bezerra da Costa (presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil – CGADB). Portanto, através de seus personagens, suas histórias e acontecimentos, envolvendo pessoas do próprio grupo, a Assembleia de Deus vai construindo sua própria história. Para isto, ela conta além de seus membros propagadores orgulhosos, uma de suas melhores armas, a Casa Publicadora das Assembleias de Deus (doravante CPAD).

A CPAD é uma publicadora da própria igreja e está localizada em Bangu, na zona oeste do Rio de Janeiro. Oficialmente, seu início se deu em 13 de março de 1940, após exigência do então presidente Getúlio Vargas que estabeleceu, em forma de lei, que todos os jornais e revistas fossem registrados no DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda). Para isto, era preciso que aqueles à procura da legalidade de imprensa, também fizessem seu registro jurídico. Portanto a Assembleia de Deus, que na década anterior já produzia o jornal *Mensageiro da Paz*, revistas de Escola Bíblica, livros e folhetos para atender sua própria demanda, precisou também se encaixar nos parâmetros estabelecidos pelo Governo.

Hoje, a editora assembleiana tem uma tiragem superior a 2,2 milhões de revistas de Escola Dominical a cada trimestre (período de abordagem das lições) e mais de 700 mil livros vendidos anualmente, além é claro, Bíblias que atendem a uma demanda que transcendeu a

própria denominação, abastecendo não só o mercado evangélico interdenominacional brasileiro, mas também o exterior, como: América Latina, Estados Unidos, Europa, Japão e África. Também faz parte dos projetos da CPAD a abertura de filiais nos estados em que ainda não está presente de forma a ter pelo menos uma de suas filiais em cada estado brasileiro.

Sem dúvida alguma a Assembleia de Deus tem demonstrado sua visibilidade nas mais distintas formas, mas talvez seja possível perceber tal visibilidade descentralizada, fragmentada, apresentada como um quebra-cabeça que se as peças não forem unificadas, fica difícil perceber a densidade deste segmento religioso. Se pensarmos a partir das pequenas igrejas nos bairros afastados de pequenas cidades, dificilmente perceberemos os mais de 12,3 milhões de adeptos no Brasil. Se pensarmos que uma única revista de *Escola Dominical* nas mãos de um aluno, geralmente nos domingos pela manhã, difícil será visualizar as mais de 2,2 milhões de revistas a cada trimestre. Quem sabe, tenha sido este um dos motivadores para a produção do megaevento comemorativo do *Centenário da Assembleia de Deus no Brasil* em Belém no Pará. Mas se não foi, posso apontar os acontecimentos em meados de junho de 2011 como sem precedentes. Foi realmente gratificante, em todas suas formas imagináveis e inimagináveis, poder estar lá para etnografar e observar uma parte significativa destes acontecimentos. Quem sabe em um futuro seja possível compartilhar e cruzar informações com outros pesquisadores que tiveram a mesma sorte que eu.

Iniciamos este capítulo com uma pequena reflexão sobre as seitas protestantes de Max Weber (1982), entretanto, percebemos a necessidade de fazer uma explanação sintética sobre o pentecostalismo, esperando não distanciar do objetivo, que é trabalhar memórias, histórias e trajetórias de vida de alguns personagens e sujeitos, mas tento priorizar a Congregação Cristã neste momento. Para tal, antes mesmo de trazer alguns sujeitos de pesquisa, penso ser necessário situar o leitor a respeito desta denominação a partir de uma perspectiva weberiana, além de uma pequena contextualização do pentecostalismo em Curitiba e as dificuldades em pesquisar essa denominação de fronteiras tão rígidas.

#### 1.4. A CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL A PARTIR DE UMA RELEITURA DO PROTESTANTISMO SECTÁRIO DE WEBER

Provavelmente nenhuma outra denominação religiosa brasileira se encaixe tão bem no protestantismo sectário de Weber (1982) neste início de século como a Congregação Cristã no

Brasil. Nem mesmo na Assembleia de Deus, sua concorrente direta desde sua origem, se observou, ou se observa, tais fundamentos básicos, a começar pela formação de sua liderança carismática que, ao contrário da Congregação Cristã, mantém um corpo de especialistas que passaram por alguns de seus Institutos Teológicos, e isto não é novo. Gunnar Vingren, antes de se pentecostalizar, passou quatro anos de sua vida estudando em um Seminário Batista na América do Norte, inclusive estando à frente de igrejas.

Como já vimos, o protestantismo sectário apresentado por Weber tem como referência maior os quacres e os batistas, sobretudo estes últimos. Neles foram encontradas peculiaridades que deram ao autor subsídios para formular um conceito de *seita* e, entre estes caracteres estão a associação voluntária de membros, após um exame detalhado da vida dos aspirantes e uma constante observação da moralidade destes, após adesão. Para aqueles que se inserem, abrem-se oportunidades novas, unidade dentro do grupo e um reconhecimento social de honestidade.

A Congregação Cristã, diferente não só da Assembleia, mas de todas as outras de origem pentecostal e neopentecostal, não sai para as ruas à procura de novos adeptos, ou seja, não pratica a chamada *evangelização*, ou pelo menos, não nos termos destes grupos, selecionando assim as pessoas que serão os possíveis candidatos à sua membresia. Isto é feito, sobretudo a partir de um conhecimento prévio das pessoas, através de vínculos familiares ou efetivos. Geralmente as pessoas que entram em um templo destes, pela primeira vez, estão sempre acompanhadas de alguém mais próximo.

As exigências morais e alguns costumes estão entre as prioridades do grupo. Combatem veemente todo e qualquer tipo de relação sexual antes do casamento e adultérios. Em ambos os casos, os discursos propagados e os próprios cultos nos fornecem uma dimensão através da formatação das pessoas nos assentos: homens e mulheres estão sempre em lados opostos dentro do templo e em casos que há uma superlotação, se mantém a distinção. Às mulheres cabe a utilização do *véu*. Com a cabeça coberta por um pano branco de abas bordadas e padronizadas, seja nas dimensões e textura, seja até mesmo no posicionamento sobre a cabeça, elas permanecem assim, dentro e fora do templo até a finalização do culto. Geralmente, crianças e mulheres que estejam visitando não precisam utilizar, mas em casos em que a pessoa visitante opte por usá-lo, ela não é impedida. Aos homens, o *ósculo santo*<sup>8</sup> ocupa o lugar do véu como diferenciação em relação a outras igrejas. Trata-se de uma prática comum no final de cada culto, ensaios de músicas e despedidas de

---

<sup>8</sup> Beijo no rosto.

viagens. Deve ser acionado pelo sentimento, ou seja, *ser feito de coração* e geralmente em locais privados como igreja ou em casas, marcando a finalização de visitas *aos irmãos*.

Somamos a essas exigências, as de aspectos econômicos, destacados por Weber (1982), tem-se um cuidado especial de ter dentro do grupo somente “os honestos”, em seus negócios, coprovados não só dentro, mais fora do grupo. Alguém que faça parte desta denominação e tenha sido indicado por outro do mesmo segmento religioso para trabalhar é visto com bons olhos, como pessoas honestas e fiéis. Isto garante aos que fazem parte, uma possibilidade de estabilidade socioeconômica através de uma rede de solidariedade, envolvendo de um lado aqueles que já trabalham na empresa e de outro os que estão precisando de empregos, ou novos empregos. Além disso, há ainda os que possuem algum tipo de negócio próprio: a certeza do sucesso vem não só do investimento em pessoas internas à congregação, visto que o grupo prioriza os que dela fazem parte, mas também de investidores externos, que veem nestes negociantes a segurança necessária para não serem defraudados. Assim como discutido por Weber (1982), a adesão ao grupo significa ascensão social; a exclusão significa o inverso.

No modelo ideal de seita desse autor, o poder disciplinador não está nas mãos de especialistas formados, mas sim nas de leigos carismáticos. Havia entre os protestantes sectários, presbiterianos e batistas, uma resistência contra o domínio de teólogos, de pregadores profissionais, confluindo assim para uma clerização de seus leigos. Isto não acontece mais neste tipo de protestantismo, mas é evidente na Congregação Cristã.

O carisma está sobre seus leigos, sobretudo os chamados *anciãos*. Eles não passaram ou passam por qualquer tipo de formação teológica. É possível perceber em muitos deles, certa deficiência no vocabulário<sup>9</sup>, mas não na eloquência. Possuem autoridade e reconhecimento legítimo da igreja como pessoas de qualidades extraordinárias, supranatural e transcendental. Assim como os quacres de Weber (1982) em que na assembleia religiosa *qualquer pessoa podia falar*, desde que interpelado pelo espírito, mas não antes destes líderes carismáticos estarem assentados em bancos especiais, de frente para a congregação, em silêncio profundo, esperando que o Espírito desça em alguém deles. São os anciãos, cooperadores e diáconos da Congregação Cristã. Jamais um visitante. Eles se orgulham em

<sup>9</sup> Não afirmo a inexistência de pessoas formadas neste meio religioso, ou seja na Congregação Cristã, com certeza há. Embora, o maior grau de formação com que deparei em minhas interlocuções tenha sido o ensino médio completo. Em sua grande maioria, os membros apresentam o ensino fundamental completo. Não há um incentivo para que se busque conhecimento fora da dimensão da fé. Ao contrário, em diversas vezes são atribuídos a estes o título de *conhecimentos mundanos*. Eles também não possuem institutos teológicos ou mesmo escolas bíblicas. Mesmo não investindo em conhecimento acadêmico, não há nenhum tipo de objeção à consulta, por parte dos fiéis, a profissionais qualificados como médicos, advogados, contadores, engenheiros, arquitetos, dentre outros.

dizer que na igreja deles não acontece como nas outras: nela, a *palavra desce fresquinha dos céus através do Espírito Santo*.

Não se destina valores financeiros a estes trabalhos na forma de salário e mesmo o ancião, que é encarado como o topo na estrutura, deve ter um trabalho secular, seja formal ou informal para mantê-lo, ou ser aposentado. Esta é uma das razões de não se ter discurso sobre o dízimo. O que se fala é a respeito de *coletas*, que podem ser para construção, para ajudar necessitados através da compra de produtos, sobretudo alimentícios, ou para manutenção dos templos e instalações. Em casos de construção de templos, em algum momento dentro do processo de edificação se realiza um *culto de coleta*. Isto faz parte e pode-se dizer que é uma regra. Nestes, pessoas que são de outras igrejas da mesma denominação vão apoiar, não só através de sua presença, mais acima de tudo, com seus recursos. Geralmente estes cultos movimentam quantias expressivas de dinheiro que é minuciosamente monitorado quanto ao destino dado. No final de cada culto já se comenta o montante das doações. Da mesma forma, no término do empreendimento. Geralmente o secretário da região eclesiástica participa do culto de inauguração com o objetivo de apresentar publicamente todas as entradas e saídas de caixa. Eles também fazem questão de afirmar que não se compra nada sem nota fiscal. Se o discurso sobre dízimos não tem força, não se pode dizer o mesmo dos templos. Tem um padrão Congregação, mas não são nada simples, levando em sua construção o que se tem de melhor disponibilizado pelo mercado.

Outra categoria de liderança religiosa é o *Encarregado de música*. Estes ensinam, ensaiam músicos e regem as orquestras de sua região eclesiástica. A congregação Cristã defende ser a *maior orquestra do mundo*. Para que haja uma uniformidade nas canções eles se utilizam de uma espécie de catálogo de canções com o título *Hinos de Louvores e Súplicas a Deus*. Neste constam 450 canções escritas, cifradas e compiladas, para utilização de pessoas comuns e de músicos. A última destas edições data de março de 1965, apenas seis meses após a morte de Louis Francescon em 07 de setembro de 1964<sup>10</sup>. Quem sabe podemos falar em uma espécie de *Cannon*, ou seja, uma cristalização dos hinos disponibilizados, de forma a não se incluir outros, como por exemplo, os de estilo *Gospel Music*? Utiliza-se até hoje, a mesma edição de 1965 e, ao que parece, este catálogo de canções é tão antigo quanto à denominação.

Mantivemos, como nas edições anteriores, a maioria dos hinos que o Senhor tem preparado desde o início desta obra em nosso país, porém com as alterações que se fizeram necessárias, acrescentando também outras melodias e poesia [...]. São Paulo, março de 1965<sup>11</sup>.

<sup>10</sup> CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL – **Edição Unificada**. São Paulo, 2002, p.51

<sup>11</sup> CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL. **Hinos de Louvores e Súplicas a Deus** São Paulo – SP Ed. Geografica, 2002, p. 05

Retirando-se os caracteres pejorativos e senso comum a que se atribui a definição de seita, nos termos de Weber (1982), a Congregação Cristã no Brasil é uma seita por excelência. Uma releitura fiel de protestantismo sectário em nossos tempos. Entretanto, caso sejam feitas as devidas pontuações, os próprios adeptos desta igreja perceberão que, para eles, serem considerados uma seita é o mesmo que uma qualidade virtuosa. Pelo menos em termos weberianos. Não obstante, faz parte da mensagem que eles mesmos querem promover socialmente e não o contrário.

Como estamos direcionando neste momento nosso olhar para a Congregação Cristã, assim como nossa fonte a partir de Curitiba e região metropolitana, penso ser necessário, ainda que em poucas linhas, contextualizar basicamente a introdução e expansão do movimento pentecostal na capital paranaense, para em sequência apresentar as dificuldades e desafios referentes à pesquisa nesta denominação religiosa.

## 1.5. CONTEXTUALIZAÇÃO BÁSICA DO PENTECOSTALISMO CLÁSSICO EM CURITIBA

A primeira destas igrejas em Curitiba foi a Assembleia de Deus, surgindo em 1928. O fundador foi Bruno Skolimowski, nasceu na Polônia em 1884 e em 1905, parte da Polônia em direção à Alemanha, permanecendo lá por quatro anos. Em 1909, veio para o Brasil para a cidade de Belém no Pará, à procura de trabalho. No ano de 1911, casou-se e em 1919 ele com sua esposa se convertem na Assembleia de Deus.<sup>12</sup>

Bruno Skolimowski chega a Curitiba no dia 19 de outubro de 1928, com uma suposta revelação divina. Dedicou-se a pregar para os poloneses, pois havia na época um grande número destes que não falavam o português<sup>13</sup>. Um ano mais tarde, ele passa a direcionar suas pregações aos brasileiros, reservando apenas os domingos à tarde aos seus compatriotas. Bruno permaneceu em Curitiba até 1938, deixando a capital paranaense para assumir em 1939 uma das Assembleias de Deus na cidade de São Paulo. A primeira Assembleia de Deus em Curitiba possui entre 2.500 e 3.000 membros<sup>14</sup>. Situada no bairro Centro Cívico, tem uma

<sup>12</sup> Revista Lições Bíblicas: **História da Assembleia de Deus em Curitiba**. Rio de Janeiro Ed. CPAD 2003, p. 07.

<sup>13</sup> Revista Lições Bíblicas: **História da Assembleia de Deus em Curitiba**. Rio de Janeiro Ed. CPAD 2003, p. 08

<sup>14</sup> Dado adquirido com o secretário geral da igreja Assembleia de Deus, Neir Moreira da Silva.

estrutura difícil de não se notar. Somente o templo comporta 4.500 pessoas<sup>15</sup>. O número de templos<sup>16</sup> da Assembleia de Deus na capital Curitiba do final de 2009, início de 2010, é de 160 (ALBUQUERQUE, 2009, p 41-51).

A segunda a se instalar na cidade foi a Congregação Cristã no Brasil<sup>17</sup>. Infelizmente, não há material escrito, disponível ao público e pouco do que tenho de informações veio através do senhor João Alves Taborda, um dos responsáveis por essa Igreja em Curitiba e região metropolitana. O acesso é restrito, difícil de se inserir e portanto tenho como pesquisador feito abordagens esporádicas, mas bem sucedidas. O primeiro registro de batismo realizado pela Congregação Cristã em Curitiba data de 07 de setembro de 1943, totalizando 11 pessoas e realizado pelo ancião José Lopes<sup>18</sup>. Atualmente a Congregação Cristã no Brasil não tem seu registro formal do número de membros, mas para se dimensionar, o templo situado no bairro Portão cabem 2.700 pessoas. A área construída, anexando templo, escritórios, estacionamento subterrâneo, dentre outras dependências é de 10.600 m<sup>2</sup>. Foi construída somente com recursos de adeptos, ou seja, sem recursos de outros segmentos públicos ou privados. Boa parte da mão de obra foi e continua sendo voluntária. O número de Igrejas da Congregação Cristã no Brasil, só na capital Curitiba, é de 86 (oitenta e seis)<sup>19</sup>.

A terceira igreja a vir para Curitiba foi a Igreja do Evangelho Quadrangular. O primeiro culto foi realizado no dia 28 de maio de 1955, por Julio de Oliveira Rosa, que também se sentia movido por uma suposta revelação. Ele assim narra: “Sentindo mais do que nunca o forte impulso do Espírito Santo em mim, tomei a decisão: seguiria imediatamente para Curitiba” (ROSA, 1978, p. 85) A 1ª Igreja do Evangelho Quadrangular teve também um crescimento parecido. Hoje, fazem parte do rol de membros entre 6.000 a 7.000 pessoas e ainda os chamados frequentadores. A Igreja está localizada no bairro Juvevê.

O registro de Igrejas, fora as congregações<sup>20</sup> da Igreja do Evangelho Quadrangular, na capital paranaense, Curitiba, é de 156 (cento e cinquenta e seis)<sup>21</sup>. Um dos reflexos deste

<sup>15</sup> Achei desproporcional o número de membros em relação à capacidade da igreja, ao questionar, o secretário me falou em eventos regionais promovidos pela igreja.

<sup>16</sup> Optei por chamar de templo, pois diferentemente da Igreja do Evangelho Quadrangular em que Igreja é algo distinto de Congregação, na Assembleia de Deus não o é, ou seja, possuem a mesma formatação.

<sup>17</sup> Na época o nome da igreja era Congregação Cristã do Brasil, nome que passou por mudança, pois hoje está em outros países.

<sup>18</sup> Depoimento de um dos batizados neste dia, José Cunha, que também foi o primeiro músico da igreja em Curitiba.

<sup>19</sup> CONGREGAÇÃO CRISTÃ DO BRASIL in: **Relatório**. São Paulo-SP: Ed. N° 74, 2011. p. 551-555

<sup>20</sup> Na Quadrangular só é considerado igreja, aquelas que podem se manter financeiramente. Pontos de pregação são considerados congregações, por depender de um igreja maior para se manterem. Na verdade são geralmente estas igrejas maiores que abrem estas “pequenas obras”. Quando estas congregações têm condições financeiras para sobreviverem é comum entrarem no processo de emancipação.

<sup>21</sup> [http://www.sgaf.org.br/adm\\_sgaf/localizador/apresentacao.aspx](http://www.sgaf.org.br/adm_sgaf/localizador/apresentacao.aspx)

crescimento é a acessibilidade aos especialistas (pastores/anciãos). Em média leva-se de duas a três semanas<sup>22</sup>, o que não acontece em igrejas menores.

## 1.6. DIFICULDADES DE PESQUISA NA CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL

Durante boa parte de minha pesquisa de campo na CCB, percebi que minhas entrevistas tinham uma dificuldade quase inexplicável de sair de um dos líderes desta denominação no bairro Portão, em Curitiba, chamado João Alves Taborda. Se não fosse a curiosidade deste, que é um dos três mais influentes da igreja do referido bairro, conhecido em todas as outras CCB em que estive (em todas as vezes que mencionei seu nome tive a resposta “Sim! Eu o conheço!”), a pesquisa não teria avanço algum. Para situá-lo dentro da pesquisa, digo que ele é um caso bem específico dentro da denominação, a começar pela sua faixa etária entre 50 e 55 anos, bem abaixo da dos outros anciãos que conheci, em torno dos 70. Entretanto sua idade e vitalidade parecem proporcionar um lugar central na organização social/eclesiástica dessa igreja. Percebe-se que é ele quem resolve os problemas administrativos ou quem delega a outros tais responsabilidades. É também ele que faz as viagens para São Paulo todas as vezes em que são (re) passadas diretrizes às igrejas de outras regiões. Estas viagens seriam um tanto desgastantes para outros com menor vitalidade. Percebi também que ele é requisitado sempre que surgem contratemplos durante a desenvoltura dos cultos, o que lhe impede de ficar estacionado em determinado local, estando em contínua circulação.

Já a escolha desta igreja CCB, entre outras da mesma denominação, aconteceu não só por ter sido a primeira fundada na capital curitibana, mas, sobretudo, por ser a Central da Região Sul do Brasil. Infelizmente, não há material escrito, disponível ao público e o pouco do que tenho de informações veio através deste mesmo João Alves Taborda. Segundo ele, o primeiro registro de batismo realizado pela Congregação Cristã em Curitiba data de 07 de setembro de 1943, num total de 11 pessoas, sendo realizado pelo ancião José Lopes.<sup>23</sup> Ao que parece, a CCB do bairro Portão em Curitiba não tem o registro do número de fiéis, mas pode-se dimensionar a partir de seu templo, com capacidade para 2.700 pessoas, e de uma área construída com donativos de seus adeptos de 10.600 m<sup>2</sup> (anexando templo, escritórios,

<sup>22</sup> Foi o tempo médio necessário para agendar uma entrevista com os líderes de todas as três igrejas. Há casos em que só foi possível entrevistar pessoas de uma hierarquia menor.

<sup>23</sup> Depoimento de um dos batizados neste dia, José Cunha, que também foi o primeiro músico da igreja em Curitiba.

estacionamento subterrâneo, etc.). Ela é a maior e como já foi dito, ela é a igreja Central da região Sul do país (segundo informações é nela que se realizam reuniões com lideranças do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, aos quais são repassados os assuntos que estavam em pauta nas reuniões que aconteceram na matriz de São Paulo). Poderia ser um avanço nesta igreja e a partir deste sujeito de pesquisa acessar outros, dentro deste circuito religioso tal como eu pensava<sup>24</sup>. Em algumas ocasiões, espontaneamente as pessoas diziam que me chamariam para tomar um café. Em outro momento, houve quem anotasse meu número de telefone, mas nada foi além disto, ou seja, esta pessoa nunca ligou para mim. Talvez eu é que deveria anotar o número e não ele.

É possível que se insistisse mais, teria conseguido avançar, entretanto optei por percorrer outros caminhos, destacando, entre esses, a minha admissão em uma grande empresa na área de metalurgia e a partir do envolvimento fora da esfera religiosa, mas com adeptos desta religiosidade, buscar apreender suas realidades, construindo assim um saber científico. De fato, considero esta escolha como feliz, pois com ela um novo horizonte, promissor e de dimensões elásticas surgiu. Com esta, realizei uma série de entrevistas, estabeleci interlocuções, visitei igrejas, aumentei significativamente o número de meus sujeitos de pesquisa, portanto vi dilatar meu campo de possibilidades. Neste novo contexto, a figura do ancião João Alves Taborda manteve sua efervescência, mas por outra via: conhecê-lo e estabelecer contato com ele, no meu caso, trouxe credibilidade frente ao(s) grupo(s).

---

<sup>24</sup> Estive procurando estabelecer uma interlocução linear com o ancião João Taborda por três vezes e reconheço que ele é uma pessoa influente dentro desta denominação. Reconheço também a educação dispensada a mim como pesquisador, representada no tratamento diferenciado, inclusive reservando um lugar para me assentar na primeira fileira da igreja em meio aos líderes carismáticos e à frente de centenas de pessoas, entretanto percebi em todos os encontros certo ar de desconfiança e posso entender o porquê. É fato que esta igreja não tem interesse em abrir à academia suas portas e se não é possível mantê-las fechadas, pelo menos oferecer a maior resistência possível. Como pastor, ocupei um lugar diferenciado, mas isto não quer dizer que eles tornaram minha vida como pesquisador fácil. Diante deste contexto reservado mantido pela CCB e a forma como era apresentado por ele aos membros do grupo, ou seja, como *pastor da Quadrangular* e, diga-se de passagem, era bem aceita no momento da apresentação, posso deduzir que distante daquele ambiente primeiro, o ancião João Taborda possivelmente completava meu posicionamento não só como pastor, mas também como pesquisador. Ele desde o início já sabia de minhas pretensões, ao contrário daqueles a quem ele me apresentava. Portanto, em momento algum na minha presença ele me apresentou como pesquisador. Pode haver outra explicação para o fato, sobretudo por não o haver questionado em hora alguma, porém esta minha possibilidade de interpretação não é incabível ou infundada.

## 1.7. MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE VIDA A PARTIR DA CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL.

Neste subtítulo, utilizamos basicamente entrevistas com sujeitos de pesquisa ligados a Congregação Cristã no Brasil, seja direta e indiretamente, e a partir destas fazemos uma reflexão sobre os dados coletados.

### 1.7.1. Joel: A caminho de uma liderança carismática na Congregação Cristã

Joel – ou Joelzinho para a maior parte das pessoas que lidaram com ele na Brafer Construções Metálicas S/A – assim como eu – é um personagem de destaque dentro de meu contexto de pesquisa sobre a CCB. Estamos falando de uma denominação que tem como prática o afastamento de pessoas que estejam fora do circuito religioso, inclusive pesquisadores; distanciamento comprovado diante da política institucionalizada, elucidado em nosso caso, quando acessávamos sujeitos de pesquisa da própria CCB em 2010, cujo contexto era as eleições para presidente, governadores, senadores, deputados federais e estaduais. Dentro de nosso contexto de pesquisa isto ficou muito claro em relação especificamente a este segmento religioso, ou seja, a Congregação Cristã tem procurado preservar seu grupo afastado da política, mantendo viva uma das características que Weber (1982) percebeu nas religiões de salvação:

A busca carismática e verdadeiramente mística da salvação, por parte dos virtuosos religiosos, foi, naturalmente, em toda parte apolítica ou antipolítica, pela sua própria essência. As buscas de salvação reconhecem facilmente a autonomia da ordem temporal, mas o fizeram apenas para deduzir, coerentemente, o seu caráter diabólico, ou pelo menos para tomar o ponto de vista da indiferença absoluta frente ao mundo que foi expresso da frase: ‘Dai a César o que é de César’ (pois que relevância têm essas coisas para a salvação?). (WEBER, 1982, p. 386).

O cenário político de eleições em 2010 pode nos ajudar a pensar nesta característica envolvendo a CCB e sua visão de abominação política. Em uma de minhas entrevistas com o ancião João Taborda surgiu o assunto. Na época da entrevista eu sabia que não seria uma entrevista comum, pois já tinha entrado em contato com ele um mês antes, e ele definiu que eu deveria fazer algumas entrevistas com líderes da Assembleia de Deus e da Quadrangular, depois entrar em contato com ele. Assim que fiz algumas entrevistas liguei e ele marcou um horário comigo em uma tarde de agosto de 2010. Cheguei no horário marcado e me anunciei

para o vigia, que pegou o telefone e ligou para ele. Esperei uns vinte minutos, até que fui chamado para iniciarmos nossa conversa. Esse foi nosso segundo encontro.

O primeiro aconteceu três anos antes, mas como eu não era aluno matriculado no mestrado não teve naquele momento como dar sequência à pesquisa. Assim, apresentei-me, mostrei minha documentação, seguida das entrevistas que já havia feito. Ele me olhou e fez uma pergunta: “O que você pensa a respeito da afirmação da Dilma Rouseff que nem Cristo tira dela a vitória”? Uma lição aprendi no decorrer de minha vida, algumas vezes a duras penas. É preciso distinguir entre aquilo que as pessoas precisam ouvir e aquilo que as pessoas querem ouvir. Então, optei por dizer aquilo que ele queria ouvir<sup>25</sup>. A partir desse momento deu-se início a nossa conversação.

Em meio a muitos assuntos, surgiu novamente a questão política, porém por outra vertente. Segundo ele, a Congregação tem em seu estatuto a condição de “apolíticos” e que, caso alguém do ministério deseje participar desta política institucionalizada, tem que se desligar do ministério, passando a ser membro comum. Perguntei se alguém havia entrado em contato com ele à procura de apoio político naquela eleição de 2010 e ele disse que sim. Representantes dos candidatos ao governo do Paraná, Beto Richa e Osmar Dias, os procuraram, mas eles não aceitaram nem sequer conversar. Uma citação de Weber (1982) pode ser oportuna:

Tanto o ascetismo como o misticismo interior-mundano condenam, em última análise, o mundo social à absoluta falta de sentido, ou pelo menos sustentam que os objetivos de Deus, em relação ao mundo social, são totalmente incompreensíveis. O racionalismo das doutrinas religiosas e orgânicas da sociedade não pode resistir a tal ideia, pois busca compreender o mundo como um cosmo relativamente racional, apesar de toda sua malignidade; o mundo é considerado como portador de, pelo menos, traços do plano divino de salvação. Para o carisma absoluto da religiosidade absoluta, esta relativização é, na realidade, discutível e estranha ao sagrado. (WEBER, 1982, p.388).

Se estivéssemos falando de Assembleia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Universal do Reino de Deus, ou outras que assumiram abertamente sua ação intramundana, cujo objetivo é ser um instrumento do divino para mudar o mundo, inclusive

---

<sup>25</sup> Conte para ele duas histórias que eu havia escutado anos antes. A primeira foi a respeito de um fazendeiro próximo de minha cidade natal, Santos Dumont em Minas Gerais. Na época o homem havia pago pela construção de uma ponte de concreto armado e depois que estava pronta ele disse: *esta ponte nem Deus arranca*. As enchentes de dezembro e janeiro constantemente arrastavam suas pontes de madeira e fizeram o mesmo com a de concreto. A outra foi de um amigo de infância que foi buscar uma peça para o carro. A pessoa que amarrou a referida disse que ela tinha ficado tão bem amarrada que nem Deus arrancaria. O resultado não foi diferente. Bastaram apenas alguns quilômetros de viagem para ele escutar um estrondo, olhar no retrovisor e ver a peça rolando pela rodovia. Histórias como a do navio *Titanic* também funcionam bem. O necessário é deixar claro que *de Deus ninguém brinca ou zomba*.

através da política, esta citação de Weber certamente ficaria fora de contexto, mas estamos falando de Congregação Cristã no Brasil, ou seja, eles não têm nenhuma aspiração em envolvimento com o mundo o que não é o mesmo que uma comunidade em estado de reclusão social: não são monges pentecostais. O que eles fazem é se afastarem de assuntos encarados como mundanos e são eficazes em manter sua comunidade de adeptos não só fora do ambiente político, sobretudo, apontando as igrejas citadas acima, e outras que se envolvem efetivamente no circuito político, como igrejas mundanas e distantes do projeto divino. A citação de Weber (1982) abaixo aponta para as condições mundanas alheias às das comunidades virtuosas, portanto:

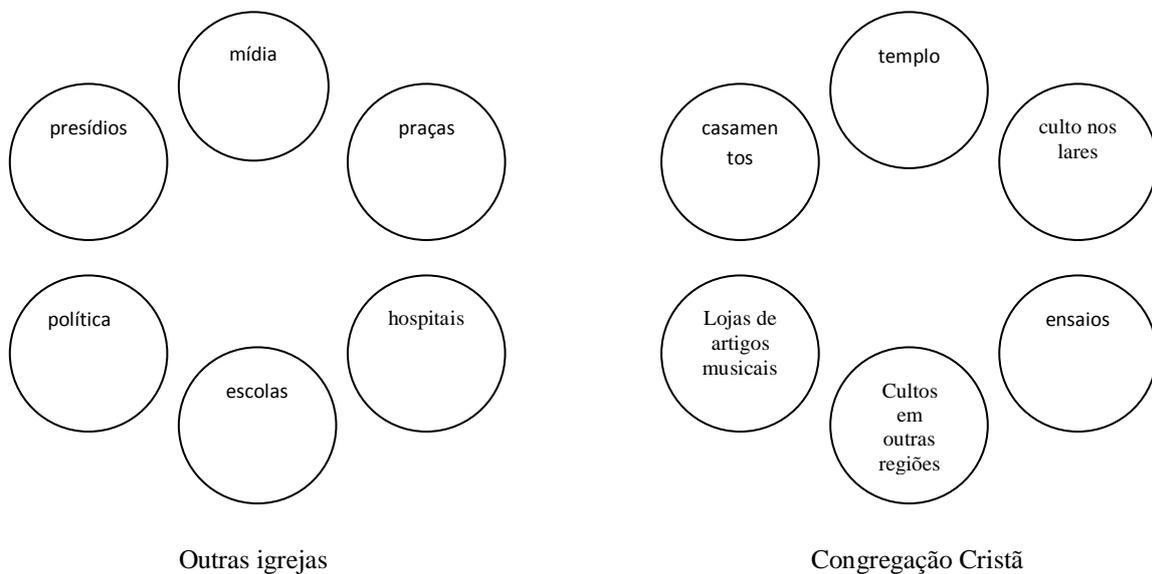
Como as ações políticas econômicas e racionais seguem leis próprias, também qualquer outra ação racional dentro do mundo continua inevitavelmente ligada às condições mundanas, distantes da fraternidade e que devem servir como meios ou fins para ação racional. (WEBER, 1982, p. 388).

Da mesma forma que a CCB mantém *seus virtuosos religiosos* afastados da política, os mantém longe de ambientes públicos como praias, clubes, shoppings e genéricos, enfim, carregam em sua sociedade, marcas maximizadas de ascetismos e sectarismos, ou seja: “Estamos no mundo, mas não somos dele!” Não obstante, as referências acadêmicas relacionadas a esta denominação pentecostal esbarram sempre em uma pobreza de resultados de pesquisa, o que pode ser traduzido em: estamos tratando de um grupo fechado com características próprias, mas não quer dizer que eles tenham uma vida sem atividades marcadas por um contexto de reclusão individual e/ou coletiva. Isto não é uma tentativa de preservar o horizonte extramundano característico de uma igreja pentecostal tão “clássica” já que tão “sectária” em termos weberianos? Não é essa a sua Tradição? Poderia haver uma história oficial aqui, como no caso da Assembleia de Deus?

Um dos resultados de minha pesquisa, enquanto aluno ouvinte do curso de Antropologia Urbana em 2006, com a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Jacqueline Stoll, esteve diretamente ligado ao circuito de percurso deste grupo de religiosos em contraponto com outras denominações evangélicas. A referida pesquisa trouxe resultados das atividades destes adeptos com destaque para as caravanas: sempre que possível são organizadas caravanas a outras igrejas da mesma comunidade. Vários *irmãos* se reúnem, alugam um ônibus e partem em direção a outra igreja, chegando sem aviso prévio e superpovoando aquela comunidade, sempre motivados por um valor sentimental (“nós sentimos no coração de estarmos aqui hoje

para congregar com a *irmandade*”)<sup>26</sup>. Também é comum a organização de caravanas para viajarem para alguma cidade dentro e/ou fora de seus estados de origem para construírem voluntariamente igrejas do mesmo segmento.

Além destas atividades eles vão a lojas de artigos musicais para a compra de instrumentos musicais, ou para adquirir acessórios para os mesmos. Eles também realizam casamentos ainda que não nas formas convencionais e em alguns casos até mesmo alugam salões em restaurante para isto. Vão às casas de pessoas do grupo regularmente após os cultos, em aniversários, bodas, etc., mas pode ser simplesmente para nutrir laços afetivos, sempre seguindo um padrão da Congregação, qual seja: hinos tocados e cantados, leitura de um texto bíblico, orações pelo casal ou aniversariante, pelas suas famílias e oportunidades de testemunhos.



Joel, 30 anos, é casado e tem um casal de filhos. Faz parte deste segmento religioso desde seu nascimento, é encarregado regional de música<sup>27</sup> há três anos, e um dos mais novos do Brasil. É responsável pela orquestra na Fazenda Rio Grande, Mandirituba e Areia Branca. Estas são cidades próximas situadas na região metropolitana de Curitiba. Na Fazenda Rio Grande são 700 músicos e somando as outras duas cidades o número de músicos sob seu comando passa de mil. Constantemente, faz apresentações em outras cidades e uma delas é Cambé, cidade em que ele apresenta uma história que pode contribuir para início de uma

<sup>26</sup> Diferente de outras igrejas pentecostais de primeira e segunda onda, que se referem às pessoas que fazem parte do coletivo chamando-os de *irmãos*, exemplo: “Boa noite, *irmãos*. Paz seja convosco!”. A CCB somente se refere ao coletivo como *irmandade*.

<sup>27</sup> Regente de orquestra.

reflexão sobre a forma com que as narrativas envolvem relatos de uma história oral mais individualizada.

“Estive visitando Cambé, tocando órgão, sax, bombardão. Na ocasião, conheci uma família que, socialmente falando, estava em nível muito alto, pessoas que tem dinheiro, só que, na graça<sup>28</sup>, o dinheiro não funciona. Diante do Espírito Santo, pode ter dinheiro, pode ter tudo, mas se não tiver Deus, o dinheiro acaba, vai embora, não tem milagre. Naquele dia, estava lá o casal, mas eu não os conhecia. Quando eu olhei para o canto, o Senhor disse pra mim: `Fala para aquela mulher e aquele moço, que ele está chorando e que o desejo dele é abraçar um filho`. Então eu disse: `Moço, Deus manda eu pregar<sup>29</sup> pra você. E você, filha, Deus manda te chamar de Ana<sup>30</sup>. Só ao mexer seus lábios, Deus já sabe o que você está pedindo. Você canta, mais o seu canto é um canto de tristeza, mas Deus fala pra você que a partir de hoje todo seu cântico será de alegria. Eu vejo gerando um filho dentro do teu ventre.` Deus tomou os dois ali e tomou a casa inteira<sup>31</sup>. O ano passado eu voltei lá e ela estava no oitavo mês de gestação [risos]. É deste jeito que Deus faz os milagres.”

Pode se perceber que as narrativas de sua trajetória de vida seguem o padrão de uma trajetória individual.

“Eu fui catador de papelão, falei pra você ou não? Fui catador de papelão nas ruas de Sorocaba- SP, isto porque meu pai, quando morávamos em Araucária tinha tudo, mas Deus tirou materialmente dele. Um dia em Sorocaba, catando papelão, o carrinho já estava cheio, o pai empurrando atrás, minha irmã sentada em cima e eu puxando. Então, eu deparei com três moças de 13 anos a mesma idade que eu. Uma delas disse: ‘Catador de papelão! Ah, eu não acredito você Joel’. Das três, uma não tirou ‘sarro’ mas as outras duas tirou. As lágrimas escorreram e meu pai começou a chorar e disse: ‘Senhor por que isso? Nós tínhamos uma casa, cada um dos meus filhos tinha seu quarto e acabou em nada’[...]. Eu cheguei chorando em casa, porque as meninas tinham falado daquele jeito. Eu tocava na igreja e simplesmente parei. Falei: ‘Senhor, faz uma obra<sup>32</sup> na minha vida, porque agora eu desanimei. Tiraram ‘sarro’, como é que eu vou aparecer na igreja” (grifo nosso).

Gostaria de chamar a atenção para uma reflexão a partir deste relato: meu interlocutor começa esta narrativa me perguntando se ele havia me falado sobre seu passado em um trabalho de pouco reconhecimento social. Depois ele fala de como ele e sua família gozavam de uma boa condição financeira e como Deus tira deles tudo o que possuíam. Trabalhando como catador de papelão, em outra cidade, ele narra o dia em que seu o carrinho estava cheio, sua irmã estava em cima e ele ia puxando. O ponto crítico aconteceu no momento em que

<sup>28</sup> Favorecimento de Deus em relação ao homem.

<sup>29</sup> Falar

<sup>30</sup> Ana é uma personagem bíblica muito conhecida no meio evangélico. Ela era estéril, mas depois de fazer uma oração a Deus, gerou um filho chamado Samuel, que em idade adulta se transformou em profeta.

<sup>31</sup> Tomar neste caso têm sentido de ficar cheio do Espírito Santo, ou seja, ocorreram manifestações de glossolalias.

<sup>32</sup> Produção de um acontecimento que repare a humilhação.

houve um encontro deles com algumas meninas que os conheciam e que os constrangem. Pelo menos a ele e a seu pai. O quadro provoca em ambos tristeza e revolta. Assim ele decide deixar a igreja, provavelmente por se sentir abandonado, desprovido de referências religiosas ou até mesmo diante de um paradoxo do discurso religioso. Ele estava sofrendo como um animal de carga, contrariando assim direitos que a ele são prometidos pela religião de salvação, isto porque “todas as religiões prometem aos seus fiéis a libertação do sofrimento” (WEBER, 1982, p. 376). Esta concepção de sofrimento não é nova e, constantemente se atribui a ela castigos recebidos por alguma ofensa ao sagrado, ataques do mal e/ou pecados cometidos:

Os homens, sofrendo permanentemente, de luto, enfermidades ou qualquer outra desgraça, acreditavam, dependendo da natureza de seu sofrimento, estar possuídos por um demônio ou vitimados pela ira de um deus a quem teria insultado. (WEBER, 1982, p. 313).

Esta concepção de *sofrimento* não equivale ao conceito de *provação* para o meio evangélico pentecostal, pois o sujeito bem sucedido, ou *abençoado* é aquele que não perde sua relação com o sagrado, assim como sua posição social e se por alguma razão está última fique deficiente está situação é conjectural, e uma questão de tempo até que seja reestabelecido da ordem das coisas. Na narrativa de Joel é possível perceber:

“De repente um dia, já com mais de 30 dias que eu não ia à igreja, minha mãe chorando vendo meu bombardino<sup>33</sup> no prego da parede, a *irmã* Sônia passou em casa e falou com aquele carinho: ‘Joel eu não te vejo mais na igreja, o que está acontecendo com você meu filho?’ Eu disse: não vou falar nada com a *irmã*, mas Deus. Ela saiu, foi para a igreja e quando voltou passou em casa me disse: ‘Tem um cooperador de Diamantina que vai estar na casa do *irmão* Dionísio e os meninos pediram para chamar você. É para você levar junto o violão, depois nós vamos jantar e orar a Deus’. Eu peguei o violão e fui, porque fiquei com dó dela, mas eu nunca esperava o que Deus ia falar pela boca daquele valente lá. Estávamos na sala em torno de 20 pessoas, quando aquele *irmão* abriu a oração e entrando na comunhão ele deu de dedo<sup>34</sup> e disse: ‘Oh! Você menino que está aqui hoje. Deus sabe a sua condição, eu não te conheço eu nunca te vi, mas manda te pregar. Esta sala é testemunha, estas paredes e essa irmandade<sup>35</sup>. Deus prega assim, sem medo de errar: você mora num barraquinho de madeirite, tua mãe está chorando dentro da sua casa. Você sabe por quê? É porque ela olha para aquele bombardino que está lá empoeirando e diz: ‘Senhor, será que nunca mais vou ver esse bombardino tocar na Tua casa? Agora filho você fala para tua mãe bem assim: ‘Mamãe Deus manda pregar pra senhora que a senhora não só vai ver esse bombardino tocar, mas vai me ver à frente de uma orquestra regendo para glória do Nome do Senhor’” (grifo nosso).

<sup>33</sup> Instrumento musical de sopro utilizado em orquestras, bandas e na CCB que defende ser a maior orquestra do mundo.

<sup>34</sup> Ato profético de apontar em direção da pessoa. O fato é comum entre os adeptos da CCB.

<sup>35</sup> Grupo de pessoas da mesma religião na CCB.

A *profecia* não teria sentido se fosse incompleta. Assim, segundo meu interlocutor:

“Depois de 14 anos, a palavra que ele pregou se cumpriu. Hoje meu pai está em Porto Feliz, a casa dele é de frente para a rodoviária, Deus restituiu tudo em dobro que ele tinha. Hoje, eu sou músico e encarregado regional, meu irmão e meu *piá*<sup>36</sup> são músicos. Minha irmã e esposa são organistas. Aonde nós vamos Deus faz milagres” (grifo nosso).

Para este meu sujeito de pesquisa, as razões que antecederam estes momentos de infortúnios estão relacionadas a uma *palavra*<sup>37</sup> direcionada a seu pai em um culto: “*Para salvar uma alma*<sup>38</sup> eu vou tirar tudo que você tem, isto porque, você não quer ir embora daqui [Araucária-PR] e você precisa estar lá.” [Sorocaba-SP]. O último recado, segundo Joel, foi ainda mais ameaçador e nos faz lembrar a personificação de Deus, na profecia emissária de Weber (1982, p. 329): para o autor, Ele é ao mesmo tempo *Senhor da criação supramundano, pessoal, irado, misericordioso, amante, exigente, punitivo*. Ele é um Deus ativo, que está acima de tudo e de todos.

“A última palavra que Deus mandou na igreja, foi através da boca de um *vaso*<sup>39</sup>. Esta foi a mais terrível: ‘Se você não for eu tiro um dos seus filhos. Tiro o que você mais ama’. Fomos só com os sacos e as malas. Ele saiu da empresa em que trabalhava, deixou a casa para meu tio vender, pegou um carro (na época valia seis mil e vendeu por três mil). Fomos pagar o aluguel em Sorocaba e o aluguel lá é caro, não é igual aqui. Seis meses e se foi todo o dinheiro que ele tinha, pois ele não conseguia emprego e nem um quintal pra carpir, nem mesmo uma valeta pra abrir. A profecia era para um *irmão* que estava lá parado na graça em Sorocaba. Deus tinha que libertá-lo e já havia falado que iria tirar tudo que alguém tinha, mas que ia favorecer ele lá. Não sabemos por que, mas Deus mandou o pai lá para salvar esse *irmão*. Hoje ele está firme na graça. Quando Deus manda, não tem demônio que segure” (grifo nosso).

Desobedecer a Deus, se aproxima do que Weber (1982) chama de insulto a este sagrado, portanto ser alvo deste Senhor irado como rebelde emissário. Quando a ordem das coisas se restabelece, ou seja, definido quem manda e quem obedece, a harmonia ocupa o lugar devido e as benevolências deste sagrado começam a aparecer na forma de *bênçãos materiais e espirituais*, entretanto é preciso se manter fiel a Deus e à igreja.

Embora a CCB não incentive muito seus adeptos aos estudos acadêmicos (isto não quer dizer que não haja pessoas formadas), há outro tipo de estudo significativamente disseminado, ou seja, a música. Geralmente se leva anos a fio para se transformar em um bom

<sup>36</sup> Filho

<sup>37</sup> Profecia, ou revelação.

<sup>38</sup> Neste caso é o mesmo que uma pessoa

<sup>39</sup> Através de uma pessoa: geralmente são especialistas entre a liderança religiosa, mas não necessariamente. Pessoas que gozam de respeito e credibilidade dentro do grupo. Mesmo que estejam em categorias inferiores dentro da hierarquia, podem ser os porta-vozes do divino.

músico, entretanto se engana aqueles que possam imaginar que este tipo de ensino possa se converter em recursos financeiros. Joel me contou que uma vez fez um teste para tocar na banda municipal de Sorocaba, mas a igreja não o deixou ir. Como ele mesmo disse: “A Congregação não permite”. Segundo ele o salário de um músico que toca vários instrumentos, como ele, pode chegar a R\$ 5.000,00, mas para ele isto não é importante, pois “é preciso honrar a doutrina. O retorno financeiro vem de outros lados”.

Aquilo que se conquista ao longo dos anos é fruto de uma *ética do trabalho*, mas também está incorporada a uma ética de fidelidade a Deus e à igreja. Sendo assim, não há nada de ilegítimo em trabalhar horas e horas (eu mesmo o vi fazendo horas extras acentuadamente quando trabalhamos juntos na Brafer), em oposição à obtenção de rendas que possam incentivar um envolvimento intramundano, excetuando aqui o trabalho visto como comum, ou legítimo. Se o esforço no trabalho é visto com bons olhos, a crença na recompensa por parte de Deus também é, conforme Joel testemunha:

“Eu morava numa casinha de 27m<sup>2</sup>, nos fundos da casa do meu sogro. Hoje o Senhor me deu essa aqui com 160 m<sup>2</sup>. Eu que não tinha uma bicicleta, catava papelão. É assim que Deus faz e por isto sou mão aberta também quando Deus manda.”

É possível já termos obtido elementos que possam subsidiar as razões não só que levaram meu interlocutor a uma superação de sua condição e descontentamento com os infortúnios vividos por ele e sua família, mas, sobretudo, a forma de transmissão oral desta trajetória de lutas que se transformou, digamos, em um “bom testemunho” para encerrar o acontecimento narrado.

### **1.7.2. Joel: Seriam estas demonstrações de Carisma ou de profecia missionária?**

Na narrativa que se segue, gostaria de propor uma reflexão e análise das condições que podem ser interpretadas como uma apresentação por parte de meu interlocutor, representando um tipo de poder carismático em sua vida, utilizando em um primeiro momento o conceito de *carisma* de Weber (1982) e em sequência fazer uma abordagem do que o autor chama de *profecia missionária*. Assim, considerando que Joel já faz parte de uma posição legitimamente reconhecida dentro do grupo como encarregado e música, talvez devêssemos também considerar que ele apresenta parte de um contexto em que seu pai aparece não só como um escolhido de Deus para uma missão, mas como alvo do poder divino e em

decorrência disto acaba se rendendo à vontade do sagrado. Concluído todo o processo que mesmo repleto de choros, humilhações e decepções, não só seu pai, mas também toda família foram coroados com vidas acima do padrão anterior. Isto não só apresenta seu pai como um *instrumento de Deus*, o herói que vai até outra cidade para *salvar* uma única alma, mas transforma meu interlocutor em um herdeiro direto. Weber (1982) diz que:

O carisma autêntico baseia-se na legitimação do heroísmo pessoal ou da revelação pessoal. Não obstante, precisamente essa qualidade do carisma como poder extraordinário, supranatural, divino, o transforma, depois de sua rotinização, numa fonte adequada para aquisição legítima de poder soberano pelos seus sucessores do herói carismático. O carisma rotinizado continua, assim a funcionar em favor de todos aqueles cujo poder e posse são garantidos por essa força soberana, e que dependem, portanto, da existência continuada de tal poder. (WEBER, 1982, p. 302-303).

Quanto a meu interlocutor, se a experiência envolvendo seu pai faz parte de sua própria construção ela é feita para legitimar seu aspecto hereditário, mas este passado fica desprovido de elementos de legitimação sem narrativas que vão fundamentar e ao mesmo tempo colocá-lo em um papel de protagonista e não de coadjuvante. Segue a narrativa:

“Tempos atrás fomos em Morretes fazer uma *obra*<sup>40</sup>. O Senhor me falou numa visão, um sonho. Eu vi uma casa azul, mas um azul vivo e o Senhor disse bem assim: ‘Você tem uma missão nessa casa’. No outro dia o telefone tocou. Era uma *irmã* dizendo que eu, minha esposa e ela tínhamos uma missão para fazer juntos na cidade de Morretes, mas dizia não saber o endereço. Isto foi na sexta, e no sábado fomos para casa dela. Quando ela entrou no carro falou: ‘*Irmão* Joel, Deus me mandou passar numa loja.’ Na loja, ela pegou um par de sapatos do bico fino marrom, um terno preto e uma gravata. O sapato que Deus tinha mostrado para *irmã* na loja era o único par restante e de número 40. Ela pegou o sapato, o terno, colocou no carro e logo depois fomos em direção à igreja central da Congregação Cristã em Morretes” (grifo nosso).

Não podemos desconsiderar que na Congregação Cristã no Brasil, o *poder* não está nas mãos de especialistas, ou pelo menos não na forma convencional, através de teólogos, ou pregadores profissionais. O *poder* está nas mãos de umas poucas pessoas sem formação teológica, mas que mantêm uma relação íntima com Deus e são usadas constantemente por Ele, como se vê na sequência da narrativa de Joel:

“Quando chegamos à igreja sede de Morretes, perguntamos para o cooperador responsável se ele conhecia um *irmão* chamado Valmir. Ele disse: ‘Não conheço ninguém com este nome aqui’. Aí a aflição entrou. Decidimos voltar para nossa cidade. Entramos no carro e saímos. Deus é testemunha que nós não precisamos aumentar ou diminuir. Toda honra e glória seja dada ao Senhor. Nós estávamos saindo de Morretes, quase entrando na BR, quando vi uma entrada no meio do mato. O Senhor falou:

<sup>40</sup> O mesmo que um trabalho, entretanto um detalhe o destaca de outros trabalhos em comum. Este, ainda que envolva pessoas ou as beneficie é feito em nome de Deus. Ele é o mandante e Dele se espera a recompensa.

*Entra ali que Eu vou fazer uma obra.* Parei o carro na hora! Estava chovendo, fui entrando naquela estrada no meio do mato que passava um carro. Passamos por uma ponte, a segunda e quando estávamos passamos a terceira eu avistei a casa, azul clara, mas para se cumprir a Palavra de Deus estava chovendo e por isto estava azul vivo. Eu parei o carro na porta da casa do dono. Naquela hora o Senhor me falou: ‘Saúda o *meu servo* com a *paz de Deus*<sup>41</sup>. Quando saudei, o *irmão* respondeu amém e começou a chorar e disse: ‘*Mas que boas novas traz os irmãos aqui?*’ Eu respondi: ‘Vim aqui para tocar com vocês.’ Ele tem uma filha que toca violino, trombone e órgão. De repente, *irmão* André, o Senhor *pá*<sup>42</sup> no meu coração” (grifo nosso).

Com Joel Deus mostra a cidade, a casa e a cor. Tem-se também o nome do *irmão* a se visitar, mas eles vão para Igreja mesmo não sendo o que determinou a visão. É na igreja que há uma interrupção da certeza de sua *missão*, entretanto é voltando para o lugar de origem que se reestabelece a ordem dos acontecimentos. Deus fala novamente com ele: “Eu vou fazer uma obra”, mas o instrumento é meu interlocutor.

Weber (1982, p.328) fala de uma *profecia missionária* em que os devotos trabalham para mudar o mundo através de ações, sendo estes verdadeiros instrumentos de Deus. Ele contrasta este tipo de profecia com a *profecia exemplar* em que o sujeito através de uma vida de renúncias se expressa sobre o mundo com seus exemplos e de uma forma apático-estático. Mas este ser instrumento estaria ligado unicamente a fatores e ações intramundanas?

Na profecia missionária, os devotos não se consideravam como vasos do divino, mas antes como instrumentos de um deus. Essa profecia emissária teve uma profunda afinidade eletiva com o conceito especial de Deus: o conceito de um Senhor da Criação supramundano, pessoal, irado, misericordioso, amante, exigente, punitivo (WEBER, 1982, p. 329).

Estes devotos estariam instrumentalizados somente para incursões no mundo, ou também para mudar seu grupo familiar e/ou religioso? E no que se refere às características na essência do sagrado na forma híbrida de senhorio total sobre tudo e todos e ao mesmo tempo fundamentos de temor? Estas características do ser transcendente sobre os devotos relacionados à profecia missionária, não são as mesmas do Ser que potencializa o líder carismático? E o meu interlocutor! Aonde ele se encaixa? Voltemos a sua narrativa:

“Chuva, chuva com vontade! Eu olhei para minha esposa, ela olhou para *irmã* e eu disse: ‘Eliseu, meu filho fique aqui com os *irmãos*. Vocês vão nos dar licença, mas temos que ir à cidade e já voltamos!’ Na cidade, eu e minha esposa fomos ao supermercado, pegamos um carrinho de compras cada um.

<sup>41</sup> Quando os evangélicos se encontram pela primeira vez no dia, ou mais uma vez com um intervalo maior de tempo é habitual se cumprimentarem desta forma, sobretudo os pentecostais clássicos. Deve-se considerar também que se trata de uma espécie de identidade grupal, pois se na sociedade geral se utiliza bom dia, boa tarde, boa noite, os adeptos da CCB, utilizam “paz de Deus” e os da AD, “paz do Senhor”. Corroborando, coloco mais um exemplo, a IEQ: “paz seja contigo” (individual), ou “paz seja convosco” (coletivo).

<sup>42</sup> Sentimento forte de ser tocado por Deus

O Senhor foi mandando pegar desde o que a mulher usa até prestobarba. Quando chegou à sessão de leites, perguntei: ‘Senhor! Será que *Teu servo* não tem vaca? E se eu comprar duas caixas e quando chegar lá ver que ele tem uma vaca lá?’ Viu como é o diabo? [perguntou a mim]. Mas de repente Deus falou: ‘*Pode levar que Eu sou contigo.*’ Coloquei as duas caixas de leite também. Depois fiquei sabendo que não havia vaca nenhuma. Na hora de passar no caixa, a conta foi lá em cima. Seja feita a vontade de Deus! Se Deus manda, não me faz falta nem um pouquinho. Quando chegamos, chamei o *irmão*. Ele veio e chamou a família. Eram como formiguinhas. Cada sacola que eles iam pegando, Deus ia visitando eles em linguagem do Espírito Santo. Aí a *irmã* esposa dele falou: ‘Agora os *irmãos* não vão embora, porque agora tem comida em casa. Eu vou fazer janta. Vou fazer do melhor para os *irmãos*’. Chegamos lá três horas da tarde e saímos meia-noite” (grifo nosso).

Foi possível perceber que nosso sujeito de pesquisa não só é uma pessoa com quem Deus fala, mas ele é usado como canal material na ajuda de seu *irmão* e sua família. Entretanto, talvez o leitor esteja se perguntando nesta altura dos acontecimentos: E aquele terno e sapato marrom, bico fino, número 40? Segundo meu interlocutor:

“Uma das pessoas que estava na casa se chamava Mayke. Enquanto eles estavam ali eu fui ao carro, peguei os sapatos, o terno e a gravata. Entrei bem devagarzinho e disse a ele: ‘Toma *servo de Deus*. Ele mandou entregar pra você.’ Quando entregamos, Deus tomou ele em linguagem<sup>43</sup>. Depois disto, nós fomos buscar o irmão dele que morava do outro lado junto com a cunhada. Ela estava parada, não estava congregando<sup>44</sup>. Por alguma dificuldade da vida, ela parou de congregar. O Senhor me deu *graça* de falar na oração: ‘Hoje, Eu quebro o *cadeado do demônio*. Hoje eu *abro as portas do inferno* e mando o diabo ir embora para onde ele veio.’ Hoje o Senhor está abrindo a porta da depressão para ir embora, da tristeza. Ele está abrindo a porta da alegria para entrar. Deus mostra você como um carro estacionado. Você não tem força de dar *um glória*, não tem forças de dar um *aleluia*, mas em Nome de Jesus Cristo, o Nazareno, abre a boca agora. Seja solta agora. Dê o primeiro glória na *carne*<sup>45</sup> que o segundo vem pelo Espírito. Ela se soltou em linguagem, foi *terrível*<sup>46</sup>. Quando o Mayke viu aquilo ele disse: ‘*Irmão*, vou te contar uma coisa. Nesta semana de quinta para sexta, eu fui à reunião da mocidade e vendo pessoas com sapatos bonitos, com os ternos, tudo bonito e o meu todo *surradinho*<sup>47</sup> eu falei para Senhor: ‘Se Tu me amas Senhor, manda um anjo em casa no sábado para suprir as necessidades da casa do meu pai e a minha também. E pra saber que o Senhor está na minha vida, eu quero um sapato igual daquele moço que eu vi, novinho, marrom e do bico fino’. Então eu disse: ‘Pode dar glórias a Deus porque Ele está na sua vida.’ Aí virou e chorou” (grifo nosso).

Nesta altura da narrativa de Joel, a *irmã* que no início aparece como a pessoa que vai até a casa dele e o chama para uma *missão*, que compra o terno, a gravata o sapato, sai de

<sup>43</sup> Falar em línguas (glossolalia).

<sup>44</sup> Frequentando os cultos

<sup>45</sup> Semelhante à falta de emoção

<sup>46</sup> Muito forte (glossolalia).

<sup>47</sup> Velhos, desgastados pelo uso.

cena para dar lugar a ele. Meu interlocutor é quem entrega ao rapaz todas as coisas e ao mesmo tempo recebe créditos. É ele também que tem *poder* para resgatar uma pessoa que se afastou do grupo de religiosos e da Igreja por dificuldades que a ele não foram *reveladas*, quebrando o cadeado com que o demônio a aprisionava. *Poder* de abrir as portas do inferno e mandar o diabo de volta pra casa. Faltariam elementos carismáticos a ele? Sua narrativa não o coloca como uma ferramenta de Deus com poder para ouvir o sagrado, ajudar o necessitado agir sobre o mal e estabelecer a ordem ainda que momentânea?

### 1.7.3. Joel: Um instrumento do sagrado?

Uma segunda narrativa por parte de meu interlocutor teve uma sequência linear em relação à primeira e posso afirmar que não houve intervalo significativo entre a anterior e esta. Ambas estão relacionadas com assuntos de mesma essência, ou seja, como ele tem sido utilizado por Deus. Talvez seja necessário chamar a atenção para o fato de uma instauração metodológica por minha parte como pesquisador, dando a ele a liberdade de falar aquilo que lhe era importante. Procurei a princípio, colocar minhas próprias questões e seleções em um plano secundário, sendo em certa medida fiel às convicções de meu interlocutor. Vamos ao próximo relato:

“Você acredita que tem pessoas que às vezes tem uma mansão, um bom carro, mas que dentro de casa não tem nada pra comer? Um dia, eu estava dentro do ônibus passando em frente à casa de um *irmão*. Quando eu olhei, o Senhor falou assim pra mim: ‘Ele não tem nada pra comer hoje dentro de casa dele e é a última colher de café que ele tem para colocar no coador’. Isto era uma sexta-feira. A casa dava de dez a zero na minha e com um carro na garagem. Eu falei comigo: ‘Isto é brincadeira, não existe, é coisa de outro mundo.’ Chegando em casa, contei pra minha esposa e perguntei: ‘Você está na *comunhão*<sup>48</sup>? Se está na comunhão, vamos no mercado amanhã cedo, fazer compras e levar para aquele, servo de Deus que é músico?’ Minha esposa falou: ‘Bom, se Deus te mandou eu estou com você’. Eu disse: “Então *amém*<sup>49</sup>! No outro dia, oito e meia eu estava no mercado assim que abriu nós fomos pegando as coisas. Eu tinha um golzinho na época enchemos o porta-malas e fomos pra casa do *irmão*. Quando chegamos, batemos palmas, era nove e meia da manhã. Com um sorriso estampado no rosto veio o *irmão* dizendo: ‘*Paz de Deus*’, e já abriu o portão” (grifo nosso).

<sup>48</sup> Neste caso, significa em conformidade, ou seja, ela estava concordando com ele em fazer e entregar as compras

<sup>49</sup> No meio pentecostal significa: assim seja.

De forma geral, foi possível perceber que na Congregação Cristã no Brasil as narrativas sempre caminham por um percurso individual, configurando assim em um tipo muito particular de individualismo religioso pentecostal. Assim como é possível ver nas falas de meu interlocutor uma forma expositiva dos fatos em que ele aparece mais como sujeito da ação, cuja prioridade são suas próprias experiências enquanto as expressões coletivas ficam em um plano secundário, ou simplesmente desaparecem no discurso. Assim é na própria formatação dos cultos neste segmento religioso, ou seja, há um momento específico na maioria dos cultos (com raras exceções em cultos festivos em que o tempo fica comprometido, devido ao número intenso de atividades) em que as pessoas que fazem parte da Igreja têm a oportunidade de *testemunhar* e em raríssimas exceções alguém aproveita este momento para falar de experiências coletivas. Geralmente eles falam de si mesmos. Este individualismo religioso característico difere de qualquer outra denominação religiosa pentecostal ou neopentecostal.

Dumont (1985) apresenta uma distinção entre dois tipos ideais de individualismo que nos é útil. O primeiro é o chamado *individualismo extramundano*, em que o indivíduo aparece como *indivíduo-fora-do-mundo* e é característico dos renunciantes das seitas religiosas orientais. A pessoa que vive neste modelo se afasta do mundo social vivendo distante do convívio coletivo. O segundo é o *individualismo intramundano*, ou seja, *indivíduo-no-mundo*. A pessoa que se encaixa neste modelo, tem como fundamento mudar o mundo a partir de sua ação. Esse individualismo, primeiramente religioso, caracterizaria o Judaísmo e as seitas protestantes. Ambas as características de individualismos se aproximam particularmente do que Weber (1982) denominou de *profecia exemplar* e *profecia emissária*. Na primeira, o indivíduo não se envolve com o *mundo*, mas se apresenta como um exemplo para este. Na segunda, o sujeito se apresenta como instrumento de ação na transformação deste mundo. Os adeptos da Congregação Cristã decididamente não são eremitas em reclusão, assim como não saem pelas esferas públicas e privadas como verdadeiros instrumentos do sagrado para transformar o mundo. Nos termos de Louis Dumont, parecem estar voltados para a realização das comunidades cristãs originais, presentes no mundo, mas sem se envolver nos seus assuntos, nem mesmo, para fins evangelizadores. Seus testemunhos possuem um caráter mais privado, particular, pessoal, característico desse seu individualismo religioso peculiar. Retorno à narrativa do Joel, pois se de um lado estes religiosos parecem não se envolver com “o mundo” externo, por outro parece haver um sentimento de proteção e cuidados internos:

“O *Senhor*<sup>50</sup> tinha me falado que ele não tinha café pra tomar, mas quando eu entrei, ele disse: ‘Vem tomar um cafezinho’. Naquele momento o meu coração começou: *pum, pum, pum!*<sup>51</sup> Assim que entrei, olhei na mesa, vi rosquinha, biscoitinhos, coisas chiques. Pensei: ‘Não é que eu estou enganado mesmo?!’. Ele, percebendo minha aflição, perguntou: ‘*Irmão* Joel eu o conheço. O que está acontecendo com o *irmão*?’ Eu lhe respondi: ‘Ontem quando eu passava no ônibus seis e meia da tarde, eu vi o *irmão* e *Deus* contou pra mim que o *irmão* não tinha nada dentro de casa e que estava tudo vazio na sua dispensa. Por mais que o *irmão* tenha uma boa condição, eu não sei o que está acontecendo, mas Deus me mandou fazer isso.’ Quando eu abri o porta-malas, Deus o tomou em linguagem<sup>52</sup>, foi a coisa mais linda do mundo e ele disse: ‘Esposa vem aqui!’ Deus a tomou também<sup>53</sup>. ‘*Irmão* Joel, Deus está na sua vida. Sabe por quê? Minha filha trabalha na panificadora e o restinho que sobra, o patrão dá pra ela. Ela sabendo que não tinha nada dentro de casa falou: ‘*Vou passar lá no papai e deixar isso aqui pra eles tomarem café, porque mais tarde, só Deus sabe o que vai acontecer.*’ Eu sabia que Deus ia mandar um anjo dentro de casa, porque ontem à noite sexta-feira na *Palavra*, Deus falou: ‘*Amanhã de manhã Eu envio um anjo dentro da tua casa pra suprir tua necessidade. Eu Sou teu pastor e nada te faltará.* Assim *irmão* Joel, pra você saber que é Deus na sua vida, vai, olhe os meus armários e as prateleiras’. Eu comecei a abrir as prateleiras: a primeira, a segunda, aquele jogo de cozinha grande, fui abrindo e quando abri a última, aquela que fica os condimentos, arroz, feijão, açúcar, café, não tinha nem uma colher de café” (grifo nosso).

Esta forma de apresentação dos fatos é particular à Congregação Cristã no Brasil e se compararmos com a Assembleia de Deus, ainda que as pessoas iniciem narrativas em que eles falem de si mesmos (e isto acontece), na sequência, relatos referentes à Igreja como um todo ou às suas congregações surgem e ocupam o lugar principal.

#### 1.7.4. Suzana: Uma interlocutora de trajetória única na Congregação Cristã

A Congregação Cristã no Brasil possui características que são peculiares e outras não. Exemplificando, a CCB não reconhece nenhum outro batismo, mesmo por imersão de outras denominações evangélicas. Por conseguinte, caso um aspirante a novo adepto se candidate a migrar para ela, terá necessariamente que passar por todo processo de ritual de passagem. Isto não acontece se o percurso for inverso, ou seja, denominações pentecostais de primeira, segunda e terceira onda como a AD, IEQ, Deus é Amor, Igreja Internacional da Graça, etc.; protestantes históricas e protestantes como a Luterana, Anglicana, Batista, Metodista, etc.

<sup>50</sup> Mesmo que Deus.

<sup>51</sup> Bater aceleradamente.

<sup>52</sup> Glossolalia

<sup>53</sup> Se sentir cheia do Espírito Santo (glossolalia)

Uma outra característica peculiar é a de não realizar casamentos no religioso, não obstante o civil ser regra. Cito ainda como terceiro exemplo é o fato de não ser comum, ou seja, um hábito a prática do *jejum*<sup>54</sup> por parte deste grupo de religiosos. Isto não se dá em outras denominações. Ainda reportando a caracteres, mas desta vez de não peculiaridade, cito imagem negativa promulgada no que se refere a ter em casa aparelhos televisivos, a utilização de ternos, gravatas e ainda o contexto marcado por mulheres de vestidos e cabelos longos. A respeito disto temos algumas igrejas da Assembleia de Deus, sobretudo em bairros da periferia e cidades do interior, isto porque estes *usos e costumes* já fizeram parte da tradição assembleiana, mas tem perdido forças, se alinhando à outras agências religiosas, mesmo que a contra gosto das gerações mais velhas.

Silva (2003), em sua dissertação de mestrado aborda e apresenta resultados sobre a utilização de usos e costumes dentro do contexto assembleiano. Segundo ele:

Depois de algumas pesquisas sobre o tema ‘Usos e costumes’, podemos perceber que a maior parte das informações que temos encontrado tem sido de natureza oral, trazidos pelos pastores mais antigos através de sustentações a referências bíblicas, porém, não existe uma bibliografia escrita por estes pioneiros, pois, a Bíblia é a única regra de fé e conduta. Existe uma ‘Doutrina dos usos e costumes’ que sempre foi parte integrante desta igreja, a qual vem sofrendo alterações no decorrer dos tempos pelos novos movimentos; todavia as novas leituras sobre o assunto vem sendo feitas hoje de forma ainda incipiente, no meio evangélico. (SILVA, 2003, p. 19).

Considerações feitas, cabe ressaltar que a incursão na CCB não é fácil para qualquer pesquisador, sendo assim, o campo dentro da Brafer Construções Metálicas se configurou produtivo, sobretudo, por ter proporcionado o estabelecimento de interlocuções contínuas, além disto, aumentou o raio de possibilidades, inclusive de participação de eventos como culto de coletas, batismos, visitas e algumas entrevistas. Houve efetividade de resultados de pesquisa, entretanto demandou não só tempo e esforço, mas constantes revisões nas estratégias de aproximação, sobretudo paciência, muita paciência, mesmo não sendo uma de minhas virtudes.

Através deste contexto, conheci Suzana, ou melhor, dizendo *irmã* Suzana. Ela é esposa do Joelzinho mas ao contrário dele, carinhosamente chamado pelo diminutivo do nome, inclusive eu em contextos informais, com ela foi preciso estabelecer aquele distanciamento proporcionado pelo título *irmã(o)*, referido anteriormente, envolvendo o assunto. Através dela, pude indagar assuntos como vestes e cortes de cabelo envolvendo mulheres da CCB,

---

<sup>54</sup> Acredita-se que a abstinência de alimentos por um período, geralmente definido pela própria pessoa, pode fazer com que haja uma maior aproximação em relação ao sagrado. Há casos de pessoas que ficam por 12 horas em abstinência; outros, por três dias e até mais.

acumulando assim, maiores informações. Não pense o leitor ser um exagero epistemológico. Quanto ao corte de cabelos, segundo os ensinamentos da religião em questão ela disse: “Pelos ensinamentos e a doutrina não pode cortar. Antes de me batizar, de passar pelas águas eu cortava os pedacinhos, mas minha avó sempre me repreendia. Então ela falou: ‘Você aproveite para cortar, porque, depois que você passar pelo batismo, não meta a tesoura neste cabelo. E quando eu me batizei eu não cortei mais’”. As mulheres deste segmento religioso não cortam os cabelos, nem mesmo as pontas, e não aderem ao que eles chamam de “ vaidade”, ou seja, esmaltes nas unhas, fazer sobancelha, passar batons. Irmã Suzana prossegue: “A minha prima furou a minha orelha, mas minha avó nunca deixou colocar brincos. Também não tenho vontade, nem saia curta nem nada”.

O casal tem dois filhos: o mais velho, um menino de dez anos e a mais nova, cinco. A menina nunca cortou os cabelos, afirmando o pai que: “Enquanto tiver no meu poderio, não corta”. Já a mãe faz questão de mostrar que a filha mesmo com pouca idade, é uma defensora da *doutrina*: “Para ter uma ideia, se ela for na igreja e ver uma *irmã* com os cabelos cortados ela fala: ‘Você sabia que não pode cortar o cabelo? Minha mãe não corta o cabelo e nem eu’. Ai você vai falar o quê?”

Quanto ao uso de calças compridas entre as mulheres, procurei trazer a ela, um exemplo de uma de minhas idas a campo na igreja do bairro Portão. Na oportunidade observei uma mulher chegando para um culto à tarde vestida de calça comprida. Tudo indicava não se tratar de visitante, porque chegou sozinha e com aparência de que era algo costumeiro. A pessoa em questão parecia ser da área da saúde. A resposta de Suzana foi: “Não se surpreenda, porque o *joio*<sup>55</sup> tem que andar entre o trigo. O ensinamento é assim: leva-se a calça na bolsa. Sai de casa e faz o trajeto de saia. Chegou lá se coloca a calça e trabalha. Trabalhou, veste-se a saia e vem embora. Não é porque você vai trabalhar que você vai desfilando da casa até lá na loja e volta. O ensinamento é esse, mas muitas não obedecem”.

Uma outra pergunta que fiz a ela foi sobre o uso de televisão<sup>56</sup>. Ela me disse que pelos ensinamentos também não pode, mas a resposta mais completa veio do marido:

---

<sup>55</sup> Neste caso, trata-se de pessoas que estão dentro da igreja, mas não seguem as regras. Joio são pessoas vistas como do mal em contraponto ao trigo que são pessoas de Deus

<sup>56</sup> Estive em várias casas, geralmente compostas de salas espaçosas, mas sem a presença de aparelhos desta natureza. Se há ligação entre este aparelho eletrônico com algum tipo de prejuízo, este deve ser interpretado a partir do seio familiar, ou seja, há disseminação de conceito em que a televisão aparece como fonte de ensino, sobretudo de prostituição e adultérios, cujos alvos são o enfraquecimento da família e valores morais. Em algumas entrevistas e interlocuções, divulga-se a existência na Congregação de pessoas que adotaram este tipo de prática eletrônica, entretanto são apontados como desobedientes ou rebeldes. Esporadicamente, de tempos em tempos surgem umas poucas histórias de pessoas que escondem televisões dentro de guarda-roupas ou mantêm dentro de quartos chaveados. Destes fatos eu não sou testemunha. Ao contrário, nos meses em que mantive contato com sujeitos desta igreja, dentro da empresa Brafer, observei que não há nenhum constrangimento em

“Aqui não tem nenhuma, você sabe por que *irmão* André? Eu vou explicar. A televisão é boa pra ver um jornal vê, vê, vê. Vamos supor: as novelas passam cenas obscenas. Eu vou ensinar meu filho de 10 anos, prostituir. Você tá entendendo? Então, por isto, não tenho televisão nunca tivemos e não temos intenção. A doutrina da Congregação é isto, mas muitos já colocaram. Não vou falar que não colocaram. Não vou dizer que todos *irmãos* seguem a doutrina certinho, porque não seguem. Eu vou te falar uma coisa, a bem da verdade. Isto tem que ser gravado: você tem a doutrina da sua religião, da tua igreja. Eu tenho a minha. Se você está na sua igreja e não segue a doutrina, então, você está perdendo tempo. E se eu estou na Congregação, sabendo que o padrão é aquele, eu senti alegria e decidi quero ser crente deste jeito, me sinto bem assim, eu não vou criticar você, porque você tem televisão. Cada um segue aquilo que acredita ser o melhor, mas a Congregação não aceita televisão” (grifo nosso).

Gostaria de chamar a atenção para o final desta citação. Meu interlocutor diz entender as razões que me fazem ter uma televisão dentro de minha casa, entretanto não é bem assim que funciona. No próximo item, Maycon através de uma de suas narrativas vai nos fornecer elementos que nos mostram como paulatinamente as imposições contra a televisão fazem com que elas sejam retiradas do convívio familiar.

### **1.7.5. Maycon: *eu não sou crente, mas sei como funciona!***

Maycon é outro de meus entrevistados que se relaciona com a CCB. Este é um caso diferenciado dentro do contexto de pesquisa, por se tratar de um personagem que embora tenha vínculos com a denominação, por frequentá-la desde criança, hoje vai a igreja esporadicamente e quando acontece, ele mesmo diz que seus pais “ficam faceiros”. Seus familiares (pais, irmã, cunhado e avós) são membros assíduos, com destaque para avó paterna com quem ele ia a igreja na sua infância, recebendo balas como pagamento! Entretanto, a partir de sua adolescência deixa de acompanhá-la. Este não pertencimento oficial, seguido de sua natureza, que se encaixa no que podemos chamar de “super sincero”<sup>57</sup>, fez com que ele se

---

assistir programações nos horários das refeições, mas ao término de cada alimentação, cada qual segue seu caminho.

<sup>57</sup> Para ilustrar, cito dois exemplos relacionados a ele de forma breve. O primeiro se trata de uma doação de sangue, obtendo assim um atestado de um dia. Não teria problema algum, se fosse deixado de mencionar que o período de intervalo entre a doação e o trabalho foi de 12 horas, somando a este, ter feito o fato público explicitando a intenção de não vontade de trabalhar no dia em questão. O segundo está relacionado a uma reunião com todos os soldados do turno da noite. Era preciso que dentre os 17 soldados um, a cada dia, se prontificasse a trazer a garrafa de café do refeitório. Quando o líder perguntou se poderia contar com ele, simplesmente em público disse: “Não!”, gerando assim um desconforto geral.

transformasse em um sujeito de pesquisa que tem liberdade de tocar em pontos polêmicos sem se sentir inibido, ou constrangido.

Eu o conheci também na Brafer em 2011, quando retornei à empresa para coletar mais dados de pesquisa. Aquele ambiente foi melhor que qualquer um dos outros em que já estive para estabelecer interlocuções no que se refere à Congregação Cristã. Assim, optei pela transição de esforço contínuo com singelos avanços em uma igreja local, para estabelecer contatos com sujeitos de pesquisa dentro dessa empresa. Maycon desempenha a função de soldador na empresa.

A empresa tem sua matriz em Araucária no Paraná, uma filial no Rio de Janeiro e está abrindo outra em Juiz de Fora, Minas Gerais. Possui aproximadamente 1.000 (mil) funcionários. Fabrica e monta estruturas gigantescas, algumas de reconhecimento mundial, a exemplo, a cobertura metálica do Estádio do Corinthians, o *Itaqueroão*.

Depois de estabelecer vínculos, iniciei uma série de interlocuções e várias entrevistas, sempre nos horários de intervalo das refeições. Na época (2011), meu entrevistado estava com 27 anos.



Figura 1 – Maycon, no setor de soldagem da Brafer Construções Metálicas S/A.

Um dos dados mais significativos apreendidos por mim através deste sujeito de pesquisa está relacionado ao namoro e ao casamento dentro da denominação. Até então, não havia conseguido nenhum dado substancial sobre o assunto, somente havia me deparado com

indicativos mais subjetivos. Por exemplo, percebi que nas entrevistas o casal sempre trazia histórias relacionadas à família de origem, mostrando os vínculos com a religião. Seja como for, a partir de minhas entrevistas com Maycon, meu olhar se enriqueceu. Sua narrativa sobre este assunto está relacionado com o casamento da irmã, dois anos mais nova que ele. Ao contrário de meu interlocutor, que se casou com uma pessoa de outra religião cristã (católica), ela se casou com uma pessoa da própria CCB. Segundo Maycon, “se você não for batizado, você não pode namorar ninguém que é da igreja, nem se casar. Tipo: se você for casado [antes da conversão], você pode se batizar, mas se você não for casado no civil, você não pode se batizar. Você só pode se batizar depois de casar”.

Outra informação importante está relacionada com a chamada evangelização. Entretanto, esta discussão precisa ser problematizada, porque a imagem que se propaga na CCB é de uma igreja que está pautada em um esquema predestinatório, ou seja, pessoas que são destinadas à salvação serão salvas independente de esforços humanos. Logo, a presença deste segmento pentecostal em praças públicas, ruas, no meio de grandes eventos como dia de finados, ou genéricos, indubitavelmente, nunca acontecem. Até que ponto podemos ver a não evangelização como regra? Quando perguntei a meu entrevistado se havia uma cobrança por parte de seus familiares ele respondeu: “Não! O meu pai fala que tudo tem o seu tempo. Eles não me cobram, não pregam pra mim, sabem que eu sei, que eu conheço a Bíblia. Eles só falam que eu conheço a verdade, mas quando eu falo que vou na igreja com eles ficam faceiros, eles ficam felizes”.

Se por um dos lados, o interlocutor afirma não haver uma pressão sobre sua vida na tomada de decisão para a conversão religiosa, por outro ele reconhece que a escolha deve ser consciente e irredutível, mesmo reconhecendo certos benefícios na vida de seus pais:

“Eu conheço, mas é como meu pai diz: ‘Tudo tem o seu tempo’. Eu não posso pedir o batismo e amanhã ou depois, sair da Igreja, *desviar*<sup>58</sup>. Eu penso assim: se for pra ser crente tem que ser que nem meu pai e minha mãe. Se falar com eles, hoje tem culto eles vão, se disser, amanhã tem eles também vão. Meu pai não era assim. Meu pai, gostava muito de bola. Ele chegou até ser técnico de um time amador na Fazenda Rio Grande. Depois que ele se batizou, largou tudo, bebidas, cigarros, amigos, bar [...]. Meu pai quando não era crente ele queria pegar a gente pra bater. Tinha que buscar ele no bar. Uma vez a minha mãe me acordou de madrugada pra buscar ele no bar. Uma outra vez ele chegou a abandonar a casa. Ele foi até metade do caminho, aí eu não sei o que passou na cabeça dele e voltou. Ele estava nos abandonando, ia nos deixar sozinhos. Depois que ele se batizou, mudou

<sup>58</sup> Ao se aderir à nova crença se assume uma série de regras como: renúncias a drogas lícitas e ilícitas, relacionamentos extraconjugais, jogos de todas as formas, etc. Isto implica muitas vezes uma sobrecarga que nem sempre se consegue administrar e aqueles que encontram dificuldades para superação acabam, muitas vezes, diante de uma pressão social ou familiar, abandonando a fé. A ação é chamada no meio evangélico de "voltar para o mundo".

totalmente ele já não é mais assim. Ele ficou mais, mais. Como se fala, quando uma pessoa fica mais calma?”<sup>59</sup> (grifo nosso).

Em seguida ele vai falar sobre como a harmonia familiar se instalou após o processo de conversão do pai, visto ser seu comportamento o causador do desconforto geral:

“Até minha mãe fala. Eles brigavam bastante. Chegava a voar panela de arroz pra todo lado. Nunca mais! Mudou! É isto que penso: Se for pra me batizar, eu vou ter que mudar meu jeito também. Porque a pessoa tem que mudar. Não adianta se batizar e continuar do mesmo jeito. A pessoa vai ter que excluir algumas coisas que ela faz e mudar totalmente, fazer diferente”.

Em outra entrevista ele vai abordar o mesmo tema, mas notem, de forma distinta e até mesmo antagônica, porque se em um primeiro momento ele diz que seus pais o deixam a vontade para decidir seu futuro, em um segundo momento sua narrativa opõe-se à anterior.

“A minha mãe fala, o meu pai também. *Tipo*<sup>60</sup> eu não sou crente, não sou batizado. Se eu morrer hoje, eles falam que eu não vou para o céu, mas se eu me batizar hoje e morrer amanhã, já vou. Até o meu avô, pai da minha mãe, ele ficou muito doente. Eu não me lembro se era câncer que ele tinha, mas ele ficou hospitalizado durante um bom tempo. Meu pai e minha mãe falaram para ele da igreja, mas ele não queria, não queria. Na hora que ele viu que estava morrendo ele pediu para batizar, mas não deu tempo e ele morreu. Eles falam: ‘ele ficou sabendo da verdade’” (grifo nosso)

Quando lhe perguntei se achavam que o parente alcançou ou não a salvação de sua alma, a resposta obtida foi: “Meu pai e minha mãe falam que não, *né*”. Se o assunto parece estar definido, chamo a atenção para a narrativa deste interlocutor e na relação com seus pais que lhe advertem sobre sua condição. Não ser batizado seguido de morte nesta condição, ou seja, sem inserção no processo, acarretaria a impossibilidade de *ir para o céu*, corroborando a definição, citando um fato dentro de sua própria família.

Um outro interlocutor, Israel, que também trabalha como soldador na Brafer, me transmitiu um episódio em que um dos adeptos da CCB ao convidar um conhecido para participar de um culto, foi desafiado a ir primeiro a uma missa, sendo que, depois disto, o desafiante *pagaria*<sup>61</sup> a visita. A indignação se deu, porque depois de ter participado da missa, a pessoa não retribuiu a gentileza. Ainda em narrações relativas a esse interlocutor, Israel, ele mesmo me contou que, por várias vezes, foi a casa de um vizinho tomar chimarrão com a intenção de que ele participasse de algum culto, mas depois de algumas tentativas frustradas, abandonou a interação.

<sup>59</sup> Eu respondi para ele: mais manso. É uma palavra do cotidiano evangélico, vista como uma das virtudes.

<sup>60</sup> Marca de linguagem de meu interlocutor. Eu as retirei de outras transcrições, entretanto o mantive aqui por entender que neste momento, ele faz uma espécie de ligação entre o que seus pais falam dele e o que ele fala de si.

<sup>61</sup> Neste caso, seria participar de um culto na CCB.

Certamente a metodologia de proselitismos em nada se assemelha a sua contemporânea AD, sobretudo em suas demonstrações públicas (algumas delas já enfraquecidas), como os pregadores anônimos nas praças públicas, outras não, como jovens entregando literaturas nas ruas da cidade, mas há uma grande distância entre não evangelizar e ter uma metodologia distinta. A resposta prática disto é o crescimento contínuo desta denominação que para uma grande maioria, seria inaceitável aceitar as regras de conduta, seja pelo número elevado destas, ou pela dureza. E se por um lado estas regras são austeras, para os que estão de fora (inclusive eu, mesmo fazendo parte de uma igreja evangélica, não consigo entender como uma mulher não pode cortar os cabelos, passar batom, usar calça, se depilar ou fazer as sobrancelhas; e os homens para que estejam em conformidade com a vontade do sagrado, têm que indubitavelmente estar no culto ou ensaios de terno e gravata independente do clima ou estação do ano) – para os que estão dentro, ou aos aspirantes, como é o caso de Maycon, as regras são o reflexo de uma igreja que ainda que não se diga abertamente pelo grupo, mas indiretamente sim, é vista por muitos destes fiéis “como a única escolhida por Deus para salvar o homem pecador”. Quando perguntei ao meu sujeito de pesquisa se nas vezes em que vai à igreja ele vai na mesma de seus pais ele diz: “Se for para seguir alguma igreja, eu pretendo seguir a Congregação. Alguns falam que placa de igreja não salva nada. Eu já não! Eu já fui e conheço a Assembleia de Deus e não senti nada. Na Congregação, você se sente mais confortável, sei lá”. Quando lhe indaguei se a causa não seria porque ele conhece a Congregação Cristã desde pequeno, ele completou: “Eu não sei! Eu fui na Assembleia uma vez e pra mim parecia Católica. Eu já fui na Católica com minha sogra. Os pais de minha mulher são de lá e vão todos domingos na igreja de manhã”. Uma narrativa de Maycon pode elucidar esta concepção. Segundo ele, uma vez estavam no açougue e um homem perguntou a seu pai se ele era *crente*. Depois de afirmar que era da Congregação, o homem disse que também era, mas da Assembleia. “Eu vi na cara do meu pai que eles excluem as outras. Se eles fazem convite para você ir na igreja deles, você vai, mas se for para eles irem na sua, eles não vão”. São poucos os casos que fogem está regra. Eu mesmo estive visitando a convite várias igrejas da CCB, e em nenhuma destas se cogitou a possibilidade de um percurso inverso.

Em 2006 preparei aproximadamente 20 questionários de perguntas e respostas básicas, depois os espalhei entre evangélicos que trabalhavam comigo na mesma empresa, porém em outro turno. Os questionários foram formulados para levantar dados de pesquisa para o já referido curso de Antropologia Urbana com a professora Stoll, envolvendo o comportamento

de sujeitos de variadas denominações, entretanto, havia alvos específicos: adeptos da Congregação Cristã no Brasil.

Os sujeitos de pesquisa receberam o questionário, levaram para casa e eu os recolhi, depois de uma semana. Eu já os conhecia, porque antes de mudar de horário eu já havia trabalhado por um ano com todos eles. O questionário era simples com perguntas que abordavam qual a religião de origem, se era a mesma dos familiares, o que era, para eles, pecado, vida eterna, enfim temas do cotidiano evangélico. Mas uma pergunta gerou em um dos meus destinatários um desconforto explícito: O que é para você o relacionamento com não familiares? Dentre os campos de respostas existiam: relacionamentos com membros da mesma igreja, evangélicos de outras denominações, católicos, ateus e espíritas. A resposta dele foi que “as pessoas de outras denominações evangélicas não tem a mesma fê que nós temos isto porque, estão no mesmo caminho dos católicos, dos espíritas e dos ateus”. Este questionário em específico não me foi entregue em mão e sim deixado na portaria aos meus cuidados. Analisando e cruzando as informações, não foi difícil deduzir de quem era e de qual denominação fazia parte. Dos vinte entrevistados, somente uma pessoa não me entregou em mãos. Existiam adeptos das igrejas, Presbiteriana, AD, Batista, IEQ e alguns da CCB. Destes últimos, somente um não havia me entregado em mãos, e era o que formulou tal resposta.

Outro ponto forte na CCB, absorvido, principalmente em interlocuções, mas também através de participação em cultos, são os chamados encontros nas casas da *irmandade*, que funcionam para reforçar os laços dentro do grupo e também uma forma de proselitismo. Segundo Maycon, “os músicos têm vários ensaios por semana, cultos três vezes por semana, vão pra casa dos *irmãos* tomar chimarrão depois dos cultos. Antes de me casar eu ia com meus pais. Quando terminava o culto um ou outro *irmão* sempre te chama pra ir na casa dele”. Meu entrevistado disse também que as sextas-feiras são os dias prediletos para estes religiosos, uma vez que “no sábado ninguém trabalha, ou pelo menos a maioria”.

Se por um lado, os encontros pós-cultos se mostram eficazes na agregação de novos adeptos, e reforço do grupo, deve-se destacar outro, sendo este o ritual de batismo, marcado por cultos com muitas manifestações emocionais e confrontos com o público aspirante, ou seja, os possíveis novos adeptos. Estive participando de dois desses eventos, que me sinalizou esta possibilidade, mas a contribuição significativa veio através de meu interlocutor Maycon, que corroborou não só o fato, mas deu indicativos de como esta manifestação é percebida por quem é de fora. Portanto, elas sabem bem a força contida no rito.

“O meu pai se batizou com 35 anos, hoje ele tem 50. Eu acredito que ele se batizou mais porque ele foi ver o batismo do meu avô. Eu acho que isto

amoleceu o coração dele. Ele fala que se converteu de um dia para o outro. Ele foi num batismo e se batizou. Já a minha mãe tinha feito o propósito que se ele se batizasse ela se batizaria para eles seguirem juntos. O batismo, eu nem vou, por medo de me batizar. Eu não sei se é tempo ou não”.

O batismo é um ponto forte na CCB. Em outubro de 2010 fui participar de um batismo, a convite do ancião João Taborda. Após terem se batizado aproximadamente 50 pessoas, a pessoa que executava o rito, chegou à frente do tanque de batismo, que fica dentro da igreja, e começou a fazer algumas afirmações diante da plateia. “Há alguns que não querem se batizar, porque não quer deixar seu futebolzinho, sua televisãozinha”. A grande maioria destes retardatários eram jovens, nas faixas de 17-20 anos, muitos deles aos prantos. A televisão é vista como fonte desvirtuadora dos bons costumes. Nosso interlocutor Joel havia afirmado que através da televisão ele ensinaria seu filho a se prostituir, porém estes interlocutores deixam de perceber que a televisão reduziria o tempo dos encontros depois do culto o que é uma agravante. O Joel já havia falado que existem alguns que possuem tal equipamento, entretanto, através de Maycon, nota-se que existe uma pressão social para não se tê-las, nem mesmo em casa.

“Eles já eram batizados, mas não sabiam sobre a televisão, então eu não sei se um *irmão* passou para eles. Eu não sei como funciona. Se eles falam o que pode e o que não pode. Sei que eles tiraram a televisão da sala e jogaram para o meu quarto. Quando eu chegava da aula à noite eu ligava a televisão e ficava até altas horas assistindo. No outro dia vinha a minha mãe com a estória que saía cobras de dentro da televisão. Eu não sei se era para vender a televisão, mas todos os dias ela dizia ter sonhado. Foi assim, até que um dia o meu pai perguntou para nós se podia vender, porque estava incomodando eles. Eu disse: ‘por mim vocês podem vender’. Aí ele pegou e vendeu a televisão para meu tio” (grifo nosso).

Eliminar o perigo é garantir a harmonia do grupo e ao mesmo tempo a pureza familiar e social da igreja. Para este segmento religioso, *viver neste mundo corrompido pelo mal já é uma luta*, quanto mais ter dentro da própria casa uma fonte que desvaloriza as famílias, incentivam divórcios, o sexo antes entre namorados, ou fora do casamento e sem limites. Em suma, *ensinamentos que desagradam a Deus*. O item à frente, nos ajudará a perceber um pouco desta dinâmica voltada para relacionamentos.

## 1.8. O NAMORO E O CASAMENTO

Corrêa (1982, p. 7-8) já há décadas afirma que a família (como outras áreas) deve fazer parte da pauta da Antropologia, uma fonte inspiradora de pesquisa, “um tema que,

apesar de muito pesquisado, não o foi suficiente”. É preciso pesquisar e problematizar questões, pois a família, segundo a autora, é vista por alguns como “um mal a ser combatido”; por outros como a “célula-mater da sociedade ou refúgio das atribulações do mundo”. Para ela a causa desta ambiguidade se dá “pela posição de ignorância em que nos encontramos quase todos os que nos interessamos pelo tema, seja pela escassa produção de pesquisas sobre ele, seja porque frequentemente deixamos de incorporar à nossa reflexão uma perspectiva crítica a respeito da forma como ele tem sido historicamente analisado em nosso país”.

Se na década de 80 Corrêa (1982, p. 10-11) afirmava que “no campo dos estudos sobre família no Brasil estamos começando a armar o pulo: tratamos, no momento, de destrinchar as relações cotidianas que sabemos serem importantes para a construção de visões mais globais, às quais nos arriscamos pouco, já que nossas certezas sobre o mais imediato ainda são frágeis”, como estaríamos hoje e quais resultados apresentaríamos da família pentecostal?

No meio pentecostal, o tempo entre o namoro e o casamento, em geral não ultrapassa os dezoito meses. Esse padrão diferencia-se de padrões em que o modelo familiar é mais relaxado no sentido de maior aceitação da sexualidade, ou modelos em que a formação profissional e/ou acadêmica está em primeiro plano. Além disso, a faixa etária dos enlaces matrimoniais, dos pentecostais, situa-se em torno dos 20 anos, isto porque o temor de se sucumbir aos “desejos carnis”, conseqüentemente à “prostituição”<sup>62</sup>, faz com que as uniões sejam genericamente precoces. Para isto arranjos e rearranjos como a construção de pequenos cômodos no terreno dos pais, ou a compra de móveis e eletrodomésticos por parte de parentes e afins, ou ainda em alguns poucos casos, permanecer morando com os pais, são possibilidades, embora a construção no terreno dos pais seja entre todas a mais comum. Geralmente não há tempo hábil para se estruturar financeiramente antes da união, diante de várias pressões sociais e familiares. Estas pressões podem ser acentuadas quando as pessoas envolvidas são filhos de líderes. Para que se cumpram as regras, sanções são aplicadas aos infratores que optam por namoros “picantes”, sobretudo aos que se relacionarem sexualmente antes do casamento, tais como: o tão temido ser “colocado em disciplina”, que consiste na restrição de participar da “santa ceia”<sup>63</sup> e de todas as atividades na liturgia do culto, inclusive

---

<sup>62</sup> Qualquer relação sexual antes do casamento é vista geralmente no meio evangélico como prostituição, não precisando ser necessariamente com alguém que utiliza o corpo como fonte de renda, ou seja, o simples relacionamento íntimo entre casais de namorados, noivos ou viúvos é considerado prostituição.

<sup>63</sup> Semelhante à liturgia católica da eucaristia, entretanto além do elemento pão (hóstia), o vinho (usado pelo padre, distinto dos “fiéis” que não participam do vinho), o fruto da vide é geralmente integral sem álcool.

o de testemunhar<sup>64</sup>. Estas sanções são tão duras que poucos conseguem suportar o desenrolar do processo, que só terminará após o casamento, e em geral mais seis meses “no banco”<sup>65</sup>.

Algumas especificidades encontradas nesta igreja a distinguem de todas as outras. Refere-se a uma espécie de *tabu*. Não se permite o matrimônio de casais que não sejam do mesmo segmento religioso. Isto inclui pessoas de outras igrejas evangélicas e filhos de adeptos, ou frequentadores assíduos não batizados. Estes são chamados de *estranha fé*. Algumas pessoas podem retardar a união até que o parceiro decida pelo batismo. Outros podem ainda encerrar o namoro em consequência de uma não decisão do outro. Embora a igreja propague estas diretrizes através das chamadas *reuniões de ensinamentos*, é de responsabilidade familiar, sobretudo dos pais, fazer com que esta regra se cumpra. Ainda relacionado ao matrimônio, um detalhe não pode ficar de fora. A Congregação não adota qualquer tipo de casamento religioso, seja dentro dos templos ou fora destes, como por exemplo, restaurantes e clubes.

No que se refere ao casamento como durável, apresenta uma posição diferenciada. É muito comum ver casamentos na CCB de duas, três, quatro décadas, às vezes mais; quanto ao tempo de namoro destas gerações veteranas, geralmente não excede seis meses. Já nas gerações mais novas, como já foi dito, o tempo entre namoro e casamento gira em torno de dezoito meses. Cabe ainda dizer que não é um peso para estes e sim algo desejado. Meu próprio interlocutor, Israel (30), namorou Janaina (26) apenas doze meses, estando já casados há dez anos. O casal tem um único filho, Ismael (09). Este é um detalhe que me chamou a atenção em relação aos membros da CCB. Embora na geração dos pais a média de filhos compondo a família nuclear seja de três filhos, a nova geração tem evitado ter mais de um. Exceto Joel (31) que tem dois filhos, os outros não ultrapassaram o primeiro algarismo. Não estou falando de tendência, muito menos que esta média seja generalizada. Certamente existem famílias com um número maior de filhos. Quanto à durabilidade destas uniões cabe dizer que como um recorte dentro da grande sociedade, evangélicos de igrejas cujos níveis de sectarismo e ascetismos são elevados – a CCB está entre elas – em geral, não veem a dissolução da família como uma possibilidade. Para isto, mecanismos que vão desde a pressão social/religiosa, orientações referente a minimizações ou solução dos possíveis focos de atritos, estudos para casais, até utopias, ou seja, acreditar na mudança do cônjuge, mesmo que

---

<sup>64</sup> O mesmo que contar publicamente, no culto, algum acontecimento que possa ser traduzido em termos transcendentais.

<sup>65</sup> Fora de atividade litúrgica.

esta nunca aconteça. Se todo aparato falhar, pode-se acessar o mais fundamental de todos os mecanismos: transcender o problema.

Tratamos até então de casos em que a união passou pelos trâmites da estrutura, porém há outro caso que deve ser pontuado: os “casais amasiados”, ou “amigados”. Pessoas nesta condição vêm indubitavelmente de fora, isto porque mesmo a CCB não realizando casamentos no religioso (e esta é uma de suas características frente a outros movimentos evangélicos e religiosos), o casamento no Civil é regra. Pessoas que são de dentro, de forma alguma vão morar juntas e eles possuem mecanismos para regular isto, dentre eles a família é a mais eficiente. Estas “pessoas” podem ir regularmente à igreja como visitantes, ou na melhor das hipóteses como frequentadores. Não podem participar da “Santa Ceia”, não podem ter oportunidades, ou acesso ao batismo como “rito de passagem”, portanto são formas de segregação entre os bens oferecidos pela igreja e a própria pessoa. Mesmo não sendo imposta a apresentação das certidões do casamento, dificilmente foge ao controle dos especialistas o conhecimento e a situação de cada um de seus membros: geralmente novos membros são respostas de ações proselitistas de antigos membros, que conhecem intimamente a trajetória destas pessoas. Cabe ainda dizer que pode haver sim, e com certeza há, casos de pessoas que são “amigadas” e mesmo assim acessam todos os bens religiosos, inclusive batismo e Santa Ceia, porém tão certo como a existência de casos como este é o desconhecimento do fato em si pela sociedade.

Partiremos para outra problemática. Como a conversão do cônjuge pode acionar mecanismos de trânsito, sobretudo, quando é o homem que se converte em uma igreja distinta à da esposa? Não é difícil perceber no discurso referente ao passado problemático dos casais frases como: “Ai de nós se não fosse o amor de Deus”, ou “Nosso casamento não era feliz por causa das armadilhas do diabo”, ou “Satanás quase conseguiu destruir nosso casamento, mas Deus teve misericórdia de nós!”. A história do trânsito religioso está profundamente marcada nas igrejas evangélicas pela constante busca da reconstrução familiar. Mulheres que começam sua peregrinação entre casa e igreja à procura da “libertação” do marido do alcoolismo, infidelidade, violência doméstica, separações eminentes, coisas dessa natureza. A eficácia de bons resultados tem garantido a uma grande maioria dessas mulheres a “tão sonhada paz”, talvez porque mudanças de atitudes acontecem em ambas as partes e não poucas vezes atribuídas a ações divinas.

O contexto que aciona a grande crise fazendo com que algumas esposas possam buscar recurso na fé muitas vezes tem seu gênesis ainda no namoro. Mas como a convivência é esporádica, sobretudo, o romantismo de acreditar na mudança depois do casamento, acaba

camuflando as informações necessárias ao rompimento. Com o casamento e o passar do tempo a mulher percebe que se uniu a uma figura híbrida. *Não é um monstro, também não é o príncipe encantado que ela romantizou. Ele é um sapo!*<sup>66</sup> Mas ela não quer ficar casada com um “sapo”. É neste momento que, através de uma rede de relacionamentos, entra a válvula de escape: a religião, sem distinção, possui uma qualidade centrífuga, ou seja, se não soluciona o problema, pelo menos traz esperança, lançando-o para fora, o que na grande maioria é o que muitos estão buscando para não ver toda uma estrutura ruir. Se o processo for bem sucedido, mudar de igreja (trânsito), ou de religião (conversão), passa a ser um detalhe diante do que muitos evangélicos chamam de “viver em um verdadeiro inferno”. Como na maioria dos casos é o homem a fonte de todo esse contratempo, a mulher o seguir é o mais prudente ou o mal menor.

Se as informações trazidas neste capítulo não são inéditas (embora eu acredite que trouxe informações no mínimo desafiadoras a qualquer estudioso da religião), pelo menos são coletadas a partir de um ponto diferenciado, ou seja, foram apreendidas por alguém que ocupa uma posição reconhecida como legítima, mesmo que distinta do padrão de religiosidade Congregação Cristã. Esta posição ficou bem clara a partir do momento em que comecei a refletir sobre as vezes em que estive participando de cultos. Dos cinco cultos de que participei somente uma única vez não fui convidado para me assentar nos assentos da primeira fileira<sup>67</sup>, mesmo assim foi no primeiro campo na CCB e eu não era muito conhecido. Defendo que a grande maioria das informações chegou a mim porque sou pastor e por outros fatores como amizade e o próprio trabalho na Brafer.

Participando dos cultos apreendi informações valiosas, mas nada se compara às interlocuções fora deste ambiente formalizado e institucional. Foi nestes lugares informais, escutando as histórias de vida e experiências individuais propagadas àqueles que estão credenciados a ouvi-las, que foi possível perceber que eles não têm interesse algum em construir ou manter viva uma história em comum, nos moldes de uma memória coletiva transmitida de geração em geração. Talvez uma das maiores provas disto seja de um lado as constantes narrativas individuais e de outro o desconhecimento e/ou desinteresse de seu próprio gênesis pentecostal. Um exemplo disto é fácil encontrar: a biografia de Louis Francescon compõe-se de apenas 31 páginas, sobretudo se comparadas com a biografia de

<sup>66</sup> Uma parcela destes contextos de crise se refere a situações não muito claras dentro do período de namoro. Se recordarmos a narrativa de Maycon, podemos perceber o desconforto de sua mãe em relação a brigas constantes do marido, o envolvimento com amigos nos bares, times de futebol etc. Decididamente não é este o sonho de nenhuma mulher.

<sup>67</sup> Este lugar é considerado de *honra*. Ensina-se no meio evangélico que, ao chegar, deve-se procurar os lugares mais afastados; ou seja, é melhor ser convidado para ir para frente do que o contrário.

Gunnar Vingren com 287 páginas e Daniel Berg com 240 páginas. Os números assembleianos ganham maior destaque se somados ao livro *História das Assembleias de Deus no Brasil* (2010) com 360 páginas, totalizando 887 páginas frente às singelas 31 da CCB. Estes dados são mais do que suficientes para deduzir que eles não estão em nada preocupados em construir uma história coletiva.

No próximo capítulo, trabalhamos com o conceito de memórias, sobretudo o de memória coletiva, isto porque, neste momento a fonte de dados de pesquisa a alimentar nossa reflexão está voltada para a denominação Assembleia de Deus e sua construção histórica, com a ajuda de seus adeptos, e já não mais a uma memória individual como é o caso da Congregação Cristã.

## **CAPÍTULO 2: PROBLEMATIZAÇÃO DAS MEMÓRIAS DO PENTECOSTALISMO**

Não se pensa “memória” sem a presença marcante de Maurice Halbwachs (2006) e sua contribuição ao apontar o tema como coletivo, sem desconsiderar as relevâncias contidas nas memórias individuais e históricas, entretanto estas a partir de uma interpretação de “memória coletiva”.

Lembramo-nos de nossas próprias experiências e do que recebemos como aprendizado, seja pela transmissão oral ou escrita. Neste sentido, nossa memória é uma compilação de nossas próprias experiências e as de outros que fazem parte de nosso contexto. Agrega-se a estes, fatos históricos que pela memorização podem se transformar em uma memória compacta em conformidade com o pensamento do grupo, portanto ao mesmo tempo em que é uma construção individual é também uma representação coletiva.

Ao escutarmos nossos sujeitos de pesquisa não podemos desconsiderar esta construção, tendo em vista que o objetivo como resultado é de um aprendizado, cuja memória acessada na maioria das vezes é a reprodução de fatos pré-selecionados, seja por aqueles que transmitiram aos nossos sujeitos, seja pelo receptor ao qual temos acesso, ou por ambos. Não podemos desconsiderar a possibilidade da seletiva da memória quando nos são transmitidos os acontecimentos por parte de nossos sujeitos, como até mesmo os sujeitos aos quais temos acesso, ou seja, que nos são disponibilizados, portanto previamente selecionados. Uma seleção da seleção.

A memória individual não é a protagonista, mas a reprodução parcial de um todo. Halbwachs (2006, p.72) diz que: “para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transportar a pontos de referência que existam fora de si, determinados pela sociedade”. Neste sentido, a força não está na representação pessoal, mas na coletiva e lembranças só podem ser consideradas significantes se significarem a lembrança enquanto grupo. Estas lembranças são reforçadas quando uma experiência é recordada não pela pessoa, mas por muitos:

Nossas lembranças permanecem coletivas, e nos são lembradas por muitos, ainda que se trate de eventos em que somente nós estejamos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS 2006, p. 30).

Halbwachs (2006, p. 72) vai dizer que a memória individual “não se confunde com a dos outros. Ela está muito estreitamente limitada no espaço e no tempo”. Ao me apropriar de acontecimentos, “sou obrigado a me remeter inteiramente à memória dos outros, e esta não entra aqui para complementar ou reforçar a minha, mas é a única fonte”, o que o autor chama de “memória tomada por empréstimo”. Esta memória pode ser enriquecida, através de conversas, ou leituras, mas continua a se constituir de informações externas, como ele descreve:

...por uma parte da minha personalidade, estou envolvido no grupo, de modo que nada do que aí acontece enquanto faço parte dele, nada mesmo do que o preocupou e transformou antes que eu entrasse nele, me é completamente estranho. Mas se quisesse reconstruir em sua integridade a lembrança de tal acontecimento, seria preciso que eu juntasse todas as reproduções deformadas e parciais de que ela é objeto entre todos os membros do grupo. Ao contrário, minhas lembranças pessoais são inteiramente minhas, estão inteiras em mim. (HALBWACHS, 2006, p. 73).

Portanto, distinguiríamos, nos termos desse mesmo autor, a memória interna e a externa, o mesmo que pessoal e social, ou ainda autobiográfica e histórica:

A primeira receberia ajuda da segunda, já que afinal de contas a história de nossa vida faz parte da história em geral. A segunda, naturalmente, seria bem mais extensa do que a primeira. Por outro lado, ela só representaria para nós o passado sob uma forma resumida e esquemática, ao passo que a memória da nossa vida nos apresentaria um panorama bem mais contínuo e mais denso. (HALBWACHS, 2006, p. 73).

É preciso chamar a atenção para como Halbwachs (2006) percebe memória coletiva e história. Para o autor, elas não se confundem, por várias razões: a história é única, baseia-se em uma compilação de fatos, contidos em períodos distintos, devidamente separados por linhas divisórias e com marcas de mudanças. Em suas palavras, “A história é um painel de mudanças”. Ela faz referência a períodos relativamente longos bem como acontecimentos diferenciados. Estes são previamente selecionados, utilizados na formação do conjunto e repassados em forma de ensinamentos, ou seja, disponibilizados para serem apreendidos através de livros ou escolas.

Já a memória coletiva tem como base a continuidade, portanto não há interrupção de pensamentos entre o presente e o passado. Ela também é composta de variedades de memórias e destas abstrai as semelhanças, ao contrário da história que é una e se debruça sobre as diferenças. Na memória coletiva o grupo é percebido por dentro, durante um período curto não ultrapassando “a duração média de uma vida humana”. (HALBWACHS, p. 102, 105, 108-109).

Entendo que para a formação de uma memória histórica, que trabalha a partir das diferenças e compilações de fatos, precisa-se não só computar estes, mas considerar datas, pois certos acontecimentos só poderão ser considerados históricos tempos depois de configurados, mas não antes de perpassar por memórias individuais e/ou coletivas, portanto datas são essenciais para recuperação da memória. Datas e fatos não podem ser pensados fora do contexto. Mais tarde, quando refletimos sobre tais acontecimentos e nos reportamos às datas em que eles aconteceram, “fazemos ‘muitas descobertas’, entendemos ‘o porquê de muitos acontecimentos’” (HALBWACHS, 2006, p. 76), portanto estaremos saindo de nós mesmos e nos colocando no ponto de vista do grupo, sobretudo na observação do porquê de tal data ter determinada marca.

Toda esta tradição oral ou resgate de memória tende a buscar uma formulação, ou seja, a consolidação além do vivido e reproduzido, mas o registrado: Memória e História. Ricoeur (2007), assim define:

A escrita, com efeito, é o patamar de linguagem que o conhecimento histórico sempre transpôs, ao se distanciar da memória para viver a tripla aventura do arquivamento, da explicação e da representação. A história é do começo ao fim escrita. A esse respeito, os arquivos constituem a primeira escrita com a qual a história é confrontada, antes de consumir-se ela própria em escrita no modo literário da escrituralidade. A explicação/compreensão encontra-se assim enquadradas por duas escritas, uma escrita anterior e uma posterior. Ela recolhe a energia da primeira e antecipa a energia da segunda. (RICOEUR, 2007, p. 148).

Em qualquer sociedade a primeira informação acessível é a oral. Através desta é que dentro do resgate das memórias acessamos acontecimentos passados de uma forma significativa, e nos termos de Halbwachs (2006), coletivamente, as lembranças ganham força e consistência, mas não totalizante. Quando se registra um determinado acontecimento, não temos a oportunidade de relembrarmos detalhadamente, mas damos a outrem a oportunidade não só de conhecimento do fato em si, mas também a oportunidade de comparação com outros registros. Sendo assim, se podemos considerar a história escrita como patamar aonde repousam os acontecimentos do passado, a memória é a via de acesso entre o acontecimento efetivo e o registro propriamente dito.

Quando se trata de memória,

...ela não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transportar a pontos de referência que existam fora de si, determinados pela sociedade. Mais que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são palavras e ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente. Não é menos verdade que não conseguimos lembrar senão do que vimos, fizemos, sentimos,

pensamos num momento do tempo, ou seja, nossa memória não se confunde com a dos outros. Ela está muito estritamente limitada no espaço e no tempo. (HALBWACHS, 2006, p. 72).

Para Le Goff (2003, p. 7-16), o conceito de história atualmente apresenta seis tipos de problemas que vão desde o questionamento das relações existentes entre a história vivida e o esforço científico para descrever, pensar e explicar esta evolução, até a substituição da ideia de história do homem, pela ideia de história dos homens em sociedade. Contudo, dentre os seis, quero destacar dois.

Início pela dialética da história e como há uma tendência em resumir-se numa oposição entre passado/presente ou vice-versa, entretanto *em geral essa oposição não é neutra, mas subentende, ou exprime um sistema de atribuições de valores*, portanto, tratamos de uma problemática bem mais complexa. Como pesquisadores não acessamos histórias ou memórias que podemos denominar neutras.

Em 2010, ano que antecedeu o centenário das Assembleias de Deus, houve uma grande mobilização da igreja de Belém em gerar e gerenciar um evento de visibilidade não só nacional, mas internacional. Esta era uma preocupação, digamos, do tempo presente. Bastava caminhar pelos corredores da igreja para observar pequenos grupos conversando sobre metas e projetos de obtenção de renda. Bastava entrar no templo para perceber que o assunto em pauta era este, ou ainda andar pelas ruas da cidade e ver os *outdoors* divulgando o projeto. Houve até mesmo a comercialização de celulares com o logotipo *Centenário da Assembleia de Deus* e com hinos sacros no som que identifica as chamadas, além de papel de parede exclusivo. Isso veio de uma parceria entre a igreja e as empresas Claro e LG.

Entre as pessoas, havia também uma mobilização geral para dominar a história dos pioneiros, debruçar sobre os livros biográficos, autobiográficos e históricos da igreja. O assunto era dominado com propriedade, com destaque para os líderes em relação ao grupo. Uns dominavam melhor, outros nem tanto, mas ninguém estava desprovido de respostas.

Não se pode negar que a Assembleia de Deus possui uma história que caminha nos trilhos de memórias individuais e coletivas, como também não se pode deixar de mencionar que esta denominação se destaca entre quaisquer outras no circuito religioso nacional como uma igreja que obteve êxito em transformar sua história em história escrita, entretanto, de posse de Le Goff (2003), percebemos que uma história *exprime, um sistema de atribuições de valores* e partes destes valores podem ser atributos ideológicos. Talvez esta seja uma das razões de ter escutado por duas vezes, uma em Belém e outra em Curitiba, a presença de historiadores da própria igreja recuperando algumas memórias de pessoas da denominação,

definindo o que seria útil a partir de depoimentos. Até aí, podemos dizer que não há nada de inédito. Nós mesmos selecionamos os acontecimentos que vamos divulgar e a partir do presente recuperamos no passado aquilo que vamos trazer à tona pensando, é claro, no futuro. Esta perspectiva de resgate está para a memória individual, para a coletiva e também para os registros históricos. Mas como complexificar meu campo de pesquisa tendo em vista *passado*, *presente* e projeções de *futuro*, a partir do que escutei e observei?

Na propagação do discurso sobre os pioneiros Daniel Berg e Gunnar Vingren ou na encenação da chegada destes ao porto de Belém, ambos são corajosos homens que abandonaram o sonho de prosperidade material nos Estados Unidos para obedecerem a vontade de Deus, pregando o evangelho, ganhando almas de brasileiros, a começar pelos paraenses, e anunciando o Reino de Deus. Não fez parte do discurso, em momento algum, a dissidência destes com a Igreja Batista. Mas, até que ponto seria viável um discurso desta natureza para uma igreja que deseja passar uma imagem de unidade, inclusive envolvendo outras denominações – não se pode pensar num evento envolvendo milhares de pessoas só com adeptos da igreja local. Nota-se que passado e presente estão em pauta contemplando um momento no passado em que dois heróis anônimos e com poucos recursos, chegam ao Brasil para iniciar um movimento que, 100 anos mais tarde consegue colocar em um único local e na mesma cidade mais de 120.000 pessoas. Seria isto uma propaganda de progresso, de prosperidade e da bênção de Deus? Se pensarmos no presente, certamente que sim, como também podemos pensar na possibilidade de se estar divulgando ao mundo a sua notoriedade. Mas quais as implicações desta movimentação toda no futuro? Seria destituída de intenções? Quantos não gostariam de fazer parte de uma igreja expressiva como esta, sejam pessoas de outras denominações de mesmos fundamentos, ou pessoas de outras religiosidades?

O segundo em importância, que nos é útil, está na interlocução entre ciências, proporcionando como um todo um acúmulo de ferramentas para serem obtidos melhores resultados, ou seja,

...em contato com outras ciências sociais, o historiador tende hoje a distinguir diferentes durações históricas. Existe um renascer do interesse pelo evento, embora seduza mais a perspectiva da longa duração. Esta conduziu alguns historiadores, tanto através do uso da noção de estrutura quanto mediante o diálogo com a antropologia, a elaborar a hipótese da existência de uma história ‘quase imóvel’. Mas poderia existir uma história imóvel? (RICOEUR, 2007, p. 8)

Segundo o autor a matéria fundamental da história é o tempo e o instrumento principal da cronologia é o calendário, entretanto é na oposição entre passado/presente que está a essência no referencial de aquisição da consciência do tempo. Esta oposição entre

passado/presente não é um dado natural e sim uma construção (RICOEUR, 2007, p. 12-13). *Com efeito, o interesse no passado está em esclarecer o presente; o passado é atingido a partir do presente* (RICOEUR, 2007, p. 13).

Tal opinião é compartilhada por Paul Ricoeur (2007). Para ele, diante da possibilidade de rememorar um acontecimento é preciso considerar que algo acontecido no presente pode remeter a uma impressão originária correspondente, intramemória relacionada ao passado, em que o acontecimento “aqui e agora”, se conecte através de uma dimensão temporal entre passado e presente. A reprodução supõe que a lembrança primária de um objeto temporal *desapareceu* e voltou:

A própria rememoração poderá, por sua vez, ser retida na forma do que acabou de ser rememorado, representado, reproduzido. É a essa modalidade da lembrança secundária que se podem aplicar as distinções propostas ademais entre evocação espontânea e evocação laboriosa, bem como entre graus de clareza. O essencial é que o objeto temporal reproduzido não tenha mais, por assim dizer, pé na percepção. Ele se desprende. É realmente passado. E, contudo, ele se encadeia, faz sequência com o presente e sua cauda de cometa. O que está entre os dois é o que denominamos lapso de tempo (RICOEUR, 2007, p. 53).

Quando se busca compreender a relação entre história e memória a partir de sujeitos pesquisados assembleianos, percebe-se, geralmente, entre os adeptos um certo domínio da história de sua igreja. Alguns têm maior domínio das fontes, outros menor, mas indubitavelmente há entre eles uma história compartilhada. Esta história reproduzida possui tentáculos que proporcionam acesso a fatos remotos, através da memória de seus membros, entretanto estes mesmos tentáculos têm estacas fixadas no presente, não obstante, são fatos do cotidiano, muitas vezes específicos, é que vão despertar no sujeito quais acontecimentos e quando, na linha temporal, ele deve recuperar.

Provavelmente até o momento, nunca houve para o pentecostalismo clássico um momento histórico de maior significância que o alcance da marca de 100 anos de surgimento no Brasil. Com seu início no século XX na América do Norte, ganhou suas versões brasileiras em 1910, com a Congregação Cristã no Brasil, e em 1911 com a Assembleia de Deus. Embora as duas denominações deixem marcas na vida social brasileira que perpassam esferas públicas e privadas, a última se destaca em relação à primeira, sobretudo pelo envolvimento político e social como um todo. Juntas, não só movimentam um cenário sociorreligioso brasileiro, mas desperta um interesse cada vez maior entre a comunidade acadêmica, reconhecedora da carência de pesquisas versando a Assembleia de Deus, a maior igreja evangélica brasileira, e a Congregação Cristã, uma das menos acessíveis e enigmáticas.

A história vivida por estes grupos e a de vida de determinados protagonistas que ocupam lugares estratégicos dentro da estrutura religiosa, anexado ao esforço acadêmico para pesquisar e compreender a dinâmica destes, pode nos remeter a uma relação direta entre passado e presente com possibilidades marcada por manipulação, ou seja, “não neutro”, com indícios ideológicos, visto, sobretudo por ações proselitistas, seguidos de forte envolvimento político, traduzido em número crescente de adeptos e representantes em cargos públicos. Passado e presente diretamente relacionados, pois é a partir do momento vivido que se procura construir um passado em que se apresenta uma igreja perseguida, iniciada em meio a muitas dificuldades, sobretudo financeiras, mas marcada pela ousadia e coragem de seus pioneiros e que superaram dificuldades, rejeições, ataques de outras religiões e da sociedade, para alcançar enfim, um local de destaque. Os vários discursos fundamentalmente deslizam na propagação de uma necessidade de se ter representantes que possam “defender a igreja”, seja de assuntos polêmicos como, por exemplo: aborto e casamento de pessoas do mesmo sexo, seja de benefícios públicos, como representações frente a órgãos competentes, nomes de ruas e praças (a mais comum é a “Praça da Bíblia”), etc.

Propomos, neste capítulo, estabelecer, diante deste objeto de pesquisa, uma interlocução entre as ciências sociais e a história, no afã de se obter melhores resultados, utilizando discussões como memória e trajetória, comuns no campo da história e da micro-história. Sendo assim, propomos uma lente de ampliação frente a algumas entrevistas na AD de Belém e da CCB de Curitiba e região metropolitana, sem com isto nos afastarmos da Antropologia, justamente por não haver esta necessidade diante de uma parceria entre estas ciências, o que não é novo, como mesmo aponta Bensa (1998):

Em 1961 Evans-Pritchard anunciava a necessidade de um recurso à história: ‘não vejo diferença capital entre história sociológica e o que certos antropólogos gostam de chamar de dinâmica social, ou de sociologia diacrônica, ou de estudo da mudança social, ou de análise de processo. Aliás, num sentido amplo, eu diria que a antropologia social e a história são dois ramos da ciência social ou estudos sociais. (BENSA, 1998, p. 40-41).

Em dezembro de 2010 estive pela primeira vez em Belém conhecendo a Igreja Mãe das Assembleias de Deus e estabelecendo os primeiros contatos. A oportunidade foi para mim um verdadeiro teste se realmente a condição de pastor evangélico, ainda que de outra denominação (Igreja do Evangelho Quadrangular), era realmente um “abre alas” como discurssei ao longo do curso de Antropologia. Eu nunca havia estado no Norte do Brasil, muito menos estabelecido contato com quaisquer que fossem os sujeitos desta igreja. Não sabia ao menos o que o campo poderia me dizer e muito menos a partir de onde começar. Minha

chegada foi em uma quinta-feira, 09 de dezembro de 2010. Depois de instalado em um hotel chamado Danúbio, próximo da Rodoviária, tomado banho, de roupas trocadas, estava pronto para ir em direção à Igreja, mesmo esgotado fisicamente da viagem. Sempre tive dificuldades em esperar as coisas acontecerem e se em algumas vezes esta ansiedade foi um propulsor, outras vezes foi um verdadeiro desastre. Mas, com certeza, aquela não era a hora de esperar. Eu tinha apenas nove dias para levantar informações, pesquisar, interagir com pessoas com quem eu nunca havia mantido contato antes e, quem sabe, me esforçando e com um pouco de sorte “ser afetado”<sup>68</sup>. Descansar eu teria outras oportunidades de fazê-lo em um outro momento, num outro lugar, exceto ali ou pelo menos naquela ocasião. Não estava a passeio, ou turismo, nem mesmo de férias, ou algo mais senão para a coleta de materiais de pesquisa. Na quinta-feira conheci o pastor Paulo e o pastor Joel, ambos auxiliares. Na sexta-feira os entrevistei. No mesmo dia, conheci e entrevistei o pastor Ananias.

No sábado, fui conhecer a igreja Assembleia de Deus em Soure, ilha de Marajó. Lá, conheci e entrevistei um presbítero chamado Pachara e no domingo tive a oportunidade de ser apresentado ao pastor Samuel Câmara, entrevistando-o por alguns minutos na segunda. Até este momento, sintetizei parte dos fatos, pois quero chegar a uma parte desta entrevista com o pastor Samuel.

Samuel Câmara é pastor presidente da Igreja Mãe das Assembleias, situada na Rua José Malcher nº 1593, curiosamente (ou estrategicamente) a poucos metros da Basílica de Nossa Senhora de Nazaré e da maior manifestação religiosa católica de Belém do Pará, o Sítio de Nazaré. Uma das perguntas que fiz foi sobre o sentimento de estar à frente de uma igreja tão expressiva dentro do cenário brasileiro, e obtive como resposta um discurso construído, que se encaixa na relação histórica entre passado e presente. Seletiva e aprendida, isto porque boa parte do que foi dito, não foi vivido por ele efetivamente:

“Rapaz! Eu sou o oitavo pastor desta Igreja. Os primeiros pastores foram Daniel Berg e Gunnar Vingren, o segundo, Samuel Nyström, o terceiro, Nels Nelson, o quarto Francisco Pereira do Nascimento, o quinto José Pinto de Meneses, o sexto Alcebíades, o sétimo ainda vive, pastor Firmino Gouveia. Eu nunca pensei. Eu antes nunca preguei nesta igreja, o pastor que me antecedeu, ele não gostava muito de mim, mas Deus tem essas surpresas. Deus, quando Ele escolhe, ninguém pode fugir. Eu me sinto honrado eu me sinto feliz de fazer parte desta herança abençoada, deste apostolado dos nossos pioneiros ao mesmo tempo em que me sinto muito pequeno. Creio que você percebeu aqui, eu gosto de estar no meio do povo, estar no meio da igreja do Senhor Jesus. Este cargo é um cargo cobiçado por pessoas de

---

<sup>68</sup> Parto do princípio de um envolvimento íntimo e incondicional com o outro. Ser afetado nos termos de Fravet-Saada (2005) somente foi possível a partir do momento em que o grupo com que a pesquisadora estava envolvida percebeu nela uma identidade em conformidade com a deles. Assim ela deixou de ser uma estranha para passar a ser um deles, mas para isto ela optou pela participação e não pela observação a distância.

renome, mas Deus escolhe as coisas que não são para confundir as que são, de modo que a Igreja é maior do que eu e é ela que me confere a nobreza e não eu que a distingo com a minha própria nobreza”.

Presente e passado dialogam esquematicamente, ordenando tanto cronologicamente quanto à posição ocupada por estes pastores na história desta igreja, como no tempo de discurso verbalizado, sem pausas para acessar a memória, indicando assim, um aprendizado sistemático, isto porque dentre os pastores citados, o pastor Samuel Câmara só teve e ainda tem contato com seu antecessor, o pastor Firmino Gouveia que embora jubilado<sup>69</sup>, permanece ainda como membro da mesma igreja.

Ricoeur (2007) propõe um guia que norteia o percurso do campo polissêmico da lembrança através de uma série de pares que se opõem, dentre eles a dupla, *hábito e memória*. Estes

...constituem os dois polos de uma série contínua de fenômenos mnemônicos. O que faz a unidade desse espectro é a comunidade da relação com o tempo. Nos dois extremos, pressupõe-se uma experiência anteriormente adquirida; mas num caso, o do hábito, essa aquisição está incorporada à vivência presente, não marcada, não declarada como passado; no outro caso, faz-se referência à anterioridade, como tal, da aquisição antiga. Nos dois casos, por conseguinte, continua sendo verdade que a memória ‘é do passado’, mas conforme dois modos, um não marcado, outro sim, da referência ao lugar no tempo da experiência inicial. (RICOEUR, 2007, p. 43).

Assim, a “memória-hábito é a que usamos quando recitamos a lição sem evocar, uma a uma, as leituras sucessivas do período de aprendizagem. Nesse caso, a lição aprendida ‘faz parte de meu presente do mesmo modo que meu hábito de andar e escrever; ela é vivida, é *agida*, mais do que é representada” (RICOEUR, 2007, p. 44 apud BERGSON, 1896, p. 227). Esta “lembrança espontânea é de imediato, perfeita; o tempo não poderá acrescentar coisa alguma à sua imagem sem deturpá-la; ela conservará, para a memória, seu lugar e sua data” (RICOEUR, 2007, p. 44).

Outro pastor entrevistado foi o pastor Firmino. Apresento parte de minha entrevista com este que é um dos personagens de maior vulto neste cenário. Ele esteve à frente desta igreja por vinte e nove anos, não havendo nenhum outro que tenha se aproximado desta marca. Tomou posse como pastor titular da igreja de Belém no dia 28 de outubro de 1968, na época com um total de 8.000 membros e 12 Congregações<sup>70</sup>. Após quase três décadas de

<sup>69</sup> Inativo nas atividades de pastor titular, em decorrência da idade. Geralmente acontece aos 70 anos, faixa etária que pode se estender, caso o pastor esteja apto física e psicologicamente e deseje permanecer na função. Em suma: aposentadoria eclesial.

<sup>70</sup> São igrejas menores, situadas em bairros da cidade, mas que estão ligadas administrativamente à Sede. Os pastores destas igrejas não têm autonomia para tomar decisões, como também gerenciar arrecadações.

administração, segundo ele, o número de membros saltou de 8.000 para 50.000 e de 12 Congregações, para 174. A pergunta feita a ele foi sobre o seu chamado<sup>71</sup> ministerial.

“Eu me converti ao evangelho no dia 9 de abril de 1944, no dia 3 de junho, eu tive o privilégio de ter a experiência do batismo com o Espírito Santo [...]. Os dons do Espírito eram evidentes na vida da igreja e nenhum membro convertido ou líder tomavam decisões sem primeiro consultar o Senhor. Orar ao Senhor, buscar ao Senhor, pra ter a certeza daquilo que ele teria que fazer, para o Senhor e para si próprio. Então, eu sou desta época. Neste mesmo 03 de junho, Deus usou uma pessoa através da mensagem. Nela o Senhor trouxe ao meu coração que eu era um vaso escolhido por Ele para fazer uma grande obra”.

Quatorze anos mais tarde, agora com o título de pastor, Firmino Gouveia assume pela primeira vez uma igreja como titular e em 1958 passa ser o responsável pela Assembleia de Deus na cidade de Tocantinópolis, mas só permanece lá por sete meses, tendo que retornar a Belém para cuidar de assuntos pessoais<sup>72</sup>. A decisão de voltar lhe deixa em condições precárias, não só porque ele precisa retomar o trabalho gerenciando uma espécie de supermercado, mas porque fica sem igreja, sobretudo sendo alvo de críticas por parte de pessoas que questionavam o seu *chamado*. Foi então que surge a oportunidade para ir para a Guiana Francesa, mas como é de origem portuguesa, mesmo morando no Brasil desde seus 03 anos de idade, precisava se naturalizar brasileiro para que sua aceitação fosse confirmada. Este foi outro momento de crise:

“Estávamos reunidos, aí eu recebi uma carta dizendo que o antigo titular da cidade tinha falecido. Pedi o visto e me negaram. Eu fiquei meio magoado até com Jesus e disse: Jesus, Tu me deu todas as provas, tudo que eu te pedi como sinal pra minha ida pra lá Tu deste e, por isso, eu me propus a ir com o apoio da igreja e da liderança da igreja, agora está fechado. Eu não entendendo mais nada. Então Ele falou ao meu coração dizendo: ‘Meu servo, vou te colocar em um lugar onde tu vais fazer muito pela obra missionária. Eu que estou trabalhando na tua vida e estou fazendo como quero’”.

Auxiliando o pastor Alcebíades Pereira Vasconcelos, titular da igreja Mãe, Firmino Gouveia se tornava a cada dia mais próximo, sendo o que ele mesmo chamou de “pau pra toda obra”. Mas em outubro de 1968, após a morte do pastor da igreja de Icoaraci e com o convite feito a ele por parte da liderança desta igreja, decide aceitar assumir como titular, embora com reservas por parte do pastor Alcebíades: “Como vocês convidaram o pastor Firmino e ele aceitou, estou aqui para honrar a determinação de vocês, mas se vocês tivessem

<sup>71</sup> Termo conhecido muito bem no meio evangélico. Ele retrata, de que forma se deu a interpretação humana de um recrutamento, a partir do divino, para trabalhos eclesiais, sendo que, o ser *pastor*, está entre os mais elevados.

<sup>72</sup> O pastor Firmino havia deixado um cunhado administrando seus patrimônios, se configurando em um grave erro.

me consultado antes eu teria dito não, porque precisamos dele na igreja de Belém”. Firmino Gouveia, embora muito feliz, permanece poucos dias como pastor da igreja de Icoaraci. A narrativa que segue se refere ao que aconteceu no final de novembro do mesmo ano:

“Terça feira à tardinha (20 de novembro de 1968) nós tivemos aqui [Igreja central AD] no expediente o dia todo. Quando saímos para voltar para casa, eu estava dirigindo e nós sofremos um acidente, eu e ele [Pr. Alcebíades]. Fomos levados para o hospital. Alguns de nossos companheiros que iam conosco para um encontro [de pastores] a nível nacional seguiram os planos. Nós éramos em torno de 20, sendo que eles foram para o encontro em Fortaleza. Quando voltaram veio também um convite para o pastor Alcebíades ir para Rio de Janeiro trabalhar na nossa Editora [CPAD – Casa Publicadora das Assembleias de Deus]. Ele era jornalista, falava fluentemente inglês e espanhol, já tinha trabalhado na Bolívia. Quando eles voltaram, pois são 04 dias de reuniões, ele já havia saído do hospital. Já eu, fiquei 17 dias, porque precisei enfaixar o rosto todo, pois bati no para-brisa do carro no acidente. Naquele tempo não tinha cinto”.

Quando se escuta uma narrativa como esta, dificilmente se deixa de perceber uma dialética entre o momento presente o passado e futuro, que aos poucos vai construindo um discurso coletivo social conectando os tempos. Le Goff afirma que “a memória na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro” (LE GOFF, 2003, p. 471). Portanto, o *chamado* seja do pastor Firmino ou de qualquer outro líder religioso, precisa carregar em si, uma memória marcada por experiências transcendentais, sendo comum a antítese entre um grande evento, ou melhor, como diria estes atores sociais, *uma grande obra* dialogando com o caos, ou *uma grande provação*. É o passado resgatado através da memória e que tem como responsabilidade, responder as indagações no presente, ao mesmo tempo em que fundamenta o futuro. Passado, presente e futuro interagindo, formando um bloco conciso, cuja proposição é para estes grupos uma espécie de arquitetura divina. Um *Deus que está sempre no controle*, portanto não humana:

“Ao receber o convite [da CPAD] ele me mandou uma carta no hospital dizendo que tinha decidido aceitar, isto porque ele havia pedido a Deus um substituto para o meu lugar, uma pessoa para ajudá-lo. E disse, como Deus não me deu, então sinto de Deus que você deve ser o meu substituto. Quando eu li a carta dele eu disse: ‘Ele ficou meio pirado da cabeça com o acidente. Eu! Pastor da igreja?’ O certo é que eles ficaram fazendo pressão. Pressão, não só deles, mas do ministério local, da nossa Convenção Estadual e pressão. No hospital, já em dezembro eu tive um sonho. Nele eu me via com uma folha de papel nas mãos e no alto, três nomes dos preferidos da igreja para substituição. O primeiro, Estevão de Souza (do Maranhão), escritor e um dos pastores proeminentes da nossa denominação. O ultimo, Túlio Barros, outro proeminente pastor da denominação (do Rio, em São Cristóvão). Meu nome estava no meio dos dois. Abaixo, uma consideração do primeiro secretário da igreja de Belém: ‘Eu voto a favor de Firmino Gouveia.’ Vi a de um outro obreiro da igreja de Belém também votando ao meu favor, indicando meu nome para ser o substituto, o titular da igreja.

Quando eu ia ver a outra folha, a enfermeira me acordou para tomar o remédio, isto era meia noite. Fiquei pensando, nas noites seguintes: ‘Eu faço o que vocês quiserem.’ Quando foi no dia 30 [já fora do hospital], mais um outro candidato se apresentou para concorrer, mas eu levei a maioria absoluta dos votos da igreja. Resultado: 29 anos de trabalho”.

“A distinção entre passado e presente é um elemento essencial da concepção de tempo. É, pois, uma operação fundamental da consciência e da ciência histórica” (LE GOFF, 2003, p. 207), entretanto o problema primordial da operação histórica é segundo Jaques Le Goff, a limitação do presente a um momento específico, seja de forma consciente ou não (LE GOFF, 2003, p. 207). A definição de um momento específico no presente, ainda que histórico, pode ser parte de um programa, um projeto ideológico que “defronta-se muitas vezes com o peso de um passado muito mais complexo” (LE GOFF, 2003, p. 208).

Levou algum tempo para que eu pudesse perceber que, a partir do momento em que ficava estabelecido dia e horário para uma entrevista, meus sujeitos pesquisados já entravam em processo mnêmico, o que explicaria a forma ordenada e rápida com que eles acessavam elementos de seus passados. Um outro detalhe, como já pontuei, refere-se à forma com que procurei conduzir minhas entrevistas, minimizando a influência exercida pelo pesquisador sobre seus sujeitos pesquisados estabelecendo assim um clima de *verdadeiro encontro etnográfico* (OLIVEIRA, 1998, p. 24) pela interlocução, sobretudo, apreender o que estas pessoas querem dizer de si mesmas, seja em ótica pessoal ou coletiva, ou seja: o que é em termos reais, importante para estas pessoas? Com o pastor Firmino não foi diferente. Embora o período em que eu me apresentei à filha dele com objetivo de entrevistá-lo, ao momento em que efetivamente se deu início a entrevista, tenha sido aproximadamente trinta minutos, foi o suficiente para que ele pudesse organizar quais elementos e a ordem para trazê-los, mesmo considerando que seus relatos façam parte de uma organização mnêmica e autobiográfica.

Dois acontecimentos não podem escapar à pontuação: o primeiro é que a resposta inicial da filha do pastor Firmino foi que ele não me receberia e que todo material necessário já havia sido levantado e organizado por Rui Raiol (2008). Na verdade, ela só transmitiu o recado do próprio pastor Firmino. O segundo detalhe é um daqueles que a ciência facilmente questiona, entretanto não só faz parte do cotidiano religioso, mas acima de tudo é aceitável e desejável, ou seja, um suporte de experiência sagrada. Como pesquisador estaria eu privado deste momento, mas não como pastor: no momento em que fui comprar o livro sugerido “Pastor Firmino Gouveia: Jubileu de Ouro a trajetória inspiradora de um ministério aprovado por Deus à frente da Igreja-mãe das Assembleias de Deus no Brasil” (RAIOL, 2008). Eu fiz uma pequena oração antes de retornar à fala com a filha do pastor: “Deus e Pai! Toque no

coração de teu filho Firmino para que ele me receba”. Seja qual for a interpretação, o resultado foi que ela voltou desta segunda vez, dizendo que ele me receberia, o que aconteceu, e pude entrevistá-lo por mais de duas horas.

De minha parte, sou conduzido a uma interpretação que não é peculiar, mas faz parte de uma concepção religiosa pentecostal eficaz. Por mais que eu me envolva academicamente, obtendo recursos de outra ordem que não a religiosa, por vezes me pego em alguma escolha espiritual. Orações como esta, dentro deste contexto, caso seja propagada no meio pentecostal, acaba dando às pessoas que o ouvem uma interpretação de afinidade com Deus, não minha, mas também do pastor Firmino, ou seja: eu falo com Deus, ele me escuta e me atende. Em contrapartida, Deus fala com o pastor Firmino, ele escuta e obedece. Em suma, ambos estamos ligados a Deus e isto reflete positivamente. Posso ainda perceber o valor do acontecimento, ou seja, a raridade de alguém conseguir uma entrevista, pela reação dos vendedores da livraria CPAD em Belém, que fica ao lado da Igreja e é administrada pela família do pastor Firmino. É lá também que fica seu escritório. Assim, tive acesso a vários momentos de sua trajetória como já disse, aquelas que para ele no momento presente eram as mais importantes.

Le Goff (2003, p. 419) defende que “a memória como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.” Cabe ainda pontuar que uma série de ciências abarca esta representação de memória, tais como: a psicologia, psicofisiologia, neurologia, biologia e a psiquiatria. Quaisquer destas “podem evocar de forma metafórica ou concreta, traços e problemas da memória histórica e da memória social” (LE GOFF, 2003, p. 420, apud, MORIN e PIATTELLI PALMARINI, 1974).

No meio evangélico há uma propagação de relação humana com o sagrado perpassando as memórias coletivas e individuais, sendo inaceitável a presença de uma liderança que não apresente em algum momento uma experiência em que fosse possível ter escutado a “voz de Deus”. Eu me lembro de um amigo de seminário em Minas Gerais que dizia: “O povo quer ouvir você dizer que viu anjos”. Eu particularmente nunca vi, mas sei que este pensamento, principalmente no meio pentecostal é vivo. Quando o pastor Firmino me contou que presidiu a convenção paraense das Assembleias de Deus e que havia saído, depois de quinze anos à frente, eu lhe perguntei se Deus havia lhe falado algo ou se um sentimento lhe assinalou a ação. Eis sua resposta:

“Eu sou daqueles que crê que Deus fala com o homem. Ele falou muitas vezes comigo diretamente e, coincidentemente quando assumi, em meio a crises, isto porque sempre o pastor tem tribulações, provas e comigo não foi diferente, um grupo se levantou para fazer uma guerra contra mim. Quatorze pessoas, eu era novo na época. Um dia Deus falou comigo: *Deixe essa gente nas Minhas mãos. Não dirija nenhuma palavra a eles e vá fazer a obra*<sup>73</sup>, *o seu trabalho, me buscando em uma vida de oração e colocando a igreja para orar.*’ í eu meti a viola no saco e procurei me esquecer deles. Depois disto os cultos mudaram. Era derramar do Espírito em cada culto<sup>74</sup>. Foi tremendo! Um mover do Espírito como eu nunca havia visto na minha vida. Batismo com o Espírito Santo, curas, tremendo! Aí a coisa foi se consolidando, mas eles não pararam a guerra e foram até para imprensa, mas eu me mantive calado. Então, esse mesmo grupo decidiu abrir um trabalho<sup>75</sup> em Belém, e me procuraram. Eu digo: ‘Podem abrir, se é para pregar o evangelho não tem problema. Agora, no espírito que vocês estão, tenho as minhas dúvidas...’ Brasil. No Brasil se tem liberdade e aqueles que quiserem iniciar um trabalho evangélico tem toda liberdade para isso. Entretanto, eles estavam preocupados, pensando que iriam sofrer algum tipo de disciplina<sup>76</sup>. Eu não fiz isto, mesmo porque Deus disse que era pra deixar com Ele. Aí eles fundaram a igreja deles [...] isolados da Igreja-mãe. Eles não queriam papo com a Igreja-mãe. O certo é que só durou 14 anos, e dos 14 só sobraram 2. Muitos, Deus levou<sup>77</sup> [...]. Inclusive no dia que eles vieram me informar a intenção de abrir a Igreja eu lhes disse: ‘Olha, se uma obra começada no Espírito como é a nossa Igreja, chamada por Deus lá da América do Norte para semear o pentecostes por dois missionários, sem ajuda de ninguém, pela fé já não é fácil, imagina vocês, com uma obra começada na carne<sup>78</sup>. Eu digo: não vejo nenhuma razão para vocês entrarem nesse caminho, pois vocês nunca me procuraram pessoalmente, manifestando o ponto de vista de vocês, a opinião de vocês em desacordos, para discutirmos buscando um denominador comum. Afinal de contas, o maior chamado não é só para pregar o evangelho, mas estabelecer a paz. Mas vocês podem abrir, não tem problema’” (grifo nosso).

Embora pareça superficialmente que a memória primária seja a pessoal, devemos considerar que esta memória é compartilhada com o grupo e ainda com pessoas fora dele, ou seja, com uma sociedade de afins, passando assim a ser compartilhada coletivamente não só por aqueles que fizeram parte dos fatos em si, mas também a partir daqueles que acessam a memória destes atores sociais ou pela leitura dos registros em livros, destinados a este fim, portanto, de disseminação de memória. Paul Ricoeur (2007, p. 40), ao elaborar o “esboço fenomenológico da memória” afirma que duas observações são necessárias quando o assunto é memória: a primeira é chamar a atenção sobre uma forte tendência de muitos autores em

<sup>73</sup> É o mesmo que continuar desenvolvendo os trabalhos da área como: reuniões com líderes, assistência às pessoas, cuidados dos cultos, visitas a hospitais, etc.

<sup>74</sup> Glossolalia

<sup>75</sup> Dar início a uma nova igreja como uma dissidência da igreja em que fazem parte.

<sup>76</sup> Exclusão da igreja, tendo sempre uma configuração de humilhação e descrédito frente ao grupo. Hoje são cada vez menores estes casos, sobretudo, pelos processos judiciais destinados contra denominações.

<sup>77</sup> Relativo a falecimento.

<sup>78</sup> O mesmo que vontade humana, distinta da divina.

abordar o tema a partir das deficiências, ou seja, ver os fenômenos mnêmicos como anomalias. Para ele “importa abordar a descrição dos fenômenos mnemônicos do ponto de vista das *capacidades* das quais eles constituem a efetuação ‘bem-sucedida’”. O autor intitula também este posicionamento de memória *certa*, pois segundo ele não temos “outro recurso a respeito da referência ao passado, senão a própria memória” e ainda que esta memória em alguma medida se mostre pouco confiável, justamente por significar o caráter passado daquilo que declaramos nos lembrar, “para falar sem rodeios, não temos nada melhor que a própria memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou *antes* que declarássemos nos lembrar dela”.

Havendo, por acaso, falsos testemunhos, não é esvaziando valores contidos no fenômeno mnemônico que se resolverá a questão de forma eficaz e, sim, desmascarar tais testemunhos, através de uma instância crítica, ou seja, o “único recurso é opor aos testemunhos tachados de suspeitos a outros testemunhos reputados mais confiáveis” (RICOEUR, 2007, p. 41). A segunda observação, não menos importante que a primeira é em relação à polissemia, ou seja, a necessidade de se definir critérios para uma interpretação confiável diante de uma fragmentação da memória frente as lembranças em uma perspectiva ordinária.

É possível *esboçar* uma fenomenologia fragmentada, mas não radicalmente dispersa, cujo último fio condutor continua sendo a relação com o tempo. Mas esse fio condutor só poderá ser seguro com mão firme se conseguirmos mostrar que a relação com o tempo dos modos mnemônicos múltiplos, que a descrição encontrada, é ela própria, suscetível de uma tipologia ordenada. (RICOEUR, 2007, p. 41).

No instante em que acionamos nossa memória precisamos pensar na forma com que ordenamos as pretensões, assim de forma imediata nos será possível perceber que lidamos sempre com caracteres fragmentados. Quando lembramo-nos de alguma coisa, exemplifica o autor, é preciso “distinguir, na linguagem, a memória como visada e a lembrança como coisa visada”. Ainda nesta vertente, é preciso ordenar não só a multiplicidade de lembranças, mas definir os “graus variáveis de distinção das lembranças”, portanto, “a memória está no singular, como a capacidade e como a efetuação, as lembranças estão no plural” (RICOEUR, 2007, p. 41). Para o autor, nada é mais significativo que o “respeito ao privilégio concedido espontaneamente aos acontecimentos, dentre todas as ‘coisas’ de que nos lembramos”, tendo como base, nossas afirmações, pois, “nos lembramos daquilo que fizemos, experimentamos ou aprendemos em determinada instância em particular”, mas não se encerra aí, isto porque estão carregados de marcas que apontam dois extremos: singularidades dos acontecimentos e

das generalidades, ambos podendo ser denominados de *estados da coisas*. (RICOEUR, 2007, p. 42), portanto um acontecimento que possa ser visto como único (singularidade de acontecimento), pode nos remeter a algo intrínseco em nossa própria memória como um verdadeiro resgate de coisas (generalidades). “Ora, coisas e pessoas não aparecem somente, elas reaparecem como sendo as mesmas; e é de acordo com essa mesmidade de reaparecimento que nos lembramos delas. [...]. Os encontros memoráveis prestam-se a ser rememorados, menos de acordo com sua singularidade não repetível do que conforme sua semelhança típica, até mesmo conforme seu caráter emblemático” (RICOEUR, 2007, p. 42). O pastor nos ajuda a dar continuidade a estas reflexões sobre memória envolvendo lembranças de sua trajetória de vida e conversão pentecostal.

## 2.1. A CARREIRA DO PASTOR ANANIAS: UM EX-SEMINARISTA CATÓLICO

Outro interlocutor que pode nos ajudar a problematizar memórias é o pastor Ananias. Ele que tem 65 anos (no ano de 2010), se converteu aos dezenove. É pastor auxiliar em tempo integral na Igreja-mãe, engenheiro civil aposentado. Mesmo depois de sua aposentadoria continua na ativa atuando como gerenciador de obras na igreja. O acesso a ele, embora parecesse fácil devido a sua permanência constante em um pequeno escritório, teve a agravante de repetidas interferências por parte de pessoas que precisavam de constantes informações sobre as obras em andamento, ou sobre o recebimento de materiais.

Sua trajetória religiosa teve início no catolicismo com passagem pelo seminário católico, possivelmente por influência familiar, sendo sobrinho direto de tio padre e tia freira. O projeto vocacional católico foi interrompido com marcas de conversão através de uma ação proselitista de um amigo de Exército Brasileiro, como ele mesmo disse: “*companheiro de farda*”. Ele estaria fora do Seminário pelo intervalo de um ano, para cumprir com obrigações cívicas, não retornando para conclusão de sua formação sacerdotal:

“Bom, eu hoje tenho 65 anos e aceitei Jesus aos 19. Fui seminarista católico, pretendendo me tornar padre, mas precisei interromper os estudos para ir para o Exército. Foi nesta época que eu aceitei Jesus<sup>79</sup>. Um colega que era daqui da Assembleia e também de farda me convidou varias vezes para assistir um culto até um dia em que disse pra ele: ‘Eu vou assistir um culto contigo, mas primeiro tu vais assistir uma missa comigo’ [...]. Ele foi assistiu a missa, quando foi à noite nós viemos aqui. Era um culto de doutrina e só entravam membros da Assembleia de Deus com carteirinha, mas tinha um

<sup>79</sup> Marca o momento específico em que a pessoa decide passar pelo processo de conversão. Este momento antecede o batismo que é a marca pública do rito de passagem, chamado de novo nascimento.

pastor que era capitão do Exército, pastor Muniz, então este meu amigo conversou com ele e, o capitão Muniz me fez entrar pela porta do lado. Neste dia eu assisti o primeiro culto. Era uma segunda feira. No domingo seguinte à noite, eu voltei com ele e aceitei Jesus neste dia [...], passando a frequentar regularmente e me envolvendo com a mocidade. Depois disto não voltei mais para o Seminário [...]. Foram três anos, mas somando, científico e teologia, eu estudei cinco anos no total com a função de me tornar padre”.

A apresentação feita por Janaina Amado e Marieta de Moraes Ferreira na obra *Usos & abusos da história oral* (1996), que reúne artigos que tratam o tema e, ao mesmo tempo através destes, propõem uma reflexão sobre os rumos da história oral entre os pesquisadores brasileiros, pode nos dar algumas pistas. Para elas há um consenso entre os pesquisadores de história oral, ou seja, todos “parecem partir de uma ideia fundamental: a história oral inaugurou técnicas específicas de pesquisa, procedimentos metodológicos singulares e um conjunto próprio de conceitos” (FERREIRA; AMADO, 1996, p. 13) sendo que: “O testemunho oral representa o núcleo da investigação” e o “o uso sistemático do testemunho oral possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não têm como ser entendidos ou elucidados de outra forma” (FERREIRA; AMADO, 1996, p. 14).

Pierre Bourdieu (1996) em “A ilusão biográfica” diz que “tentar compreender uma vida como uma série única [...] é quase tão absurdo quanto tentar explicar um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede [...]. Os acontecimentos biográficos definem-se antes como *alocações* e como *deslocamentos* no espaço social, isto é, mais precisamente, nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição dos diferentes tipos de capital que estão em jogo no campo considerado [...]. Não podemos compreender uma trajetória [...] a menos que tenhamos previamente construídos os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou”. (BOURDIEU, 1996, p. 81).

Temos um sujeito de pesquisa que abandonou seus sonhos de ser seminarista e padre, mas é pastor; interrompe seus estudos para se apresentar ao Serviço Militar, passando assim a se relacionar com um número elevado de pessoas com trajetórias distintas e certamente algumas antagônicas às dele; estabelece amizade com um soldado evangélico (certamente tão religioso quanto ele) que o convida para ir assistir um culto, mas antes ele o desafia a ir a uma missa; quando vai ao culto ele se parece envolvido, mas deixa de problematizar que a pessoa que o insere naquele dia é de um alto escalão no Exército, um Capitão. Meu interlocutor interrompe sua formação de seminarista católico, ou simplesmente a transfere? Como já foi dito: ele é pastor! Um pastor que antes do trânsito religioso detectou dificuldades na sua conclusão como sacerdote católico. Segue a narrativa:

“Mas, tem um detalhe: como eu era filho único era difícil ser ordenado padre. Na época não aceitavam e somente podia ser caso autorizado pelo Papa. No Exército, também encontrei esta barreira, só que eu provei que eu era filho único, mas do primeiro casamento de minha mãe, que tinha outros filhos em outro casamento. Meu pai morreu, eu era novinho e ela casou de novo e não tinha condições de me criar, então me deu pra uma tia. Ela não tinha filhos e me criou como se fosse dela. Portanto, a possibilidade de não ser ordenado padre não influenciou a decisão de aceitar Jesus, mesmo porque havia ainda uma brecha para voltar e ser padre, pois tenho na minha família uma tia freira e um tio padre. Ele chegou a ser monsenhor e tinha influência”.

Paulo Renato Guérios (2011, p. 9-29) escreveu um artigo sobre trajetória que nos é útil. Nele há um detalhe que cabe ressaltar, portanto se refere à necessidade de se problematizar a compreensão de trajetória de um personagem e não simplesmente encaixá-lo em uma categoria ainda que corroborada por outros estudiosos deste mesmo personagem. A trajetória de uma pessoa é marcada por uma série de influências acumuladas através da interação em vários contextos, com outros personagens e até mesmo toques ideológicos. A trajetória de uma pessoa carrega em si marcas de redes de interdependência que refletem quem é realmente a pessoa em que se deseja compreender sua trajetória, mas isto não está dado, portanto carece de problematizações. É necessário suscitar o maior número possível de referenciais de sua trajetória: o estudo sobre trajetória parece ser segundo Guérios,

um locus rico para complexificar nossa compreensão acerca da dinâmica de funcionamento de diferentes configurações sociais em níveis de análise. Entretanto, isto apenas pode ocorrer sob a condição de que a pesquisa se apoie em uma cuidadosa análise das redes de interdependência nas quais esta trajetória está ancorada, ao mesmo tempo em que se considera a inserção destas redes em um quadro mais geral. (GUÉRIOS, 2011, p. 24).

Na história de vida do pastor Ananias, deixar de perceber certas nuances é também deixar de lado uma análise mais substancial de sua mudança religiosa, desconsiderando, por exemplo, o celibato católico, regra aos sacerdotes, mas não aos pastores. Meu interlocutor fala de sua juventude, os cultos repletos de jovens e adolescentes, muitos à procura não de uma experiência com o Espírito Santo, mas de um par. Quanto ao padrão ascético e sectário, ele mesmo reconhece que não é muito diferente do de um seminarista:

“Minha conversão foi coisa de Deus. Deus falou comigo, o Espírito Santo me convenceu [...]. Quando eu assisti a pregação do pastor Alcebíades eu não sei como, mas na hora do convite quando eu me dei por conta, estava de joelhos. Não me lembro se alguém me convidou, ou o que. Só sei que eu me vi anestesiado e dobrando os joelhos. Tempos depois, fui fazer uma visita a este meu tio. Na época ele disse, não ter problemas, pois Deus é um. Pensei que ele ia ficar bravo, ele só me disse: *Agora siga bem, se é para seguir a Deus.* [...]. Como eu era jovem, todas as minhas folgas eram dentro da igreja. Como era acostumado com o padrão de seminarista católico, não foi difícil, pois é parecido com o crente, então não mudou muita coisa. Só em

relacionado à fé, isto porque não precisa ter imagem alguma para acreditar e eu sei até o mal que ela faz pra gente. A imagem nos separa de Deus. Ela, nós podemos pegar. Deus é tão forte que ninguém pode” (grifo nosso).

Seja como for, esta recuperação do passado do pastor Ananias, se representa para ele algo, e representa, isto porque não foi necessário muita intimidade ou tempo para que ele tocasse no assunto, é porque esta memória está mais na superfície, mais fácil de se evocar ou buscar. Ricoeur (2007) é quem trabalha o sentido de *evocação* e *busca*, sendo que *evocação* é o aparecimento de uma lembrança: “lembramos daquilo, nesta ou naquela ocasião”. “Ela traz a carga do enigma” [...], ou seja, a presença agora daquilo que estava ausente, mas “anteriormente percebido, experimentado, aprendido”. Já a *busca* é o esforço de recordar algo, que segundo o autor, pode fracassar ou ser bem sucedida e caso se configure este último será a coroação do que o autor chama de *memória feliz*:

Buscamos aquilo que tememos ter esquecido, provisoriamente ou para sempre, com base na experiência ordinária da recordação, sem que possamos decidir entre duas hipóteses a respeito do esquecimento: trata-se de um apagamento definitivo dos rastros do que foi aprendido anteriormente, ou de um impedimento provisório, este mesmo eventualmente superável, oposto à sua reanimação? Essa incerteza quanto à natureza profunda do esquecimento dá à busca o seu colorido inquieto. Quem busca, não encontra necessariamente. (RICOEUR, 2007, p. 46).

Para o autor as lembranças fazem parte de duas categorias de resgate na memória, ou melhor dizendo, de *esforço da memória* sendo elas, a *recordação laboriosa* e a *recordação instantânea*. Com base em Bergson a distinção entre ambos os tipos de recordações suscitam um único questionamento: “Qual é a característica intelectual do esforço intelectual?”. De imediato a “recordação instantânea ser considerada como o grau zero da busca e a recordação laboriosa, como sua forma expressa” (RICOEUR, 2007, p. 46).

De um lado, a recordação da lembrança pertence a uma imensa família de fatos psíquicos: ‘Quando rememoramos fatos passados, quando interpretamos fatos presentes, quando ouvimos um discurso, quando acompanhamos o pensamento de outrem e quando nos escutamos pensar a nós mesmos, enfim quando um sistema complexo de representações ocupa nossa inteligência, sentimos que podemos tomar duas atitudes diferentes, uma de tensão e a outra de relaxamento, que se distinguem principalmente pelo fato de que o sentimento do esforço está presente numa e ausente na outra’ [...]. De outro lado, a questão precisa é esta: ‘O jogo das representações é o mesmo nos dois casos? Os elementos intelectuais são da mesma espécie e matem entre si as mesmas relações?’ (RICOEUR, 2007, p. 47 apud, BERGSON, p. 930-931).

Para o autor, se percebemos que o esforço de recordação está relacionado com diversos tipos de esforço intelectual, isto quer dizer que falamos de uma qualidade gradativa

que pode ir do “mais fácil, que é reprodução, ao mais difícil que é a produção, ou invenção” (RICOEUR, 2007, p. 47):

A essência do esforço de memória parece ser o fato de *desenvolver* um esquema, se não simples, pelo menos concentrado numa imagem com elementos distintos, ou mais ou menos independentes uns dos outros’. É esse modo de travessia dos planos de consciência de ‘descida do esquema para a imagem’. Diremos então que o ‘esforço de recordação consiste em converter uma representação esquemática cujos elementos se interpenetram numa representação em imagens cujas partes se justapõem. (RICOEUR, 2007, p. 47 apud, BERGSON, p. 941).

Nesta altura da dissertação, vejo que é necessário tecer alguns comentários a partir do autor Jessé de Souza (2010) e sua tese sobre a nova classe trabalhadora brasileira. Penso que o contexto denominacional da Assembleia de Deus fornece elementos de construção de um ideal de trabalho e estudos para seus membros que retrata de forma exemplar aspectos que a pesquisa desse autor e equipe encontram nos seus sujeitos pesquisados. Para isto conto com a formação do pastor Ananias, mas sobretudo, do pastor Eurípedes.

## 2.2. PERFIL DO PASTOR JOSÉ EURÍPEDES BEZERRA DE MORAES

O pastor Eurípedes, nasceu em 19 de novembro de 1952, na cidade de Santa Izabel do Pará-PA. Filho do pastor José Paulino Estumano de Moraes, oitavo pastor brasileiro da Assembleia de Deus, e de *irmã* Lavina Bernardina Bezerra de Moraes, líder de Círculo de Oração, professora da Escola Bíblica Dominical e líder de visitadoras. Foi criado em um lar evangélico, “onde lhe foram ensinados os princípios básicos de um verdadeiro caráter cristão, baseados nas sagradas Escrituras” É casado com Nice Laura Almeida de Moraes, há 36 anos, com filhos deste matrimônio: Nise Allyne Almeida de Moraes (Contadora), Nilbert Allyson Almeida de Moraes (Defensor Público do Estado do Pará) e Nill Allayn Almeida de Moraes (Gerente de Redes de Computador, na SANSUNG, em Manaus-AM).

Aos dezoito anos, ingressou no Exército Brasileiro, como soldado, e ao longo de trinta e quatro anos de vida militar, chegou ao posto de Capitão. Durante a sua vida militar foi condecorado com diversas honrarias, dentre as quais, a Ordem do Mérito Militar, Ordem do Mérito das Forças Armadas, Medalha do Pacificador, Medalhas de Bronze, Prata e Ouro, Medalha Marechal Hermes, Medalha do Serviço Amazônico e Medalha de Corpo de Tropa. Realizou durante a sua vida militar os seguintes cursos: Guerra na Selva, Paraquedista Militar e Operações de Comandos. No Exército desempenhou várias funções, dentre as quais, Estado-

Maior Pessoal dos Generais Comandante Militar do Norte, Comandante da 8ª Região Militar em Belém, Comandante Militar da Amazônia em Manaus, Vice-Chefe do Departamento-Geral de Serviços, Chefe do Departamento de Material Bélico e do Departamento Geral de Pessoal em Brasília-DF. Foi também Delegado do Serviço Militar em Bragança-PA.

Paralelamente à carreira militar, concluiu os cursos de Licenciatura Plena em Educação Física, pela Escola Superior de Educação Física do Pará, Pós-Graduação com especialização em Supervisão Escolar, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Bacharelado em Teologia pelo Seminário Teológico da Assembleia de Deus em Belém.

Foi separado ao Diaconato na cidade de Marabá em 1992; foi consagrado a Presbítero em 1999, e em 2002 a Evangelista. Em 2006 foi ordenado Pastor exercendo por seis anos a função de Pastor Auxiliar no Templo Central da Assembleia de Deus em Belém. Em 30 de outubro de 2011, assumiu a liderança da Congregação<sup>80</sup> *José Bonifácio 1*, assim como a Coordenação da região eclesiástica de Guamá 1, constituída por 23 congregações.

O autor Jessé de Souza (2010) apresenta resultados de pesquisa envolvendo o que ele chama de “nova classe trabalhadora brasileira”. Se pensarmos nos relatos sobre parte da trajetória de vida do pastor Eurípedes, a partir de elementos da tese de Souza, é possível perceber, entre outras coisas, uma unidade familiar envolvendo o esforço dos membros que constituem o núcleo em superar as adversidades que a vida lhes impôs através de um esforço muitas vezes composta de horas e horas de trabalhos excessivos somados a estas uma jornada paralela com a escola:

Nossa pesquisa mostrou que essa classe conseguiu um lugar seu lugar ao sol à custa de extraordinário esforço: à sua capacidade de resistir ao cansaço de vários empregos e turnos de trabalho, à dupla jornada na escola e no trabalho, à extraordinária capacidade de poupança e de resistência ao consumo imediato e, tão ou mais importante que tudo que foi dito, a uma extraordinária crença em si mesmo e no próprio trabalho. (SOUZA, 2010, p. 50).

Além deste esforço extraordinário por parte destes *batalhadores*, Souza (2010) e sua equipe de pesquisadores perceberam uma dedicação geral dos membros que compõe os grupos familiares em prol da ascensão, marcados por uma expressa transmissão de valores e exemplos voltados principalmente para a relação com o trabalho. As consequências efetivas deste somatório de exemplos e valores foi a produção de *um capital específico* que eles

---

<sup>80</sup> “Congregação”, não é a mesma coisa que “Denominação” – CCB, AD, etc. Significa apenas uma igreja, no sentido original, a reunião de fiéis. Ou seja a Denominação evangélica Assembleia de Deus possui inúmeras congregações.

chamaram de *capital familiar* e paralelamente, uma *ética do trabalho*. (SOUZA, 2010, p. 50-51).

O núcleo deste ‘capital familiar’. Qualquer que seja a origem social dos ‘batalhadores’ pesquisados, parece se consubstanciar na transmissão efetiva de uma ‘ética do trabalho’. É importante perceber a diferença com relação às classes médias, em que a ‘ética do trabalho’ é aprendida a partir da ‘ética do estudo’ como prolongamento natural. Os batalhadores, na sua esmagadora maioria, não possuem o privilégio de terem vivido toda uma etapa importante da vida dividida entre brincadeira e estudo. (SOUZA, 2010, p. 51).

Seria pouco enriquecedor se percebêssemos histórias de vidas apenas pelo lado social envolvendo os *batalhadores* ou o lado da crença o que significaria também perder elementos importantes de análise. Jessé de Souza aponta como característica geral do pentecostalismo como religiosidade, o “fato de ela ser uma típica religião das classes dominadas” (SOUZA, 2010, p. 271), e assim como os batalhadores que estabeleceram uma crença no futuro que deve ser realizado através de trabalho e ao mesmo tempo uma crença atualizada sempre que necessário frente ao contexto, e à crença para um futuro melhor dentro do pentecostalismo. Quanto a isto, não há conflitos:

A vida dos batalhadores se caracteriza por um esforço permanente para atualizar a crença em uma promessa de futuro. Continuar na fé é a grande batalha. Esse desafio define a estratégia do batalhador na vida social. E ele é decisivo para compreendermos a especificidade de sua vida religiosa no pentecostalismo. (SOUZA, 2010, p. 277).

Se esta crença no futuro é fundamental para motivar sentimentos de superação esta crença não está dada, e sim aprendida ao mesmo tempo em que disseminada entre as pessoas, seja do núcleo familiar ou do corpo de fiéis, maciçamente através dos exemplos de superação, sobretudo nos *testemunhos* que além de incentivar também alertam para a necessidade de ver a derrota como uma impossibilidade, sendo assim, é preciso

...lutar para que a derrota não seja antecipada no comportamento prático, para que a crença em assegurar a dignidade não morra, para que o sujeito não se acomode à sua condição de derrotado. Uma luta para que a única estratégia no jogo não seja a rendição ao destino de reproduzir o passado. (SOUZA, 2010, p. 277).

Jessé de Souza defende a posição do pentecostalismo como uma religiosidade que traz em si marcas profundas de *batalhadores brasileiros*:

Para compreender a especificidade da identidade do batalhador como produto de um conjunto de indivíduos que possuem estratégias semelhantes de luta contra falta de tempo, queremos tomar como foco a análise da vida religiosa e de sua função na atualização de expectativas sobre o ‘devir’. Esse

‘devir’ não está apenas no outro mundo, uma promessa que começa a se realizar na vida imanente (SOUZA, 2010, p. 279)..

Sendo assim, o Capitão da Reserva e pastor Eurípedes é um dos exemplos desta nova classe que vai *ocupando um lugar ao sol*, através da qualificação acadêmica e longas horas de trabalho construídas em paralelo. Procura ser exemplo para pessoas dentro de seu contexto e se encaixar em uma classe emergente que quer transpor sua origem menos favorecida.

O pastor Eurípedes é filho do pastor José Moraes. No próximo subtópico a *irmã* Ondina vai falar um pouco sobre o pastor José Moraes por este ter sido seu sogro, entretanto uma outra narrativa pode neste momento prender nossa atenção no fato. Trata-se do relato da *irmã* Carmem Moraes de Castro. Ela é filha mais nova do pastor José Moraes, de um segundo casamento em decorrência da morte de sua primeira esposa. Segundo ela, seu pai, o pastor José Moraes encerrou suas atividades como pastor aos 78 anos, com problemas de coração e saúde debilitada, devido a uma série de desgastes ao longo dos anos de ministério. Anos em que ele não tinha carro e precisava caminhar quilômetros e mais quilômetros para atender pessoas que precisavam de visitas, da forma pouco convencional de pagamento através de bananas, mamão, farinha, enfim do sofrimento muitas vezes vistos como excessivos. Ela mesma disse em entrevista a mim: “Eu vi muito sofrimento e até pensava: a única coisa que eu não quero é me casar com pastor”.

Estes são dados que remetem à origem familiar difícil do pastor Eurípedes e a superação e o exemplo está não só na apresentação de sua vida, mas também dos filhos. Este argumento se encaixa no que Souza (2010) apresenta como uma *profecia exemplar*, cujo testemunho dentro e fora da esfera religiosa é o veículo eficaz por natureza:

Essa profecia exemplar do dia a dia parece funcionar do seguinte modo: uma pessoa se oferece ou é vista como exemplo por outra (dando seu ‘testemunho’, mostrando como se age em situações práticas), isto é, como referência incorporada, personificada, para que esta última veja como foi ou está sendo possível ‘mudar de vida’, ‘afastar o mal e o pecado’, ‘superar dificuldades’, conseguir um futuro melhor depois de um duro processo de luta pessoal sustentada pela fé no ‘propósito de Deus’. A preocupação de ser e de dar o exemplo para o outro (o que pode ser feito tanto entre ‘especialistas’ ‘leigos’ como somente entre ‘leigos’) parece comunicar a quem recebe o exemplo que as outras pessoas esperam e acreditam que ele mudará sua vida pessoal para melhor. Dito de outro modo: o destinatário da promessa exemplar é confrontado com expectativas sobre sua própria formação como pessoa, com a expectativa de que ele alimente para si mesmo expectativas novas, de que incorpore a disposição para crer no futuro. (SOUZA, 2010, p. 281).

Em um dos dias festivos do Centenário da Assembleia de Deus não pude deixar de refletir em um acontecimento envolvendo o pastor Samuel Câmara e um dos netos de Gunnar

Vingren dentro do centro de Convenções da Assembleia de Deus. O descendente começou falar em inglês em cima do altar em frente a algumas milhares de pessoas. O pastor Samuel pediu que chamassem um intérprete e como estava demorando muito ele mesmo começou e terminou a tradução para o português.

Os membros da Assembleia de Deus apresentam o característico individualismo religioso comum ao protestantismo como um todo e ao pentecostalismo em particular, ou seja, apresentam um discurso em que as falas estão carregadas e exemplos de superação de vida, serem *filhos de Deus* e instrumentos do altíssimo para a transformação do mundo e do próprio meio em que vivem. Quando surgem nesses discursos é possível perceber que as pessoas deste segmento religioso falam sim de suas próprias experiências, mas não leva muito tempo para que estas se incorporem ao coletivo fazendo com que essas trajetórias sejam memórias dentro de uma história religiosa, ou seja, a história que precisa ser percebida como maior para este grupo de religiosos é a história de sua Igreja e as suas memórias a esta estão subordinadas.

### 2.3. O CHAMADO DE IRMÃ ONDINA

Quero trabalhar neste momento a partir das memórias da senhora Ondina, ou melhor, *irmã* Ondina: no meio pentecostal clássico, assim como entre a maioria dos evangélicos, chamar alguém de *irmão* vai além de parentesco, cujo Pai é celestial, portanto falamos de um *título*. Pastores se relacionam com *suas ovelhas* chamando-as de *irmã fulana de tal*, que está próximo do *irmão sicrano de tal*, raramente se ouvindo a referência *beltrano de tal*. As poucas exceções podem acontecer quando se há parentesco consanguíneo e/ou afinidade, ou em desníveis de gerações<sup>81</sup>. O antecessor *irmã(o)* para o coletivo comum, assim como o de pastor, presbítero, evangelista, diácono (Assembleia de Deus) e ancião, cooperador, diácono (Congregação Cristã no Brasil), para o corpo de especialistas é, acima de tudo, uma questão de respeito: um homem se referir a uma mulher sem utilizar o título é visto genericamente pelo grupo como falta de respeito, ou excesso de intimidade .

*Irmã* Ondina minha interlocutora é natural do Estado do Pará, tem 78 anos e veio morar em Curitiba aos trinta e dois. Ela é um caso específico por várias razões como: ter a

---

<sup>81</sup> Pessoas que estejam em faixas etárias de maior elevação em relação a outras de faixas bem inferiores, por exemplo. Mas é uma exceção, sobretudo, não geral e sempre descendente, jamais ascendente, ou seja, são os mais velhos que chamam os mais novos pelo nome, às vezes de *filhos*.

possibilidade de comparar elementos culturais entre o Pará e Paraná, ser viúva de um dos filhos de um pastor pioneiro no Pará chamado José Moraes, ter marcas de uma vida inteira perpassando o pentecostalismo clássico, pois é sua religião de origem.



Figura 2 – Irmã Ondina

A primeira vez que escutei falar dela foi em Belém, através de sua cunhada Carmem que faz parte da Igreja-mãe das Assembleias. Irmã Carmem é mãe de um de meus melhores sujeitos de pesquisa naquele Estado, chamado Gustavo, ou diácono Gustavo, sobre o qual estarei falando em outro momento. Agora, segue parte da entrevista em que ela conta como era a difícil situação financeira da família de seu marido e algumas dificuldades enfrentadas por eles e a de um aventureiro que decidiu *pregar o evangelho de Cristo*:

“Eu me lembro de algumas coisas que meu marido contava. Ontem mesmo, eu estava me lembrando sobre o dízimo. Eles eram 19 filhos, uma família grande morando em Bragança município do Pará, passando muitas necessidades. Naquela época, não era como hoje em que pastores têm regalias de morar em casas pastorais e ter tudo. Antigamente não tinha isto. O pastor Moraes, que era o pai de meu marido, tinha que ir para o interior trabalhar pregando o evangelho, angariando dízimos e quando ele voltava, estava com a carroça cheia de víveres, verduras. Não era em dinheiro era tudo assim. Os que ficavam em casa passavam necessidades, pois, eram todos pequenos. Alguns maiores trabalhavam e cuidavam dos menores, no entanto, mesmo sendo uma família grande, eles passaram muitas lutas, mas Deus deu muitas vitórias”.

Para Paul Ricoeur (2007) existem ainda dois tipos de memória a se considerar, sendo elas a memória corporal e a memória dos lugares. É esta primeira que nos interessa agora, podendo ser encontrada segundo o autor, no corpo habitual, bem como no corpo dos acontecimentos, ou seja, em coisas do nosso cotidiano como “dirigir o carro”, ou marcas em nosso passado: “as provações, as doenças, as feridas, os traumatismos do passado levam a memória corporal a se concentrar em incidentes preciosos que recorrem principalmente à memória secundária, à relembração, convidam a relatá-los”. (RICOEUR, 2007, p. 57). Portanto,

a memória corporal é povoada de lembranças afetadas por diferentes graus de distanciamento temporal: a própria extensão do lapso de tempo decorrido pode ser percebida, sentida, na forma da saudade, da nostalgia [...]. o momento da recordação é então o do reconhecimento. Esse momento, por sua vez, pode percorrer todos os graus da rememoração tácita à memória declarativa, mais uma vez pronta para a narração (RICOEUR, 2007, p. 57).

Quando a *irmã* Ondina recorre em sua memória, trazendo fatos de seu passado, é possível perceber que uma grande maioria destes, poderiam ser conduzidos facilmente ao esquecimento. Estes mesmos acontecimentos passam a ser ressignificados e reinterpretados de forma distinta a partir do momento em que se acredita em uma superação da *provação*<sup>82</sup> ao mesmo tempo em que se está no centro da vontade divina, transformando as experiências pessoais em verdadeiros *testemunhos*<sup>83</sup> pessoais e/ou coletivos. Suas experiências e das pessoas que a cercam são compartilhadas com a família – assim ela pode falar sobre as dificuldades vividas pelo marido e não por ela – e com o grupo que a cerca. Aqueles que viveram tais acontecimentos são corroboradores destes fatos, e os que não viveram, mas fazem parte em alguma medida, passam a ser propagadores destas mesmas memórias como é o caso da família e da igreja que veem estas pessoas como os pioneiros de uma fé coletiva.

Na interpretação de Paul Ricoeur (2007) “a busca da lembrança comprova uma das finalidades principais do ato de memória, a saber, lutar contra o esquecimento, arrancar alguns fragmentos de lembrança à ‘rapacidade’ do tempo [...], ao *sepultamento* no esquecimento”, sendo que, o “dever da memória consiste essencialmente em dever de não esquecer. Assim, boa parte da busca do passado se encaixa na tarefa de não esquecer. De maneira mais geral, a obsessão do esquecimento passado, presente, vindouro, acrescenta à luz da memória feliz a sombra de uma memória infeliz” (RICOEUR, 2007 p. 48). Em nossa interpretação, não desconsiderando os pontos aqui mencionados pelo autor, entendo que não

---

<sup>82</sup> Acredita-se que de tempos em tempos aqueles que são fieis a Deus passam por uma avaliação quanto à fé. Caso vençam a prova recebem recompensa. Se não, podem enfrentar extremas dificuldades, mas não está descartada uma segunda, ou terceira chamadas.

<sup>83</sup> Tornar público um determinado acontecimento. Esta prática é mais difundida na CCB que na AD, embora ambas se utilizem deste recurso.

se trata neste recorte em específico, a lembrança de fatos iluminados pela memória feliz, vistos como agradáveis de retorno ao passado em detrimento de outros fatos que poderiam facilmente ser obscurecidos e lançados no esquecimento, à sombra de uma memória infeliz, isto porque tais acontecimentos aparentemente nefastos são ressignificados e devolvidos na forma de uma outra espécie de memória feliz, portanto distinta da memória feliz nos termos de Ricoeur, não obstante, a própria interlocutora deixou claro que, o sofrimento que seu marido viu o pai passando, anexo à família, foi uma das maiores razões por ele nunca ter desejado o *ministério*<sup>84</sup>, ou seja, seguir os mesmos passos do pai pastor. Esta reinterpretação acabou dando a eles possibilidades de reprodução de discurso.

O marido de *irmã* Ondina, como já foi dito, nunca se envolveu efetivamente nos trabalhos da igreja. Ele que foi transferido do Pará para o Paraná pela RFFS/A (Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima), aposentou-se nesta mesma empresa, nunca desejando o ministério, entretanto sendo considerado por ela, um grande conselheiro e ajudador:

“Nunca passou pela cabeça dele ser pastor, mas eu como dirigente do círculo de oração<sup>85</sup> ele me dava uma cobertura total. Eu saía toda terça-feira para oração na central em que dirigi por 17 anos. Para ele não era problema se eu ia passasse o dia inteiro na igreja e à noite ele ia me buscar, isto porque além do círculo de oração eu fazia parte do coral, por isto só chegávamos em casa lá pelas dez, dez e meia da noite. Sempre que eu chegava na época de frio tinha uma canjinha pronta e torrada para eu comer. Nós sentávamos e ficávamos conversando, mas ele nunca me impediu de trabalhar. Eu trabalhei muito como professora de Escola Bíblica Dominical<sup>86</sup>, também nunca me negou, mas nunca fez parte também, entretanto me dava total liberdade. Orava muito por mim, era um conselheiro. Quando eu o perdi a falta foi grande, pois ele era aquele conselheiro que sabia ouvir calado. Não me interrompia em nada e quando eu contava os problemas, era como se ele fosse o meu pastor”.

Podemos a partir deste ponto da entrevista partir para uma análise de uma história de vida de primeira mão, em que minha interlocutora traz elementos de sua própria memória, sua história oral. Queiroz (1987, p. 272), diz ser recente a apropriação da história oral, por parte dos cientistas sociais como uma das técnicas de coleta de materiais, sendo comum a utilização maior entre os micro-historiadores. Entretanto, sua eficiência a fez ser por vários cientistas

<sup>84</sup> Posição eclesiástica em que se encontram o corpo de especialistas

<sup>85</sup> O círculo de oração é formado por um grupo de mulheres que são consideradas a sustentação espiritual da igreja. A responsabilidades delas é se reunirem para “falar com Deus” sobre as dificuldades enfrentadas pela igreja, proteção ao pastor, apresentar os membros, os enfermos, os Estados, o País, os Governos, etc. Homens não fazem parte deste grupo muito conhecido no meio assembleiano e fora dele como “as *irmãs* do círculo de oração”.

<sup>86</sup> É uma escola dentro da própria igreja, geralmente funcionando nos domingos pela manhã e tem o objetivo de ensinar princípios, bíblicos, teológicos e doutrinários (usos e costumes).

considerada e encarada “como ‘a’ técnica por excelência, e até mesmo a única válida para se contrapor às quantitativas”. Cabe dizer que segundo Queiroz (1987), uma boa parte destes cientistas sociais “encaram a história oral, e principalmente, a história de vida como um instrumento fundamental de suas disciplinas”. Em contrapartida, com base teórica em W.I. Thomas (1863-1947) e de F. Znaniecki, (1882-1958), ambos sociólogos, apontam que a técnica não pode ser utilizada como fonte única de análise e sim uma complementação a outras técnicas de coleta de dados. Mas,

para estes autores, o relato oral se apresenta como técnica útil para registrar o que ainda não se cristalizara em documentação escrita, o não conservado, o que desapareceria se não fosse anotado; servia, pois, para captar o não-explicito, quem sabe mesmo o indizível”. (QUEIROZ, 1987, p. 272).

Como pesquisador acabo selecionando aquilo que mais me interessa dentro da entrevista coletada e mesmo que tenha optado por deixar minha interlocutora o mais à vontade possível, para trazer à tona aquilo que lhe era de maior relevância, não existe neutralidade por parte de quaisquer pesquisadores.

Desde que o processo de transmissão do saber se instala, implica imediatamente a existência de um narrador e de um ouvinte ou de um público. Ao se operar a passagem do oral para um signo que o ‘solidifica’, seja ele desenho ou escrita, instala-se novo intermediário entre narrador e público. O intermediário pode ser também um indivíduo que funcione como transmissor dos conhecimentos que ouviu de outrem. (QUEIROZ, 1987, p. 273).

Consequentemente, seja através da oralidade, ou do seu registro pela escrita ou em forma de desenhos, havendo intermediação há também “uma reinterpretação do relato oral” haja visto que, “o indivíduo intermediário, por mais fiel, acrescenta sua própria interpretação àquilo narrado” (QUEIROZ, 1987, p. 273). Caso contrário, ou seja, não havendo a interferência de outrem, estaríamos falando de história de vida. Nela é o narrador que, sozinho define o que será o gravado. Foi ele também que, por motivos estritamente pessoais, se dispôs a narrar sua existência, fixar suas recordações. Este não é o nosso caso e nem de outro pesquisador que me antecedeu, mas que não o conheci: quando eu a entrevistei pela primeira vez, ela havia me dito que poucos dias antes de minha entrevista, ela havia sido entrevistada por um historiador da própria AD sobre histórias remotas da própria igreja, vividas por eles. Não tive acesso à entrevista, nem mesmo a fragmentos, mas penso que possivelmente partimos de motivos distintos. De imediato, havia uma diferença distinta entre nós. Ele só esteve com ela uma única vez enquanto eu não só retornei outras duas vezes como ficou estabelecido um laço que me permite retornar. É possível que uma das maiores contribuições para este estreitamento tenha sido a presença de minha esposa em nosso terceiro encontro.

Levá-la foi um acerto, inclusive minimizando o distanciamento existente pela falta de amizade, por exemplo. Mas quanto à distinção entre métodos de pesquisa está situado na forma de abordagem frente ao narrador. Nos termos de Queiroz (1987):

A diferença entre história de vida e depoimento está na forma específica de agir do pesquisador ao utilizar cada uma destas técnicas, durante o diálogo com o informante. Ao colher um depoimento, o colóquio é dirigido diretamente pelo pesquisador; pode fazê-lo com maior ou menor sutileza, mas na verdade tem nas mãos o fio da meada e conduz a entrevista. Da ‘vida’ de seu informante só lhe interessam os acontecimentos que venham se inserir diretamente no trabalho [...]. o pesquisador tem as rédeas nas mãos. A entrevista pode se esgotar em um só encontro; os depoimentos podem ser muito curtos, residindo aqui uma de suas grandes diferenças para com as histórias de vida. (QUEIROZ, 1987, p. 276).

Nas histórias de vida, o narrador tem autonomia para expor aquilo que entende como importante, sendo assim o gestor de suas falas. Ele está em condições de prioridade, enquanto o entrevistador se mantém o mais passivo possível. Portanto,

embora o pesquisador subrepticamente dirija o colóquio, quem decide o que vai relatar é o narrador, diante do qual o pesquisador deve se conservar tanto quanto possível silencioso. Não que permaneça ausente do colóquio, porém suas interferências devem ser reduzidas, pois o importante é que sejam captadas as experiências do entrevistado. Este é quem determina o que é relevante ou não narrar, ele é quem detém o fio condutor [...]. Pode ser difícil fazê-lo concluir, pois há sempre mais e mais acontecimentos, mais e mais detalhes, mais e mais reflexões que a memória vai resgatando. (QUEIROZ, 1987, p. 276).

*Irmã Ondina*, nesta altura da entrevista, inicia uma mescla das experiências compartilhadas por seu marido, dando prioridade a suas próprias experiências. Este é um fato é comum e geral entre os pentecostais: ter muito a dizer dos outros, mas também ter muito a dizer de si mesmos.

“Eu fazia parte da assistência social da igreja e por isto tinha que saber as necessidades que existiam ali e as pessoas estavam precisando de ajuda. Tinha que coordenar o bazar, atender pedidos e até fazer pagamentos. As ofertas do círculo de oração eram mínimas, muitas vezes nós tínhamos que tirar do nosso para poder suprir necessidades e ele me dava todo apoio. Eu acho que como filho de pastor ele aprendeu essa parte de ser humilde, de saber ouvir e dar apoio, porque o pai dele era assim. Era uma pessoa muito conselheira. Foi ele quem fez nosso casamento na igreja e também o pedido de noivado [pastor José Moraes]. Então era assim! Ele era uma pessoa muito querida em Belém, a família dele era a minha família e naquela época os crentes eram muito unidos. Não é como hoje, hoje a gente só reúne quando morre alguém, ou vai visitar quando sabe que tá muito mal, mas antigamente não era assim”.

O sociólogo austríaco, de radicação francesa Michael Pollak (1992), vai abordar entre outros temas, as “Intervenções no debate sobre o depoimento pré-construído, comum entre os

políticos”. Nele o autor vai levantar questões sobre três estilos de organização da oralidade envolvendo grupos de pessoas, partindo da análise de falas das deportadas na França. Mas antes ele diz ser necessário definir critérios. Estes, porém, podem nos ajudar a pensar minha primeira entrevista com *irmã* Ondina (em 2011) e também meus contatos com o pastor Paulo e Ananias. Era comum entre os adeptos da Assembleia de Deus falar primeiro sobre a história da Igreja encaixando suas trajetórias pessoais nesta história maior. Havia, então, uma situação social de justificação e de construção da própria personalidade como do grupo, afinal, era o ano do centenário da Assembleia de Deus. Quanto aos critérios Pollak analisa:

Entre as falas das deportadas, encontramos três tipos de estilo: estilo cronológico, estilo temático, e o que chamamos de estilo factual. Todo relato mistura esses três estilos. [...]. Mas descobrimos que o predomínio do estilo cronológico estava correlacionado com [...] um grau mínimo de escolarização. [...]. Percebemos também que o relato que seguia uma cronologia era fortemente correlacionado com a presença de uma socialização política. (POLLAK, 1992, p. 13).

O segundo estilo definido pelo autor é o “temático”, entretanto ele mesmo chama a atenção à necessidade de se reportar a outras pesquisas, não sendo conclusivo, mas em linhas gerais o estilo temático se dá “quando alguém se liga pouco à cronologia. [...]. Fala do tempo na escola [...], sobre sua profissão, [sendo da área da saúde a exemplo], sobre a medicina em geral, ou sobre o funcionamento no hospital, etc. Esse caso correspondia a um grau elevadíssimo de escolarização” (POLLAK, 1992, p. 13)

Já o “estilo factual” que na reflexão e interpretação sua e do corpo de estudiosos, corresponde a um “grau educacional baixíssimo, a pouca experiência, tanto profissional como política”, sendo que as narrativas das pessoas que se encaixam neste estilo são de relatos “completamente desordenados”. Ou seja: “pulava do filho caçula para a deportação [...]. A gente não sabia mais onde estava, era uma mistura de temas, não havia ordem aparente”. (POLLAK, 1992, p. 13-14).

Dentro desta proposta de Pollak (1992), sem muitas dificuldades, é possível identificar a *irmã* Ondina como pertencente ao *estilo cronológico*. Nas interlocuções, era possível perceber ordenação cronológica dos acontecimentos que paulatinamente eram resgatados em sua memória. É possível fazer análise também a partir do grau de educação, segundo ele embora “mínimo”, mas seguido de uma forte socialização política. As gerações posicionadas entre as faixas de 60-70 anos, no meio pentecostal, embora sejam bons narradores têm pouca formação escolar. Falam com muito entusiasmo dos filhos, netos, sobrinhos, filhos de amigos e etc. que fazem parte da denominação, com formação acadêmica, mas são poucos os que alcançaram a graduação. Os pastores Paulo de Oliveira e Ananias estão entre os poucos que

conseguiram tal façanha. O primeiro formado em Ciências Jurídicas, o segundo em Engenharia Civil. *Irmã* Ondina não se encaixa no que Pollak (1992) chama de *estilo temático*. As entrevistas mostraram que não há uma abordagem de temas específicos, ao contrário, a ordem cronológica foi seguida, portanto essa característica é distinta ao estilo temático, mas algumas vezes havia marcas de desordem cronológica dos acontecimentos. Isto não foi comum, mas utilizo a frase de Pollak: “Insisto que estou dando aqui uma caracterização extrema, pois todos os relatos longos são constituídos por uma mistura de estilos, embora haja um predomínio em cada caso” (POLLAK, 1992, p. 14), ao trazer esta parte do relato:

“Certa vez, o pastor José Moraes foi perseguido por uma pessoa que não gostava dele, mas quando essa pessoa chegou perto, ela parou, ficou estática. Ele estava orando, pois era uma pessoa de oração, espiritual, mas não era de orar em voz alta. Dizia: ‘Deus não é surdo!’ Quanto àquela pessoa, meu sogro teve amor, chegou até ela para perguntar se estava precisando de alguma coisa, mas a pessoa não falava nada. Depois de muito tempo a pessoa se ajoelhou nos pés do pastor José Moraes, pediu perdão e disse que tinha ido lá para dar uma surra nele, de reio de cavalo. Ele foi mandado pra isto, mas que naquele momento era como se estivesse amarrado. Ele entendeu que foi o poder de Deus, aceitando Jesus naquela hora. Naquela época as coisas eram assim. Em Belém, nós tínhamos um pastor chamado Francisco Pereira que era muito amigo nosso. Fazia muitos cultos na nossa casa, sempre nas quartas-feiras. Ele era muito amigo do meu pai e contava que um dia foi fazer um culto lá em Bragança-PA e quando estava pregando ele foi atingido na coxa por um arpão, mas Deus deu vitória. Ele precisou ir para o pronto-socorro tirar. Era muita perseguição naquela época, hoje é mais tranquilo graças a Deus. Pra se ter ideia, hoje em dia em Belém o nosso coral da Assembleia canta na Basílica em casamentos.”

É fato que a igreja Assembleia de Deus não é definitivamente uma sociedade sem escrita, ao contrário ela está situada entre as que melhor registram sua história, entretanto neste caso em específico, lidamos com memórias orais, em vias de se tornar escrita em algum momento. As narrativas de dona Ondina fluem de forma leve, respaldadas em suas próprias lembranças, seja daquilo que ouviu de seu marido, sogro, parentes e amigos, seja através de suas próprias experiências, seja através de livros, partindo do pressuposto de algumas outras entrevistas em que a memória transmitida era também uma memória escrita.

Escutei algumas vezes, de alguns interlocutores assembleianos, como: Pr. Paulo de Oliveira, Pr. Joel, presbítero Pachara, que diante de divergências entre o que eu estava ouvindo deles e o que estava registrado nos livros, era para considerar o escrito e não o falado. Não tenho razões para desconfiar das narrativas de *irmã* Ondina, mesmo porque, o recurso para sanar tais deficiências, opondo aos “testemunhos tachados de suspeitos outros testemunhos reputados mais confiáveis” (RICOEUR, 2007, p. 41) parece não ser uma opção justamente pela falta destes outros testemunhos. O que não nos falta é a possibilidade de

chamar a atenção para a liberdade com que ela acessa os fatos e uma seleção do que se pode dizer. Nas narrativas de *Irmã Ondina* o homem que vai para agredir o pastor Moraes, não tem nome, assim como os mandantes. O mesmo acontece quando fala do pastor Francisco Pereira dizendo que antes era muita perseguição, mas não diz de quem. Portanto, secreto e ao mesmo tempo dito.

Em minha interlocução com dona Ondina pude perceber, ainda, como as experiências das pessoas que ela resgata em sua memória, concorrem com suas memórias pessoais, portanto, aquilo que ela diz dos outros não é mais importante a princípio do que dizer de si mesma. Isto se configurou lucrativo, principalmente por proporcionar uma reflexão de como o sujeito no meio assembleiano deve ser visto no grupo e não fora dele. Falar de si mesmo serve para reforçar o que se diz do grupo: memórias pessoais vão inexoravelmente reportar ao grupo. O coletivo/social é uma espécie bem maior.

“Eu me lembro que um dia nós estávamos no culto de Santa Ceia. Domingo. Assim que terminou, o pastor Pimentel foi até onde eu e meu esposo estávamos sentadinhos e disse: ‘*Irmã Ondina quero lhe fazer um convite*’. Eu disse: ‘Pode fazer, pastor’. ‘*Eu quero convidar a senhora para vir dirigir o círculo de oração*’ Eu olhei para ele e disse: ‘Pastor este não é meu departamento’. Ele me perguntou: ‘*E qual é o seu departamento?*’ ‘O meu departamento é trabalhar com crianças’, respondi. Então ele disse: ‘*Então continue*’. As lutas foram grandes por causa deste meu não. Elas foram tremendas. Eu perdi a minha filha mais velha. Ela me substituiu na Escola Bíblica Dominical quando eu saí para trabalhar com os adolescentes. Ela era casada e quando teve o segundo filho, o Senhor a levou no parto. No início eu não entendia as razões das lutas tremendas com filhos, com tudo. O meu filho mais velho formou o quarteto que era uma benção. De repente, ele saiu. Foi transferido como tenente para outro Estado e com isto acabou saindo também da igreja” (grifo nosso).

Para Maria Isaura Queiroz (1987, p. 274-275) a “história oral” é um “termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar”. As entrevistas podem ter aspectos de coleta individual ou coletiva, ou seja, ela pode registrar as experiências “de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade”. Ainda segundo ela a “história oral pode captar a experiência efetiva dos narradores, mas também recolhe destes, tradições e mitos, narrativas de ficção, crenças existentes no grupo”.

A narrativa de minha interlocutora mostra que para ela a série de infortúnios tem razões práticas. São decorrentes de uma negativa em *fazer a obra de Deus*. A negativa é ao homem não é a Deus, entretanto na concepção evangélica, não se trata de um homem comum ele é *um homem de Deus*. A morte da filha, companheira, querida, um exemplo na igreja e na Faculdade onde estudava, mesmo depois de seu falecimento. O filho, tenente do Exército que

é transferido e que se afasta da religião, as *lutas* ela chama grandes e tremendas, este conglomerado de percepções fazem parte de uma visão de mundo religioso. A dicotomia entre bem e o mal, céu e inferno e outras do gênero, se estendem ao chamado crente ao nível de benção e maldição. A benção é geradora de sucesso dentro e fora da igreja, ou seja, na vida secular. A maldição gera infortúnios, às vezes sem precedentes. Acredita-se que a única forma de se restabelecer as coisas é através do arrependimento seguidos da reparação do erro cometido, mas é preciso detectá-lo, é preciso que seja *revelado*<sup>87</sup>, não obstante, deve-se buscar, se esforçar. As respostas virão através de uma ação pessoal ou coletiva, isto porque da mesma forma que um indivíduo se sinta *no olho do furacão*, subjugado por uma série de infortúnios e precise buscar respostas para tais acontecimentos nefastos, se a serie de acontecimentos envolver o grupo de religiosos, o pastor, poderá convocar a igreja para orar e jejuar em busca da revelação divina. Não há distinção desta concepção entre denominações evangélicas pentecostais, seja na AD, CCB, ou IEQ.

“Foi desta forma que as coisas foram acontecendo, até um dia em que eu estava na igreja de manhã, era domingo. Quando voltei do culto, chegando em casa, meu outro filho me disse: *mãe o Pastor Raimundo telefonou pra senhora*. Eu disse: mas ele passou por mim e não falou nada. *Ele pediu para a senhora telefonar para ele*. Eu liguei: o senhor quer falar comigo pastor? Ele disse: *irmã Ondina a senhora pode vir à igreja hoje à noite? Eu preciso muito falar com a senhora*. Quando terminou o culto eu fui lá na frente e ele me disse: *eu quero convidar a senhora para dirigir o círculo de oração*. Então respondi: o senhor me dê um tempo. Ele perguntou por quê? Eu respondi por que primeiro vou consultar a Deus e meu esposo. Depois eu lhe dou a resposta. Ele disse: *não demore hein, é urgente!* Comecei a buscar o Senhor com mais pressa com mais vontade. Foram 10 dias e o Senhor não falava comigo. Meu Senhor! Se o Senhor não me der uma resposta eu não vou aceitar. Aí, quando foi num dia à noite, dei jantar a todo mundo eu disse para meu esposo: vou me trancar no quarto, não vou atender telefone, ninguém, e se alguém vier me chamar você diz que eu estou orando e não posso atender. Ele disse: *tá bom*. Me tranquei no outro quarto, peguei a Bíblia, li, cantei e disse: agora eu vou me ajoelhar e o Senhor vai falar comigo! Isto era umas nove horas da noite. Comecei a orar e a clamar e o Senhor não falava. Eu já estava ficando num desespero tremendo e pensava: eu só saio daqui quando o Senhor falar!” (grifo nosso).

A revelação está entre os clímaxes no meio evangélico, pois nela reside uma das representações de intimidade com o sagrado. Líderes religiosos, ou seja, especialistas, são vistos como verdadeiros detentores deste tipo de poder, contudo não se exclui a possibilidade de Deus se revelar aos membros comuns, ou ainda ao maior dos pecadores. Como neste momento estamos nos baseando em teorias de história oral devemos também levar em conta

<sup>87</sup> A revelação faz parte da vontade divina de elucidar determinado fato desconhecido ao homem. Ela pode acontecer através de uma outra pessoa (como pastor evangelista, ou liderança religiosa), como pode ser através de visões, sonhos, pregações, etc.

que as técnicas desta ciência consideram a subjetividade do sujeito como ponto de apoio. Segundo, Janaina Amado e Marieta de Moraes Ferreira “a pesquisa com fontes orais apoia-se em pontos de vistas individuais, expressos nas entrevistas” levando em conta subjetividade, emoções, o cotidiano (FERREIRA; AMADO, 1996, p. 14) este valor tecnológico da história oral como transmissão de conhecimento não é nada novo e antecede em muito, o reconhecimento científico. Maria Isaura Queiroz (1987, p. 273) diz que esta transmissão situa-se através dos séculos, por isto, “o relato oral constituirá sempre a maior fonte humana de conservação e difusão do saber, o que equivale dizer a maior fonte de dados para as ciências em geral”. Pierre Bourdieu (1996, p. 74) não se distancia deste reconhecimento no cotidiano das pessoas, como entre as ciências em geral e acrescenta ainda que, “a história de vida é uma dessas noções do senso comum que entraram em contrabando no universo do saber; primeiro, sem alarde, entre os etnólogos, depois, mais recentemente, e não sem ruído, entre os sociólogos”. Para o autor, “falar de história de vida é pelo menos pressupor [...] que a vida é uma história e que uma vida é inseparavelmente o conjunto de acontecimentos de uma existência individual”.

Feitas as considerações sobre o valor da subjetividade do sujeito, ou seja, de *irmã Ondina*, de como o relato oral é uma prática comum entre pessoas, desde sempre, como difusor de história(s), chamo a atenção do leitor a considerar em nosso caso a difusão de crença. Deus revela as mazelas humanas para manter a harmonia entre a criação e o criador.

“Quando foi duas horas da manhã o Senhor me deu uma visão, era como se desenrolasse um rolo, mostrando toda minha vida desde o momento em que cheguei aqui em Curitiba. Todas as lutas e bênçãos que eu tive aqui e foram passando todas. Era uma visão, passando sucessivamente. Coisas que eu lembrava e que não lembrava foram passando tudo. No final apareceu o Pr. Pimentel com uma expressão triste. Quando eu o vi, me lembrei de tudo! E disse: Senhor eu passei tudo isso por que eu disse não para seu servo? Aí eu me lembrei que tinha dito não naquela hora em que ele me convidou para ir para o círculo de oração. Quer dizer, ele [Pr. Pimentel] não me queria como espectadora e sim como dirigente. Eu pedi perdão pra Deus, muito perdão por causa desse não e disse: de hoje em diante, tudo que vier em minhas mãos para fazer eu farei, Pai”.

Agora que conhece as causas, cabe a ela tomar uma atitude, mas antes de dar continuidade a este ponto na entrevista, vejo necessário retornar a algumas considerações de Paul Ricoeur (2007, p. 107) referentes a “três traços que costumam ser ressaltados em favor do caráter essencialmente privado da memória” e que podem nos ajudar a compreender esta relação individual na *revelação* à luz de uma memória pessoal. Primeiro, para o autor “a memória parece de fato ser radicalmente singular: minhas lembranças não são as suas. Não se podem transferir as lembranças de um para a memória do outro”. O segundo traço fala que

o vínculo original da consciência com o passado parece residir na memória [...]. A memória é passado e esse passado é o de minhas impressões; nesse sentido, esse passado é meu passado [...]. Essa continuidade permite-me remontar sem rupturas do presente vivido até os acontecimentos mais longínquos de minha infância. (RICOEUR, 2007, p.107-108).

No caso de nossa pesquisada, de uma, duas, ou três décadas atrás, isto considerando sua afirmação em que suas lembranças se limitavam de quando chegaram a Curitiba ao tempo presente (o momento da revelação). Por fim, o terceiro traço na análise de Ricoeur (2007) é que a

...memória que está vinculado o sentido de orientação na passagem de tempo; orientação em mão dupla, do passado para o futuro, de trás para frente, por assim dizer, segundo a flecha do tempo da mudança, mas também do futuro para o passado, segundo o movimento inverso de trânsito da expectativa à lembrança, através do presente vivo. (RICOEUR, 2007, p.108).

Sendo assim, podemos perceber que o futuro se relaciona dialogicamente com presente e passado:

“Naquele mesmo dia, eu estava limpando a casa umas 10 horas da manhã quando o pastor Raimundo telefonou perguntando: *irmã Ondina não tem nenhuma resposta?* Eu disse tenho agora tenho. *Então chega aqui três horas<sup>88</sup> da tarde.* Eu disse está bom! Quando foi para sair, foi assim: o círculo de oração estava passando por lutas, não por causa de mim, mas por outro motivo, por outra pessoa. Um dia eu cheguei e vi as pessoas assustadas, arrumando os armários, e perguntei o que estava acontecendo? Aí a minha tesoureira chegou para mim e disse: *o pastor não falou com a senhora, sobre a supervisora? Ele a tirou do cargo.* Eu disse: agora eu vou orar novamente, vou dobrar os joelhos e quero que você faça o mesmo. Senhor se é da Tua vontade que eu saia falas comigo. Mas uma coisa eu disse para Deus: eu não quero que ninguém me tire. Eu quero que tu fales comigo para que eu entregue o cargo, porque assim como Tu que me colocaste, eu quero que, eu quero sair. Fui orar. Era dia de culto de oração, aí eu estava orando e o Senhor falou comigo: *Entrega o cargo!* Então, eu me levantei dali fui no gabinete do pastor, levei a minha tesoureira comigo, para ser uma testemunha. Ela perguntou: *o que a irmã vai fazer?* Eu disse: você vai ver”. (grifo nosso)

Utilizando ainda a autora Maria Isaura Queiroz (1987) em “Relatos orais: do ‘indizível’ ao ‘dizível’” é oportuno nesta altura trazer sua interpretação de história de vida como formadora de personalidade. Segundo a autora, “a história de vida é contada por um personagem e gira em torno deste. À primeira vista, dir-se-ia que é algo eminentemente individual, sofrendo as distorções trazidas pela subjetividade do narrador”. Se as narrativas de minha pesquisada, se iniciaram com as experiências a ela transmitidas pelo seu marido, os

<sup>88</sup> Cabe aqui chamar a atenção para um detalhe: no meio evangélico 15:00h, também chamado de hora nona, tem um sentido simbólico. Alguns compromissos e cultos são realizados neste horário. Isto vai muito além de um horário acessível, é a hora em que Jesus morreu.

rumos das narrativas foram tomando outros destinos, envolvendo assim, relatos sobre sua própria vida, sua construção de personalidade.

No relato de uma história de vida, o pesquisador colhe dados que indicam como se formou a personalidade de um indivíduo, através de sequências de experiências no decorrer do tempo [...]. Indivíduo e personalidade seriam noções que recobririam aquilo que existe de mais íntimo e de mais inconfundível em alguém. (QUEIROS, 1987, p. 283).

Ao analisarmos relatos de histórias de vida como os da *irmã* Ondina, em que o social imprime sua força sobre o indivíduo, é preciso levar em consideração que, nestes casos, as narrativas reproduzem uma direção e obediência ao sagrado, sempre a serviço do coletivo. Deus é o único que pode ordenar a entrada ou a saída de alguém e quanto a isto não há questionamentos, seja pessoal ou coletivo: “A história de vida é, portanto, técnica que capta o que sucede na encruzilhada da vida individual com o social” (QUEIROS, 1987, p. 284).

“Ele estava ocupado atendendo uma pessoa e assim que ele a despediu eu entrei e disse estava ali para depositar o meu cargo em suas mãos. Ele perguntou: *Por que isto?* Eu respondi que não tinha mais idade para este trabalho e nem mais saúde e porque sabia que Deus tem levantado mulheres com maior competência que eu e porque eu não quero que façam comigo o que estão fazendo com a supervisora. Ele disse: *na verdade eles tinham tirado a supervisora do trabalho, mas em relação a senhora, eles não tinham falado nada. A senhora é de casa irmã.* Pastor, está na hora eu orei a Deus que me disse era para sair” (grifo nosso).

Neste período de aproximadamente trinta meses estive pelo menos a metade dentro de sala de aula buscando na teoria subsídios que me ajudassem a tentar entender as dinâmicas destes dois grupos de religiosos pentecostais, sempre me envolvendo com o campo, entrevistas, observações, reflexões, trocas de experiências, enfim, ferramentas que se espera de um pesquisador. Levou um bom tempo para perceber que os adeptos da Assembleia de Deus, embora tenham narrativas pessoais, elas sempre vão alinhando uma memória coletiva, assim a vida individual e a coletiva vão se entrecruzando formando um tipo de individualismo evangélico próprio das Assembleias de Deus, ou seja, as histórias de vida são importantes porque são as histórias que constroem a própria Igreja.

Quando aqueles quatorze revoltosos se apresentam contra o pastor Firmino Gouveia e são punidos, eles não estão se rebelando contra o líder revestido de *poder* e sim contra a Igreja. O pastor assembleiano não representa a si mesmo, mas é o representante legítimo do povo. Por esta razão eles são *bons exemplos* ou, seria melhor, *maus exemplos* do pagamento que se recebe para aqueles que querem estigmatizar a história que há anos é divulgada com tamanho orgulho.

Quando a *irmã* Ondina decide entregar o cargo de dirigente do *círculo de oração* sendo ela a responsável por centenas de mulheres que dobram seus joelhos para apresentar a Deus o povo e orar em conjunto, ela como pessoa deixa de pensar e lutar pelo coletivo, ou pelo menos oficialmente. Dentro de sua narrativa podemos perceber que ela já havia pago um alto preço por pensar nela e não no social. Assim, somente Deus é quem pode liberá-la desta missão, mesmo entendendo que estava concluída. Estas são as histórias de vida destes sujeitos. Elas dialogam, interagem, enriquecem, constroem a vida social assembleiana, assim como a história da sua Igreja. Jamais a trajetória individual é vista à parte do coletivo. Isto é exclusivo da Assembleia de Deus e nenhuma denominação tem uma história tão afinada nos lábios de seus adeptos como ela. No capítulo que apresentaremos a seguir será possível perceber melhor como a denominação procura promover sua história a partir de eventos, acontecimentos, discursos e celebrações.

### CAPÍTULO 3: CEM ANOS DE ASSEMBLEIA DE DEUS: CELEBRAÇÕES E SIGNIFICADOS

Gostaria aqui, de chamar a atenção sobre a forma como a Assembleia de Deus em Belém procura fazer-se vista sempre sinalizando sua força dentro do contexto sociorreligioso. Parto de três exemplos, dois deles envolvendo a imponência dos empreendimentos e localização geográfica dentro da cidade: o primeiro deles refere-se, sobretudo, à localização do Centro de Convenções da Assembleia de Deus do Pará. O empreendimento assembleiano está localizado em um ponto fundamental, estrategicamente definido. Situado em uma das mais importantes avenidas de Belém, a Augusto Montenegro, que é o corredor de acesso para milhares de pessoas que passam por ali todos os dias vindas do centro da capital paraense, ou rumo a ele, com destaque para os dias de jogos no Estádio Olímpico Edgar Proença, popularmente conhecido como Mangueirão. Definitivamente, não falamos de algo comum. (Figura 20)

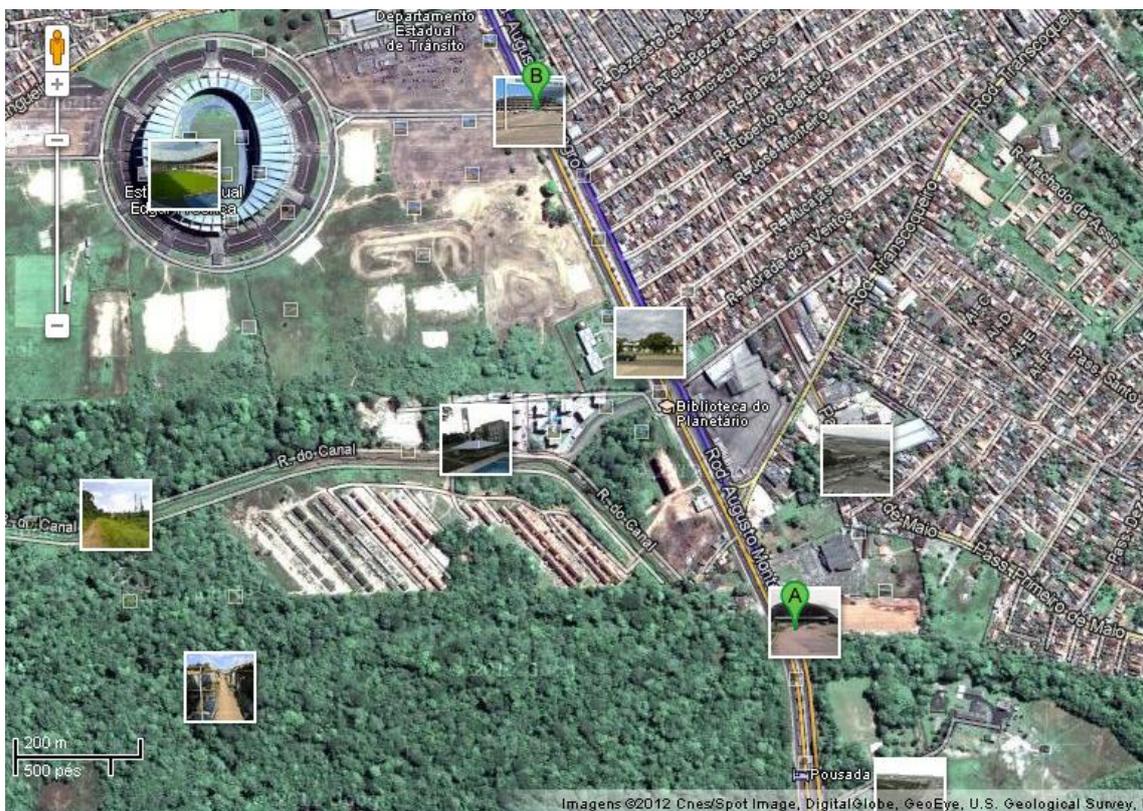


Figura 3 – Centro de Convenções da AD (A) e Estádio Mangueirão (B)

O segundo exemplo está relacionado à igreja Mãe das Assembleias (Figura 5). Inaugurada no dia 23 de abril de 1988, pelo pastor Firmino Gouveia, na época pastor

presidente, está situada a Avenida Governador José Malcher, nº 1593, a 900 metros da Basílica de Nossa Senhora de Nazaré, situada na Avenida Nazaré, nº 1300 (Figura 6). Ambas são imponentes e vistas como referências turísticas da cidade.



Figura 4 – Igrejas Assembleia de Deus (A) e Basílica de Nossa Senhora de Nazaré (B), separadas por 900 m – Fonte: Google maps.

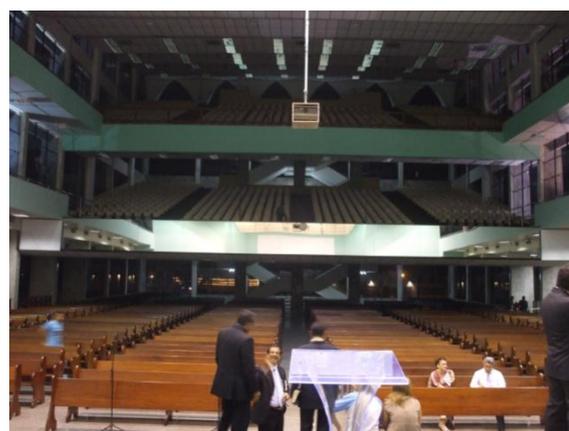


Figura 5 – Visão externa e interna da igreja Mãe das Assembleias de Deus de Belém



Figura 6 – Visão externa e interna da igreja Nossa Senhor de Nazaré – Belém do Pará

O terceiro e último exemplo está relacionado com o *megaevento* desenvolvido pela igreja assembleiana e sobre este me deter de forma distinta aos outros, ainda que os dois anteriores possuam considerável relevância. Voltando ao *megaevento*, é fato que milhares de pessoas transitaram pelas ruas de Belém em localidades específicas dentro do circuito de festividades montado pela Assembleia de Deus, sobretudo nos dias 16, 17 e 18 de junho de 2011. Entre os mais significativos estavam o Estádio do Mangueirão, o Centro de Convenções, o cais do porto do Ver-o-peso, as ruas da capital paraense pelas quais percorreram uma carreta com a presença de pessoas legitimamente reconhecidas não só religiosamente, mas socialmente como os pastores Firmino Gouveia e Samuel Câmara. Cabe ainda ressaltar entre o circuito, a praia de Outeiro, na região metropolitana de Belém.

É impossível desconsiderar que um dos objetivos era mostrar a força da igreja, representada na imponente dos empreendimentos e na mobilização de uma massa de pessoas, quicá falando para sua maior concorrente, a Igreja Católica, cuja sua maior representatividade está na peregrinação dos Sírios de Nazaré, também considerada a maior manifestação religiosa do Pará, uma das maiores do Brasil, ou seja, que eles também têm o poder de criar e de arrastar multidões. Para tal reflexão, quero partir de duas referências, devidamente escolhidas, portanto, a última das três noites no Estádio Mangueirão (Figura 7) e o Batismo na Praia de Outeiro.

Para aquela noite de sábado, 18 de junho de 2011, eu sabia que não poderia chegar perto do horário de início. Sai do hotel em que estava hospedado mais cedo que os dois dias anteriores, por volta de 16:45h. Às 17:30h eu estava na passarela de pedestres sobre a Avenida Augusto Montenegro em frente ao Mangueirão. Fiquei perplexo ao ver a multidão não só caminhando nos pátios em direção ao Estádio, mas as que subiam as rampas de acesso às arquibancadas. Dezenas de milhares de pessoas circulando. Quando consegui chegar ao

Estádio, fui direto para as cadeiras cativas, que estavam cheias, mas consegui o melhor lugar nos três dias do evento. Naquele final de tarde, um helicóptero sobrevoava todo Mangueirão o que não havia acontecido anteriormente. Tudo indicava ser de uma emissora de televisão. Dentro, uma multidão de pessoas lotava o local.



Figura 7– Estádio Mangueirão, 18/06/2011-17:30h: uma hora e trinta minutos antes do início do evento

Assentei-me do lado de um maranhense. Emocionado, várias vezes enxugava as lágrimas que rolavam em seu rosto. Mas, em um momento, ele olhou para mim e disse que não entendia como alguns pastores tiveram a coragem de impedir seus membros de estarem em um evento tão importante para história da igreja. Eu lhe perguntei por que eles haviam feito isto. Ele me disse que por divergências políticas dentro da igreja. Eu perguntei se o pastor dele tentou lhe impedir, ele disse que não, mas também não havia incentivado.

Quando o pastor Samuel pegou a palavra eram exatamente 19:00 horas. Primeiro agradeceu a Deus por não ter chovido nem um dos três dias, depois disse que os portões precisaram ser fechados às 18:00 horas, mas que a multidão que estava lá fora deveria esperar um pouco até que portões do campo fossem abertos e os lugares ocupados, logo após a apresentação do grupo de coreografia. Escutava-se a multidão gritando do lado de fora: “Abre! Abre! Abre!”, o que veio a acontecer. A segurança colocou grades de forma a isolar a multidão do campo aonde o grupo se apresentava (Figura 8.), mas a multidão engrossava cada vez mais, até que algumas pessoas começaram a levantar estas grades. Eu mesmo pude

presenciar o momento exato deste acontecimento, cheguei a filmar parte dele. Era como um *Tsunami humano* avançando campo adentro, para cima do grupo que se apresentava. Uma invasão pacífica e, por incrível que pareça, ordenada. Não houve pessoas machucadas, ou que caíram, ou que se empurravam, mas a multidão não parava de entrar. (Figura 9)



Figura 8 – Estádio Mangueirão (18/06/2011): antes da entrada do povo

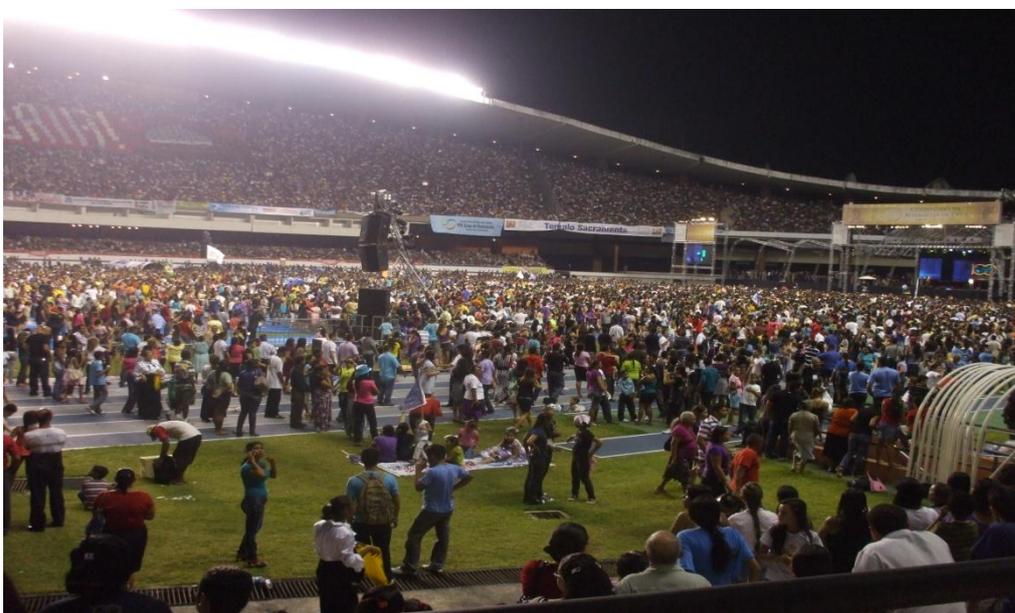


Figura 9 – Estádio Mangueirão (18/06/2011): após a entrada do povo

Depois que a multidão entrou, parecia que tudo estava definido. Cantores *gospel* apresentavam, não mais que uma música cada, avisos eram dados, ofertas eram recolhidas naquele e nos outros dois dias anteriores. As informações públicas eram que o orçamento de todo evento do centenário havia ficado em R\$ 25.000.000,00 e, segundo a organização, ainda

era necessária a colaboração dos adeptos ofertando para que o saldo não ficasse no negativo. Em um dos dias o Pastor Samuel fez uma introdução antes de convidar as pessoas a ofertarem. Ele disse que pessoas negativas sempre estiveram ao redor dele [estarei colocando minhas próprias palavras, mas sendo fiel ao sentido e, dentro do possível, usando as mesmas palavras do pastor Samuel Câmara]:

“Um grupo de pessoas quando eu falei que íamos fazer um evento que mostrasse a força da igreja Mãe me disseram que não conseguiríamos, que não tínhamos dinheiro e nem condições. Depois que começamos eles tentaram nos desencorajar dizendo que o tempo era curto demais. Quando eles viram que terminaríamos em tempo hábil, eles começaram a dizer que ficaríamos endividados até os cabelos, mas como em todas as coisas Deus nos honrou, esta também Ele nos honrará. Nós não ficaremos endividados!”

Após momentos como este, um grupo de pessoas passava coletando ofertas. Em outra noite um pastor, muito conhecido no meio evangélico, chamado Silas Malafaia, foi quem ficou responsável pela introdução verbal. A linha de persuasão era idêntica. Ele disse: “Irmãos! Eu mesmo, juntamente com a minha igreja, mandamos uma oferta especial para o Centenário e quero dizer que valeu a pena. Construir um Centro de Convenções para 22.000 pessoas em um único ano, só por milagre. Invistam!”.

Quanto ao Batismo, é preciso fazer um pequeno recuo no sábado à tarde: antes de ir para o Mangueirão, fiquei sabendo que um pastor da AD iria passar no hotel no domingo pela manhã, para levar aqueles que desejassem ir para a praia de Outeiro<sup>89</sup>. Falava-se em um batismo com estimativas entre 5.000 e 6.000 pessoas na manhã de domingo. O certo é que não poderia deixar passar um evento deste sem registro. Eu já havia me informado como e qual o ônibus deveria pegar para estar lá, mas este aviso uniu o útil ao agradável, não só por me proporcionar a possibilidade de ida, mas, sobretudo a de estar no meio de pessoas, ou seja, de possíveis interlocutores.

No domingo pela manhã, acordei cedo, tomei café e procurei saber se o pastor que ia nos pegar às 8:00 horas já havia chegado. Eles me falaram que o ônibus sairia às 8:30 horas e não às 08:00 horas. Sendo assim, aproveitei para sair e tirar dinheiro no caixa eletrônico. Quando estava na rua, bem em frente ao hotel, vi um casal que estava chegando e através de uma camiseta que ele estava vestindo eu o identifiquei como possível pastor responsável pelo transporte. Ele usava uma camiseta com o símbolo do centenário estampado na frente. Não se tratava de uma camisa comum e sim uma camisa personalizada, cujo símbolo estampado agrega valores ao mesmo tempo em que propagava valores. Quando perguntei se era ele e se

---

<sup>89</sup> A praia de Outeiro é um destino certo para muitos paraenses e turistas nos finais de semana. A aproximadamente 30 Km da capital Belém é de fácil acesso inclusive com linha de ônibus a preços populares.

eu poderia ir junto, tive duas respostas positivas. Seu nome: Wilson. *Evangelista*<sup>90</sup> Wilson Feitosa.

Caminhando em direção ao Banco, encontrei com Itamar Junior. Ele é o rapaz que me alugou um quarto complicado (falo melhor sobre isto, no Capítulo 4: *Um Pesquisador Pentecostal*, p. 125-127). Este começava montar a loja de roupas de que é dono, mas parou o que estava fazendo, quando passei, para me perguntar o que eu tinha achado do evento na noite anterior. Eu disse que tinha gostado. Ele me disse que esteve lá com um amigo que disse não saber da existência de tantos crentes em Belém. Depois disto fui até o Banco e na volta como tinha que passar em frente à loja novamente pensei: “vou aproveitar e tentar entrevistar este rapaz”. Ele aceitou, mas era nítido seu constrangimento em relação a mim, não posso dizer se porque ele quis me passar uma instalação aquém das que se pode oferecer a um *irmão*, ou se porque eu havia frustrado seus planos de ganhar dinheiro. O que posso dizer é que ele aceitou a entrevista, então comecei lhe perguntando como ele estava vendo o evento e se fazia parte da Assembleia de Deus.

“Eu sou da Comunidade Vinho Novo, que é uma igreja originária da igreja Batista. Mas quanto a este evento eu creio que está unindo todas as igrejas, mudando aquela divisão que havia há muito tempo e hoje em primeiro lugar graças a Deus e depois a Assembleia de Deus pela liderança do pastor Samuel Câmara, está conseguindo fazer com que os membros se ajuntem para ser um só corpo”.

Há uma disseminação na cidade de Belém sobre esta possível unidade entre as igrejas evangélicas, mas as razões são complexas, carentes de um aprofundar mais substancial. Geralmente, estas Igrejas concorrem entre si e em sua maioria falar de homogeneidade é falar de utopia. Entretanto, quando se tem alvos em comum levanta-se a bandeira da paz fazendo com que as concorrências fiquem em suspenso e em contrapartida se instaure uma aliança que já nasce com validade determinada e, mesmo que perdure, assim que as causas que motivaram a união são resolvidas a unidade se desfaz. Assim cada grupo segue em frente. Tenho percebido que motivações políticas estão entre as mais efetivas agremiações, seja para pleitear cargos públicos, sobretudo em casos em que uma única igreja ou denominação são ineficazes, ou para defenderem interesses vistos como éticos ou morais, como por exemplo, leis contra o aborto e união de pessoas do mesmo sexo.

Antes da entrevista ele havia me dito que sua religião de origem não era evangélica. Pedi para que falasse um pouco de sua trajetória, aproveitando que o clima de constrangimento havia se diluído dando lugar a uma conversa posso dizer, entre *irmãos*.

---

<sup>90</sup> Um dos títulos na hierarquia de liderança religiosa na AD

Geralmente as pessoas não vão relatando acontecimentos de sua vida para aquele com quem não possuem afinidade.

“...eu achei que eu era feliz, por ter a situação financeira razoavelmente bem, tinha aqueles sonhos que jovens tem que é sair pra festas, conhecer garotas, mas ainda assim eu não me sentia feliz, sentia um vazio e um dia eu fui convidado para participar de uma célula na igreja Quadrangular na casa de um tio meu e ali eu comecei a frequentar [...]. Um dia eu numa festa vendo aquele mover, aquelas situações de bebidas, de mulheres e eu mal sabia que era o Espírito Santo que estava trabalhando, me incomodando e algo me disse: ‘isto não é mais pra ti’ [...]. Eu tava indo na célula mas não parava de sair na noitada, ainda me prostituía<sup>91</sup>, ainda bebia [...]. Deus começou a falar comigo dentro de uma festa que ali não era o meu lugar e eu não me lembro bem se depois de duas ou três semanas em um dia na célula o *irmão* começou a orar e disse assim: [...]. ‘Pergunte para Deus o que é que está te fazendo infeliz que Ele vai te mostrar’ [...]. Eu falei: ‘Deus, aparentemente eu sou feliz. Eu tenho um carro, eu tenho um bom trabalho, eu tenho uma série de telefones de garotas, mas ainda assim eu não me sinto feliz, então eu peço que o Senhor me mostre agora! Neste momento! O que é que tá me trazendo a infelicidade?’ [...]. Naquele momento o que eu queria era parar de chorar, eu me sentia envergonhado porque veio um choro tão forte, tão forte que eu queria parar de chorar e não conseguia. A minha briga agora era com o choro. O Espírito Santo tirou naquele momento o vício da bebida, o vício da droga e mal sabia eu que era isto que me trazia aquela segura, aquela solidão, aquele vazio”.

Eu lhe perguntei se ele havia parado de beber e usar drogas instantaneamente e ele me respondeu.

“Não parei! Eu sempre digo pras pessoas que nunca deixei de fumar de usar as porcarias do mundo, quem parou foi o Espírito Santo de Deus, eu apenas dei liberalidade pra Ele pra tirar esse vício de mim [...]. Acabou a oração a célula e eu sai dali muito alegre, liguei pra minha mãe e falei: mãe eu parei de beber, parei de fumar, não bebo mais, não fumo e ela disse: filho cuidado! Você deve estar dirigindo, você já deve estar bêbado [...]. Espírito Santo não depende de homem, não depende de ninguém. Quando Ele quer fazer a obra só depende de você, que você abra o coração que você esteja disposto a deixar que Ele mude sua vida”.

Depois desta pequena entrevista, fui até o grupo de pastores que se preparava para ir ao batismo. No percurso feito de ônibus entre Belém e a praia de águas doce chamada Outeiro, conversava com o evangelista Wilson Feitosa, quando passamos em frente a uma das Igrejas Quadrangular. Ele então me disse: “Eu me converti nesta igreja através de um trabalho em células nas casas<sup>92</sup>. Cheguei a dar aulas para jovens na Escola Bíblica, mas saí, porque é

<sup>91</sup> No contexto evangélico, sobretudo o pentecostal qualquer relacionamento sexual antes do casamento é considerado prostituição. O receio de “pecar” faz com que um número elevado de namoros não ultrapasse os doze meses. Não são poucos os casos em que o tempo entre o início do namoro e o casamento fique em torno dos seis meses. A mesma configuração se dá nos casos de viúvos.

<sup>92</sup> O modelo em células tem como fundamento pequenas reuniões dentro das casas de determinados membros, devidamente escolhidos e treinados. Este trabalho tem como princípio básico alcançar novos adeptos a partir de um contexto familiar e sequencialmente, envolve-los no contexto social mais amplo, ou seja, as igrejas.

uma igreja que pouco se trabalha”. Depois conversando com ele, pude perceber uma frustração dele como professor nesta igreja. Ele me disse que havia pedido para começar uma nova turma de jovens. Primeiro disseram não ser possível por falta de jovens para uma nova turma. Inconformado e vendo dezenas deles saindo dos cultos e não matriculados nas salas, perguntou se caso conseguisse alunos para formar uma nova turma, poderia fazê-lo. Para este pedido, consegui liberação. Empolgado utilizando uma metodologia, segundo ele avançada para seu tempo, procurava sempre atividades em contextos ecléticos. Aulas práticas no Ver-o-Peso, em Praças Públicas em ambientes muitas vezes informais. Toda a estrutura se desfez no dia que chegou para dar aula e a chave de sua sala não estava no quadro. Impossibilitado e frustrado optou pela migração entre denominações.

Outra coisa a seu respeito me chamou a atenção: foi a forma como se transformou em uma espécie de agenciador para minhas entrevistas. Era ele quem me apresentava às pessoas aos quais representavam (pastores que estavam lá para o evento do centenário). Claro que eu fazia uma seleção, não me deixando influenciar totalmente e priorizando aquelas entrevistas que eu via como necessárias para minha pesquisa. Dentre as escolhas estão o pastor Amilton. Eu comecei a conversar com ele para saber se realmente ele se encaixava no perfil de pesquisa. Bastaram apenas alguns minutos e começou a dizer algo que entendi como interessante. O assunto envolvia a conversão de sua mãe e os seis meses que separavam conversão e morte.

O pastor Amilton é pastor da AD no interior de São Paulo e trabalha em um negócio próprio. Na entrevista me interessou a informação da morte de sua mãe anunciada meses antes por ela mesma. Segundo meu interlocutor, ela não tinha nada fora da normalidade a não ser doenças relacionadas a pessoas de setenta anos (a idade dela): “pressão, diabetes, mas tudo controlado”. Talvez até ai tudo bem, embora mesmo não sendo especialista em saúde, é de opinião geral que problemas supostamente do cotidiano podem sim ser fator de causa morte, mas o fato dela afirmar que Deus havia falado a ela sobre seus poucos dias, somados à oração feita com o objetivo de não dar trabalho a ninguém, conseqüentemente a efetivação, não vejo como comum.

“Minha mãe se chamava Mercedes Rocha, ela na época tinha 70 anos, aceitou a fé e após ter aceitado, ela começou a ter vários sonhos, com lugares bonitos, lindos, sonhos que ela nunca tinha tido e a gente dizia a ela: mãe agora que a senhora é nova convertida a senhora vai dar testemunho, vai pregar, vai a muitos lugares, eu quero ter o prazer de levá-la. Ela dizia: ‘não meu filho, eu não. Tudo isto que eu estou vendo em sonhos em visão na noite, é o lugar que Deus preparou para eu estar, então eu estou entendendo que minha partida está próxima’. A gente lutava. Eu, minha esposa, os netos: ‘não vó! A senhora vai viver muito ainda’, mas ela dizia: ‘não eu já vivi

muito. Deus já está me mostrando em sonhos que o meu lugar já está pronto”.

Nas palavras do pastor Amilton, parece que tudo está predestinado, logo, nada poderia ser feito. Histórias como estas sobre vida pós-morte não são exclusivas ao meio evangélico.

Jostein Gaarder (2005) ao lançar alguns fundamentos sobre o conhecimento religioso, o autor faz breves definições de temáticas generalizantes às religiões como um todo, nos sendo oportuno aqui o tema *morte*. Sendo assim, começo pela abordagem do autor em que mostra uma necessidade humana de buscar suas origens, ou seja, de onde viemos, bem como o que acontecerá depois da morte, portanto, para onde vamos. “Assim como as origens do homem requerem uma explicação, a maioria das pessoas se preocupa em saber o que acontecerá com elas quando morrerem” (GAARDER, 2005, p. 26). O autor cita os vikings e suas preocupações em enterrar seus mortos com arma e provisões, mostrando que “a ideia da vida após a morte não é nova” (GAARDER, 2005, p. 26). Portanto, se a batalha que outrora estava sendo travada em vida segue após a morte, acaba por assinalar uma noção de continuidade. Há vida após a morte. Outra citação são os gregos da antiguidade: eles “acreditavam no Hades, onde os que partiram passavam a levar uma existência tênue, feita de sombras” (GAARDER, 2005, p. 26). Menciona ainda, algumas tribos indígenas norte-americanas. Segundo Gaarder (2005) elas “ainda têm fé na existência dos ‘eternos campos de caça’, com uma profusão de caça de todos os tipos” (GAARDER, 2005, p. 26). Finalizando, exemplos desta concepção de vida após a morte, de posse ainda do mesmo autor, ao mesmo tempo chamando a atenção para a não exclusividade do meio evangélico sobre esta noção de continuidade, vamos à citação.

Em várias sociedades, os mortos continuam existindo sob a forma de espíritos ancestrais, em íntima proximidade com os vivos. Eles oferecem aos vivos segurança e proteção, e em troca exigem que se façam sacrifícios em seus túmulos. (GAARDER, 2005, p.26).

Retornando à narrativa do pastor Amilton, embora estes *testemunhos* reforcem o pensamento teológico/religioso da onisciência e onipotência de Deus, estes chamados testemunhos não despertam surpresa alguma neste corpo sociorreligioso e na maioria das vezes acaba gerando nos ouvintes manifestações emotivas agregadas a um decurso de relativa intimidade com o sagrado. Deus avisa àqueles que estão próximos a Ele, assim como anunciou Moisés a sua morte.

“Em um dos últimos sonhos dela ela me chamou, chamou a minha esposa e disse: ‘eu quero que vocês me expliquem uma coisa, um sonho que eu tive’. Eu falei: ‘o que foi mãe’. ‘Eu sonhei que eu estava numa sala como se fosse um hospital, todo mundo de branco e havia um doutor na porta da sala de pé

e chamando algumas pessoas para entrar na sala dele. Ai entrava uma, entrava outra e quando eu me levantei pra entrar, porque ele não me chamou, ele pôs a mão em mim e disse: ainda não é à hora. Espera mais um pouco! Ai eu acordei. O que significa isto?”. Olha mãe. Preciso orar. Eu não entendi! Só que dentro de mim eu já havia entendido, só que eu não queria passar pra ela, mas eu falei com minha esposa. Deus vai levar ela”.

Além dos sonhos a mãe nutria o desejo de não incomodar a família e explicitava este pensamento aos que estavam no entorno. “Ela dizia: ‘eu quero morrer com setenta anos, não quero dar trabalho ninguém e quero morrer dormindo. Eu quero que Deus faça isto por mim. Quero morrer dormindo [...]. É um desejo do meu coração”’. Neste mesmo período em que estava com setenta anos o pastor Amilton diz que numa noite, antes de se deitar ela conversou com alguns familiares e foi dormir. Pela manhã sua irmã, como rotineiramente, preparou o café, e quando foi chamar pela mãe ela não respondia. Então, sua irmã começou a gritar chamando a atenção de sua esposa que se levantou e foi até lá. Assim que colocou a mão nela disse: “Silvana, a sua mãe já foi. Deus a levou”. Para o pastor Amilton e sua esposa a morte da mãe foi apenas a conclusão de um processo bem sucedido, enfim, a anciã estava bem. Como mesmo disse o pastor: “o interessante é que não houve nem uma maquiagem e quem olhou para ela na cama e os que chegavam antes de levá-la para fazer os preparativos para o enterro, não diziam que ela estava morta”. Outros ainda diziam: *sua mãe está muito feliz*. Sua irmã, ao contrário, não via a morte da mãe com a mesma naturalidade. Segundo meu interlocutor isto se devia a razões práticas: *minha irmã não sendo crente ficou desesperada*. Para ele a morte é uma ressignificação da vida, ou seja, uma vida eterna. Quanto à irmã, sua narrativa parece transmitir que a falta de crença por parte dela, a faz ver a morte como uma mutilação. Neste relato de vida, ou melhor dizendo, de vidas, só houve reestabelecimento da ordem emocional após um outro sonho, desta vez de Silvana. No sonho, ela estava com outra irmã num lugar muito bonito, avistava de longe muitas pessoas bonitas e entre estas a sua mãe, que olhou pra ela e disse: *eu estou muito bem, fique tranquila eu estou bem!* Só a partir deste fato que passa a haver uma aceitação por parte da irmã que estava às vias da loucura.

Depois desta entrevista o Evangelista Wilson me apresentou a outro pastor chamado Jair. Ele é baiano e missionário em Guiné Bissau há quatro anos, casado com Deny. O casal tem dois filhos.

O pastor Jair foi particularmente atencioso em me responder às questões, propostas. Ele tinha não só um interesse em me proporcionar a entrevista, como também se sentia instigado em saber o que minha pesquisa poderia ter em comum entre igreja e academia. Para mim, uma das coisas que me despertou o interesse em relação a ele foi certamente sua

qualidade intelectual. Não cheguei a perguntar qual era sua formação, mas palavras e atitudes demonstravam propriedade. O que posso adiantar é que ele foi funcionário da Petrobrás da Bahia por 15 anos e que deixou a profissão para se tornar um missionário na África.

Entre vários assuntos sobre os quais conversamos quero separar um, relacionado ainda com a concepção de governo exercido pelo sagrado, sobre a humanidade. Neste, ele narra sobre parte da trajetória familiar, e como sua mãe recebe através de um sonho revelador não só quantos filhos ela terá ao longo da vida, mas qual raiz religiosa eles seguirão. Cabe ainda mencionar que no momento cronológico do sonho ela tinha dois únicos filhos.

“Minha historia de vida é uma historia interessante, porque na verdade, dos meus pais, a minha mãe se converteu primeiro, depois de um sonho. Ela morava próximo da igreja Assembleia de Deus na Bahia em Castro Alves. Nesse sonho, ela estava indo para uma Estação para pegar um trem. Neste trem, ela viu um homem convidando ela para entrar. Na mente dela, esse homem estava de branco. Quando ela ia entrar, o homem perguntou se ela tinha passagem e falou para entrar. Quando ela ia entrar perguntou [a ele]: e meus filhos? Na época ela não tinha todos os filhos, mas estava nas mãos uma cestinha com seis ovos de ouro. Ela entrou com esses seis ovos de ouro”.

Ao longo dos anos foram nascendo filhos somando no total de seis. Quando perguntei se o sonho não havia interferido na formação da família, o pastor Jair me disse que “naquela época, não existia os métodos que temos hoje. Eu tenho quarenta e nove anos e o caçula tem quarenta e cinco. Naquela época não existia esse planejamento familiar”. Quando perguntei se eram evangélicos os seis ele disse: “Todos! Apenas um está fora, mais eu creio que, logo, logo estará retornando, porque são seis ovos de ouro [...]. É assim! É uma história muito bonita, a história de nossa família”.

Nas entrevistas, pude perceber que não parece ser estranho perguntar sobre a vida, ou família destas pessoas. Eles não se sentiam invadidos em sua intimidade e o ato de ser entrevistado parece se não do cotidiano, pelo menos não uma inconformidade. Possivelmente, esta cordialidade toda não esteja conectada a um fato isolado, ou seja, esta boa vontade em narrar trajetórias, mas um reflexo do contexto, envolvendo o clima do centenário, portanto, os assembleianos estavam vivendo em uma atmosfera peculiarmente histórica, em que contar algo sobre a igreja, fazia parte e isto os incluía, seguidos de outro fato a se considerar: para quem estavam narrando suas histórias de vida? Minha postura, juntamente com o tom de minhas interlocuções, dava a eles segurança para contarem seus *testemunhos*, que traduzindo quer dizer: propagação de suas experiências frente ao sagrado, que não é o mesmo que relatar histórias orais a um entrevistador e pesquisador acadêmico. Michael Pollak (1992) chamou a

atenção para isto ao apresentar resultados sobre entrevistas com deportadas na França. Para ele,

contar a própria vida nada tem de natural. Se você não estiver numa situação social de justificação ou de construção de você próprio [...] é estranho. Uma pessoa a quem nunca ninguém perguntou quem ela é de repente, ser solicitada a relatar como foi sua vida, tem muita dificuldade para entender esse súbito interesse. Já é difícil fazê-la falar, quanto mais falar de si. (POLLAK, 1992, p.13).

Se as entrevistas deram uma tonalidade ao acúmulo de dados, chegamos ao momento esperado. A praia de Outeiro e o mega batismo. Chegamos à praia. Neste momento, eu me dispersei do grupo, pois queria registrar o batismo nos seus detalhes, tirar fotos, fazer filmagens perceber detalhes e isto só poderia acontecer com liberdade para me locomover. Queria ver também se a proposição de se batizar de 5.000 a 6.000 pessoas em um único dia seria uma utopia ou não, mas real era um momento, indubitável festivo. Muitas pessoas caminhando de um lado para outro, ambulantes vendendo os mais diversos produtos como: churrasquinhos, cachorros quentes, abacaxis, refrigerantes e água, muita água para aguentar aquele calor de mais de 40 graus.

Candidatos a serem batizados de todas as faixas etárias a partir da adolescência, pois raramente neste segmento religioso se batiza alguém antes dos 12 anos, sem distinção de gênero ou de condições físicas. Foi possível ver e fotografar um deficiente físico sendo batizado, saindo das águas, carregado por amigos. Seu meio de locomoção: um Skate. (Figura 10)



Figura 10 – Mega batismo do centenário da AD (19/06/2011): deficiente físico.

Neste batismo percebi algo até então pouco ou nada problematizado por mim. Neste dia observei o rito como um evento social. Famílias unidas, muitas vezes abraçadas diante de

especialistas que com uma das mãos apontavam em direção ao grupo enquanto a outra estava sobre o ombro de alguém com uma bata branca. Ficou claro depois que comecei a observar um determinado especialista e a forma com que ele abraçava seus aspirantes, acenando para câmeras fotográficas e possíveis familiares antes do chamado “nascido de novo”, mesmo que este novo nascimento não seja sempre o que muitos esperam. Wilson, meu interlocutor disse em um determinado momento a mim, nesta mesma praia: “Eu não queria ter dado aquela última entrevista”. A razão desta frase foi uma suposta falta de preparação relacionada ao seu novo nascimento:

“Não teve um preparo de dois três meses, um discipulado<sup>93</sup>. Eu pensei que a minha vida ia mudar, mais parte desta frustração também é culpa minha, mas não me passaram entendimento sobre as coisas. Eu pensei que, quando saísse das águas tudo ia virar passe de mágica. Que eu não ia pensar mais em problemas, que eu não ia ter mais problemas. Eu pensei assim: vou ser batizado no Espírito Santo ao sair das águas. Também não fui. Eu não tive este preparo! A minha vida era muito difícil e eu sou um sonhador<sup>94</sup>”.



Figura 11 – Batismo na praia de Outeiro-PA. Ao fundo, o barco da Marinha do Brasil

Se o anúncio propagado pela organização era de 5.000 a 6.000 pessoas a serem batizadas naquele dia, o horário, 14:00 horas, acabava dizendo que esta marca não seria alcançada facilmente, mesmo com 1.200 pessoas já presentes e com o número se elevando. Entretanto em eventos desta natureza o maior volume de pessoas está nas primeiras horas – 11:00 horas foi o horário oficial para início do batismo – e se até às 14:00 horas estavam

<sup>93</sup> Ressalto que ele se refere à Igreja do Evangelho Quadrangular e não à Assembleia de Deus.

<sup>94</sup> Foi preciso organizar esta narrativa de forma a ficar mais inteligível.

presentes as 1.200, somente algo inesperado para que os 5.000 fossem alcançados. O batismo foi concluído com 2.000 pessoas, o que não desmerece em nada, por ser ainda assim, um número muito elevado. (Figura 11, acima)

Após o batismo voltamos para o hotel, combinamos de sair para as outras atividades relacionadas com o centenário, conhecer pontos turísticos, sobretudo outras praias de águas doces. Na noite daquele dia, parte do grupo foi para a Igreja Mãe, sobretudo os que não a conheciam, parte do grupo foi para o Centro de Convenções.

Na segunda-feira pela manhã, após o café aproveitei para conhecer o Jardim Botânico do Pará, voltar ao Ver-o-Peso, comer a saideira de açaí com peixe e tapioca e esperar a noite para fazer a entrevista com o diácono Gustavo e sua esposa (Figura 12), o que só aconteceu na terça-feira à noite. Com a correria do evento, não consegui acesso a ele hora alguma a não ser por telefone celular. Foi assim que agendei com ele e sua esposa uma entrevista na igreja antes de retornar para o Paraná. Eles estavam cansados, mas me deram atenção o que foi fundamental para pesquisa.



Figura 12 – Casal Gustavo e Vanessa

Destaco inicialmente parte da entrevista com Vanessa, esposa de meu melhor interlocutor na capital paraense, o jovem senhor Gustavo. Ele tem menos de 30 anos, mas

com uma história muito particular dentro da Igreja Mãe das Assembleias de Deus. Seu avô foi um dos pioneiros e quem o *ganhou para Jesus*,<sup>95</sup> o pastor Firmino Gouveia, que presidiu esta mesma igreja por vinte e nove anos. Nenhum outro pastor ficou tanto tempo no cargo. Esta relação familiar na iniciação de uma figura tão expressiva no contexto assembleiano, faz de Gustavo uma pessoa credenciada a estar próxima a elite eclesiástica da Igreja Mãe das Assembleias de Deus. Sua postura ativa transparece e o serviço voluntário não minimiza suas ações. Ele e Vanessa são casados há aproximadamente cinco anos e não têm filhos. Vamos à narrativa de Vanessa, que esteve envolvida junto ao marido na preparação, organização e recrutamento de contingente para o evento *Centenário da Assembleia de Deus*. Quero chamar a atenção do leitor em perceber o intenso envolvimento e a liderança feminina.

“Na verdade Deus direcionou pessoas. Sem elas nós não teríamos conseguido. As pessoas apoiaram e foram bem leais também, por isto deu tudo certo. Colocamos na mídia. Divulgamos e as pessoas vieram. Alguns são do Templo Central. Então, fizemos um cadastro. Mas tinha a questão das roupas de época que tinha que mandar fazer. A gente recolheu os valores e mandamos fabricar. Os homens estavam usando gravata borboleta e suspensórios que nós fornecemos. Tudo padronizado. Fizemos também uma sala Vip, que na verdade era uma sala de apoio para receber pessoas que vieram de fora. Como vieram parentes de Gunnar<sup>96</sup>, precisávamos de pessoas para recebê-los, pessoas que falavam outro idioma. Nós fizemos um trabalho de equipe mesmo. Foi muito bacana. Foi muito trabalho, muita correria, mas valeu à pena. Foi feito com amor. Foi muita doação, noites sem dormir. Eu e Gustavo ficávamos sem nos ver, mas agora nós podemos dizer que a honra e a glória foi pra Deus. Eu só estava ali como um instrumento. Eu fico feliz de ser este instrumento. Assim, a gente passa por muitas lutas e quando chega este momento de ver que Deus usa a gente pra fazer algo importante e isto é gratificante. Entender que Deus pode usar um cerimonial para te colocar em um lugar que as pessoas vão reconhecer seu trabalho, isto que é bacana. Assim, ontem já no final eu estava me sentindo muito incomodada. Comentei com as meninas: ‘Nossa eu estou precisando orar’. Teve uma hora que eu dei uma fugida e quando eu olhei, já estava no poder de Deus<sup>97</sup>. Quando eu olhei meu esposo estava também orando com o pessoal do cerimonial. Deus fez uma surpresa no final de tudo. Todo o trabalho finalizou com mais esta surpresa. Deus nos surpreendeu desta forma. Fui agredida verbalmente no Mangueirão, mas no final Deus respondeu com todo aquele ‘fogo’, todo aquele ‘poder’. Foi muito bom ver aquelas pessoas que trabalharam no cerimonial sendo batizadas com o Espírito Santo. Foi tremendo! Deus também curando, porque muitas pessoas estão ali trabalhando, mas estão passando por problemas, por situações difíceis. A gente não sabe, mas Deus sabe e encaminha”.

---

<sup>95</sup> Proselitismo

<sup>96</sup> Gunnar Vingren, fundador da AD no Brasil, juntamente com Daniel Berg.

<sup>97</sup> Estar no poder de Deus é o mesmo que estar cheio do poder de Deus, que por sua vez é o mesmo que glossolalia.

Gustavo complementa:

“Eram quatrocentas e trinta e quatro pessoas envolvidas. Nossa expectativa era de cento e cinquenta. Deus acabou nos surpreendendo, só que assim! Nossa preocupação toda era com a alimentação deste povo todo, nós fizemos muitas reuniões com os coordenadores sobre alimentação, água, o que nós vamos dar pra eles, barras de cereais. É um trabalho voluntário, mas nós temos que ter esta preocupação esse discernimento pra não deixar o povo também aleatoriamente. Cuidar bem como eu sempre fui bem cuidado. Até falei ontem que dou a minha vida por eles, amo esta obra, amo todos eles, mas minha esposa gosta sempre de falar que eu não sou de chamar a atenção. É por isto que a maioria deles gosta de mim e não querem que eu saia de jeito nenhum, porque eu sou mais maleável [risos]. Foi gostoso, teve também outras pessoas que vieram nos ajudar. Jades Barcelar, um profissional com quinze anos de experiência na área de cerimônias veio a pedido da *irmã* Rebeca [esposa do pastor Samuel Câmara]. Foi ele quem nos abriu a visão no que se refere a recepções. Tivemos equipes com intérpretes no Aeroporto, Porto, Terminal Rodoviário, Estádio Mangueirão e Centro de Convenções”.

Quero aproveitar o evento Centenário e a entrevista para trazer dados de campo que mostram como o pentecostalismo não só provoca mudanças na sociedade como um todo, mas exerce influência inclusive política. Neste recorte de meu campo que durou sete dias com objetivo de etnografar as comemorações dos 100 anos da AD, estava transparente até mesmo a um leigo o envolvimento dos Governos Federal, Estadual e Municipal. Somam-se a estes, Exército, Marinha e Aeronáutica. Analisemos partes da entrevista com Gustavo que mostra tensões, apoios políticos, militância da igreja, enfim, trata-se de fatos que suscitam o questionamento: A força deste pentecostalismo vem de especialistas, ou de sua sociabilidade?

Trarei dados a partir de um episódio no Aeroporto Internacional Val de Cans em Belém, aeroporto este, em que foram montadas estruturas para receber turistas para o evento, mas antes vejo necessário fazer a abordagem de um artigo da antropóloga Patrícia Birman (2009), publicado no Livro *Religiões e Cidades*, organizado por Clara Mafra. Este artigo traz resultados de pesquisa sobre uma pequena vila de pescadores chamada Camboá, no Estado do Rio de Janeiro, e demonstra como o meio evangélico pentecostal exerce influência sobre esferas públicas e até mesmo privadas.

A vila de Camboá teve, segundo a autora, a grande maioria de seus moradores convertidos à Assembleia de Deus no início do século XX. Para essas pessoas, esta opção religiosa deu a eles um status de merecedores da graça divina, traduzida em *prosperidade alcançada*. (BIRMAN, 2009, p. 167) Atribui-se a Deus, não só a prosperidade, mas a possibilidade de não se render aos especuladores imobiliários, mantendo ainda assim um padrão elevado. Isto é motivo de orgulho:

Hoje, a mesma igreja pentecostal orgulha-se de presidir uma comunidade diferente das demais no seu entorno. Ao contrário das outras, nas quais a atividade da pesca já foi essencialmente substituída pelo turismo, nesta são os ‘filhos do lugar’ que possuem as melhores casas da vila e se beneficiam dos frutos do trabalho em uma comunidade gerida pela igreja. (BIRMAN, 2009, p. 167).

É de fato este gerenciamento da comunidade fluminense pela igreja que nos chama a atenção ao mesmo tempo em que nos proporciona traçar um paralelo com nosso contexto, mesmo que para isto seja necessário conectar o sudeste brasileiro, onde está o Rio de Janeiro, ao norte, onde colhemos nossos dados. Birman (2009) percebeu que não só a comunidade reconhece seu poderio sobre os políticos, como há um reconhecimento do próprio Estado em relação a “esta certa soberania da igreja na gestão do território” (BIRMAN, 2009, p. 168). Uma das consequências é a instalação de rede elétrica antes de qualquer outra comunidade do entorno. A voz da igreja ecoa e recebe *feedback*:

Foi devido ao reconhecimento da igreja como autoridade máxima do lugar que eles conseguiram obter benefícios da prefeitura e do governo do estado. É com o seu pastor, presidente da Assembleia de Deus, que o prefeito, o governador, os empresários e as demais pessoas importantes conversam quando há qualquer decisão a ser tomada que envolva a vila ou a sua participação na esfera pública. (BIRMAN, 2009, p. 167).

Em nossa pesquisa, muda-se o contexto geográfico, os personagens também são outros e mesmo fazendo parte da mesma denominação, dificilmente estes estabeleceram algum tipo de contato. Se há um abismo nestas partes, não há no referente ao ideal. A influência da *comunidade religiosa* é acionada com fins específicos, segundo a vontade do grupo. Isto fica claro diante deste episódio no Aeroporto em Belém narrado por Gustavo:

Foi na quinta-feira [16/06/2011]! Satanás é astucioso e adora querer aprontar. Eu recebi um telefonema do pastor Kleber dizendo que um cidadão da polícia Federal tinha expulsado o nosso povo lá de dentro. ‘Que aquilo não era permitido, que eram inaceitáveis coisas religiosas dentro do Aeroporto’, sendo que o nosso Aeroporto é um ponto turístico aonde sempre há recepções quando acontecem os Sírios de Nazaré, quando tem o carnaval. Então, comecei a ligar! Liguei para o deputado Marinho e o assessor dele que disse: ‘Vamos mexer, vamos mexer’. O povo de Deus também não é parado não. Nós temos também nossos pontos estratégicos pra acionar’. Acionei o pastor Soft que é assessor do pastor Silas Malafaia. Disse a ele: ‘Pastor, mexa aí! Vê se o senhor conhece alguém.’ De repente, veio uma ligação de Brasília, do ministério da justiça, a pedido da Presidente Dilma, que voltasse todo mundo. Aí o pessoal aproveitou! As *Belemitas* que são aquelas senhoras que tocam instrumentos, foram receber o povo. Quando eu liguei pra lá disseram: *Gustavo o fogo tá caindo aqui! O povo não quer mais nem sair. Tem mais de uma hora que o povo de São José dos Campos tá aqui falando em línguas eu digo! Eitá.* E eu assim, com tanto trabalho, não tive nem tempo de chegar lá. Fiquei só um pouco triste, porque a gente não teve a oportunidade de chegar. Bem que eu queria ter ido lá (grifo nosso).

Outra parte da entrevista com Gustavo fala sobre a segurança. Ele mesmo era um dos responsáveis. Chamo a atenção para o detalhe do envolvimento não somente de pessoas da própria igreja, mas o de policiais militares:

Ontem mesmo [20/06/2011] eu estava quase deitando e o pastor Samuel me ligou dizendo: *Gustavo, eu to indo lá no Cotunduba e preciso de apoio! É uma área super perigosa. Às vezes tem que acionar até viaturas. Até, quando eu cheguei lá o pastor da área perguntou: Gustavo! Tu acionaste a polícia? De manhã eu ia ser assaltado. Os caras não me assaltaram, mas assaltaram pessoas que estavam no bar em frente à igreja.* Mas, em todas as cidades tem isto. Não é só Belém que tem este tipo de coisa (grifo nosso).

Para concluir a problemática, mas não a reflexão sobre a força deste pentecostalismo, chamo a atenção para a presença da Esquadrilha da Fumaça da Força Aérea Brasileira e como a representatividade da Assembleia de Deus, no cenário nacional, pode acionar mecanismos que a coloca em posição de *ser ouvida*. O assunto surgiu após ter falado com Gustavo que estive percebendo a presença do Exército no dia da encenação, a Marinha, no dia do batismo e a Aeronáutica com a Esquadrilha da Fumaça.

“Ainda bem que o senhor tocou neste assunto. É tanta coisa que assim. Isto foi também uma coisa pra ficar marcada, porque a Esquadrilha da Fumaça não vem nesses eventos. Quando o pastor Eurípedes, que é o Capitão Eurípedes da reserva do Exército, meu tio, irmão da mamãe, acertou com o pastor Samuel tudo sobre a presença da Esquadrilha da Fumaça e suas sete aeronaves, quando eles chegaram aqui pra avisar o comando da Aeronáutica, nem eles sabiam. *Como assim?* Perguntou o Brigadeiro: Porque eles não vêm em eventos de igreja. Eles vêm mais para eventos de 7 de setembro, apresentações em Brasília, essas coisas. O Brigadeiro disse: *Não! Eu não estou sabendo de nada.* Eu disse [Gustavo]: mas está vindo. Eu estou até aqui com o Capitão do meu lado. *Mas como assim! Como vocês conseguiram isto?* Deus né! [risos]. Também a nossa Presidente! [...]. Nossa expectativa era com a chegada dela, mas acredito que teve um probleminha que ela não veio [é possível pensar que: uma coisa é apoiar determinado segmento religioso e outra coisa é se posicionar abertamente ao lado deste]. O pastor esteve em Brasília, no Senado, na Câmara Federal. Falou ao vivo na TV Câmara. Alguma coisa assim. Na segunda foi no Senado, na terça foi na Câmara Federal e na quarta foi na Câmara Municipal. Aqui eu estava com ele. Foi coisa meio assim de Deus, porque um homem falar no meio deste povo!... O senhor sabe que é difícil. A esposa do pastor falou que no dia em que ele estava no Senado, o povo levantou e aplaudiu de pé. O pastor tem palavras sábias” (grifo nosso).

O pastor Eurípedes é uma pessoa expressiva dentro de contexto da igreja de Belém, mas já pontuamos de forma pormenorizada sobre aspectos de sua trajetória de vida, anteriormente no Capítulo 2, subseção 2.2 – *Perfil do Pastor José Eurípedes Bezerra de Moraes*. Quanto ao conteúdo da narrativa, apesar de abordar aspectos relativos à influência que a Assembleia de Deus tem através do pastor Samuel, do pastor Eurípedes, ou de qualquer

outro, fica clara uma admiração por parte de meu interlocutor em relação ao pastor Samuel, e este não é um caso isolado. Talvez se não fosse esta posição que o pastor Samuel ocupa e sua representatividade dentro e fora do contexto eclesiástico a viabilidade de se gerenciar um evento como o Centenário da Assembleia de Deus no Brasil enfrentaria certas dificuldades ou até poderia ter impactos nos níveis local, estadual e nacional, mas avançou até internacionalmente.

O capítulo a seguir é uma continuação deste, na medida em que permanece presente o evento *Centenário* em Belém, entretanto, a figura do pesquisador aparece como um ponto a mais dentro da própria pesquisa. Ter formação eclesiástica, assim como uma formação profissional técnica, acabou possibilitando acessar dados e fazer pesquisa, mas foi um exercício utilizar experiências acumuladas em uma vida como ferramenta de avanço.

## **CAPÍTULO 4: UM PESQUISADOR PENTECOSTAL**

Produzir resultados de pesquisa sem dúvida alguma depende de um conjunto de elementos que vão do treinamento teórico à definição do objeto a ser pesquisado. Não obstante, ainda que alguém, seja em um futuro próximo ou remoto, problematize de forma melhor um acontecimento, mesmo sem ter estado literalmente no lugar, terá sido necessário ter havido algum tipo de registro, seja escrito ou na memória individual e/ou coletiva. O centenário da Assembleia de Deus em 2011 é um destes acontecimentos e eu sou uma das pessoas que estiveram lá, transitando por ruas, praças, Centro de Convenções, Estádio e pela praia de Outeiro, entrevistando pessoas, vendo outros, demasiadamente emocionados. Tirei fotos, vivi experiências inusitadas, caminhando muitas vezes como um solitário pesquisador, procurando o melhor local para estar em meio a uma multidão de peregrinos, outras vezes em meio à própria multidão. Eu precisava estar lá! Precisava deixar minha contribuição à posteridade acadêmica registrando aquele momento único.

Quantos de nós podemos estar em uma marca histórica em condições reais de aproveitar em sua essência o centenário de algo, sobretudo quando este algo é nada mais que a maior igreja evangélica do país e o maior evento realizado por uma igreja do ramo?

Em dezembro de 2010 estive pela primeira vez em Belém no Pará. Em um primeiro momento não sabia muito bem o que aquela viagem poderia proporcionar como resultados de pesquisa, isto porque a princípio o Norte brasileiro não fazia parte de meu objeto. Mas, sequencialmente, diante da efervescência e o entusiasmo entre o grupo de evangélicos da igreja Mãe das Assembleias de Deus, em decorrência do centésimo aniversário de origem desta igreja, seguido de um prognóstico sem precedentes com estimativa da participação de mais de 100.000 pessoas, previsto para ser realizado em meados do ano de 2011, acabaram por me fazer voltar a Belém.

Minha viagem começou em Curitiba, no aeroporto Afonso Pena. Quanto às minhas expectativas, frente à etnografia do centenário, eram que muitas coisas seriam diferentes, como por exemplo, não precisaria de ninguém para me receber no aeroporto, pois já sabia qual ônibus faz a linha do aeroporto Val de Cans-Centro, a localização da igreja, restaurantes populares, lugares e horários em que se poderia transitar em segurança, uma base de preços de produtos e serviços, mas dentre todos os pontos a favor, nenhum destes pode superar o estabelecimento de contatos. Eu já não era um solitário no meio da grande multidão na capital paraense.

Quinta-feira, dia 16 de junho de 2011 eu estava desembarcando em Belém do Pará, às 5:00 horas e sendo recebido por vários integrantes da igreja que estavam recepcionando as pessoas que vieram para o evento. Eu precisava encontrar um local para ficar por oito dias e para isto procurei utilizar minha condição de pastor evangélico mais uma vez a favor da pesquisa, mesmo porque acabei deixando para última hora as reservas, pensando que poderia encontrar algum lugar para ficar sem ter que assumir as despesas de hospedagem. Foi um erro, sobretudo, porque quando resolvi procurar um hotel mais em conta, não havia disponibilidade. Todos já haviam sido reservados para o evento. Então, entrei em contato com o diácono Gustavo, meu conhecido desde dezembro, que me informou o telefone do Hotel Real, cujo proprietário é um dos pastores assembleianos. Por haver deixado para última hora, já não havia mais quartos disponíveis, mesmo assim, a gerente do Hotel Real, me passou o telefone de um rapaz (genro de outro dos pastores da A.D.) que estaria reservando lugares para ficar em um prédio.

Quando liguei para ele em Belém, me identifiquei como pastor, esperando não só um lugar para ficar com o mínimo de conforto possível, mas com um preço acessível. O preço estava em conformidade com minhas finanças, mas, depois quando fui realmente me hospedar percebi que a localização e instalações, definitivamente não eram aceitáveis, tanto que tive que procurar outro lugar para me instalar. Segundo ele, se tratava de um quarto alugado nas temporadas e que a única coisa que não tinha era café da manhã. Entendia eu que seria como nestas casas alugadas para temporada, com móveis, utensílios, televisão e com sorte até um local para fazer minhas próprias refeições, o que poderia reduzir em muito os gastos. Chegando, me deparei com um quarto precário, dentro, um guarda-roupa, cama de casal sem possibilidade de se deitar, um banheiro sujo como o quarto. O próprio rapaz se encarregou de juntar um pouco do lixo o que não melhorou em nada. No banheiro uma sacola com embalagens de preservativos, na cama, manchas sabe-se lá de que.... (Figuras 13 e 14)



Figura 13 – Pacotes de preservativos



Figura 14 – Cama com manchas

Em minha mente se formou uma equação: embalagem de preservativos, mais manchas no colchão, sabe-se lá de que, é igual à solução. Assim que ele saiu, fui procurar um quarto em algum hotel. Por mais que eu não me importe com conforto, não conseguiria dormir naquelas condições. Já dormi no chão, em barracas, em redes, mas aquele momento era um desafio a não se enfrentar, entretanto, precisava dormir, estava exausto. A solução foi comprar uma rede em um *camelódromo*. (Figura 15) Feito isto, voltei para o quarto e fui dormir.



Figura 15 – Rede de dormir como solução imediata em campo

Quando acordei fui falar com o Itamar, o rapaz que me alugou o quarto. Disse que não tinha como ficar lá naquelas condições, pois tinha até papel de camisinha no banheiro, que era preciso mandar alguém fazer pelo menos uma limpeza básica. Ele simplesmente disse: “Olhe, se o senhor conseguir algum hotel eu não vou cobrar nada do senhor, e caso consiga, as diárias estão cerca de 50% acima do preço, devido ao evento do Centenário da AD. Caso consiga, eu até acho melhor, pois lá eu reconheço que é complicado”. Nas suas falas, expressão corporal, sobretudo no ar irônico, ele tinha a certeza de que eu não conseguiria. Não só ele; eu também. Já estava pensando em comprar material de limpeza, mas decidi dar mais uma olhada em outros hotéis. Os poucos com vagas, o preço não cabia no meu bolso, todos inflacionados, até que eu cheguei a um hotel chamado São Brás. Era simples, mas tinha um quarto livre em preço acessível. O valor era de R\$ 50,00 com café da manhã, toalhas limpas todos os dias, lençol de dois em dois dias e ventilador. Este quarto ficou disponível, depois que um pastor que havia reservado ligou cancelando. Era o meu quarto e ficou ainda melhor depois de negociar e conseguir redução em R\$ 10,00 a diária. Fechei o negócio.

Quando fui entregar as chaves ao Itamar, seu rosto surpreso confirmou que ele não esperava que eu conseguisse um lugar melhor, tendo que me sujeitar a ele.

Na noite do dia 16, fui para o Estádio do Mangueirão. Depois de tomar banho e colocar uma roupa social fui para o ponto de ônibus. O evento foi realizado neste estádio de 16 a 18 de junho, quinta, sexta e sábado. No ponto, consegui uma carona com uma caravana de igrejas de Belém até o Mangueirão, entretanto chegando lá me distanciei do grupo. Dava para ver que era um grupo fechado. Cantavam alegremente, davam risadas, brincavam uns com os outros, mas era nítido que alguém vindo de fora, estava fora do contexto. Agradei e fui em direção às rampas de acesso. Logo na entrada, estavam dezenas de recepcionistas, alguns deles informando que pastores receberiam uma credencial específica para o evento e ainda, ficariam em lugar privilegiado. Perguntei se eu, como pastor da Quadrangular teria direito a uma destas. Apresentei minha credencial da Igreja do Evangelho Quadrangular (Figura 16) e assim consegui a do *Centenário da Assembleia de Deus*. A partir deste momento eu estava inserido no evento e devidamente credenciado, como pastor pentecostal. (Figura 17)



Figura 16 – Credencial da Igreja do Evangelho Quadrangular



Figura 17 – Mangueirão em Belém do Pará: destaque para a credencial de pastor

Seja como for, entendo que só ocupei este *lugar* porque me encaixei no que se interpreta ser um *homem de Deus*, isto de forma legítima. Aquele não era lugar de pessoas comuns! Era o lugar simbólico daqueles que são *usados por Deus* e de suas famílias. Como pesquisador eu ou qualquer outro, jamais ocuparíamos aquela posição. Então, já que me era atribuído o acúmulo de dados, reservei-me à observação etnográfica do evento. Sobretudo, neste primeiro dia, as pessoas não paravam sequer para conversar, quanto mais para entrevistas. Elas estavam sempre correndo, seja em direção ao estádio, ou para pegarem o ônibus retornando a algum lugar. Minha expectativa era que, com o passar do tempo e o evento, a poeira fosse abaixando e assim conseguisse algumas entrevistas.

Neste dia, uma quinta, cheguei com a caravana a 30 minutos do início, melhor dizendo, às 18:30 horas. Quase não consegui entrar encontrando o estádio praticamente lotado. Foram executadas apresentações com centenas de pessoas envolvidas e uma organização digna dos megaeventos. Entretanto neste primeiro dia nada foi mais expressivo do que a pessoa que pregou a mensagem de abertura, a Missionária carioca Helena Raquel. Isto mesmo, uma mulher foi responsável por pregar a mensagem de abertura dentro de um contexto de liderança religiosa tipicamente masculina. Em alguma medida estava se quebrando protocolos e paradigmas. Alguns falam em confronto político envolvendo a cúpula eclesial assembleiana, entre Samuel Câmara, pastor presidente da igreja Mãe das AD e José Wellington, presidente das AD no Brasil. Este último, segundo minhas observações,

seria a pessoa que por direito deveria estar no lugar de *pregador* naquela noite em decorrência de sua posição na hierarquia. A esposa de um pastor considerou que o acontecido foi “um desacato, colocar o pastor presidente das convenções assentado vendo uma mulher pregando”, mas eles mesmos consideraram o acontecimento um marco na história da igreja. Já seu marido disse ter ouvido de um pastor proeminente dentro da AD que: “quando um pastor não tem mensagem para passar para o povo, não deve ficar machucando as pessoas com palavras e sim chamar uma destas mulheres unguas para estar pregando”. Chama a atenção que se de um dos lados você tem um homem defendendo o acontecimento inusitado, por outro o desconforto parte de uma mulher. Ela e não ele repudia o acontecimento denominando o fato de *desacato*.

O acontecimento em si não foi surpresa para mim, mas ver uma mulher pregando pessoalmente, sobretudo em um evento específico, me força a pensar o momento como tentativa de se instaurar um legado histórico à posteridade, quem sabe reproduzido ainda nas primeiras frases de Helena Raquel: “Eu quero cumprimentar a geração do centenário com a ‘Paz do Senhor!’. Deus seja louvado nesta noite!... Louvo ao Senhor pela vida do pastor Samuel Câmara e *irmã* Rebeca e pela alegria de representar milhões de assembleianas nesta noite. Que Deus seja louvado!”.

No outro dia, sexta 17 pela manhã, conheci alguns pastores que estavam hospedados no mesmo hotel. Havia pelo menos três casais de pastores. Em relação a eles me identifiquei simplesmente como pastor e não como pastor da Quadrangular. Não por malícia, mas como metodologia de aproximação<sup>98</sup>. Não me senti traidor da confiança deles, apenas não expressei como um todo sobre o assunto. Também nunca falei que era pastor da A.D. e sim adotei a forma de cumprimentar dos assembleianos: “Paz do Senhor”. A dificuldade estava em me manter alerta quanto a determinados posicionamentos inerentes ao meu contexto. O maior deles era o cuidado de não chamar as esposas dos pastores de *pastoras*, uma posição hierárquica comum nas Igrejas do Evangelho Quadrangular, mas de qualquer forma, antagônico ao contexto das Assembleias de Deus. Eu tinha que chamá-las de *irmãs*. Tive que me cuidar, mesmo assim, ainda que poucas vezes, escapou entre os lábios a palavra *pastora*.

À noite voltei ao Manguirão, desta vez, uma hora antes do início do evento, mesmo assim, por pouco não consegui entrar novamente. Uma das razões foi a de entrevistar um policial militar que estava a trabalho no evento, o sargento Ivan. Como se trata de um evento

---

<sup>98</sup> Como meu objetivo era apreender o maior número de depoimentos possíveis, não caberia naquele momento enfatizar meu pertencimento religioso. Isto poderia impor reservas desnecessárias. Outras experiências me provaram que se trata de fato e não suposição.

religioso, porém dentro de instalações que muitas vezes são cercadas de grandes aparatos militares, vendo uma suposta tranquilidade, tanto que me senti a vontade para entrevistá-lo, perguntei a ele se até o momento foi necessário algum tipo de intervenção policial. “De forma alguma. Algum problema lá fora, mas de pessoas que tentam se aproveitar da situação. Pessoas que queiram cometer pequenos furtos por saber que não vai haver resistência, porque o povo é pacífico, o povo não é de reagir muito não é, o povo de Deus é, é, é”. Eu completei: manso? “Manso! A palavra é esta. Então eles tentam se aproveitar disto. Nossa finalidade é impedir que estas coisas aconteçam, que eles se aproximem e aproveitem da situação”.

Esta mini entrevista foi na entrada do estádio. Quando entrei, já estava praticamente lotado. O corpo de bombeiros já havia interditado a entrada de pessoas nas cadeiras cativas destinadas aos pastores e familiares, mas consegui entrar, porém não existiam mais cadeiras disponíveis ao público. Poucos minutos depois o Corpo de bombeiros fechou todas as entradas. Fiquei lá observando as apresentações, coreografias e a movimentação de pessoas. Em dado momento, o pastor Samuel disse que daria ordens para abrir os portões de acesso ao campo e que as pessoas que estavam de fora não deveriam ir embora. Os portões foram abertos e uma grande multidão acessou o campo. Tudo de forma pacífica e ordenada. Segundo relatórios de um dos organizadores do evento, neste dia, somente dentro do estádio, estavam 80.000 pessoas, vinte mil a mais que no dia anterior (na quinta, dia 16, os portões não foram abertos).

O sábado era o dia oficial do aniversário do Centenário. Pela manhã houve a encenação da chegada dos pioneiros, no cais do porto do Ver-o-Peso. Quando cheguei, já havia uma grande multidão de espectadores, muitos destes, na chamada “escadinha”<sup>99</sup> por onde os pioneiros subiram quando desembarcaram no Brasil, vindos da América do Norte. Estavam vestidos com roupas de época. Não era nada fácil se aproximar do cais, mas devido ao calor intenso, 34 graus à sombra, o sol escaldante da região amazônica, somados à aglomeração de pessoas, fazia com que a sensação térmica ultrapassasse em muito os 40 graus. Quando alguém saía, às vezes passando mal por não aguentar o calor, então eu dava um passo à frente. Cheguei tão perto que o Gustavo, uma espécie de homem de confiança do pastor Samuel, quando viu as fotos que tirei dele, ficou maravilhado de minha proximidade sem que tenha percebido.

---

<sup>99</sup> A *escadinha* do Cais do Porto de Belém ocupa um lugar central na história da capital paraense. Nela eram dados os primeiros passos de imigrantes que motivados pelas mais distintas razões chegavam ao Brasil no século XX. As obras de construção do Porto de Belém iniciaram em 1907 e a *primeira parte foi concluída em 02 de outubro de 1909*, em uma extensão de 120 metros e um armazém. *Em 1913, atingiu o total de 1860 metros de cais acostável.* (ARRUDA, 2003 p.81).

Particularmente, afirmo terem sido emocionantes os acontecimentos no geral, sobretudo, quando o navio “Clemente” atracou no porto trazendo os “pioneiros”. Assim que os atores colocaram os pés em terra se iniciou a carreata pelas ruas de Belém. (Figura 18) Procurei observar tudo, evitando que detalhes escapassem e ao mesmo tempo em que observava, problematizava. Na quinta-feira a esquadrilha da fumaça fez apresentações, portanto marcando a presença da Aeronáutica. No sábado observei soldados do Exército fazendo um cordão de isolamento mantendo um corredor livre para passagem dos atores que representavam os fundadores da AD, Daniel Berg e Gunnar Vingren, os membros das famílias dos dois com destaque para o filho e neto de Vingren e a filha de Berg vindos da Suécia e o pastor Samuel Câmara. Já na carreata, o pastor Samuel Câmara estava na carroceria de uma das camionetes da Polícia Rodoviária Federal, um oficial com a camisa da polícia, a esposa do pastor Câmara, o pastor Firmino Gouveia que pastoreou a Igreja Mãe por quase três décadas, sua esposa Ester.



Figura 18 – Carreata: no carro as figuras representativas da AD em Belém. Com a bandeira, pastor Samuel Câmara, à sua frente pastor Firmino Gouveia.

Gustavo coordenava e cuidava da segurança dos pastores. A carreata acessou ruas desde o cais do porto, até o centro de convenções situado na Avenida Augusto Montenegro. Foram aproximadamente três horas de movimentação entre carros, motos e bicicletas pelas ruas de Belém. A propósito, o Centro de Convenções da Assembleia de Deus, foi orçado em R\$20.000.000, construído em aproximadamente 12 meses (Figuras 20 e 21) na administração do pastor presidente Samuel Câmara. Com sua maioria, doações de Igrejas e seus membros

(Figura 19), rifas de carros 0 km, serviços prestados como, venda de alimentos, bolos, queijos da região, etc. A obra chamou a atenção até mesmo do Governador do Pará, Simão Jatene<sup>100</sup>:

“O Governador do Pará Simão Jatene esteve no Centro de Convenções terça-feira pela manhã e voltou à tarde [...]. É como ele falou com o pastor. ‘Às vezes tenho R\$20.000.000 e não consigo fazer uma obra como aquela’. E só com a ajuda dos *irmãos*. Então ele ficou surpreso e de manhã, reuniu todos os Secretários e mandou todos irem à tarde com ele. Os seguranças andaram comentando comigo e até falei com o pastor Samuel que nunca é do Governador ir e voltar num mesmo local”.

DOAÇÕES		
2010		
MAI	649.492	
JUN	528.180	
JUL	474.029	
AGO	503.477	
SET	511.456	
OUT	515.785	
NOV	522.102	3.704.521 +1%
DEZ		
1ª SEM	94.177	
2ª SEM		
3ª SEM		
4ª SEM		

Consta no painel, o nome da pessoa, família, instituição ou Igreja que já contribuiu com R\$ 365 (trezentos e sessenta e cinco reais) que equivale a R\$ 1,00 (um real) por dia durante 1 ano de mobilização para o Centenário.  
em breve seu nome constará neste painel  
“E deus lhes ordena, dizendo: Assim fazei no temor do SENHOR, com fidelidade, e com coração íntegro: cômmodos 19:9”

Figura 19 - Quadro de doações: foto de dezembro de 2010.



Figura 20 – Centro de convenções: dez/2010



Figura 21 – Centro de Convenções: jun/2011

Quanto a mim, enquanto receptor e produtor de conhecimento, acredito que o pesquisador nada mais é do que o resultado de um treinamento acadêmico, cujo objetivo é refinar a percepção inerente àqueles que já possuem uma capacidade natural de questionamentos, mesmo entendendo que todos passam o curso da vida levantando questões e

<sup>100</sup> Diácono Gustavo em entrevista após a festa do Centenário

obtendo respostas. A autora de *Autoetnografias: Conceitos alternativos em construção*, Daniela Beccaccia Versiani (2005), chama a atenção para uma nova e problematizada forma de produção acadêmica por parte de pessoas que ocupam posições pouco convencionais no contexto de saber científico. Em nosso caso em específico uma abordagem não só distinta da forma “clássica de se fazer antropologia”, mas questionada constantemente por esta “antropologia clássica”, ou seja, uma produção *autoetnográfica*.

Com base analítica de vários autores que tratam o tema, Versiani (2005) afirma que foram reconhecidas como do gênero em relação a esta nova possibilidade de fabricação de conhecimento as: “autoetnografias, autobiografias e etnografias escritas tanto por antropólogos que assumem uma postura autorreflexiva” ao produzirem suas próprias etnografias e também a produção de conhecimento “por nativos de uma dada cultura com ou sem treinamento em antropologia que, em seus discursos, refletem sobre suas perspectivas trajetórias socioculturais e /ou teóricas” (VERSIANI, 2005, p. 211).

Ainda relacionado a esta seleção de teóricos/pensadores, a autora reconhece uma unidade fundamental entre eles mostrando a existência de uma corrente, volto a dizer, contrária à “antropologia clássica” reconhecendo a possibilidade da agregação de conhecimentos que vêm das mais distintas fontes de produção reflexiva. Portanto, se antes o pesquisador, *sujeito* produtor que outrora assumia todas as responsabilidades e créditos de pesquisa em relação ao seu *objeto*, que aparecia como passivo, atualmente este último começa a encontrar seu lugar no reconhecimento por parte de uma gama de acadêmicos como produtores de um saber em pé de igualdade com o próprio pesquisador.

Está é uma configuração de ganho e não o contrário, isto porque não estamos falando de uma forma de produção em que o pesquisador apareça como um porta-voz do grupo que ele pesquisa, ou que representantes de grupos passem agora a ter a oportunidade de ecoar suas apologias, seus discursos prosélicos ou o que seja. O que se pode ver é uma interação estabelecendo assim um conglomerado de saberes reflexivos que vêm de ambas as partes, abstraindo aquilo que cada um tem a oferecer de melhor para uma produção final:

Um pressuposto comum aos nove antropólogos é aquele da própria necessidade de elaboração de um conceito como o de autoetnografia em um momento em que ocorrem, no campo da antropologia e das disciplinas humanísticas em geral, alterações na percepção dos processos de construção de *selves*, agora entendidos a partir de perspectivas de multiplicidade, mobilidade e complexidade; da relação circular e de mútuas influências entre os processos de construção de subjetividades, sociedades e culturas; e entre sujeito do conhecimento, objeto do conhecimento e processos de construção de conhecimento. (VERNIANI, 2005, p. 210).

Como pensador, não são apenas os acontecimentos do presente, a academia, ou o(s) meio(s) em que estou inserido, ou ainda outros tantos referenciais que se possa imaginar a fonte que suscita em mim uma série de questionamentos que jorram dia após dia. A primeira memória que consigo resgatar de minha vida é a de estar em volta de meu pai vendo-o arrumar a única motocicleta que teve em toda sua vida, uma Royal 500 cilindradas, e perguntar: “Pai! Passarinho voa, urubu voa e por que eu não voo?”. Eu me lembro que o quadro foi motivador de boas gargalhadas de meu pai e isto me marcou profundamente. Talvez se ele não tivesse feito aquele alvoroço todo eu não me lembraria disto hoje, afinal minha idade estava em torno dos cinco anos.

Durante toda a vida, indagações sempre me assombraram, algumas vezes me alavancando, outras não, mas pelo menos três destas me levaram para o PPGAS/UFPR. A primeira: por que eu que sempre estudei em escolas públicas, tanto no ensino profissionalizante<sup>101</sup>, quanto no Fundamental, Básico e Médio.<sup>102</sup> Contudo, ao prosseguir para o Superior, tive de cursá-lo em instituição particular, tendo que aceitar passivamente esta realidade brasileira. Ou seja, por que eu que sempre fui aluno de ensino público, tinha que ser excluído na academia do mesmo acesso que tive a minha vida toda? Se a base educacional de entrada na academia é negativamente desproporcional ao próprio ensino superior público, ao contrário da base oferecida pelo ensino privado sendo este de tão difícil acesso as classes menos favorecidas, assim como as Universidades e Institutos Federais o são, não é uma postura *alienada* que resolverá a questão.

Não estou excitando uma espécie de revolução, mas chamando a atenção para uma desproporção em relação às ferramentas em que se trabalha o mesmo objetivo, ou seja, o acesso ao ensino superior público. Não obstante, quantos de nós, pobres mortais menos favorecidos, podemos nos dar o luxo de estudar nas manhãs e tardes (horários geralmente disponibilizados pelas Universidades públicas) durante a semana. Geralmente, quando não se tem que trabalhar para ajudar no sustento familiar, com um pouco de sorte, tem que pelo

---

<sup>101</sup> Meu pai, Ismael Mariano, era Mecânico Especial da RFFS/A e como sempre estive caminhando nas mesmas profissões. Nas proximidades de abril 1983, com 14 anos de idade, participei de um processo seletivo para alunos aprendizes do SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial). Fui reprovado, mas me lembro de que seis meses depois, em outra seleção consegui a aprovação. Na época meu pai me colocou para ter aulas particulares com professores de Matemática e Português. Após a aprovação nesta etapa, passei ainda por exames psicotécnicos, entrevista com psicólogo e exames médicos. Cada turma era composta de 30 alunos que por nota eram distribuídos nas áreas de Mecânica, Eletricidade, Metalurgia e Marcenaria. As notas gerais dos trinta alunos, após os seis primeiros meses, definiam o preenchimento das vagas por Ciência. Cada aluno preenchia uma ficha com 1ª, 2ª e 3ª opção. Minha primeira opção foi mecânica e me qualifiquei profissionalmente como Mecânico Ferroviário de Manutenção de Motores de Locomotivas Diesel Elétricas. O curso tinha a duração de 03 anos, com aulas teóricas nas manhãs, aulas práticas à tarde, de 2ª à 6ª. Carteira assinada e um salário que ia de 1/2 salário mínimo no primeiro ano a 2/3 no último ano. Uma parceria entre RFFS/A e SENAI.

<sup>102</sup> E.E. Dr. Vieira Braga, E.E. Governador Bias Fortes e E.E. Prof. Henrique Dumont.

menos trabalhar durante o dia para ter alguns poucos bens de consumo pessoal (como foi meu caso). Assim só nos restam as noites, para que depois de uma longa jornada de trabalho durante o dia, se inicie outra tão dura quanto a primeira. Ainda bem que esta realidade não está uniformizada atualmente como outrora, assim como o tipo de conhecimento que subtrai destes caminhos que deixam de ser vistos como contrários passando a ser entendidos como paralelos.

Em relação ao ensino superior privado, penso que uma das poucas razões para confortar-me em relação a isto é que a área acadêmica que desejei como aluno foi em um primeiro momento a Teologia, que não está disponível nas Universidades Federais e, mesmo nas Faculdades particulares, as primeiras turmas a serem reconhecidas pelo MEC começaram a concluir o curso de graduação a partir de 2004. Eu faço parte desta geração, entretanto, hoje ambiciono outras vertentes de conhecimento acadêmico e no momento, nem mesmo a recém-chegada Ciências da Religião me atrai. Isto não tem comparação com minha crença e sim com o que eu desejo aprender. Não que se esgotaram as disponibilidades de *saberes* oferecido pela Teologia, pois, ao contrário da Antropologia, que é uma ciência relativamente nova com pouco mais de um século, esta primeira remonta séculos e séculos.

Minhas razões são outras; minhas questões, hoje, também remetem menos a valores “transcendentes” e mais aos comportamentos de indivíduos e grupos pentecostais de “primeira onda”. Não que o sagrado tenha perdido seu o valor, talvez nunca estivesse tão forte, mas as perguntas que me constroem estão relacionadas a uma outra vertente, quem sabe possa afirmar ser *uma fé inteligente*.

Em se tratando da Antropologia como ciência, não só é oferecida pelas Universidades Federais, como há no Paraná uma Antropologia de ponta, com um corpo docente digno de nota. Sendo assim, no que depender de mim quero continuar matando minha fome e sede de saberes na mesma fonte que me alimentou a vida toda, ou seja, o ensino público.

A segunda das razões é: por que eu como um dos pastores da Igreja do Evangelho Quadrangular, não posso estudar os grupos a que pertencço ou outros grupos de mesmo segmento religioso como a Congregação Cristã no Brasil e a Assembleia de Deus? Partindo deste princípio, não precisaríamos de terceiros para perceber o que acontece no seio de nossas famílias? Ou pedagogos como os gregos para educar os nossos filhos? Ou alguém de fora, ainda que devidamente instrumentalizado para produzir uma interpretação verossímil de meio próprio, sendo esta reconhecida como única fonte legitimada pelos intelectuais acadêmicos? Penso que não.

Atualmente, com maior frequência se encontram pessoas ligadas a algum tipo de religiosidade que abarcam fontes alternativas de conhecimento, antes reconhecidas como *mundanas*. Há poucos anos atrás era praticamente impossível ter a presença de pastores evangélicos estudando em uma PUC (Pontifícia Universidade Católica) ou em Programas de Pós Graduação em Ciências Sociais, ou de Ciências da Religião. É certo que esta realidade não está nada homogênea, contudo, aumenta a cada dia o número de pessoas com este perfil de religiosos que avançam em direção aos paradigmas – muitos destes fundamentalistas – com seus martelos e talhadeiras. O resultado disto é a formação de uma geração pioneira de pastores com uma formação se não distinta da convencional teológica institucionalizada e denominacional, pelo menos não tão direcionada ou compactada ou, com perdão da palavra, algumas vezes alienada. Assim nascem a cada dia pastores que não só questionam o *mundo que jaz no maligno*<sup>103</sup>, mas seu próprio meio de crença.

Penso que tão certo quanto a presença desta nova modalidade de intelectuais dentro destas Instituições de conhecimento é a resistência que estes encontram dentro de suas próprias igrejas. Não são poucos os que hoje ainda veem os pastores que se formam, sobretudo em uma PUC, com bons olhos. Eu mesmo para concluir minha graduação em Teologia precisei ora esconder literalmente, ora omitir, sendo esta a única forma de terminar *em paz* minha formação teológica.

Até hoje o *meu pastor*<sup>104</sup> não sabe que terminei meu bacharelado dentro do Seminário Santo Antônio. Eu nunca conversei com ele sobre o assunto e duvido que os poucos que sabia de minha necessidade em ter um curso superior em Teologia, reconhecido pelo MEC, teriam coragem de contar para o pastor Carlos, titular da IEQ em Santos Dumont – MG, desde a década de 80, e um dos pioneiros da Igreja Quadrangular em Minas Gerais. Em todos esses anos ele tem se mantido na visão inicial, mais tradicional, de que para ser pastor era preciso ser *batizado no Espírito Santo* e apresentar resultados, provando seu *chamado ministerial*. Em relação a esse conceito, o Pastor Carlos atende perfeitamente, e o fez e faz muito bem, uma vez que assumiu a igreja com apenas 25 pessoas, e hoje ela está com mais de 2.500 membros. Em sua visão, o próprio Instituto Teológico da Quadrangular é um laboratório, e costuma dizer, de tempos em tempos: “*Eu não acredito em pastores feitos em laboratório*”. Sendo assim, o que ele dirá de minha formação teológica e acadêmica? Eu o respeito, o amo e jamais abri ou abrirei a minha boca para dizer uma única palavra que venha a aborrecê-lo em relação

---

<sup>103</sup> A concepção é: assim como os céus estão nas mãos de Deus e sob seu governo, o mundo repleto de pecados e tentações está nas mãos e sob o governo do diabo e seus anjos decaídos.

<sup>104</sup> Esta é uma expressão comum entre os evangélicos em relação ao líder religioso que está à frente da igreja local em que são membros.

a sua própria tese, entretanto, minhas escolhas de tipos de formação intelectual em que acredito, é claro, sem desconsiderar muitas que ele acredita falar por si só. Posso não polemizar o assunto com o *meu pastor* de mais de setenta anos, mas posso sim ter uma opinião diferente da dele.

No mestrado em Antropologia não é muito diferente. Na maioria das vezes, me manter em silêncio é menos desgastante e conflituoso que um enfrentamento, sobretudo diante de pessoas reconhecidas como portadoras de carisma nos termos de Max Weber (1982), mas também denominadas pelo grupo religioso de *pais na fé*<sup>105</sup>.

Por fim, como terceira, mas não a última das indagações, é a posição da Antropologia na minha vida acadêmica. Sou refém desta ciência desde o dia em que me foi apresentada. A proposta qualitativa da análise de dados, na maioria das vezes, quantitativamente escassos, a observação participante, saindo da formalidade e o distanciamento, transformando muitas vezes o pesquisador em militante, outras vezes tão envolvido que a linha que separa o pesquisador do amigo é tão tênue que não poucas vezes se confundem e a procura de um lugar de reconhecimento científico desta que pode ser considerada ainda uma jovem ciência, muitas vezes não se importando com a opinião de ciências irmãs mais velhas é para mim, no sentido agradável de ser, verdadeiros fundamentos que aumentam sua robustez.

Retornando a Daniela Versiani (2005), situando em um dos lados estes meus questionamentos e de outro a autoetnografia a partir das questões da autora podemos pensar:

Em local desta tradicional separação, o sujeito produtor de conhecimento passa a explicar seu próprio ponto de vista circunstanciando, suas heranças socioculturais e seus pressupostos teóricos-críticos que, por sua vez, podem ir se alterando ao longo do processo investigativo pela atuação de fatores específicos e contingentes, como mudanças de localização e *status* do pesquisador, de seus interesses, dos processos de interação entre pesquisador e outros sujeitos com os quais se relaciona ao longo da pesquisa (VERNIANI, 2005, p. 210-211).

Como foi possível ver, meu objeto de pesquisa é o pentecostalismo clássico e as maiores contribuições, seja de pesquisa de campo, interlocuções, entrevistas, e participações em eventos formais e informais, apreenderam elementos na forma bruta através de duas vertentes. Uma em Belém do Pará a partir da Igreja Mãe das Assembleias de Deus. A outra, retiradas da capital, Curitiba e região metropolitana tendo como objeto de pesquisa a Congregação Cristã no Brasil. A pesquisa, entre outras coisas, também retrata o resgate de memórias de adeptos destas igrejas pentecostais através de inúmeras interlocuções dentro e

---

<sup>105</sup> Este é um reconhecimento coletivo frente à liderança maior da igreja. Pai na fé, geralmente é o pastor titular da igreja, mas em uma proporção menor, pode ser atribuído a um co-pastor, ou a um pastor auxiliar, entretanto, o fundamento básico é: *aquele que é o educador espiritual*.

fora de uma série de eventos e lugares devidamente selecionados, ou seja, procurei perseguir as respostas aonde quer que estivessem.

Pesquisei, interagi e entrevistei pessoas em Curitiba na Assembleia de Deus, Congregação Cristã e Igreja do Evangelho Quadrangular. Fui a Araucária, Fazenda Rio Grande e Campo Largo. Entrei na Brafer como soldador<sup>106</sup> para observar como estes adeptos, sobretudo os da Congregação se comportavam fora do ambiente eclesiástico. Estive em Belém do Pará por duas vezes. A primeira utilizando uma verba destinada aos alunos de mestrado do PPGAS em dezembro de 2010 e a segunda para pesquisar e etnografar o Centenário das Assembleias de Deus no Brasil sem nenhuma ajuda do Departamento, portanto com verba própria, mas reconheço que a Instituição foi muito generosa comigo em minha pesquisa. Resgatei memórias de pastores da Igreja do Evangelho Quadrangular em minha cidade natal, Santos Dumont-MG, situada no Sudeste brasileiro a aproximadamente 220 quilômetros da capital Belo Horizonte e 230 da capital Rio de Janeiro. Embora uma parte significativa dessas informações não apareçam nas linhas desta dissertação, com certeza estão nas entrelinhas. É o caso do material de pesquisa de Maria Lucelina V. Fernandes com adeptos da Assembleia de Deus, na região da Ilha de Marajó no Pará. Sob orientação do Prof. Dr. Marcos Silva da Silveira, ela produziu, em 2001, a monografia *Os 40 anos da Igreja Assembleia de Deus em Salva Terra* pela Universidade Federal do Pará.

Não posso precisar o tempo em que tenho pesquisado o tema pentecostalismo, por uma série de fatores como: fazer parte do contexto há mais de duas décadas, por ter meu primeiro e marcante contato com a *história do pentecostalismo* na graduação, por ter começado, ainda que com pouca teoria, partir para campo já em 2006, por manter um contato mais regular com sujeitos destas igrejas desde 2010, quando fui efetivamente aprovado e matriculado no programa como aluno e não como ouvinte, mas nunca foi tão intenso quanto 2011.

Entretanto, reconheço que tenho sempre que fazer um esforço significativo para me distanciar objetivando o olhar de pesquisador e não de religioso. Hoje posso entender que este é um exercício nada fácil, ao contrário de minha relação com meus sujeitos de pesquisa. Em determinados momentos percebi que nas vezes em que me emocionei diante de um entrevistado, a pesquisa fluiu de forma incondicionada, ou seja, meus sujeitos pesquisados

---

<sup>106</sup> Uma de minhas qualificações profissionais é a de soldagem pelo processo de eletrodo revestido e Mig/Mag. O processo se resume basicamente na união de partes metálicas realizada por um profissional qualificado visando à construção de obras metálicas. Exemplo de obras realizadas pela Brafer: Jardim Botânico, Ópera de Arame, a parte superior da Torre da Telepar, parte metálica de visão panorâmica do Parque Tanguá, e cobertura da Arena da Baixada.

passavam a se abrir, contando detalhes de forma profunda. Não que tenha sido uma estratégia, mas quando aconteceu, percebi avanços significativos.

Este apelo emocional é constante no meio evangélico pentecostal, mas através da pesquisa e idas a campo, entendi que em nenhuma destas denominações o fato é tão expressivo quanto na Congregação Cristã no Brasil tendo seu auge no rito de passagem, o batismo. Posso afirmar, após participar como etnógrafo, refletir e analisar dados, estando eu como pesquisador presente neste tipo de ritual na Igreja do Evangelho Quadrangular, Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus, percebi em todas estas igrejas, pessoas visivelmente emocionadas, muitas delas chorando. Famílias inteiras unidas nos bancos, emocionadas acreditando estar vendo os *frutos da evangelização sendo colhidos*. Entretanto, em nenhuma delas eu percebi algo tão peculiar como na Congregação Cristã. Depois que as pessoas vão espontaneamente<sup>107</sup> para serem batizadas, inicia-se uma série de frases por parte da pessoa que está administrando o batismo direcionado à plateia com o objetivo de aumentar o número de pessoas a serem batizadas. Algumas destas parecem só precisar de um reforço na decisão.

Como pastor e pesquisador, pude reduzir o tempo que se leva para se dominar alguns códigos, palavras, acessos a determinados contextos e pessoas do grupo, mesmo sabendo que isto não é tido, como também não, a chave que abre todas as portas, muito menos o que me proporcionou o livre e incondicional acesso. Tive muitas vezes que procurar variantes, como por exemplo: trabalhar por dois meses na Serralheria<sup>108</sup> do pastor João Ritser, não só porque ele foi amigo pessoal do pastor já falecido, Julio de Oliveira Rosa, fundador da Quadrangular em Curitiba, mas por ser a única ligação possível entre a pastora Orotildes Rosa – esposa do pastor Julio – que mora em Curitiba. Esta entrevista nunca aconteceu. Primeiro porque ela teve muitas dificuldades de falar de seu passado e depois porque a pesquisa em seu desenrolar mostrou que seria inviável devido a uma proximidade ainda maior, por ser eu um dos pastores da igreja em questão.

Não gostaria de deixar de lado uma experiência de campo em relação à aluna Tamara Costa Curta, do curso de graduação em Ciências Sociais da UFPR, e na época frequentava as aulas da disciplina de *Métodos* com Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Liliana de Mendonça Porto, tendo como objetivo montar o seu projeto de monografia. A aluna precisava iniciar uma pesquisa na igreja

---

<sup>107</sup> Embora a decisão seja pessoal, mesmo diante da pressão social, visto que há casos em que mesmo as visitas constantes de adeptos, ou os confrontos familiares a pessoa leva anos para se deixar influenciar, a decisão parece ser pessoal. Geralmente estas pessoas que tomam a decisão entre um batismo ou outro passam por um processo de aprendizado intensivo antes de “descer as águas”

<sup>108</sup> Oficina onde se fabrica portas, janelas, grades, estruturas metálicas, etc.

evangélica Abba no bairro Portão em Curitiba, mas estava tendo dificuldades para acessar seus sujeitos de pesquisa quanto mais se inserir no grupo. Nosso orientador me pediu para dar alguma ajuda. Eu disse que não haveria problemas, sobretudo por conhecer uma pessoa que faz parte da liderança desta igreja. Entrei em contato com a Kelly, falei da pesquisa, marcamos de nos encontrar em uma sexta à noite, um dia festivo de aniversário da igreja. Passei a informação pra Tamara e marcamos de nos encontrar lá.

O dia marcado foi 25 de fevereiro de 2011. Fui em direção à igreja e ainda me perdi por não saber o lugar exato, por isto cheguei um pouco atrasado. Na igreja procurei Kelly e não a encontrei. Liguei para ela e obtive como resposta que o carro de seu cunhado tinha quebrado e assim que lhe desse socorro iria para igreja e me apresentaria ao pastor Pio Carvalho, fundador e pastor presidente. O tempo passava e nada dela chegar. Já no final do culto ela me passou uma mensagem dizendo que não poderia ir. “E agora?”, pensei. Assim, falei com Tamara que Kelly não viria, mas que era para ela me seguir.

Primeiro fiquei observando para onde o pastor Pio iria ao final da sua *mensagem*, depois procurei ver, qual seria o local que eu teria melhor acesso a ele conhecendo previamente não como pesquisador, mas como pastor que a abordagem não poderia acontecer enquanto ele estivesse em cima do altar e nem mesmo ser feita diretamente a ele<sup>109</sup>, por isto me aproximei de uma pessoa que identifiquei como pastor, não só por estar de terno e gravata, mas pelas suas expressões corporais e seu posicionamento dentro da igreja. Apresentei-me como pastor da Quadrangular, mostrei minha credencial, minha carteira de aluno do PPGAS/UFPR, falei das razões de estar lá, da pesquisa da Tamara e que precisava conversar com o pastor Pio para que ele permitisse à aluna em questão, iniciar sua pesquisa. A partir daí o pastor, de nome Vagner, passou a ser o nosso porta-voz, mas somente para acesso ao pastor Pio. Fui eu que conversei com ele expliquei sobre a pesquisa e assim o sinal verde se abriu para Tamara. Algum tempo depois fiquei sabendo que Kelly, a pessoa que provavelmente iria nos inserir e falava com muita intimidade do pastor Pio, estava na igreja há alguns anos, mas não havia até então conversado com ele pessoalmente. Tamara iniciou sua pesquisa com o grupo, mas não pode se ver livre de enfrentar outras dificuldades, sobretudo as constantes abordagens proselitistas com objetivo de convertê-la. Entretanto, a aluna merece seu reconhecimento: jamais precisei retornar naquela igreja, ou conversar com qualquer outra pessoa sobre ela. Enfim, sua inserção foi bem sucedida como o desenrolar de sua pesquisa.

---

<sup>109</sup> O altar é considerado um local sagrado e mesmo sendo ele uma *pessoa pública* eu não poderia ir diretamente a ele por não o conhecer.

Minha relação com o pentecostalismo não é *de berço*. Ao contrário minhas primeiras memórias religiosas são afrobrasileiras e tão fortes, que nas minhas mais de quatro décadas de vida, posso contar com detalhes episódios de minha infância aos seis anos frequentando o Centro João Batista, com minha família. A relação de minha mãe, que estava passando por um processo de especialização mediúnica, as roupas brancas usadas pelo meu pai no Centro, a reação que eu e meus irmãos tínhamos quando os trabalhos eram realizados, o pertencimento das famílias do lado paterno e materno com esta religiosidade, alguns amigos de meu pai que assim como ele eram funcionários da Rede Ferroviária Federal<sup>110</sup>, mas que fora deste ambiente de trabalho, muitos destes eram “pais de santo” ou frequentadores do mesmo Centro.

Eu me lembro perfeitamente de nosso percurso todas as sextas-feiras à noite de mãos dadas com meus irmãos, de descer as escadas de acesso ao Centro, abaixo do nível da rua e até mesmo a localização aproximada, a rua, altura, o lado. De chegarmos, deitarmos em bancos de madeira, sempre cansados, depois de um longo dia de brincadeiras. Não me foge a memória o dia em que foi feito um círculo de pólvora no piso de chão batido e, na medida em que o fogo queimava, meu irmão caçula Armando que estava dormindo acordou assustado e saiu correndo em direção aquele fogo. Levou alguns segundos para perceber que tinha que ir em direção contrária.

Nunca me esqueci das pessoas indo na casa de meus pais a consultar minha mãe, que embora não tivesse sido iniciada oficialmente, em casa era requisitada constantemente, sempre nos horários em que meu pai estava trabalhando. A lembrança latente de quando os *santos* no altar, mesmo os mais exóticos, eram vistos como a imagem de santos e não como demônios<sup>111</sup>. De um domingo à tarde em que minha tia entrando na porta da cozinha, disse ter aparecido uma mão no corredor de acesso a casa e lhe dado uma bofetada e como meus pais traduziram o acontecimento em termos inteligíveis.

Recordo-me do distanciamento e esfriamento das práticas e a interrupção repentina por razões que nunca ficaram muito claras, pois não foram abertamente compartilhadas. Antes

---

<sup>110</sup> Uma oficina de manutenção de locomotivas, ou como os mineiros falam, os “Trens” de linha férreas. Funcionava das 7:00 horas às 16:30 horas de 2ª a 6ª com aproximadamente 300 funcionários. A economia da cidade de Santos Dumont-MG era alimentada significativamente pelos salários destes funcionários, mas não a única fonte. Entretanto ser funcionário da “Rede” era ocupar um local de destaque.

<sup>111</sup> A relação que os pentecostais tem com os “santos” é distinta dos religiosos afro e também dos religiosos católicos: uns deixam de ser santos, para serem a expressão do “mal” e outros deixam de ser santos para se transformarem em ídolos. Você pode perceber a diferença teológica, no que os pentecostais chamam de evangelização. Neste momento as agressões podem ser sutis, ou não.

de me *converter*<sup>112</sup> no pentecostalismo, tive ainda uma pequena passagem pelo catolicismo nos grupos de *Renovação Carismática*. Algumas palestras e eventos nos FEMUCRI (Festival de Música Cristã) e Missas, mas nunca me envolvi efetivamente. Ao contrário, quando entrei na Primeira<sup>113</sup> Igreja do Evangelho Quadrangular de Santos Dumont em 1990, senti que lá era *o meu lugar*.

Não sou o mesmo de 23 anos atrás. Tive várias experiências que foram traduzidas em termos transcendentais. Muitas *direções*, alegrias e decepções, mas esta miscelânea de fatos e acontecimentos se traduz em um fundamento próprio: a capacidade que a igreja tem na transformação de indivíduos, principalmente os das camadas mais baixas da população. Na recuperação de dependentes químicos, na reforma de lares, no resgate de pessoas que estavam em práticas repugnadas socialmente<sup>114</sup>, ou mesmo um local de encorajamento ou de formatação de comportamentos, ou mesmo de reunião social.

Em 1998 e 1999 fiz meu primeiro curso de Teologia no I.T.Q. (Instituto Teológico Quadrangular). É um curso de nível médio e o suficiente para ser avaliado nas bancas de entrevistas da Igreja do Evangelho Quadrangular. Esta avaliação acontece anualmente em todos os Estados brasileiros e depois de concluído o processo ele fica arquivado no Estado do postulante e em São Paulo na Sede administrativa da Igreja.

Para ser aprovado é um processo longo, precisando além da formação teológica, que pode chegar a 03 anos, ir até órgãos legais como Fóruns, Delegacias de Polícia Civil, Serviços de Proteção ao Crédito, requerer *certidões negativas e nada consta*. Anexo a estas, é necessário uma carta de recomendação do pastor titular da Igreja local e do Superintendente da Região onde a Igreja está afiliada. As provas são de conhecimentos gerais, teológicos, administração da igreja, redação e entrevista. Nestas entrevistas é verificada a disponibilidade incondicional do futuro membro do Ministério a transferência, para onde os superiores da Igreja julgarem melhor e a cada mudança de categoria<sup>115</sup> estes votos são reafirmados assim como retiradas novas certidões negativas.

---

<sup>112</sup> Este termo é comum no meio evangélico e expressam uma mudança de direção. Todos precisam passar por este processo, antes mesmo da passagem pelo rito que é o batismo por “imersão nas águas”, embora defenda-se que a conversão se dá ao longo de toda a vida.

<sup>113</sup> Ainda no período de expansão da I.E.Q. no Brasil, as igrejas seguiam uma ordem dentro de cada cidade. 1ª I.E.Q., 2ª I.E.Q., 3ª I.E.Q. (de Santos Dumont, ou de Curitiba, ou de Araucária, ou etc.) e assim por diante. Hoje não funciona mais assim exceto as que já haviam recebido esta nomenclatura devido ao crescimento do número de templos no Brasil. Só em Curitiba e região metropolitana, são mais de 300.

<sup>114</sup> Na comunidade em que eu congrego migraram do tráfico de drogas para a igreja quatro traficantes. Destes, um casal cumpriu pena em Santa Catarina por tráfico, os outros dois não. O marido hoje é pintor profissional de casas, a esposa é padeira e confeitadeira, os outros dois são pedreiros.

<sup>115</sup> Na I.E.Q. após a aprovação o integrante recebe um documento legal com o título de “Obreiro Credenciado”. Caso ele inicie como Pastor Titular de uma das igrejas, ou como pastor auxiliar em tempo integral, após 04 anos

A partir da aprovação no processo recebe-se uma credencial renovada anualmente e automaticamente, desde que não haja desligamento do ministério, assiduidade na igreja reuniões e eventos, desvio moral<sup>116</sup>, ou social<sup>117</sup>. Esta credencial habilita aos que a tem na realização de todas as funções no ministério como: casamentos, batismos, visitas a hospitais, até mesmo U.T.Is., (a pedido da pessoa ou família), ofícios fúnebres, etc. Todas estas funções garantidas por lei Federal.

Quanto ao meu interesse acadêmico pelo pentecostalismo, ele se iniciou em 2001. Eu havia acabado de ser consagrado a *Obreiro Credenciado*, quando o Diretor do I.T.Q. de Juiz de Fora-MG, foi até a minha cidade Santos Dumont-MG, para apresentação de um projeto piloto: a parceria com uma Faculdade interdenominacional.

O projeto durou apenas um ano e foi interrompido por razões na época não divulgadas. Assim, nós que estávamos no espaço físico da Quadrangular, tivemos que ir para outro espaço, o da Primeira Igreja Batista de Juiz de Fora - PIB/JF. A mudança foi tão brusca que dos trinta e dois alunos matriculados, apenas seis foram para a PIB e destes somente dois terminaram o curso de quatro anos juntos com os batistas: Eu e outro colega, Antônio Carlos Nazareth.

Depois de meses em um contexto turbulento, enfrentamentos e questionamentos o Diretor pedagógico nos falou em uma reunião que as razões de nossa saída do espaço que supostamente nos oferecia segurança tinha sido a imposição de um dos influentes pastores em receber um diploma de graduação, sem passar por todo o processo acadêmico e como o *Seminário Unido* não aceitou, foram convidados a se retirar<sup>118</sup>. “Agora vocês decidam se

ele poderá subir de categoria, sendo esta a de “Aspirante a Ministro” e a última escala de categoria é a de “Ministro”, após dois anos como “Aspirante”. O tempo que se leva da primeira a última categoria são 06 anos e caso tenha algum desvio, seja moral, ético, ou administrativo, o processo de ascensão é indeferido. Para uma pessoa que tenha conquistado a categoria de “Obreiro Credenciado” e não assumindo uma igreja, ou não nomeado como pastor auxiliar em tempo integral ele ficará como “Obreiro” por todo tempo. Receberá sua credencial anualmente, mas nunca subirá de categoria. Informo ainda que seja qual for a titulação obtida dentro da Quadrangular, ela é, ainda que se diga o contrário, um cargo de confiança.

<sup>116</sup>Há casos de adultério conjugal de pastores titulares. Estes são transferidos para outra cidade. Caso seja recorrente a exclusão do ministério é uma ferramenta utilizada. Nos casos de pastores auxiliares a punição é o que se chama de “colocar em disciplina”. A pessoa fica afastada de todas as atividades da igreja, inclusive a participação nas Santas Ceias (análogo à Eucaristia), por um período que pode ir de 03 meses a um tempo determinado que seja condizente inflação/punição. É muito comum este obreiro não suportar a pressão social e o “banco” e sair da igreja. Também não é incomum retornar para “o mundo”, ou seja, as mesmas práticas e locais anteriores a conversão. O quadro se agrava mais, pois este abdicou o pastorado para se tornar um “desviado”.

<sup>117</sup> A igreja é menos condescendente com pastores que compram e não pagam do que com aqueles que cometem adultérios, ou seja, o nível de exclusão é maior entre os inadimplentes, do que com os adúlteros. É possível que esta ação seja reflexo da situação da igreja junto aos Órgãos Federais: há anos a igreja tenta regularizar seu CNPJ junto à Receita Federal, porém sem sucesso.

<sup>118</sup> O pastor que havia feito a exigência não foi o Diretor do I.T.Q. na época. Embora tenha sido nominado, por questões éticas não cabe a mim registrar senão o fato.

querem continuar o curso ou não!”<sup>119</sup>. Eu nunca me aprofundei no assunto e também nenhum dos outros. Se realmente aconteceu ou não (embora eu tenha razões suficientes para considerar a versão), o fato é que se colocou uma pedra neste assunto. Mas só deste!

Enquanto os alunos batistas eram os obedientes, submissos, vistos como os *certinhos*, nós, vindos da Quadrangular éramos vistos como os *barraqueiros* e quaisquer que fossem os questionamentos, sempre partiam de nós. É claro que a força dos encontros diminuía na mesma proporção daqueles que ficavam pelo caminho, mas nunca se extinguiu.

Foi neste contexto acadêmico, com a maioria de professores formados no Departamento de Ciência da Religião/UFJF, que me despertei acadêmico para tentar compreender a dinâmica do pentecostalismo clássico e também nesta época que percebi como ciência e fé podem ser conflitantes.

O Departamento de Ciência da Religião de Juiz de Fora iniciou suas atividades em junho de 1969, oferecendo disciplinas eletivas para os cursos de graduação da UFJF. Na década de 70 disponibilizou por alguns anos o curso de graduação, mediante ingresso através de vestibular, mas o curso foi interrompido. Um novo momento ocorreu em 1991 com o curso de especialização lato sensu. O mestrado veio a seguir e sua primeira turma iniciou em setembro de 1993. O doutorado foi aprovado em julho de 1999 e o PPCIR mantém o conceito 5 na CAPES desde a avaliação acadêmica de 2001. As Áreas de Concentração de Pesquisa são: Ciências Sociais da Religião, Filosofia da Religião e Religião Comparada/Perspectivas de Diálogo. As Linhas de Pesquisa: Campo Religioso Brasileiro, Religião e Espaço Público, Abordagens Filosóficas e Psicológicas da Religião e Religiões e Diálogo.

Em abril de 2005, seis meses após minha formatura, mudei com minha família para Curitiba, e em 2006 fiquei sabendo do curso de mestrado em Antropologia Social PPGAS/UFPR. Consegui entrar em contato com a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Jacqueline Stoll que agendou um horário em uma tarde de 2006.

Sua disponibilidade, atenção, generosidade e interesse, me chamaram a atenção. Foi através dela que entrei em contato com o Prof. Dr. Marcos Silva da Silveira, hoje meu Orientador. Uma pessoa admirável que dentre os desafios de me orientar tem, não poucas vezes, que ter uma paciência estendida.

Assim, em contato com os referidos professores, comecei a fazer matérias como aluno ouvinte na área de Antropologia na graduação do curso de Ciências Sociais. Fiz Antropologia Urbana com a professora Sandra e Antropologia da Religião com o professor Marcos e em

---

<sup>119</sup> Palavras do Diretor da Faculdade Evangélica de Teologia Seminário Unido

2007 tentei pela primeira vez entrar no programa, mas fui eliminado ainda na primeira fase. Concluído todo o processo daquele ano, consegui o contato com o presidente da Banca examinadora daquele ano, na época presidida pelo professor Marcos. Um dos apontamentos na capa de meu Pré-projeto: “O tema é interessante, mas não está adequado à Antropologia”. Tirei dúvidas, escutei apontamentos e parti para a seleção do ano seguinte. Em 2008 avancei significativamente, mas não o suficiente para ser aprovado. Passei na primeira fase, mas não na segunda. Mesmo assim me senti encorajado a prosseguir, entendendo que eu havia dado um passo à frente. Em 2009, voltei à sala de aula como ouvinte, desta vez assistindo aulas de “Cultura Popular” na turma de mestrado com a Profª Drª Liliana de Mendonça Porto. Participei pela terceira vez da seleção e desta vez tudo deu certo.

Para seleção de 2009, além deste envolvimento em salas de aula, eu tomei uma atitude fora de meus padrões de comportamento. Me desliguei da empresa Brafer Construções Metálicas S/A em que atuava há mais de 04 anos, a maior parte deles na manutenção como Torneiro Mecânico, para me dedicar efetivamente à seleção. O resultado foi positivo superando minhas previsões mais otimistas: para mim, estar entre os 15 (o número de vagas disponibilizadas naquele ano pelo PPGAS), mesmo que na última das posições já era para mim uma grande marca e jamais passou por minha mente estar entre os seis primeiros. Foi o que aconteceu.

Caminhamos, assim, para o último capítulo, no qual trazemos algumas discussões de autores das mais distintas áreas de atuação e, ao mesmo tempo, nos proporcionam uma reflexão sobre o pentecostalismo como campo de pesquisa. Uma área ainda carente de estudos, embora sinalizando modificações por parte do cenário acadêmico com a qual nós acreditamos estar contribuindo. Esferas de saberes científicos e religiosos apontam também para um momento cada vez mais presente em que os diferentes saberes passam a se respeitar mutuamente, como também passam a ser vistas a cada dia mais como fontes legítimas a seu modo.

## **CAPÍTULO 5: ESFERAS DE SABERES CIENTÍFICOS E RELIGIOSOS**

O pentecostalismo clássico, iniciado no Brasil a partir da primeira década do século XX através do italiano Louis Francescon, com a Congregação Cristã no Brasil (1910), e dos suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg, com a Assembleia de Deus (1911), se ramificou por todos estados e capitais, assim como na maioria dos bairros de cidades e vilarejos no interior do país.

Se pensados como tentáculos, estes apresentam raio de atuação estendida a partir da representatividade marcante que esta classe de religiosidades exerce nas esferas públicas e privadas, movimentando o cenário sociorreligioso brasileiro, despertando o interesse das mais distintas comunidades, áreas de pesquisa e estudiosos da religião. Concernente ao pentecostalismo clássico a academia tem a cada dia mais reconhecido a carência de pesquisas contemplando esta religiosidade, o que é bem vindo. Não obstante, o resultado do Censo de 2010, divulgado em meados de 2012 e trazendo dados do mapa religioso brasileiro<sup>120</sup>, mostrou que a Assembleia de Deus continua sendo a maior denominação evangélica do país passando de 8.418.140 de adeptos, segundo dados do Censo de 2000, para 12.314.410 adeptos em 2010; e se somarmos com os 2.289.634 de adeptos da Congregação Cristã no Brasil, o montante se posiciona na ordem de 14.604.044 adeptos, no que se refere ao pentecostalismo clássico.

Embora a Congregação tenha experimentado um decréscimo de 2000 para 2010 – ao contrário da Assembleia de Deus –, ou seja, de 2.489.113 para 2.289.634 adeptos (dados dos Censos), ela mantém números expressivos que a colocam em terceiro lugar entre as maiores denominações evangélicas brasileiras, à frente da Igreja Universal e abaixo, é claro, da Assembleia de Deus e da Igreja Batista.

Ainda que tenhamos um objeto relativamente intrigante, vultoso e desafiador, não basta apenas desejar fazer pesquisa com estes grupos, estabelecer interlocuções ou ainda coletar entrevistas. Enfim, acreditar que como pesquisador e intelectual, amparado por Instituições, sejam elas públicas ou privadas, o acesso será menos espinhoso, porque não será.

---

<sup>120</sup> Dados do Censo mostram que os evangélicos foram o segmento religioso que mais cresceu no Brasil no período intercensitário. Em 2000, eles representavam 15,4% da população. Em 2010, chegaram a 22,2%, um aumento de cerca de 16 milhões de pessoas (de 26,2 milhões para 42,3 milhões). Dos que se declararam evangélicos, 60,0% eram de origem pentecostal, 18,5%, evangélicos de missão e 21,8 %, evangélicos não determinados.

Em sua maioria, estas pessoas não estão nada preocupadas como as “nossas preocupações” e, diga-se de passagem, elas têm uma dinâmica própria onde valores naturais jamais se encontram na mesma esfera que os sobrenaturais. A antropóloga Rita Laura Segato, com muita sensibilidade e propriedade sinaliza isto ao levar ao meio acadêmico suas reflexões em *Um Paradoxo do Relativismo: Discurso racional da Antropologia Frente ao Sagrado*, a partir de pesquisa na Argentina, com o objetivo de entender as causas do crescimento dos cultos evangélicos, em contraponto ao abandono do catolicismo popular em povoados da região de Quebrada e Puna, na província de Jujuy (SEGATO, 1992, p. 116). A autora mostra a necessidade de reconhecer que, para o religioso, a crença transcende qualquer relativização em termos secularizados, portanto, para este, fé tem um sentido próprio:

A crítica que aqui esboço aponta para o paradoxo que se constitui quando afirmamos que a operação que relativiza tem por finalidade compreender de dentro e em seus próprios termos uma crença nativa que nos é estranha, enquanto que aqueles que aderem a esta crença o fazem de maneira absoluta e não vislumbram a possibilidade de colocá-la em termos relativos (SEGATO, 1992, p.114).

A meu ver, reconhecer tal nuance faz parte de um princípio básico para aqueles que desejam estabelecer uma interlocução com estes sujeitos de pesquisa que traduzindo quer dizer: embora o pesquisador seja em algum grau *senhor* da coleta de dados, isto não é absoluto. Segato (1992) apresenta três exemplos de informantes que ela chama de *um obstáculo no caminho*, sendo que na concepção do primeiro, razões divinas se opõem a razões humanas; na do segundo, está para o emocional versus racional. O emocional tem caráter nobre, *nosso coração foi tocado, comovido* (SEGATO, 1992, p. 117) e o terceiro esbarra na indiferença do pesquisador frente a algo entendido como significativo para o religioso. Talvez o elo tivesse se rompido aí se não fosse uma interpretação por parte do informante, interpretação esta, muito comum no meio evangélico: da *missão* de salvar a pobre alma da pesquisadora pecadora sentenciada ao *inferno*. Segundo a autora,

...ao comprovar minha absoluta indiferença perante sua leitura efusiva de uma seleção de trechos bíblicos, me fez entender que, enquanto eu me via como um observador neutro, imune completamente às profissões de fé desse mundo; já de início decretado por mim como alheia, eu era vista, ao contrario, simplesmente como uma outra alma a ser ganha, um ser humano como todos, passível de ser ‘chamado’ a se converter ou de ‘perder-se’ definitivamente. Não existia o tal lugar no meio, de observador neutro, no qual me via segura. (SEGATO, 1992, p.116-117).

Melhor fazer uma construção relacionando o foco de pesquisa de Segato (1992), ou seja, entender o crescimento dos evangélicos com o contexto brasileiro. Como bem registraram Fernandes e Pitta (2006, p. 120), em um capítulo dedicado ao mapeamento das

rotas religiosas no Brasil, inúmeras são as possibilidades que o brasileiro tem para escolher sua religião:

Escolher entre uma e outra, ir e vir ou simplesmente abandonar uma determinada identidade religiosa são movimentos frequentes entre os brasileiros. O País que nasce católico e assume esta catolicidade como marca de sua identidade apresenta, há algum tempo rostos marcados pelo pluralismo religioso,

embora não poucas destas marcas continuem a abarcar o referencial cristão, como bem disse o sociólogo brasileiro Antônio Flávio Pierucci (2005, p. 303):

A maior parte dos brasileiros que hoje abandonam o catolicismo adere a um outro ramo do cristianismo. Não dá um salto muito grande em termos de visão de mundo, filiando-se normalmente a uma igreja pentecostal, ou seja, cristã. O evangelismo pentecostal, portanto, ao se implantar e expandir, nada mais faz do que *recrianizar* os católicos desistentes ou desapontados com sua igreja.

Se o mundo conhece o Cristo Redentor, “símbolo de um país de cristãos [...] ícone *católico* de um ‘país católico’ – porém hoje, cada vez menos católico”, como também afirma Pierucci (2005, p. 300), portanto confirmado por Fernandes e Pitta (2006).

Entretanto, não podemos nos deixar levar por aspectos reducionistas, visto que, cada religião possui especificidades e por que não dizer dentro de uma religião específica, como é o caso dos pentecostais, temos ainda especificidades outras. Quem sabe podemos chamar a atenção para uma espécie de especificidade das especificidades, ou seja, direcionar nossa lente para as diferenças entre as igrejas Congregação Cristã no Brasil e a Assembleia de Deus. Se as referidas, apresentam uma roupagem de aparente semelhança, portanto, vistas como semelhantes, isto pode ser pensado a partir do senso comum ou falta de informações complementares. Para os que estão dentro (os crentes), ou aqueles que se esforçam para sair da superficialidade de uma visão estereotipada surgem especificidades, algumas delas, antagônicas.

Nosso objetivo nesses últimos vinte e quatro meses tem sido pesquisar estas igrejas que compõem este que é chamado pentecostalismo clássico (MARIANO, 1999), também nominado de “primeira onda” (FREESTON, 1993). Sendo a primeira, Congregação Cristã no Brasil (1910) e logo após, Assembleia de Deus (1911). Ambas, reinaram em solo brasileiro sem nenhuma concorrência de ordem pentecostal por aproximadamente quatro décadas. Falamos de um recorte temporal que vai do surgimento do pentecostalismo no Brasil em 1910, até 1950, quando começam a surgir outras agências religiosas pentecostais, tendo a Igreja do Evangelho Quadrangular (1951) como a mais expressiva da chamada “segunda onda” (FREESTON, 1993), ou “deuteropentecostalismo” (MARIANO, 1999). Cabe ressaltar

ainda, referente ao pentecostalismo, a existência de uma terceira categoria de agências religiosas, ou seja, a “terceira onda”, nos termos de Freston e “neopentecostalismo”, de Mariano. Desta última divisão, destacam-se duas denominações: Igreja Universal do Reino de Deus e Igreja Internacional da Graça de Deus. Um detalhe relevante no que se refere ao pentecostalismo à brasileira vem do professor João Décio Passos (2005), da PUC de São Paulo, doutor em Ciências Sociais e autor do livro *Pentecostais: origens e começo* (2005) Segundo ele, o percurso das divisões do pentecostalismo em ondas, tem um paralelo com as mudanças sociopolíticas no país:

O crescimento quantitativo e qualitativo do pentecostalismo acompanhou o ritmo do processo de urbanização brasileiro, tanto no seu período mais lento, na primeira metade do século XX, como na fase acelerada, a partir da década de 1950. Os pentecostais crescem e diversificam-se no tempo e na trama da urbanização. As três ondas de expansão, sugeridas por Paul Freston, coincidem com as fases da urbanização brasileira em suas continuidades e rupturas. (PASSOS, 2005, p. 87-88).

Portanto, o autor chega a afirmar que “as três ondas do Espírito pentecostal, são três ondas do espírito urbano”. Quando o pentecostalismo chega ao Brasil no início do século XX, encontra um país em franco desenvolvimento e transformação rumo à modernização social, política e cultural, sobretudo pelo aparecimento das primeiras grandes cidades com destaque para Rio de Janeiro e São Paulo (PASSOS, 2005, p.85). Soma-se ao surgimento destas grandes metrópoles o perfil dos imigrantes vindos do Norte e Nordeste do país frente ao estigma de seca, falta de recursos e extrema pobreza. Enfim, um contexto em que mudanças, estão mais para suprir “necessidade” do que um desejo em si. Assim, se por um lado havia dois grandes celeiros metropolitanos prontos para comportar pessoas, auxiliares de sua construção, por outro, existia uma demanda de refugiados nordestinos fugindo da seca, aspirando mudanças, catalisando o contexto. Seja como for, é neste período de crescimento lento e histórico brasileiro que os pentecostais lançam estacas se fixando, se definindo como religiosidade e como um dos componentes da alteração sociocultural. Para o autor,

...nesse quadro de mudanças históricas é que acreditamos encontrar a explicação para o sucesso do pentecostalismo no Brasil. Tal explicação tem aspecto de passado e um aspecto de presente, ou seja, daquilo que se conserva e daquilo que se muda. Toda transformação histórico-cultural carrega, de fato estes dois aspectos no seu processo: guarda elementos fundantes e performadores da cultura e incorpora, simultaneamente, elementos novos que as modificações históricas vão colocando. (PASSOS, 2005, p. 86).

Passos (2005) defende ainda que o pentecostalismo deve ser interpretado a partir de dois *lugares naturais*, sendo eles o histórico-geográfico, ou seja, *a metrópole brasileira* e o cultural popular, especificamente o *catolicismo popular*. (PASSOS, 2005, p.86).

Retornando ao assunto ondas do “Espírito pentecostal” e “ondas do espírito urbano”, o mesmo autor afirma que ambos são análogos, e de mesma desenvoltura no crescimento quantitativo e qualitativo do pentecostalismo do processo de urbanização brasileiro. Em um primeiro momento enquanto “seu período mais lento, na primeira metade do século XX, como na sua fase acelerada, a partir da década de 1950. Os pentecostais crescem e diversificam-se no tempo e na trama da urbanização” (PASSOS, 2005, p.86). Um dos reflexos frente à diversidade e crescimento foi a subdivisão em categorias.

Naturalmente necessitamos conceituar o que nos envolve. É assim que, a partir de palavras ou pequenas frases, explicamos de uma forma às vezes convincente, ou não, aquilo que nos é proposto. São estes conceitos que tentam dar conta dos contextos enquadrando-os em alguma medida, mas que em geral devem ser problematizados e questionados. Eles nos proporcionam uma dimensão de entendimento panorâmico abrangente, porém guardam em seu seio especificidades outras que fazem parte do contexto amplificado. Precisamos ir além de conceitos, mesmo quando o assunto é religião, precisamos perceber que Pentecostalismo Clássico não se reduz em dizer que fazem parte deste as Igrejas Congregação Cristã no Brasil (CCB) e as Igrejas Assembleias de Deus (AD). Estas denominações possuem especificidades tão antagônicas, como já foi dito, que refletem muitas vezes rejeição e enfrentamento entre seus seguidores. Verdadeiras fronteiras que demarcam claramente aos que estão em determinado grupo e não em outro que não se trata de uma mesma esfera, portanto se eles mesmos não se percebem como iguais, como poderíamos nós, pesquisadores, dividi-los em categorias, ou melhor, em ondas quando eles mesmos estão, sempre que necessário, acionando seus próprios mecanismos de distinção? Talvez possamos até mesmo fazer recortes que nos ajudem a delimitar um contexto tão amplo como o pentecostal, sejam eles recortes com base histórica, temporal, ideológica ou quaisquer outra, o que não se configura abrir mão da busca das especificidades. Volto a dizer: os próprios grupos rejeitam uma uniformidade. Quiçá esta necessidade de conceituação seja nossa e não deles!

Podemos dizer que fazemos parte de uma geração acadêmica privilegiada no campo dos estudos da religião, vivendo um momento sem precedentes em várias ciências como a Filosofia, Teologia, Sociologia, Psicologia, Antropologia e a mais nova de todas, a Ciência da Religião, ou Ciências das Religiões. Essa área de estudos é tão recente que começa a lançar fundamentos básicos, entretanto traz como uma das forças motoras e metodológicas, o

diálogo entre ciências. Grupos de intelectuais religiosos não estão excluídos desses diálogos reflexivos, sendo comum vê-los em simpósios como os organizados pela Associação Brasileira de História das Religiões - ABHR. Sua gênese não carrega a rigidez metodológica quanto ao pesquisador nativo, como é caso da Antropologia.

Otávio Velho escreveu o texto *O que a Religião pode fazer pelas Ciências Sociais*, publicado pela primeira vez em 1998 na revista *Religião e Sociedade* e que devido a sua relevância, faz parte também da obra *A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil*, organizada por Faustino Teixeira (2008). O diálogo como o autor pode nos ser sobremaneira útil.

Velho (2008) propõe uma espécie de relaxamento dos paradigmas, ou melhor, um momento para repensá-los, quando o assunto é ciência e religião, sobretudo pelo medo de transformação em um nativo por parte dos representantes dos primeiros. O que está em pauta não é *nativismo* e sim o estabelecimento de interlocução entre sujeitos de pesquisa e pesquisador:

Dois rochedos parecem ameaçar a nau dos estudos da religião: de um lado, o risco do estudioso, por motivo de crença, comportar-se como um *nativo*; de outro, a falta de reconhecimento, em nosso eu secularizado, da irredutibilidade da religião e da relevância do seu estudo. (VELHO, 2008, p. 233).

Certamente, a própria noção de nativismo deveria ser repensada pela própria Antropologia, ou seja, “talvez precisasse perder a conotação necessariamente pejorativa que se incorporou ao senso comum antropológico” (VELHO, 2008, p. 234), transcendendo assim uma tradição objetificadora que tem sido cara, mesmo porque o estudo da religião exige do pesquisador uma desenvoltura tal que, não poucas vezes a única saída é se despir das armaduras metodológicas em prol de resultados mais significativos, entretanto policiados:

Assim, se em princípio podemos aceitar que a objetificação forte afastava-nos de muitos riscos e garante resultados sólidos, o que ocorre de modo crescente é que tal não parece se dar na prática. Mesmo porque, o estudo da religião é terreno propício para indicar a absoluta impossibilidade, em muitos casos, de se manter uma postura de mera observação. E aí não estou me referindo apenas à necessidade de *participar*, mas também aos próprios resultados do trabalho, sujeito a um juízo crítico cada vez mais amplo e cuja salvaguarda possível talvez seja somente o modo pelo qual é concebido e realizado. (VELHO, 2008, p. 236).

Para mim, como estudante do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, tais prerrogativas, ou seja, uma melhor penetração neste contexto sociorreligioso deveria colocar-me em uma posição de descanso, isto porque, embora eu não seja um dos religiosos da CCB ou da AD, faço parte deste contexto, digamos, por outra vertente e tardia, ou seja, de

*segunda onda*. Isto quer dizer que há mais de duas décadas passei pelo processo de *conversão* na Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) e há mais de uma década faço parte do quadro de pastores desta mesma denominação. Mesmo me graduando em Teologia por uma faculdade interdenominacional – Faculdade de Teologia Seminário Unido – com professores de várias linhas cristãs como católica, protestantes e pentecostais, com uma passagem significativa também em uma instituição superior de ensino com base católica – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora MG – eu, nunca estive fora da IEQ, depois de concluído meu processo de conversão e rito de passagem<sup>121</sup>, embora tenha recebido vários convites para uma possível transição entre denominações protestantes e pentecostais.

Ainda que não concorde com inúmeras situações que prevalecem no contexto eclesiástico, sobretudo entre especialistas, a restauração da dignidade social de excluídos – viciados em drogas lícitas e ilícitas, traficantes, furtadores e genéricos – configuram para mim um dos maiores atrativos. Fica claro que tenho afinidade com meu campo em detrimento da pesquisa. Diante deste fato, quem pode nos ser útil neste momento são os antropólogos e irmãos Gilberto Velho (1981) e Otávio Velho (2008). Vejo como fundamental para esta abordagem estabelecer um diálogo com ambos. Gilberto Velho (1981) em *Observando o familiar*, aponta a questão da proximidade frente à confiabilidade no que se refere aos resultados de uma pesquisa acadêmica por parte daqueles que possuem certo grau de familiaridade com o universo pesquisado. Este texto pode legitimar em certa medida minha posição como pesquisador acadêmico e pastor. De mãos dadas com ele, de um dos lados, e com o que eu tenho a meu favor, de outro, espero poder dar passos firmes e fortes.

O autor trata de forma diferenciada, mesmo não se detendo na expansão das discussões sobre *neutralidade* e *imparcialidade*, pontos de vista compartilhados pela comunidade acadêmica, voltados às ciências sociais, sobretudo a Antropologia. Aponta um certo distanciamento, quase necessário, entre o pesquisador e o seu universo de pesquisa, garantindo a partir deste, condições necessárias para que haja uma observação, relativização e interpretação, ainda que não desprovida de neutralidade, contendo “objetividade”. Denomina-se esta totalidade de elementos “uma das premissas das ciências sociais”, mas, que ao mesmo tempo é tratado pelo autor como “dogmas não partilhados por toda comunidade acadêmica” (VELHO, 1981, p. 123). Entretanto, o “fato de dois indivíduos pertencerem à mesma sociedade não significa que estejam mais próximos do que se fossem de sociedades diferentes”. Falar a mesma língua, participar do mesmo grupo, classe social ou religiosa, não

---

<sup>121</sup> Considero o batismo por imersão em *Nome do Pai, do Filho e de Espírito Santo* como ritual de passagem para aqueles que aderem a esta crença.

elimina as assimetrias. “Falar a mesma língua não exclui grandes diferenças no vocabulário e significados e interpretações diferentes podem ser dados às palavras” (VELHO, 1981, p. 124-125). O que vemos cotidianamente pode ser familiar e simultaneamente desconhecido. Quanto àquilo que nos vem com uma proposição de inédito ou exclusivo pode nos ser exótico, mas nem sempre desconhecido, isto porque jamais estamos desprovidos de referenciais que nos norteiam nos conduzindo a interpretações do que vemos, escutamos, sentimos, ou pensamos, como afirma o autor.

O fato de pertencer ao grupo, partilhar familiaridades, ou compartilhar quadros e até mesmo ideologias, não tem como ápice a homogeneidade, portanto aquilo que em um primeiro momento pode ser visto como um bloco único a um olhar nu, pode apresentar através de um olhar microscópico, uma dimensão que aponte variantes e possibilidades mas,

embora familiaridade não seja igual a conhecimento científico, é fora de dúvida que representa também um certo tipo de apreensão da realidade, fazendo com que as opiniões, vivenciadas, percepções de pessoas sem formação acadêmica, ou sem pretensões científicas possam dar valiosas contribuições para o conhecimento da vida social, de uma época, de um grupo. (VELHO, 1981, p. 130).

O antropólogo ou especialista que apresenta sua interpretação sobre determinado tema apresentará mais uma versão em detrimento de outras, e que uma parcela significativa destas últimas são a produção científica de pesquisadores cujo estigma da familiaridade e do nativismo não os assombra. Portanto, a proposta do confronto de saberes não só é bem vinda, quanto desejável e por que não dizer, inevitável. Velho (1981, p. 131) assegura: “o processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações”. Cabem, neste momento, estes apontamentos básicos.

Meus desafios são outros, cujas origens estão na ciência e não na religião: basta conversar poucos minutos com qualquer evangélico que tenha se formado em uma das áreas das ciências sociais – Sociologia, Política e Antropologia – para ver que são especialistas na desconstrução de dogmas bem como em lançar dúvidas sobre a crença. Comigo não foi diferente, entretanto entendo que a ciência em si é a configuração de uma ferramenta que proporciona tanto respostas como limitações, o que não se difere da religião. É aqui que se encaixa não só para as ciências sociais como para mim como pesquisador, o que Otávio Velho (2008) chama de “metáfora da *tradução*”, apontando para uma via de mão dupla envolvendo as ciências sociais e o campo religioso, o que pode reder, diante de minha condição como uma espécie de mediador/tradutor entre ambas as vias. Portanto,

a metáfora da *tradução* é um álibi em tempos de incerteza quanto às fortes posições. Ela se justifica, em termos relativistas, pela necessidade de (re)conhecermos as diferenças num mundo em crescente interação, esse reconhecimento não podendo, hoje, ignorar as questões políticas embutidas no próprio ato de traduzir [...]. Proponho que *tradução* seja tomada, ela sim num sentido forte. Uma via de mão dupla em que aquilo que é traduzido *afeta* a linguagem para a qual é traduzido e é afetado pela tradução. E aí estaria sugerida uma postura distante igualmente da objetificação forte e do tornar-se nativo. (VELHO, 2008, p. 238).

Entretanto, cabe ainda a seguinte ressalva: enquanto o pesquisador neutro, pode se deixar afetar, estabelecendo assim uma interlocução, cujos padrões podem ser de excelência, ou seja, “deixar-se afetar pelo nativo pressupõe que *ele/ela* tenha algo a nos ensinar. Não apenas sobre ele mesmo, mas sobre nós” (VELHO, 2008, p. 238). Este pesquisador, mantendo os parâmetros necessários de distanciamento, continuará ainda que aculturado em alguma medida diante do envolvimento com a alteridade, mantendo o título de pesquisador e não de nativo. Ao contrário de alguém que tenha como ponto de partida a religião no envolvimento com a Antropologia, mesmo que precise estabelecer seus próprios limites, busca uma definição: se é indesejável ao antropólogo se transformar em um nativo religioso, ao contrário, mantidas reservas é desejável ao religioso que se aventura na academia a transformação em antropólogo:

Para efetivamente deixar-se afetar pelo nativo, temos de abdicar da pretensão a uma posição privilegiada, tal como sugerida na oposição forte entre conhecimento reflexivo e conhecimento prático, reduzindo-se então essa oposição ao reconhecimento tácito de uma dificuldade de comunicação. ‘Semelhança’ não é nem oposição, nem identificação, mas uma *proximidade* – construída – que tanto pode ser fonte de desconforto, quanto de iluminação. (VELHO, 2008, p. 239).

Eu, como pesquisador e religioso, não posso e nem desejo separar as esferas e sim hibridizá-las. Nos termos de Velho (2008), continuamos trafegando em uma via de mão dupla. Mas, enfim, a religião pode gerar alguma contribuição à academia? Para Otávio Velho, sim! “Que ela possa dizer algo de si mesma e também sobre nós”:

A experiência de trabalho com grupos religiosos pode ser um mergulho profundo, sobretudo quando feitos a partir do meio secularizado já referido. Nesse sentido, creio que estudá-los, pode valer não só pelas razões substantivas de que nós os especialistas, já estamos convencidos, mas como laboratório nesse exercício de permitir *extinguir-se para renascer*, que Lévi-Strauss (1966, citado por Mordan), considera condição de sobrevivência da antropologia num mundo de mudança. (VELHO, 2008, p. 244).

Há um ditado popular que diz: *um fruto não cai longe do pé*. Notadamente percebemos ao longo da história e nos mais distintos segmentos – dentre eles o pentecostal e o

acadêmico – que discípulos não só assimilam os ensinamentos de seus mestres como dão continuidade a teorias e percepções, cujo legado é assumido como se fosse parte de suas próprias vidas – se é que não faz!

Se Otávio Velho deixa sua contribuição às ciências sociais em relação à religião, Marcelo Camurça (2008), não se distancia deste, em artigo da mesma obra organizada por Faustino Teixeira (2008), *A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil*. O autor também é um entre vários autores de uma coletânea chamada *Repensando a religião* da Paulinas Editora, com o título *Ciências Sociais e Ciência da Religião* (2008), que procura fornecer subsídios teóricos, portanto fundamentos básicos para formulação de uma possível Antropologia da Religião.

Camurça é doutor em Antropologia pelo Museu Nacional da UFRJ, professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião pela UFJF. Além deste referencial, sua obra nos leva a pensar sobre a relação entre Antropologia e Antropologia da Religião com destaque para os capítulos 4 e 5, com a questão: *Pode-se falar de uma Antropologia da Religião dentro do campo antropológico?* Ou seja, apontar subsídios para a busca dos ‘fundamentos’ para uma Antropologia da Religião:

Apesar de a *Antropologia da Religião* ter logrado obter na nossa realidade um reconhecimento formal enquanto *especialização* antropológica, em geral, a forma canônica dispensada pela Antropologia ao tema religião parece continuar, do ponto de vista teórico-epistemológico, a desconhecer nela uma realidade própria. Prefere centrar-se em conteúdos como *rituais, simbolismo, mitos* – que a(s) religião(ões) reivindica(m) como atinentes ao seu universo, porém dispensando a necessária correlação desses conteúdos com a dimensão da *religião*. (CAMURÇA, 2008, p.73).

Para o autor, é preciso considerar a ‘religião’ um fenômeno a ser compreendido como realidade intrínseca, munidos do instrumental antropológico. É preciso buscar na religião e em suas especificidades o *sentido simbólico* daquilo que os adeptos percebem na relação com o *sagrado* e como esta relação pode ser traduzida em termos de *experiência religiosa*. Para que isto aconteça se faz necessário estabelecer parâmetros de aprofundamento nas relações sociais, culturais e históricas (CAMURÇA, 2008, p. 82). É preciso transcender uma Antropologia que segundo ele, seja “empenhada prioritariamente na busca do *sentido* conferido às ações e não em chegar às suas causas e explicações últimas” (CAMURÇA, 2008, p. 85). Deve-se priorizar uma “relação entre antropologia e ciência que busca a compreensão da *alteridade*, tendo em vista a religião como, “exemplo de alteridade por excelência” (CAMURÇA, 2008, p. 85-86). Estamos cada dia mais, diante de mudanças significativas em relação ao cenário acadêmico/científico e para fundamentar tais mudanças e reflexões, Marcelo Camurça (2008) reporta-se a três teóricos, a saber: Evans-Pritchard, Rubens Cesar

Fernandes e Otávio Velho. Do primeiro ele extrai o relaxamento das *verdades* de ambos os lados, com consequências de reconhecimento mútuo:

Com o advento da modernidade e secularização e a gradativa perda de poder da explicação das verdades religiosas no mundo, junto com a paulatina aceitação pela religião dos postulados da ciência, ocorre um abrandamento da *guerra fundante* entre estas duas formas de apreensão da vida, irreconciliáveis [...]. Cientistas e religiosos descobrem que o estudo da religião enquanto fenômeno social/cultural não conduz ao seu desmoronamento e extinção. Pois ninguém vai crer ou descrever pelo fato de as Ciências Sociais interpretarem um fenômeno religioso desta ou daquela forma, se a religião assume postulados da ciência, esta passa a considerar a religião em determinados aspectos como fator de desenvolvimento e progresso. (CAMURÇA, 2008, p. 87).

Isto não quer dizer confusão entre ciência e religião e sim, respeito mútuo. Cada uma delas tem fundamentos próprios que se justificam e ainda que não se completem, ao menos são convincentes em certa medida diante de seus envolvidos. Um cientista não precisa se transformar em religioso no sentido literal para compreender a religião, como também um religioso não quer explicações científicas sobrepondo o que para ele está no campo da crença. Entretanto, principalmente aos que têm pretensão de buscar explicações sobre aspectos desta ou daquela religião é preciso fugir do tradicional paradigmático e por que não dizer, do trivial. Rubens Cesar Fernandes aponta a impossibilidade de se fazer uma “síntese conceitual/normativa” entre esferas, dando lugar à possibilidade de estabelecer um diálogo entre posições ainda que distintas e divergentes. De um lado os religiosos. De outro os pesquisadores. O que não é o mesmo que os *de dentro* X os *de fora* e, sim, interação, interlocução:

Apesar de distintas, estas duas dimensões *cruzam-se* no interior das experiências dos indivíduos. Há uma dupla influência das noções científicas e religiosas na socialização e formação do indivíduo na nossa sociedade. Este é sempre um *Homo duplex*, incorporando sempre duas modalidades. Mesmo cruzando-se, no entanto, permanecem de natureza distinta, pois para os religiosos os símbolos têm valor *ontológico*, ao passo que para os cientistas seu valor é metafórico [...]. Para o cientista social compreender a religião ele precisa ultrapassar o que ela diz de si mesma, situando-a em um conjunto mais abrangente e, desta forma – pelo exercício hermenêutico –, ir para além da literalidade da narrativa ‘nativa’, remetê-la a outra ordem da qual este discurso é símbolo. Portanto, para que o pesquisador se mantenha ‘de fora’ é preciso que ele realize uma ‘suspensão dos juízos da verdade religiosa’ da crença estudada. O pesquisador deve manter-se em uma posição exterior, de ‘leitor’, de ‘intérprete das interpretações’ [...]. Ultrapassar esses limites significa aderir à crença e, assim negar a diferença, passando à condição de crente. (CAMURÇA, 2008, p. 88).

O campo de estudos da religião como já pontuamos tem se constituído, sobretudo nos últimos anos uma efervescente inquietação acadêmica. O reflexo deste contexto é o

surgimento, nas academias públicas e privadas, de uma área que trata especificamente do assunto, com cursos ainda em dificuldades de definição quanto a sua nomenclatura: *Ciência da Religião*, ou *Ciências da Religião*, ou *Ciências das Religiões*, sendo que a primeira universidade pública do país, a Universidade Federal de Juiz de Fora MG (UFJF), a trabalhar o tema, utiliza o termo *Ciência da Religião*. Já as privadas PUC e o Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, ambos de São Paulo, utilizam o termo *Ciências da Religião*, ou poderíamos falar *Ciências das Religiões*, mas afinal, em que se distinguem? Para tal assunto, é justo iniciarmos com Marcelo Camurça (2008), sobretudo por já estarmos dialogando com suas ideias há algumas linhas:

Quais concepções estão por trás das formulações epistemológicas da ‘ciência da religião’ e ‘ciências das religiões’: ‘Quem fala de ciência da religião tende, de um lado, a pressupor a existência de *um* método científico e, do outro, também *um* objeto unitário. Quem ao contrário [...] prefere falar de ciências das religiões, o faz porque está convencido tanto do pluralismo metodológico (e da impossibilidade de reduzi-lo a um mínimo denominador comum) quanto do pluralismo do objeto (e da não liceidade e até impossibilidade, no plano da investigação empírica, de construir sua unidade). (CAMURÇA, 2008, p. 203, apud. apud, PRANDI & FILORAMO 1999, p. 12).

Para o autor o percurso percorrido até então na construção desta disciplina tem sido espinhoso, esbarrando em mal-entendidos, preconceitos e desconfianças não só porque há um *receio laico de apologia religiosa ou de reflexão aprisionada por instituições religiosas*, mas porque diante de outras áreas das chamadas ciências sociais como a Sociologia e a Antropologia veem a Ciência da Religião como pouco confiável quando o resultado é apresentação de dados de pesquisa. Nem mesmo os pesquisadores formados na própria Antropologia e Sociologia que se ingressam nesta nova ciência conseguem ficar imunes a tais desconfianças e questionamentos. Quanto a isto o autor diz:

Enfrentamos nos nossos pares das ciências sociais, uma desconfiança quanto ao perigo de incorremos num ecletismo ou falta de rigor na investigação das regularidades sociais ou simbólicas no objeto religioso, pelo fato de estarmos num programa ainda indefinido, sujeito às influências teológico-fenomenológicas, sem salvaguardas institucionais que assegure a distinção disciplinar (CAMURÇA, 2008, p. 201).

Entretanto, se no passado esta realidade de poucos fundamentos se configurou, descredenciando a nova ciência, para Camurça (2008) nos deparamos hoje com um universo científico que contradiz tais apreensões, legitimado através daqueles que ele chama de *jovens doutores* deste insurgente módulo científico:

Minha impressão atual do *locus* do nosso trabalho acadêmico é de que, nós jovens doutores, – na faixa de 30/40 anos – fomos chegando (por concurso

público; uns mais veteranos, outros em seguida) em um espaço institucional, ao qual, pouco a pouco, fomos definindo, aprimorando, e que hoje operamos com razoável segurança sobre sua estrutura organizacional, seu currículo, suas disciplinas, e sua produção acadêmica por meio das dissertações, aqui aprovadas (CAMURÇA, 2008, p. 201).

Sem sombra de dúvida, são os resultados apresentados que vão corroborando a edificação científica, somados, é claro, ao olhar crítico intelectual que por sua vez não é unilateral, garantindo assim certa imparcialidade no apontar de legitimidade ou ilegitimidade à ciência da religião, ou ciências das religiões, mas engana-se aqueles que acreditam que a Sociologia ou Antropologia estão bem definidas frente ao tema estudos sobre religião, inclusive ao que se refere a como se deve fazer referência às produções de cientistas da religião:

No interior de nossas ciências sociais, o respeito à autonomia e aos graus de especialização de cada ciência, mesmo que semelhantes e afins, levou a que o sociólogo Antônio Flávio Pierucci se sentisse desconfortável com a generalização ‘ciências sociais da religião’, preferindo tratar a produção intelectual dos diversos cientistas sociais da religião de ‘sociologia da religião’[...] receio do termo ‘antropologia da religião’ pela ‘escassez de seu uso’ no meio das ciências sociais, particularmente da antropologia, onde parece não ter ganho tanta legitimidade, ‘como se ainda não tivesse foros de plena cidadania acadêmica’, quanto seu par, ‘sociologia da religião’, no campo da sociologia (CAMURÇA, 2008, p. 208-209).

Se as ciências e ou pesquisadores em determinados casos e ou momentos têm dificuldades de se posicionar frente ao assunto religião, ora metodologicamente, ora como um objeto relevante à pesquisa, isto não acontece no geral, ou seja, fora do ambiente acadêmico e dentro do social, portanto é intrínseco ao comportamento humano trafegar entre as esferas do humano e divino, do natural e sobrenatural, do profano e sagrado. Antonio Gouvêa Mendonça (2008), doutor em Ciências Humanas e professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), faz menção a isto no artigo *A cientificidade das Ciências da Religião*. Neste, ele aponta o Brasil como um país religioso marcado pelo sincretismo entre religiões rústicas e eruditas clássicas, cuja construção social perpassa pela religião que ocupa um papel importante no processo:

A primeira coisa que deve preocupar nossa reflexão em torno dessa questão, já antiga noutros lugares, mas nova entre nós, é a evidência primordial de que o homem se situa num plano oscilante entre duas realidades distintas, mesmo opostas, mas absolutamente complementares: o mundo dos deuses e o mundo dos homens. (MENDONÇA, 2008, p. 103).

Penso também ser esta dicotomia uma das mais relevantes injunções nos estudos acadêmico-religiosos como um todo, pois aquilo que é relevante para alteridade, ainda que pareça contraditório pode elucidar algo a mais se posicionando como elemento fundante nas construções sociais:

Para alguns estudiosos, como o sociólogo do conhecimento e da religião Peter Berger, o mundo é construído socialmente e a religião tem parte importante nesse processo, dividindo mesmo com a ciência esse empreendimento. Se a linguagem é construtora desse mundo ou desses mundos socialmente construídos, a religião passa a ter sua essência. Nesse caso a religião seria, então, uma língua. (MENDONÇA, 2008, p. 107).

Fazendo um pequeno recuo a Marcelo Camurça (2008, p. 224), este conclui que “a religião funciona mais como uma via, para através dela compreenderem-se ordens sociais e culturais mais amplas, nas quais ela, a religião, se insere, se compõe e se articula. Neste caso, religião é meio, porta de entrada, e não o fenômeno em si”. Em Mendonça:

O fio condutor para nossa tentativa de organizar algumas ideias em torno do tema proposto será o de considerar que a religião é um esforço constante do ser humano para ajustar seus projetos aos desígnios divinos. Dos termos desta proposição, isto é, do lado pelo qual entramos nela, depende o tipo de conhecimento que vai surgir. Se preferirmos ser um pouco mais audaciosos podemos dizer que tipo de ciência iremos fazer quando escolhemos um ou outro dos termos: esforço humano ou desígnios divinos. ( MENDONÇA, 2008, p.110).

Por ser complexo abordar o tema, Mendonça (2008) afirma que o ambiente acadêmico deve ser marcado por princípios de clareza tanto do objeto quanto da metodologia pertinente. O contexto acadêmico científico deve ser o mais nítido possível. Outro fator essencial segundo o autor é que a necessidade de uma postura crítica entre pesquisadores, portanto, os estudiosos da religião, prática esta ainda enfraquecida, carece ser repensada e praticada.

Apontados alguns tópicos concernentes ao tema religião, quero me deter um pouco em algumas percepções de campo através de interlocuções com sujeitos de pesquisa da Assembleia de Deus e Congregação Cristã no Brasil. Em linhas gerais para aproximação deste resultado foi essencial estabelecer uma via de mão dupla entre pesquisador e pesquisados, com base na obra *O trabalho do Antropólogo* (1998), assim como uma das abordagens, o *Olhar, ouvir e escrever* do antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira. Para este autor, o trabalho do antropólogo se configura em três etapas – o olhar, o ouvir e o escrever – que não devem de forma alguma ser vistas como algo dado, simplista, trivial, portanto distinto de problematizações. O trabalho do antropólogo não consiste no esvaziamento de sentidos do que se pode ver ou ouvir e sim na “penetração na natureza das relações sociais” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998, p.18, 20). Para isto, não pode haver disjunção entre o pesquisador que

vai a campo e a teoria de referencial sobre seu objeto. Portanto, é esta unidade que garantirá o que o autor chama de “domesticação teórica do olhar” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998, p. 19). Esta domesticação do olhar, fará com que haja um enquadramento daquilo que olhamos e apreendemos, direcionando este olhar para um “esquema conceitual”, cuja bússola esta conjugada na teoria disponível referente ao objeto de pesquisa em questão. Entretanto, “a função de escrever o texto é mais do que uma tentativa de exposição de um saber: é também e, sobretudo, uma forma de pensar, portanto, de produzir conhecimento” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998, p. 12), ocupando assim um lugar diferenciado frente os outros, mas que não deixa de ser uma das partes a completar um todo.

Mas como penetrar na natureza das relações sociais? Para o autor, isto seria possível através do acesso aos sistemas simbólicos mais importantes do grupo e para tal o olhar é insuficiente. É preciso “ouvir” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998, p. 20-21). Que por sua vez consiste no mesmo grau de importância da observação, ou melhor, do “olhar” e como tal carece de domesticação teórica. É preciso saber eliminar possíveis ruídos, ou seja, elementos que possam desvirtuar ou até mesmo direcionar indevidamente o pesquisador transformando-o em um eco militante, ou porta voz do grupo pesquisado.

Quando estabeleci meus primeiros contatos em campo, tudo estava muito vago. Ainda não sabia bem o que encontraria em campo e meu próprio objeto estava obscurecido, sobretudo por não saber o que realmente eu estava procurando, frente a meus sujeitos, mas uma postura como pesquisador estava bem definida: estabelecer uma interlocução que me proporcionasse transmitir confiabilidade, alcançando assim os melhores resultados possíveis. Acredito que tenha sido bem sucedido quanto a isto, entretanto cabe ressaltar que este avanço só foi possível, acredito, por estabelecer frente aos meus interlocutores uma postura mais de um pastor e menos de pesquisador.

A mesma acabou por eliminar várias barreiras, pois reiteradas vezes percebi que, para eles, o estabelecimento de diálogo entre iguais era visto como legítimo, enquanto pesquisador e sujeito religioso, não. Mesmo assim, sempre deixei muito claro que eu estava pesquisando, sendo esta a minha intenção primária. Procurei também, já nos primeiros contatos, deixá-los à vontade para expressar suas histórias, memórias, trajetórias de vida, como eles se veem em relação a suas crenças, seus ideais e suas visões de mundo, seja no pessoal ou no coletivo. Neste contexto, surgem alguns questionamentos: Que memórias são apresentadas? Há equivalência entre memórias proferidas pelos assembleianos e adeptos da Congregação Cristã no Brasil? Que tipo de memória realmente é importante para esses grupos?

Posso dizer em linhas gerais que memórias de suas trajetórias religiosas são sim, importantes para estes grupos, porém de formas distintas, sendo que os adeptos da Congregação Cristã no Brasil elaboram *memórias individuais*, enquanto os adeptos da Assembleia de Deus dão uma ênfase muito maior para a *memória coletiva* dessa Instituição, que produz, inclusive, uma história oficial. Este é o eixo central de nossa dissertação. Perceber a importância de memórias coletivas para membros da Assembleia de Deus, assim como de memórias pessoais para adeptos da Congregação Cristã no Brasil. Para isto, vejo a necessidade de se fazer abordagens relacionadas a ambas as denominações, sempre que possível partindo da CCB para AD – recorte histórico brasileiro frente a estas igrejas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos vivendo nestas últimas décadas um momento sem precedentes no que se refere ao estudo sobre religiões. Com isto, não é nossa intenção apontar a busca pela compreensão religiosa como algo novo e sim como um conhecimento que está sendo paulatinamente construído e reconhecido como objeto de pesquisa, frente à comunidade acadêmica como um todo, ainda que em algumas áreas este desejo pelo *saber religioso* ganhe proporções maiores e em outras nem tanto. A exemplo disto podemos mencionar o surgimento da(s) ciência(s) da(s) religião(ões), com ênfase propriamente direcionada ao tema, portanto em proporções maiores, mas também outras áreas de conhecimento que embora se dedique a uma gama de possibilidades de pesquisa, também tem entre suas linhas de pesquisa o assunto. É o caso, por exemplo, da História, Filosofia, Psicologia, Sociologia e é claro a Antropologia. Assim, estas e outras estão entre as de proporção menor frente ao tema religião.

Mesmo diante desta desenvoltura toda, o pentecostalismo clássico como objeto de pesquisa ainda aparece como uma religiosidade pouco explorada e igrejas recentes como a Igreja Universal do Reino de Deus, ocupará um lugar de prioridade diante de alguns acadêmicos, antes mesmo de se ter formulado uma reflexão mais abrangente sobre as igrejas clássicas, representando assim compreender o topo da pirâmide da estrutura das igrejas voltadas para o *pneuma* antes mesmo de se entender a base. O fato se agrava mais quando o assunto é Congregação Cristã no Brasil, com suas fronteiras cerradas e por isto desencoraja pesquisadores que se contentam em escrever poucas linhas sobre ela, ou pior, não expressar nada de uma denominação que tem um número de adeptos que se compara a muitas metrópoles brasileiras.

Quem sabe, seria interessante assumir uma postura em que a interpretação por parte do pesquisador daquilo que é observado ou apreendido através de entrevistas ou interlocuções continuasse ocupando um lugar de destaque, mas dividindo este patamar com pessoas e o que elas têm a falar de si mesmas e de suas próprias interpretações *de mundo*? Talvez assim, pesquisadores mundialmente reconhecidos como referência nos estudos sobre o pentecostalismo, como Paul Freston, somassem em seu arsenal vasto e eficaz, envolvendo reflexões sobre os rumos do futuro do pentecostalismo, uma ferramenta chamada *o temor de pecar contra o Espírito Santo*.

Em 30 de maio deste ano (2012), Freston, em uma conferência no XIII Simpósio Nacional da ABHR em São Luís no Maranhão, disse que o Brasil pode ser considerado a capital mundial do pentecostalismo e que mudanças no perfil dos religiosos apontavam para uma estabilização do crescimento do pentecostalismo em decorrência de uma melhor formação intelectual e acadêmica e uma elevação dos níveis socioeconômicos dos brasileiros. “O Brasil ao que tudo indica está no epicentro do avanço pentecostal global, mesmo assim eu duvido que o pentecostalismo consiga manter este ritmo de crescimento e talvez não esteja longe o momento em que pare de crescer”.

Seria interessante escutar esta afirmativa de Freston após os resultados do Censo IBGE sobre religiões, que aconteceram aproximadamente um mês depois da conferência. Possivelmente a teoria do pesquisador encontraria respaldo em relação à Congregação Cristã que realmente, ao que parece, não só alcançou a estabilização no período censitário de 2000 a 2010 com iniciou um processo de regressão. Porém, quando o assunto é Assembleia de Deus os números desses mesmos censos mostraram um dos melhores resultados das últimas décadas. Se o assunto percorre para *mudanças sociais e educacionais*, citando o próprio Freston, o que pude perceber dentro da própria Assembleia de Deus é que isto é uma realidade, mas sem querer estar em pé de igualdade com Paul Freston, assim como ele detém o direito de duvidar que o pentecostalismo continue mantendo este ritmo de crescimento, eu – este desconhecido pesquisador – posso também duvidar que a afirmação seja tão simples assim, ou seja: a Assembleia de Deus parece estar demonstrando sua capacidade de adaptação com novos contextos e a mais contundente desta reflexão, o Espírito.

Penso ser basicamente impossível alguém, por exemplo, abandonar uma igreja pentecostal para ir para uma protestante histórica rejeitando assim o batismo com o Espírito Santo. Talvez estes honrosos (e realmente são) pesquisadores necessitassem entender que no meio evangélico pentecostal, *pecar contra o Espírito Santo é pecado mortal* e rejeitar o sopro do *pneuma* está entre os maiores.

Ser um intelectual na forma convencional da palavra pode dizer algo, mas não é a essência. Em suma: espero que nestas linhas que percorrem esta dissertação eu tenha encontrado lugar de gerar um desconforto nos rumos das pesquisas sobre o pentecostalismo clássico no Brasil. Espero também, através das entrevistas, reflexões e dados etnográficos fornecer subsídios a outros que se dedicam ao tema. Não tenho a pretensão de achar que transpus todos os limites e sei que muitos estudiosos podem aproveitar vários destes dados e produzirem materiais de qualidade superior a este, mas.... Aqui está minha contribuição e espero que tenha alcançado o seu respeito.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADRIANI, Murilo. **História das religiões**. Lisboa-Portugal: Edições 70, 1988.

ALBUQUERQUE, Elieneiva F. **Jubileu de Carvalho: 80 anos da AD em Curitiba**. Edição Comemorativa Curitiba-PR: IEADC 2009.

BENSA, Alban. Da micro-história a uma antropologia crítica. In: REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de Escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. Editora, 1998, p. 40-41.

BERGSON, Henri. Matière et Mémoire. Essai sur La relation Du corps à l' esprit (1896) In: **Ceuvres, introdução de H Gouhier, textos anotados por A. Robinet, edição do centenário**, Paris: PUF, 1963.

BIRMAN, Patricia (org). **Religião e espaço público**. São Paulo: Ed. Attar, 2003.

BLOOM, Harold. **La religión em los Estados Unidos**. México: Ed. Fondo de Cultura Econômica, 1993.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Razoes e práticas: Sobre a teoria da ação**. Campinas-SP: 1996.

BURKE, Peter. **Variedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2006.

CAMPOS JUNIOR, Luis de Castro. **Pentecostalismo: Sentido da palavra divina**. São Paulo: Ed. Atica, 1995.

CAMPOS JUNIOR. Luis de Castro. **Pentecostalismo e transformação na sociedade brasileira**. São Paulo-SP: Ed. ANNABLUME, 2009.

CAMURÇA, Marcelo. Ciência da Religião, Ciências da Religião, Ciências das Religiões. In: TEIXEIRA, Faustino (org). **A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil**. São Paulo: Ed. Paulinas, 2008.

CAMURÇA, Marcelo. **Ciências Sociais e Ciências da Religião: Polemicas e interlocuções**. São Paulo: Ed. Paulinas, 2008.

CARDOSO, Ruth. **A Aventura Antropológica**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1986.

CAVALCANTI, Robinson. **Cristianismo e Política**. Viçosa-MG: Ed. Ultimato, 2002.

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**. São Paulo: Cosac, 2003.

CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL – São Paulo : **Edição Unificada**, 2002

CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL. **Hinos de Louvores e Súplicas a Deus** São Paulo – SP: Ed. Geográfica, 2002

CORRÊA, Mariza e SOUZA, Érica Renata. (org). **Vida em Família: Coleção Encontros**. São Paulo: UNICAMP, 2006.

CORRÊA, Mariza. **Repensando a Família Patriarcal Brasileira**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982.

COSTA, Jeferson Magno. **História das Assembleias de Deus no Brasil**. Ed. CPAD Rio de Janeiro, 2010.

COSTA, Jefferson Magno. **Diário do pioneiro**. Rio de Janeiro: Ed. CPAD, 2010.

COSTA, Jefferson Magno. **Enviado por Deus**. Rio de Janeiro: Ed. CPAD, 2010.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo-SP: Ed. Edusp, 2009.

DUMONT, Louis. **O individualismo**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1985

DURKHEIM, Emile. **As formas do Método Sociológico**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2002.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo-SP: Ed. Martins Fontes, 1996.

EVANS-PRITCHARD, E.E. **Bruxaria oráculos e magia entre os Azandes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser afetado**. Caderno de campo, nº 13 p.155-161, 2005.

FERNADES, S.R.A.; PITTA, M. Mapeando as rotas do transito religioso no Brasil. In: **Religião & Sociedade**, Vol. 26 nº 2 Rio de Janeiro. ISER, 2006, p. 120-153.

FERNANDES, Rubem César. **Novo nascimento: os evangélicos em casa, na igreja e na política**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Apresentação. In: **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e honra**. Porto Alegre-RS: Ed. UFRGS, 2004.

FRANCESCON, Louis. **Histórico da obra**. São Paulo, Ed. IGAL, 1977.

FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment**. Campinas: Tese de Doutorado em Sociologia, IFCH – UNICAMP, 1993.

GAARDER, Jostein. **O livro das religiões**. São Paulo-SP: Ed. Companhia da Letras, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

- GUÉRIOS, Paulo Renato. O estudo de trajetórias de vida nas ciências sociais: trabalhando com diferenças de escalas. In: **Revista Campos**, Curitiba: v.12. n.1, p. 9-29, 2011.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas-SP: Ed. Unicamp, 2003.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. **Política e Religião**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.
- MAFRA, Clara (org). **Religiões e Cidades** São Paulo: Ed.Terceiro Nome, 2009.
- MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1999, p. 32.
- MATHEWS, Gordon. **Cultura Global e Identidade Individual**. Bauru-SP: Ed. Edusc, 2002.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Ed. Cosac, 2003.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. A Cientificação das Ciências da religião. In: TEIXEIRA, Faustino (org). **A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil**. São Paulo: Ed. Paulinas, 2008.
- MICELI, Sérgio. **O que ler na ciência social brasileira**. São Paulo: Ed. Sumaré, 2002.
- MORIN, E. e PIATTELLI PALMARINI, M. (orgs). **L'unité de l' homme. Invariants biologiques et universaux culturels**. Paris: Seuil, 1974.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.
- PASSOS, João Décio. Pentecostais: **origens e começo**. São Paulo-SP: Editora Paulinas, 2005.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. As Religiões no Brasil. In: GAARDER, Jostein. **O livro das religiões**. São Paulo-SP: Ed. Companhia da Letras, p. 300-323, 2005.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: vol. 5, n.10, p. 200-212, 1992. Diferente do texto
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In: **Ciência e Cultura**, v. 39, n. 3, 1987.
- RAIOL, Rui (org). **Firmino Gouveia: Arauto do Fogo Pentecostal**. Belém-PA: Alves Gráfica e Editora, 2008.
- Revista Lições Bíblicas: **História da Assembleia de Deus em Curitiba**. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas-SP: Ed. Unicamp, 2007.
- ROSA, Júlio de Oliveira. **Evangelho Quadrangular no Brasil**. Belo Horizonte: Betânia, 1978.
- SAHLINS, Marshall. **Ilhas de história**. Rio de Janeiro-RJ: Ed. Zahar, 2003.

- SCOTTI, Ignez Terezinha. **Evangelho Quadrangular**. Curitiba PR: Ed. SGEN, 2010.
- SEGATO, Rita Laura. Um paradoxo do relativismo: Discurso Racional da Antropologia Frente ao Sagrado. **Religião e Sociedade**, 16 (1-2). Rio de Janeiro: Ed. ISER, 1992.
- SIEPIERSKI, Paulo D. A inserção e expansão do pentecostalismo no Brasil. In: BRANDÃO, Sylvana. (org). **Histórias das Religiões no Brasil**. Recife: Ed. UFPE. 2002.
- SILVA DA SILVEIRA, Marcos. **Hari Nama Sankirtana: Estudo Antropológico de Um Processo Ritual**. Brasília –DF: Tese de Doutorado em Antropologia Social, UNB, 1999.
- SILVA, C.J. **Doutrina dos usos e costumes na Assembleia de Deus**. Goiânia-GO: Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião – Departamento de Filosofia e Teologia, Universidade Católica de Goiás, 2003.
- SOUZA, Jessé. (org.). **O malandro e o protestante**. Brasília-DF: Ed. UNB, 1999.
- SOUZA, Jessé. **Os batalhadores brasileiros**. Belo Horizonte-MG: Ed. UFMG, 2010.
- TEIXEIRA, Faustino, (org.). **A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil**. São Paulo: Ed. Paulinas, 2008.
- VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1981.
- VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**. Rio de Janeiro-RJ: Ed. Jorge Zahar, 2003.
- VELHO, Otávio. O que a Religião pode fazer pelas Ciências Sociais. In:TEIXEIRA, Faustino, (org.). **A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil**. São Paulo: Ed. Paulinas, p. 233-250, 2008.
- VERSIANI, Daniela Beccaccia. **Autoetnografias: Conceitos alternativos em construção**. Rio de Janeiro: Ed. 7 Letras, 2005.
- WEBER. Max. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 1982.